

Ana Maria da Costa e Silva Pereira

Os Ingleses e o Porto: percursos por um Porto de outrora

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte, orientada pela
Professora Doutora Maria Leonor César Machado de Sousa Botelho
e coorientada pelo Professor Doutor Nuno Miguel de Resende Jorge Mendes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2015

*À memória
da minha mãe
e da minha avó.*

Sumário

Agradecimentos.....	6
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Lista de abreviaturas e siglas	9
Introdução.....	10
1. Capítulo 1	13
1.1 Turismo e turismo cultural.....	13
1.2 A História da Arte e a interpretação e valorização do património.....	27
1.3 Interpretação do património cultural.....	32
1.3.1 A institucionalização da interpretação em património.....	42
1.3.2 A interpretação do património no contexto das Cartas Internacionais	46
1.4 Rotas e Itinerários culturais	54
1.4.1 O caso português	65
1.4.2 London Walks e Paris Walks: percursos por duas cidades europeias.....	72
2. Capítulo 2 – Os ingleses e o Porto.....	74
2.1 Contextualização histórica.....	74
2.2 A sociedade britânica no Porto: impacto, contribuições sociais e artísticas.....	80
3. Capítulo 3 – Para um itinerário da cultura britânica no Porto	87
3.1 Tabelas de interpretação: metodologia	87
3.2 Proposta de itinerários na cidade	91
3.2.1 Itinerário 1: <i>Acontecimentos e personalidades</i>	92
3.2.2 Itinerário 2: <i>Comerciantes, Arte e Artistas</i>	105
Considerações finais	113
Referências bibliográficas	114
Anexos e Apêndices	139
Anexo 1	140
Apêndice 2	153

Agradecimentos

Por tudo nesta vida devemos estar gratos. Gratos a quem passou pelo nosso caminho e nos ensinou coisas novas.

No decurso da minha caminhada pelo Mestrado em História da Arte Portuguesa, tive a oportunidade de conhecer várias pessoas que me ensinaram muito.

Agradeço à Dra. Maria Lúcia Rosas, pela sua paixão ao dar as aulas de História da Arquitetura Medieval.

Aos meus colegas de Mestrado, pela camaradagem e amizade com que sempre me recebiam, cada vez que ia às aulas.

À Dra. Paula Santos e à Dra. Fátima Matos, do Museu Nacional de Soares dos Reis, pela cedência de informações e imagens.

Aos meus orientadores, pela paciência que tiveram comigo, durante esta longa caminhada e por me ajudarem a suportar, com uma palavra amiga, esta fase complicada da minha vida.

Aos meus familiares e amigos, por estarem sempre prontos para me ajudar.

À minha irmã que sempre me apoiou, e me deu forças para continuar.

Resumo

O Porto foi, desde sempre, local de acontecimentos que mudaram o rumo da história da cidade e do país, o sermão de D. Pedro Pitões aos cruzados, que motivou a cooperação dos cruzados do norte da Europa a participarem na conquista de Lisboa aos Mouros (1147), permitindo a sua libertação, e o casamento de D. Filipa de Lencastre, de origem britânica, com D. João I (1387) que serviu para reforçar as alianças luso-britânicas. Muitos outros acontecimentos trouxeram, posteriormente, personalidades que habitaram o solo portuense, deram o seu contributo social e artístico e influenciaram de igual modo, a sua cultura. A comunidade britânica foi disso exemplo.

A investigação a que nos propomos nesta dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa contempla o estudo dos testemunhos históricos deixados pela colónia inglesa à cidade, resultantes das relações de cooperação, com mais de oito séculos de existência, entre as duas culturas.

Como tal, o nosso objetivo principal passa pela criação de dois percursos histórico-culturais relacionados com esta comunidade, a implementar no Porto, palco de histórias e *estórias* que de algum modo foram esquecidas ou então nunca foram reveladas.

A nossa contribuição envolve uma tentativa de aplicação dos conceitos teóricos debatidos na primeira parte da nossa dissertação, pela elaboração de dois percursos histórico-culturais, o primeiro com o tema *Acontecimentos e Personalidades* e o segundo, *Colecionadores, Arte e Artistas*. Na conceção dos mesmos, recorreremos à sistematização de novas abordagens na interpretação do património, com recurso a novos métodos na elaboração de fichas de interpretação, de forma a promover a divulgação e valorização de um património que é de todos nós.

Esperamos que no futuro a nossa contribuição seja o início para a realização de outros estudos nesta área e encoraje outros a fazerem o mesmo.

Palavras-chave: comunidade britânica; Porto; percursos culturais; valorização; património.

Abstract

Porto has always been a place of events that changed the course of the city and country's history, as the sermon of Pedro Pitões to the crusaders, which led to the cooperation of the northern crusades from Europe to take part in the conquest of Lisbon from the Moors (1147), or the marriage of Philippa of Lancaster, of British origin, with John I (1387) in order to strengthen the Anglo-Portuguese Alliance. Many other events were responsible for bringing many other British personalities who inhabited the Porto ground, who have given their social and artistic contribution and influenced likewise, their culture. The British community was an example of that.

The research that was set forth in this master thesis in History of Portuguese Art contemplates the study of historical evidence left by the British colony to the city as a result of the cooperation ties between the two cultures, for more than eight centuries.

Therefore, our main goal was the development of two historical-cultural itineraries related to this community, to be implemented in the city of Porto, the stage of *stories* and histories that somehow have been forgotten or were never revealed.

Our contribution involves an attempt to apply the theoretical concepts discussed in the first part of our thesis, into the development of two historical-cultural routes, the first on the theme *Events and Personalities* and the second, *Collectors, Art and Artists*.

In its development, we used the systematization of new approaches in heritage interpretation, using new methods when preparing the interpretation sheets, to promote the disclosure and enhancement of a heritage which belongs to us all.

We hope that in the future our contribution will be the beginning of further studies in this area and encourage others to do the same.

Keywords: british community; Porto city; cultural routes; enhancement; heritage.

Lista de abreviaturas e siglas

ASPnet - Associated Schools Project Network / Projeto de Escolas Associadas em Rede

CIIP – International Committee on Cultural Routes / Comité Internacional de Rotas Culturais

DGEMN – Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais

ICIP - ICOMOS - International Scientific Committee on Interpretation and Presentation of Cultural Heritage Sites / Comité Científico Internacional sobre Interpretação e Apresentação do Património Cultural

ICOMOS – International Council of Monuments and Sites / Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios

NPS – National Park Service/ Serviço Nacional de Parques

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization / Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNO – United Nations Organization / Organização das Nações Unidas

UNWTO – United Nations World Tourism Organization / Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas

Introdução

A escolha do tema da presente dissertação de Mestrado surgiu como sugestão da orientadora, Maria Leonor Botelho, no seguimento das nossas primeiras reuniões, assunto a que acedemos com curiosidade e interesse, que foram crescendo à medida que desenvolvíamos o nosso trabalho.

A questão principal a desenvolver nesta investigação contemplou o contributo social e artístico que a colónia inglesa deu à cidade do Porto através das relações de cooperação, com mais de oito séculos de existência, daí resultantes entre as duas culturas.

A cidade do Porto foi, desde sempre, um importante *portus* de chegada e de partida de mercadorias, pessoas e culturas. A sua proximidade com o rio Douro, importante via de comunicação para o Mediterrâneo e norte da Europa, permitiu a fixação desde a Idade Média, de mercadores britânicos. A rentabilidade do comércio centralizado no vinho do Porto possibilitou que a partir dos séculos XVII e XVIII, a comunidade britânica se fixasse na cidade em maior número, contribuindo desta forma, para o seu desenvolvimento económico.

Dado que os testemunhos históricos da presença britânica estão distribuídos um pouco por toda a urbe, o nosso objetivo principal foi a criação de dois percursos histórico-culturais temáticos pela cidade – 1) *Acontecimentos e Personalidades*, 2) *Colecionadores, Arte e Artistas* - promovendo desta forma a divulgação e valorização do património de origem e/ou influência *inglesa*, para a comunidade residente, visitantes de origem britânica, e o público em geral, de todas as faixas etárias.

A metodologia utilizada para a realização desta dissertação considerou o levantamento bibliográfico de autores nacionais e estrangeiros que centraram os seus estudos na comunidade *inglesa* do Porto, sob os pontos de vista histórico, patrimonial e artístico, com o objetivo de entender o impacto que esta cultura teve na sociedade, ao longo dos tempos.

Em primeiro lugar, optamos por consultar monografias de cidadãos britânicos que escreveram sobre o Porto. Autores como Rose Macaulay, com os *Ingleses em Portugal*, serviram-nos de referência para dar início ao nosso trabalho. John Delaforce e Charles Sellers foram outros autores, cujas obras permitiram-nos compreender as diferentes facetas desta comunidade. Para temas mais específicos, estudados por autores nacionais, consultamos os artigos de Jorge Martins Ribeiro, António Barros Cardoso, a monografia de Maria Guilhermina Bessa Gonçalves, *A Comunidade Britânica do Porto*, entre outros. *A História do Porto*, foi uma obra de referência

indispensável para a realização deste projeto, através do capítulo *O Porto Oitocentista*, de Maria do Carmo Serén e Gaspar Manuel Martins Pereira.

Dado que a dissertação de Mestrado de Ana Sofia Amorim em Estudos em História e Património, ramo de Mediação Patrimonial (apresentada à FLUP), foi o trabalho científico mais recente (2014) a abordar esta temática, foi indispensável a sua consulta, durante a fase de digitação dos conteúdos dos pontos dos percursos.

Seguidamente, procurámos dar à nossa dissertação um enquadramento teórico sustentável que abordamos no Capítulo 1, relacionado com o nosso estudo de caso - a criação de percursos histórico-culturais temáticos em espaço urbano, motivados pelo turismo cultural.

Assim no **capítulo 1** fazemos uma abordagem teórica dos temas relacionados com o objetivo da nossa dissertação, nomeadamente, o turismo, turismo cultural, a história da arte e a interpretação e valorização do património, a interpretação do património, e por último, as rotas e itinerários culturais. A inclusão da temática do **turismo**, numa dissertação desta natureza justifica-se pela necessidade de contextualizar este fenómeno mundialmente, explicar a evolução do conceito, e assim entender a sua abordagem a nível urbano. A evolução do **turismo cultural**, a sua relação com o espaço urbano, o perfil dos turistas, os pontos negativos e positivos que o turismo cultural acarreta, a conservação da autenticidade das cidades, entre outros assuntos, são enunciados no primeiro subcapítulo. No segundo, a temática da **história da arte** e a sua relação com a interpretação e valorização do património, remete-nos para a importância desta disciplina, e a sua inclusão em projetos de conservação, valorização e divulgação do património cultural nas cidades. No terceiro subcapítulo, definimos o conceito de **interpretação** do património, a sua aplicação ao património cultural, os métodos e meios utilizados para a divulgação do mesmo, enumeramos as organizações de interpretação do património, existentes no mundo, e relacionamos este conceito com as Cartas Internacionais da UNESCO. No quarto e último subcapítulo, remetemos para as **rotas e itinerários** culturais que existem em todo o mundo, e as organizações internacionais que as regulam.

No **capítulo 2**, desenhamos a contextualização histórica da comunidade britânica, e enumeramos algumas das contribuições sociais e artísticas feitas pela comunidade no Porto, nomeadamente, o desenvolvimento do comércio do vinho do Porto, a introdução de um estilo arquitetónico, o neopalladiano, de influência britânica na cidade, com a construção do Hospital de Santo António, as renovações urbanas realizadas por arquitetos britânicos, a inclusão e a prática de desportos de tradição britânica, o *cricket*, o *tennis*, o *football* (1902), o *rugby* (1936) e o *squash* (1951), o *golf* (1890), entre muitas outras.

No **último capítulo**, remetemos para o nosso objetivo principal, a aplicação prática da nossa dissertação, a criação de itinerários culturais. Assim, propomos a criação de dois percursos culturais pela cidade. O primeiro, com o tema *Acontecimentos e Personalidades*, reporta para os acontecimentos que foram decisivos na mudança do rumo da história de Portugal e sugerem o início das alianças comerciais, políticas e militares firmadas entre as duas nações. Incluímos também neste itinerário personalidades britânicas que trabalharam no Porto, contribuindo assim com os seus conhecimentos para uma mudança de gostos, estilos e vivências. Com o segundo percurso, *Colecionadores, Arte e Artistas*, referimos as personalidades britânicas ligadas à prática do colecionismo e às artes, e destacamos um indivíduo cujo gosto pelas artes e pelo colecionismo, permitiu que criasse na sua residência, o primeiro Museu privado do país, aberto ao público.

Explicamos a metodologia utilizada na conceção das fichas de interpretação, indispensáveis à recolha de dados relativos aos recursos patrimoniais a interpretar, para assim criar os percursos culturais relacionados com o nosso objeto de estudo.

Temos consciência de que poderíamos aprofundar melhor certos assuntos relacionados com esta temática, e criar itinerários que se estendessem a locais para fora do centro do Porto, e para as cidades vizinhas, Espinho, Matosinhos (Leça da Palmeira) e Vila Nova de Gaia, mas devido ao limite de tempo a que fomos sujeitos, assim como a constrangimentos de índole pessoal, muita informação ficou por abordar e isso refletiu-se no nosso trabalho. Contudo, a porta está aberta para investigações e propostas futuras.

Ana Maria Pereira

Porto, 26/09/2015

Capítulo 1

1.1. Turismo e turismo cultural

O Porto tem-se vindo a revelar uma cidade de grande importância para o setor turístico.

A diversidade de bens culturais que proliferam por toda a urbe são o resultado do desenvolvimento urbanístico de vários séculos, e as intervenções aqui efetuadas proporcionadas pela prática turística, ocorrem no sentido de conservar o património e de lhe dar uma nova função. Esta cidade é um local turístico por excelência, nomeadamente de turismo cultural, pelo que a transmissão do conhecimento relativo à sua cultura, materializada sob a forma de património, deve ser uma prática prioritária, no sentido de valorizá-la junto dos residentes e dos visitantes.

Justifica-se que a temática do turismo seja abordada neste capítulo, no sentido de contextualizar este fenómeno a nível mundial e assim entender a sua abordagem a nível urbano.

Atualmente assistimos a um grande desenvolvimento no que diz respeito ao setor turístico, na medida em que este proporciona um crescimento económico e social, com a possibilidade de gerar empregos na área, e contribuir para o progresso sustentável dos países, impondo-se deste modo, como um setor em franca expansão que ainda tem muito para dar no futuro¹.

O turismo é uma área pluridisciplinar que está sempre em mudança². Este fenómeno pode ser estudado sob diferentes perspetivas disciplinares: a economia considera o turismo como uma indústria de serviços que pode ser estudada através das análises de custo-lucro; a geografia explica o turismo como uma *deslocação das pessoas* no espaço, permitindo o estudo das *movimentações dos turistas e o seu desenvolvimento*; o direito apresenta o turismo como o exercício *do direito da liberdade de circulação*; para a sociologia, o turismo é uma prática social realizada nos momentos de lazer e fenómeno contemporâneo definidor de uma sociedade em expansão; a antropologia define o turismo como um *fenómeno sociocultural complexo que aproxima a comunidade residente dos visitantes, proporcionando o contato com diferentes culturas e*

¹ pportodosmuseus (2012). Rotas, Percursos, Itinerários Culturais e Trilhos em Portugal - Acedido a 24/01/2015, em: <http://www.pportodosmuseus.pt>.

² Gomes, L. M. F. (2012). *Turismo Criativo: experiências na cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 19.

experiências, a ecologia descreve o turismo como uma *atividade humana realizada num meio ambiente específico e ao qual afeta*³.

Com base nestas considerações, será mais fácil compreender algumas das definições mais importantes com relação ao Turismo.

Para Mathienson e Wall, citado por Licínio Cunha, o Turismo proporciona a mudança temporária dos indivíduos para locais fora da sua área de residência, complementado por atividades *realizadas durante a estadia, e as facilidades criadas para satisfazer a necessidade dos turistas*⁴.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT)⁵, agência intergovernamental pertencente às Nações Unidas (1974), podemos definir Turismo como: o *conjunto de atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadias em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros*⁶. De acordo com esta definição, a OMT refere as atividades desenvolvidas pelos visitantes⁷, associadas à sua viagem e estadia no destino turístico, no entanto, não menciona os serviços disponíveis no local de estadia, criados para satisfazer as necessidades dos visitantes, os alojamentos e às infraestruturas associadas ao turismo⁸,

Já a definição de Eduardo Porto, citada por Célia Pontes, é mais completa: o turismo acontece quando há a deslocação voluntária de pessoas fora da sua residência habitual para outro lugar, para aí usufruírem de vários serviços de apoio ao turismo, *hospedagem, transporte, alimentação, entretenimento* possibilitando muita das vezes a participação em *atividades da*

³ Pereiro Pérez, X. (2009). *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural. p.4. Acedido a 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

⁴ Mathienson, A. & Wall, G. (1982) *Tourism Economic Physical and Social Impacts*. Longman: England, citado por Cunha, L. (2010). *A definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário*. ReCil Grupo Lusófona. p. 11. Acedido a 14-05-2015 em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/665/A+Defini?sequence=1>

⁵ UNWTO (2015). [em linha] United Nations World Tour Organization. Acedido a 14-05-2015 em: <http://www2.unwto.org/>

⁶ Cunha, L. (2009). *Introdução ao Turismo*. (4ª ed.) Lisboa: Editorial Verbo. p. 30.

⁷ Em 1993, a Comissão de Estatística da ONU, adotou o termo *visitante*, que se subdivide em duas categorias: *turistas (visitantes que passam pelo menos uma noite num alojamento no local de destino)* e *visitantes do dia (visitantes que não passam uma noite num alojamento no local de destino)*. Cunha, L. (2010). *A definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário*. ReCil Grupo Lusófona. p.5-6. Acedido a 16-05-2015 em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/665/A+Defini?sequence=1>

⁸ Ibidem. p. 33-34.

*comunidade local, havendo trocas culturais*⁹. Neste caso, o autor faz referência tanto às atividades realizadas pelo visitante, como aquelas ligadas ao turismo, porém integra um componente novo que pertence sem dúvida ao turismo: a interação cultural efetuada entre a comunidade residente e o visitante.

Segundo Xerardo Pérez, o contacto intercultural que o turismo propicia, é favorável para a aprendizagem da tolerância e respeito mútuo entre as duas culturas promovendo também, *uma oportunidade para a paz entre os povos*¹⁰, o que segundo o *Código Mundial de Ética do Turismo*¹¹, é um fenómeno importante que o Turismo torna possível, muitas das vezes sem os visitantes e a comunidade local terem a noção disso.

Remetemos este assunto para o caso específico da comunidade portuense que sabemos ser conhecida pela hospitalidade com que recebe o turista estrangeiro na sua cidade, e nos benefícios que o contato com as diferentes culturas trazem para a comunidade residente.

Para Goeldner e Ritchie¹², o Turismo pode ser identificado sob quatro diferentes perspetivas, de acordo com os seus diferentes papéis:

- O turista que procura novas experiências psíquicas e físicas, como fator determinante para a escolha do local de destino;
- As empresas responsáveis por fornecer produtos e serviços turísticos que vêem o turismo como uma oportunidade para obter compensação financeira;
- O governo da comunidade de acolhimento, ou área, que encontra no turismo uma forma de multiplicar os rendimentos dos seus cidadãos;
- A comunidade de acolhimento que vê no turismo uma oportunidade para a criação de empregos, assim como a interação destes com os visitantes, podendo esta relação ser favorável ou nociva, ou ambas.

⁹ Pontes, C.M.V. (2013). *Casas brasonadas de Guimarães: um itinerário turístico-cultural*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. p.11, vol. I. Acedido em 11-03-2015 em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24389>

¹⁰ Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural. Uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*. p. 36. Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

¹¹ *Profundamente convencidos que, pelos contactos diretos, espontâneos e não mediatizados que permite entre homens e mulheres de culturas e modos de vida diferentes, o turismo representa uma força viva ao serviço da paz, bem como um fator de amizade e compreensão entre os povos do mundo.* - Código Mundial de Ética do Turismo [em linha]. Acedido a 14-05-2015 em: <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>

¹² Goeldner, C. & Ritchie, J. (2003). *Tourism, Principles, Practices, Philosophies*. (9th ed.). John Wiley & Sons, Inc. p.5. Acedido a 28-03-2015 em: <https://ia802706.us.archive.org/30/items/TourismPrinciplesPracticesAndPhilosophies/TourismConceptPrinciplesPractices.pdf> (tradução nossa).

Assim sendo, o turismo pode ser *definido como os processos, atividades e resultados decorrentes a partir das relações e as interações entre os turistas, os fornecedores de turismo, os governos anfitriões, as comunidades de acolhimento e ambientes circundantes que estão envolvidos na atração e hospedagem de visitantes*¹³.

Concluindo este raciocínio, o Turismo é um fenómeno sociocultural complexo, em constante evolução, que promove o crescimento económico da comunidade, reduzindo a pobreza; proporciona o conhecimento e a tolerância das culturas existentes por todo o mundo e contribui para a paz e respeito entre os povos¹⁴.

Contudo, o rápido crescimento do turismo cultural, de negócios, religioso ou de saúde e bem-estar, cria efeitos positivos e negativos, *no ambiente, economia e sociedade dos países de origem e destino, nas comunidades locais e populações autóctones, e nas relações e trocas internacionais*¹⁵. Deve respeitar determinados princípios e observar certas regras, com o objetivo de promover *um turismo responsável e sustentável*¹⁶, pelo que a observância do *Código Mundial de Ética do Turismo*, deve ser prioritária.

Mais recentemente, o setor do turismo que tem contribuído para o desenvolvimento económico de inúmeros países e regiões, é sem dúvida, o cultural, já que a *diversidade dos seus conteúdos culturais e históricos*, permitem que os mesmos possam *ser explorados de forma tangível e intangível*¹⁷, sendo o Porto, uma cidade rica em património que merece ser conhecido e valorizado tanto pelos residentes como pelos visitantes, na medida em que só conhecendo o espaço que nos rodeia podemos-lhe dar o devido valor.

De fato, a autenticidade do património cultural (material ou imaterial) que um país ou região possui, é um fator que motiva os visitantes de outras proveniências, em conhecer uma cultura diferente da sua. Assim, *as pessoas são atraídas pelas diferenças e não pelas*

¹³ Goeldner, C. & Ritchie, J. (2003). *Tourism, Principles, Practices, Philosophies*. (9th ed.). John Wiley & Sons, Inc. p.5. Acedido a 28-03-2015 em: <https://ia802706.us.archive.org/30/items/TourismPrinciplesPracticesAndPhilosophies/TourismConceptPrinciplesPractices.pdf> (tradução nossa).

¹⁴Preâmbulo: *Código Mundial de Ética do Turismo*. p.1. Acedido a 14-05-2015 em: <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>

¹⁵Ibidem. p.1.

¹⁶Ibidem. p. 2.

¹⁷ Marujo, N., Serra, J. & Borges, M. R. (2013). Turismo Cultural em cidades históricas: a cidade de Évora. *TURyDES: Revista de investigación en turismo y desarrollo local*, vol.6. nº14. (p.1-10), p.3. Acedido a 17-05-2015 em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9582/1/TURISMO%20CULTURAL%20EM%20CIDADES%20HIST%C3%93RICAS.pdf>

*similaridades*¹⁸. Neste sentido, o visitante procura a identidade do local que visita, a sua singularidade cultural que não pode ser replicada em nenhum outro lugar do mundo.

Como exemplo dessa singularidade, temos a cidade do Porto, que se apresenta ao visitante como um produto, possuidor de uma identidade cultural que ao longo dos tempos foi evoluindo, já que sofreu influências culturais de várias nações e que indiretamente mudaram a maneira de ser dos portuenses. Falamos em especial da comunidade britânica que ao se fixar nesta cidade, influencia e promove a mudança a nível social e artístico e fomenta o negócio do vinho do Porto.

As viagens com uma motivação cultural existem desde sempre, porém pode afirmar-se que o turismo com esta vertente teve o seu início a partir do séc. XVIII, com um *fenómeno social típico da cultura europeia*¹⁹ que se prolongou até ao século XIX: o *Grand Tour* (*daí o termo tourist*²⁰) *que consistia em longas viagens (aproximadamente de 2 anos)*²¹ realizadas por jovens de abastadas famílias de origem inglesa, por toda a Europa, iniciando o seu percurso por Paris, e daí percorrendo um caminho *pelas cidades italianas de Roma, Veneza, Florença e Nápoles*. Através da interação com diferentes povos, expressões culturais e ambientes, o jovem aristocrático toma contato com uma realidade diferente da sua, e amplia conhecimentos nas áreas da história, arte e arquitetura das culturas antigas (grega, romana)²². Estas viagens revelam-se tão importantes para a sua educação que passam a fazer parte de um ritual de passagem para a vida adulta, como preparação para as responsabilidades que virão no futuro²³.

¹⁸ Marujo, N., Serra, J. & Borges, M. R. (2013). Turismo Cultural em cidades históricas: a cidade de Évora. *TURyDES: Revista de investigación en turismo y desarrollo local*, vol.6. nº14. (p.1-10), p.. Acedido a 17-05-2015 em:

<http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9582/1/TURISMO%20CULTURAL%20EM%20CIDADES%20HIST%C3%93RICAS.pdf> - Citado pelos autores a partir de: Ivanovic, M. (2009). Cultural Tourism. Juta & Company, Cape Town.

¹⁹ Salgueiro, V. (2002). Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, S. Paulo, vol. 22, nº 44. (pp. 289-310), p. 290. Acedido a 17-05-2015 em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>

²⁰ A palavra *turismo* tem a sua origem etimológica em *tour*. Citado por Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural: uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*. p.18. Acedido em 04-02-2015 em:

<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEedita2.pdf> - a partir de Álvarez Sousa, A. (1994). El ocio turístico en las sociedades industriales avanzadas. Barcelona: Bosch.

²¹ Silva, A. P. A. S. (2011). *Rotas Turístico-Culturais em Ílhavo*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro, Portugal. p. 15. Acedido a 06-10-2015 em:

<http://ria.ua.pt/bitstream/10773/7904/1/Rotas%20turistico-culturalis%20em%20%C3%ADlhavo.pdf>

²² Salgueiro, V. (2002). Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, S. Paulo, vol. 22, nº 44, (pp. 289-310), p. 301. Acedido a 17-05-2015 em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>

²³ Gomes, L. M. F. (2012). *Turismo Criativo: experiências na cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 17. Acedido a 11-03-2015 em:

http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id=33562

No entanto, não era fácil viajar durante o séc. XVIII: os meios de transporte utilizados pelos turistas *consistiam em ir pelo próprio pé, no lombo de animais de carga ou em carroças desengonçadas e carruagens duras*²⁴ e as estradas *além de precárias*, tinham ladrões e contrabandistas²⁵. Face a todas estas contrariedades, os turistas do séc. XVIII, chegados ao seu destino, podiam por fim, contemplar os testemunhos do passado deixados nas cidades de Paris, Roma, Veneza, Florença e Nápoles.

Já no séc. XIX, com a Revolução Industrial, assistiu-se a um desenvolvimento dos meios de transporte, as distâncias encurtam-se e as deslocações até aos locais de destino são realizadas comodamente por comboio e barco a vapor, permitindo desta forma mudar a face do turismo, surgindo nesta altura os *primeiros hotéis, os balneários na costa mediterrânea, e algumas organizações governamentais ligadas ao turismo*²⁶. Neste século, o turismo assume um novo desenvolvimento através da Thomas Cook & Son, a agência de viagens de Thomas Cook (1808-1892), considerado como o primeiro organizador de viagens de recreio. A ele se deve a organização de várias viagens de comboio pela Inglaterra, assim como para outros destinos do globo, criando também roteiros dirigidos para todas as classes sociais e não só para as elites²⁷.

Podemos assim reconhecer que o turismo, no passado, tenha tido esta componente cultural, no entanto, *a ligação entre turismo e cultura é relativamente recente e muito mais o conceito de turismo cultural*²⁸.

Há 15 anos atrás, o turismo cultural era tido como um pequeno nicho de mercado. Hoje os números falam por si: o turismo cultural destacou-se e estabeleceu-se como a principal atividade turística das massas, praticada sobretudo pelas *pessoas detentoras de maior capital*

²⁴ Salgueiro, V. (2002). Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, S. Paulo, vol. 22, nº 44, (pp. 289-310), p. 294. Acedido a 17-05-2015 em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>

²⁵ Ibidem. p. 297. Citado pela autora a partir de Smollet, T. (1981) *Travels through France and Italy*. Oxford University Press.

²⁶ Silva, A. P. A. S. (2011). *Rotas Turístico-Culturais em Ílhavo*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Economia, gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro, Portugal. p. 15. Acedido a 06-10-2015 em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/7904/1/Rotas%20turistico-culturalis%20em%20%C3%ADlhavo.pdf>

²⁷ cf. Gomes, L. M. F. (2012). *Turismo Criativo: experiências na cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 17. Acedido a 11-03-2015 em: http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id=33562 e Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural. Uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*. p. 107. Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

²⁸ Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural: Uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*. p. 17,108. Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

cultural²⁹, havendo a tendência para essa conjugação aumentar no futuro³⁰. Segundo alguns autores (Bodo, Prentice, citados por Pereiro Pérez)³¹, o perfil socioeconómico de um turista cultural compreende certas características:

- Visitantes estrangeiros de diferentes culturas;
- Cidadãos nacionais que desejam conhecer melhor o seu património;
- Residentes locais que pretendem conhecer o seu espaço urbano;
- Visitantes que escolhem o turismo cultural durante as suas férias, experimentando um turismo de alta qualidade;
- Visitantes com alto nível cultural;
- Turistas com rendimentos altos que consomem consideravelmente;
- Jovens que procuram experiências culturais diferentes;

Portanto, o perfil do público que opta pelo turismo cultural durante as suas férias, fá-lo para obter novas experiências e para conhecer mais acerca do património cultural do lugar onde se encontra, o que não significa que todos os turistas culturais se enquadrem neste perfil. No entanto, é importante conhecer estes dados para melhor entender as motivações e desejos do turista cultural.

Segundo Ana Ramires, Ana Cristina Sousa e Filipa Brandão³², no caso específico do Porto, o turista desloca-se à cidade porque encontra no seu núcleo urbano, todos os monumentos, espaços arquitetónicos e equipamentos culturais, que deseja conhecer melhor. A urbe portuense possui características únicas, como a sua cultura, a sua história, as suas gentes e a sua localização geográfica que são o reflexo de uma identidade que não pode ser encontrada em nenhum outro destino. A cidade do Porto recebe cada vez mais turistas, devido ao património cultural que constitui o principal motivo de atração do público, seguido da motivação comercial, das atividades de animação, lazer e entretenimento que a cidade proporciona, principalmente nos meses de verão, assim como pela existência de uma diversidade de infraestruturas de apoio ao turismo,

²⁹ Ibidem. p. 114.

³⁰ Mckercher, B. & Cross, H (2002). *Cultural Tourism: The partnership between tourism and cultural heritage management*, USA: *The Harworth Hospitality Press*. - Citado por Varela, S. & Ferreira, L. (2010) *ISCET: Percursos & Ideias*, nº2, 2ª Série, p. 168. Acedido a 29-12-2014 em: http://www.iscet.pt/sites/default/files/PercursosIdeias/N_2/Revista2010T.pdf. (tradução nossa).

³¹ Pereiro Pérez, X. (s/d) *Turismo Cultural: Leituras da Antropologia*. Publicações UTAD: Vila Real. p.12. Acedido a 04-02-2015 em: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Turismo_Cultural_Naya.pdf

³² Ramires, A., Sousa, A. C. & Brandão, F. (2014). Turismo de cidades: O perfil do turista do Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013, p. 77.

hospedagem, restauração e acessibilidades. Outro motivo está no estatuto que a cidade foi conquistando ao longo dos anos, como fazendo parte da lista de Património Mundial da Humanidade (1996)³³ e mais recentemente, considerada como o Melhor Destino Europeu de 2014³⁴.

As autoras referem que os turistas que visitam o Porto são na sua maioria, oriundos da vizinha Espanha (46,9%), devido à proximidade geográfica, seguido da França (11,3%) e do Reino Unido (10,5%)³⁵. Pelo que são os britânicos o público-alvo que pretendemos atingir com os percursos histórico-culturais que queremos implementar nesta cidade.

Segundo Urry, citado por Pereiro Pérez, o turismo cultural é um tipo de turismo que privilegia a cultura em relação à natureza, sendo este o motivo de atratividade de uma região que vive do turismo³⁶. É pela cultura e pelos elementos tangíveis e intangíveis que a compõem, que os visitantes optam, cada vez mais, pela vertente cultural nas suas viagens de ócio.

A cultura e o turismo sempre foram inseparáveis³⁷, os recursos culturais de um país são as suas maiores riquezas, dado que estes testemunhos que persistem na cidade, representam um passado que moldou a cultura da urbe e isso lhes confere, sem dúvida, uma identidade única que merece ser valorizada para o futuro. De fato, cada comunidade possui um património específico que lhe caracteriza e uma memória coletiva insubstituível *e representam uma base essencial para um desenvolvimento, simultaneamente respeitador do passado e virado para o futuro*³⁸.

Da mesma forma que o património cultural e natural *pertence a toda a humanidade*, todos nós temos direitos e deveres relativos *à sua compreensão, apreciação e conservação destes valores universais*³⁹.

³³ UNESCO: United Nations Education, Scientific and Cultural Organization. (s/d). [em linha]. UNESCO. Acedido a 16-09-2015 em: <http://en.unesco.org/>

³⁴ European Best Destinations (s/d). [em linha]. European Best Destinations Acedido a 16-09-2015 em: <http://www.europeanbestdestinations.com/>

³⁵ Ramires, A., Sousa, A. C. & Brandão, F. (2014). Turismo de cidades: O perfil do turista do Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013, p. 79.

³⁶ Pereiro Pérez, X. (2009). *Turismo Cultural: Uma visão antropológica*. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural. p. 112. Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

³⁷ Citado por Groen: *It seems that tourism and culture are inseparable. (...) culture and tourism are destined once and for all to be together*. Richards, G. (2005). *Cultural Tourism in Europe*. Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS). p. 17. Acedido a 04-02-2015 em: http://www.tram-research.com/cultural_tourism_in_europe.PDF

³⁸ O Espírito da Carta: Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (1999) - Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p.333.

³⁹ Ibidem. p.333.

Assim, o turismo cultural privilegia o conhecimento dos sítios e dos monumentos de um determinado espaço geográfico⁴⁰. *Exerce sobre estes sítios e monumentos um efeito positivo considerável, na medida em que, pelos fins que pretende atingir, contribui para a sua manutenção e proteção*⁴¹. Este tipo de turismo contribui para a conservação e valorização do património cultural, por outro lado, pode acontecer o inverso, isto é, *o património cria-se em função dos interesses mercantis, e é com esse objetivo que é explorado*⁴². Deste modo, o património está à mercê dos *efeitos negativos, nocivos e destruidores, causados pela ocupação massificada e incontrolada, dos monumentos e dos sítios*⁴³(...), resultando muitas das vezes na perda desse património⁴⁴.

Tendo por base a resolução desse problema e sabendo que a proteção do património é prioritária, foi necessário criar um documento que implementasse regras de atuação a serem seguidas, de igual modo, por organismos responsáveis pelo património e pelo turismo, com o intuito de trabalharem juntos para um objetivo comum: a proteção e valorização dos bens culturais. Neste contexto, é criada a *Carta sobre o Turismo Cultural (1976)* e posteriormente a *Carta Internacional sobre o Turismo Internacional (1999)* que alertam para os problemas que as

⁴⁰ Segundo a Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa (1985) - *Sítios: obras combinadas do homem e da natureza, parcialmente construídas e constituindo espaços suficientemente característicos e homogêneos para serem objeto de uma delimitação topográfica, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico; Monumentos: todas as construções particularmente notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, incluindo as instalações ou os elementos decorativos que fazem parte integrante de tais construções*. Cfr. Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa (1985): Artº 1 - Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p. 256.

⁴¹ Carta sobre o Turismo Cultural (1976) I. Posição de Princípio - Ponto 3. - Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p. 204. De acordo com a Carta de Turismo Cultural (1976), a definição de património abrange os monumentos e sítios, com a Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (1999) o conceito de património alarga-se incluindo agora o meio ambiente natural e cultural: *paisagens, conjuntos históricos, sítios naturais e construídos, a biodiversidade, acervos culturais, práticas culturais, tradicionais ou atuais e de conhecimento*. Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (1999). Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio. p.333.

⁴² Pereiro Pérez (s/d). *Turismo Cultural: Leituras da Antropologia*. Publicações UTAD: Vila Real. p. 13. Acedido a 04-02-2015 em: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Turismo_Cultural_Naya.pdf

⁴³ Carta sobre o Turismo Cultural (1976). Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio. p. 204.

⁴⁴ Pereiro Pérez (s/d). *Turismo Cultural: Leituras da Antropologia*. Publicações UTAD: Vila Real. p. 13. Acedido a 04-02-2015 em: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Turismo_Cultural_Naya.pdf

atividades turísticas mal direcionadas acarretam para o património, propondo a aplicação de políticas a serem implementadas pelos estados membros com o intuito de protegerem o património cultural e natural, do turismo cultural descontrolado⁴⁵.

Com o mesmo propósito, foi criado o Código Mundial de Ética do Turismo, da responsabilidade da Organização Mundial do Turismo, que no artigo primeiro aborda um assunto que os representantes turísticos e os próprios turistas tendem a ignorar, isto é, o respeito que deverá existir entre os visitantes para com a comunidade local, no que concerne às suas tradições, práticas sociais e culturais, não caindo no erro de desrespeitar os modos de vida da comunidade de acolhimento, como acontece algumas vezes com as culturas minoritárias⁴⁶.

Segundo o *Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural* (1994), *a diversidade de culturas e do património cultural constituem uma riqueza espiritual e intelectual insubstituível para toda a Humanidade*⁴⁷. Assim sendo, o governo de cada país, tem a responsabilidade de proteger e divulgar esse património cultural autêntico e irrepetível que *pertence em primeiro lugar, à comunidade local que o gerou*⁴⁸.

Conforme referido por Maria Leonor Botelho e Teresa Ferreira, essa conservação torna-se possível de acordo com os valores atribuídos a esse património, que dependem em grande parte da *credibilidade das fontes de informação a seu respeito*⁴⁹. Pela diversidade de fontes de informação disponíveis relativas a um monumento ou sítio cultural, que *compreendem a forma e a conceção, os materiais e a substância, o uso e a função, as tradições e as técnicas, a localização e o seu enquadramento, o espírito e a expressão, o estado original e evolução histórica*⁵⁰, que descrevem o património sob vários pontos de vista, podemos reconhecer e destacar as

⁴⁵ Carta sobre o Turismo cultural (1976) Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio. p. 204.

⁴⁶ O Código Mundial de Ética de Turismo. (s/d) Organização Mundial de Turismo. Tradução e edição: DG Turismo. Acedido a 23-05-2015 em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/sustentabilidade/Documents/CMET.pdf>

⁴⁷ Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural (1994). Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio. p. 304.

⁴⁸ Botelho, Leonor & Ferreira, Teresa (2014). Tourism, Heritage and Authenticity - The case of Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013.(261-271).

⁴⁹ Valores e Autenticidade: Ponto 9 - Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural (1994). Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio. p. 304.

⁵⁰ Valores e Autenticidade: Ponto 13. Ibidem. p. 305.

características originais desse património, compreender o seu significado, e dessa forma avaliar a sua autenticidade⁵¹.

O turismo cultural, quando potencializado só traz benefícios para a comunidade residente, assim como para aqueles que a visitam, *permite viabilizar economicamente a manutenção dos seus bens culturais e, (...) a utilização dos edifícios históricos como equipamentos turísticos, proporcionando ao turista (durante a sua estada na cidade) e à própria população uma nova opção cultural, entretenimento e lazer*⁵².

Segundo Boissevain, o turismo cultural, promove positivamente para:

- *Desenvolvimento e revitalização de identidades culturais;*
- *Redescoberta das tradições;*
- *Autoconsciência local face aos visitantes;*
- *Revitalização do sentido identitário;*
- *Desenvolvimento de regiões em crise.*

Como fatores negativos, citando Greenwood e Patin, Pereiro Pérez refere *que o excesso de mercantilização pode converter a cultura numa mercadoria ritual, espetacular (...) ficcional e superficial e à conta da exploração massiva e exagerada da cultura, os fins educativos utilizados para nos ajudar a entender as culturas dos países visitados podem passar para segundo plano*⁵³.

Os impactos negativos provocados pelos excessos do turismo cultural são destruidores da autenticidade de uma cultura. *Esta apropriação do património histórico com o fim de transformá-lo em produto turístico prejudica uma cultura que convém manter incólume*⁵⁴.

⁵¹ Valores e Autenticidade: Ponto 9. Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural (1994). Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio. p. 304.

⁵² Barreto, M. - citado pelas autoras: Maia, S.V., Martins, U. M.O & Baptista, M.M.T. (2013). Turismo cultural no contexto urbano: rotas museológicas - Os casos de Aveiro e Ílhavo (Portugal). *RBTUR-Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 7(2), p. 194. Acedido a 25-03-2015, em DOI: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v7i2.632>.

⁵³ Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural. Uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*. p. 111. Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEdita2.pdf>

⁵⁴ Marujo, N., Serra, J. & Borges, M. R. (2013). Turismo Cultural em cidades históricas: a cidade de Évora. *TURyDES: Revista de investigación en turismo y desarrollo local*, vol.6. nº14. p. 1-10. Acedido a 17-05-2015 em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9582/1/TURISMO%20CULTURAL%20EM%20CIDADES%20HIST%C3%93RICAS.pdf>

Este assunto remete-nos para o artigo de Maria Leonor Botelho e Teresa Ferreira⁵⁵, relativo ao Centro Histórico do Porto, na relação do património com o turismo, sob a perspetiva da preservação da sua autenticidade, como elemento diferenciador do turismo cultural. *Uma tendência recente do turismo é a busca por autenticidade (que é o oposto à falsidade e imitação) em experiências únicas que compreendem identidade, tradições, história e várias personagens do turismo cultural*⁵⁶.

A comunidade de acolhimento deve tomar conhecimento *do valor do património cultural e natural, tangível e intangível*⁵⁷ que lhe pertence. *Apenas uma comunidade bem informada sobre o valor do seu património, nas suas várias camadas históricas (...) pode valorizar e apreciar, salvaguardar e divulgar. Só assim a autenticidade pode ser mantida*⁵⁸.

Para que a comunidade anfitriã e os visitantes compreendam a autenticidade do sítio cultural e reconheçam a sua importância, o seu significado e a necessidade da sua preservação, será necessário conhece-lo mais a fundo. Nesse sentido é necessário, que se *proporcione o acesso intelectual e emocional ao património, bem como ao desenvolvimento cultural, o que constitui ao mesmo tempo um direito e um privilégio*⁵⁹.

*Tanto a comunidade de acolhimento como os visitantes devem ser informados com qualidade*⁶⁰. Assim, a informação a ser disponibilizada na interpretação e apresentação do património deve provir de fontes credíveis e verdadeiras, pelo que a *produção de conteúdos deve ser feita com rigor e partindo de estudos científicos, seja qual for o seu destino ou meio de comunicação usados*⁶¹.

⁵⁵ Botelho, Leonor & Ferreira, Teresa (2014). Tourism, Heritage and Authenticity - The case of Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013.(261-271).

⁵⁶ Hamon V. (2005). Authenticité, tourisme durable et marketing, in *Espaces* 228, p. 42-56 – Citado pelas autoras: Botelho, Leonor & Ferreira, Teresa (2014). Tourism, Heritage and Authenticity - The case of Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013.(261-271), p.270 (tradução nossa).

⁵⁷ Botelho, Leonor & Ferreira, Teresa (2014). Tourism, Heritage and Authenticity - The case of Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013. (261-271). p. 264. (tradução nossa).

⁵⁸ Ibidem. p. 265. (tradução nossa).

⁵⁹ Carta Internacional do Turismo Cultural (1999). Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p.333.

⁶⁰ Botelho, Leonor & Ferreira, Teresa (2014). Tourism, Heritage and Authenticity - The case of Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013. (261-271). p. 266. (tradução nossa).

⁶¹ Botelho, Leonor & Ferreira, Teresa (2014). Tourism, Heritage and Authenticity - The case of Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013. (261-271). p. 266. (tradução nossa).

Conhecedores do património que os rodeia, o visitante e a comunidade de acolhimento podem contribuir para a sua gestão e conservação e num futuro próximo para a sustentabilidade do turismo da sua região.

Retomando o conceito de turismo cultural, Bonink citado por Richards, *refere duas abordagens básicas para entender este tema: a primeira, segundo a perspectiva dos monumentos e sítios, preocupando-se em fazer uma quantificação do tipo de atrações mais visitadas pelos turistas, e claramente considerando a cultura como um produto. A segunda abordagem segue uma linha mais conceptual, descrevendo mais os motivos e significados relacionados com a atividade de turismo cultural, e estabelecendo uma abordagem qualitativa*⁶².

Baseado nestas duas abordagens, a ATLAS (Associação do Turismo e Educação do Lazer) propõe duas definições: uma conceptual e outra técnica. Com relação à primeira, o turismo cultural é *o movimento de pessoas para atrações culturais fora do seu local normal de residência com a intenção de compilar novas informações e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais*. Com relação à segunda, o turismo cultural é *o movimento de pessoas para atrações culturais específicas tais como lugares de património, manifestações culturais e artísticas, de arte e drama fora do seu local normal de residência*⁶³. Se compararmos as duas definições entendemos que embora ambas se complementem, há diferenças que se acentuam, uma é a motivação do visitante que impulsiona a sua deslocação para um local distante, com o intuito de usufruir dos produtos culturais que um local oferece, e a outra, referida por Greg Richards é o *learning element: a aprendizagem, como principal aspeto distintivo do turismo cultural*⁶⁴.

Para finalizar esta nossa exposição, optamos por fazer referência ao turismo cultural na sua componente direccionada para o espaço urbano do Porto, já que é neste local que se concentram todos os elementos culturais de interesse para o nosso estudo.

⁶² Cf. Richards, G. (2005). *Cultural Tourism in Europe*. Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS). p. 23. Acedido a 22-05-2015 em: http://www.tram-research.com/cultural_tourism_in_europe.PDF e Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural: Uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*. p. 109. Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEedita2.pdf>

⁶³ Richards, G. (2005). *Cultural Tourism in Europe*. Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS). p. 24. Acedido a 22-05-2015 em: http://www.tram-research.com/cultural_tourism_in_europe.PDF

⁶⁴ cf: Ibidem. p.24; Ferreira, M. L. da S. (2011). *As Rotas Culturais - Âncoras de ludificação, atratividade e reconversão dos espaços rurais: A rota do Românico do Vale do Sousa*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 33; Gomes, L. M. F. (2012). *O turismo criativo: experiências na cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p.24.

Segundo Vaquero, citado por Marujo, Guerra e Borges, *o principal fator de atração das cidades históricas não são os elementos culturais considerados de forma isolada - o património, o urbano, os museus, os eventos culturais e os estilos de vida - mas o carácter singular de cada cidade histórica materializado num sentido de lugar, único e irrepetível, que não resulta da mera agregação de elementos culturais de uso turístico*.⁶⁵

Esta singularidade cultural patente no seu *património (material e imaterial)* e existente maioritariamente no seu centro dito histórico *constitui o núcleo da identidade cultural das cidades históricas*⁶⁶, resultado de um longo processo que durou séculos e que modificou a fisionomia das mesmas.

Outro dos fatores que conferem às cidades mais um motivo de visita por parte dos turistas tem a ver com o estatuto de Património Mundial atribuído pela UNESCO aos espaços urbanos. Esta distinção confere às cidades uma credibilidade nacional e internacional que propicia o desenvolvimento do turismo, atraindo mais turistas⁶⁷, e assim contribuir para a salvaguarda e revitalização dos seus centros históricos⁶⁸.

*O Turismo Cultural é uma das mais antigas formas de viajar e, atualmente, continua a ser um pilar da atividade turística em diversas cidades do mundo*⁶⁹. A particularidade de cada cultura de um país, região ou cidade constitui um recurso que merece ser valorizado pelas indústrias de serviços turísticos, pelos turistas e pela comunidade local, pelo que a relação entre estes atores deve ser harmoniosa e duradoura.

⁶⁵ Marujo, N., Serra, J. & Borges, M. R. (2013). Turismo Cultural em cidades históricas: a cidade de Évora. *TURyDES: Revista de investigación en turismo y desarrollo local*, vol.6. nº14. Pp.1-10, p.2. Acedido a 17-05-2015 em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9582/1/TURISMO%20CULTURAL%20EM%20CIDADES%20HIST%C3%93RICAS.pdf>.

⁶⁶ Marujo, N., Serra, J. & Borges, M. R. (2013). Turismo Cultural em cidades históricas: a cidade de Évora. *TURyDES: Revista de investigación en turismo y desarrollo local*, vol.6. nº14. Pp.1-10, p.2. Acedido a 17-05-2015 em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9582/1/TURISMO%20CULTURAL%20EM%20CIDADES%20HIST%C3%93RICAS.pdf>.

⁶⁷ Borges, M. R., Marujo N. & Serra J. (2013). Turismo Cultural em cidade património mundial: a importância das fontes de informação para visitar a cidade de Évora. *Tourism and Hospitality International Journal*, 1, (p. 137-156), p. 140. Acedido a 17-05-2015 em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/9552>

⁶⁸ Ibidem. p.140.

⁶⁹ Ibidem. p. 142.

1.2. A História da Arte e a Interpretação e valorização do Património

A História da Arte em Portugal afirma-se, segundo Maria Alexandra da Câmara, como uma *disciplina e objeto de estudo autónomos*⁷⁰, que após viver uma fase de estagnação, apresenta-se revigorada em pleno século XXI, como *uma doutrina e base teórica mais alargada, que emprega métodos e práticas pluridisciplinares, respeitando uma ética e princípios morais importantes na salvaguarda do património*⁷¹, e impondo-se no meio académico como uma ciência⁷².

Desta forma, Vítor Serrão considera a *Historia da Arte* como uma *disciplina nova*⁷³, na medida em que as obras e estudos literários produzidos por artistas e investigadores: Francisco de Holanda (1517-1584), José da Cunha Taborda (1766-1834), Cyrillo Volkmar Machado (1748-1823), Almeida Garrett (1799-1854), Athanasius Raczyński (1788-1874), Joaquim de Vasconcelos (1849-1936), Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996) e José Augusto França (1922-) entre outros, vieram dar o seu contributo para o desenvolvimento desta disciplina a nível nacional⁷⁴, testando várias metodologias de trabalho e realizando diferentes abordagens ao estudo nesta área⁷⁵.

Para Vítor Serrão, a História da Arte, é a investigação orientada e interdisciplinar *que visa o entendimento globalizante (estético, histórico, ideológico, contextual) das obras de arte, de acordo com as condições culturais, políticas, socioeconómicas, ideológicas, laborais, temporais,*

⁷⁰ Câmara, M. A. T. G. da (2005). *A história da arte em Portugal: um balanço*. In Carvalho, D., Vila Maior, D., & Teixeira, R. de A. (org.). *Des(a)fiando discursos* [em linha]. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques. Lisboa: Universidade Aberta. (123-132). p. 123. Acedido a 02/06/2015 em: <http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/342/1/Des%28a%29fiando%20Discursos123-132.pdf.pdf>

⁷¹ Serrão, V. (2009). *A História da Arte em Portugal e a consciência do estudo e salvaguarda do Património histórico-cultural*. Coimbra: Universidade de Coimbra. p.2. Acedido a 02-06-2015 em: http://icomos.fá.utl.pt/documentos/2009/Vitor%20Serrao_DIMS.pdf

⁷² Serrão, V. (2001). *A Cripto-História da Arte: Análise de Obras de Arte Inexistentes*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 215.

⁷³ Ibidem. p. 215.

⁷⁴ Rosmaninho, N. (s/d). *Dicionário de Historiadores Portugueses*. [em linha]. Acedido a 02-06-2015 em: http://dichp.bnportugal.pt/tematicas/tematicas_hist_arte.htm

⁷⁵ Câmara, M. A. T. G. da (2005). *A história da arte em Portugal: um balanço*. In: Carvalho, D., Vila Maior, D., & Teixeira, R. de A. (Org.). *Des(a)fiando discursos*. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques. Lisboa: Universidade Aberta. p.123. (p.123-132). Acedido a 02/06/2015 em: <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/342>

em que as obras são criadas, permitindo assim *o entendimento iconológico das mesmas*⁷⁶, isto é, *o seu significado simbólico*⁷⁷.

De modo que fazer História da Arte, é explicar o sentido das obras de arte, é reconstruir o meio envolvente onde elas foram criadas, é contextualizá-las, datá-las e revalorizá-las, é estabelecer juízos de valor segundo *critérios de autenticidade e qualidade* das obras⁷⁸. O historiador da arte deve ter a capacidade de investigar, descobrir e desvendar fatos relacionados com os objetos de arte, utilizando o seu sentido crítico na altura de estabelecer hipóteses, isto é, interpretar o objeto artístico, para de seguida apresentá-lo ao público. *Compete ao historiador sistematizar os fatos documentados e, numa primeira fase, orientar e validá-los, interpretá-los e oferecê-los a posterior discussão, análises e reinterpretações*⁷⁹.

O sucesso dos programas de interpretação e apresentação dos sítios culturais, depende, da qualidade da informação recolhida em fontes documentais *fidedignas, investigadas através de métodos científicos e académicos, genericamente aceites, bem como nas tradições culturais vivas*, conforme refere a *Carta sobre a Interpretação e Apresentação de Sítios Culturais (2008)*⁸⁰.

A recolha de informação documental é fundamental para a ampliação de conhecimentos acerca do objeto em estudo, no entanto, segundo refere Hugo Barreira, esta pode ser complementada com o trabalho de campo, compreendido pela observação e descrição das obras de arte inseridas no seu contexto, o que torna este método científico indispensável na pesquisa em História da Arte⁸¹.

⁷⁶ Na formulação desta definição, o autor remete para as ideias de Aby Warburg (1866-1929), historiador de arte alemão, com estudos na área de iconografia. Serrão, V. (2009). *A História da Arte em Portugal e a consciência do estudo e salvaguarda do Património histórico-cultural*. Coimbra: Universidade de Coimbra. p.3. Acedido a 02-06-2015 em: http://icomos.f.a.utl.pt/documentos/2009/Vitor%20Serrao_DIMS.pdf

⁷⁷ Na obra de Erwin Panofski: *O Significado nas Artes Visuais*, o autor faz a distinção entre Iconografia (descreve os elementos formais que compõem uma obra de arte, o tema ou mensagem da mesma) e Iconologia (o *significado intrínseco* e simbólico do tema da obra de arte), revelando as três fases de análise da obra de arte (análise pré-iconográfica, análise iconográfica e análise iconológica). Panofsky, E. (1986). *Iconografia e Iconologia: Uma Introdução ao estudo da arte da Renascença*. In: *Significado nas Artes Visuais*. Tradução: Maria Clara F. Knessse e J. Guinsburg. (47-65) São Paulo: Perspectiva, 2ª ed. Acedido a 03-06-2015 em: <https://leandromarshall.files.wordpress.com/2012/05/panofsky-e-iconografia-e-iconologia.pdf>

⁷⁸ Gualis, G. B. (2001). *Como y qué investigar en historia del arte: una crítica parcial de la historiografía del arte española*. Barcelona: Ediciones del Serbal. p.158.

⁷⁹ Resende, N. (2014). *Transmitir a história: processo de reconhecimento e valorização do património religioso*. SALDANHA, S. C. (coord.) in: *Guia de Boas Práticas de Interpretação do Património*, Edição: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja /Turismo de Portugal, IP, p. 88.

⁸⁰ Carta sobre a Interpretação e Apresentação de sítios Culturais (2008). Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p. 452-453.

⁸¹ Barreira, H. D. da S. (2011). Um exercício prático: Estilos, Modas, Formas e Soluções. In *Atas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras,

Reportando esta disciplina para o estudo dos centros urbanos, Alda Bessa e outros autores, consideram a cidade como um *organismo vivo*⁸², nela coexistindo o tecido social e o urbano, o património do passado e do presente, que dá à urbe um certo dinamismo, característico das cidades Património da Humanidade, de que o Porto é um bom exemplo.

Esta ideia de unificação do tecido urbano e respeito pela sua envolvente reporta ao tempo da *Carta de Atenas* (1931) e da *Carta Italiana de Restauro* (1931)⁸³, de que em matéria de conservação, privilegia *a relação do monumento com a envolvente urbana e arquitetónica*⁸⁴. Segundo Ana Cristina Pereira, Giovannoni (1854-1933), *definiu o restauro científico como uma nova metodologia de conservação que pretendia manter a autenticidade dos monumentos como documentos históricos e como obras de arte*⁸⁵, promovendo assim uma intervenção mínima nos mesmos.

Também a *Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios* (1964) vem considerar o alargamento do conceito de monumento, que passa a incluir na sua conservação e preservação, *não só a criação arquitetónica isolada, bem como o sítio, rural ou urbano*⁸⁶, assim como a *zona envolvente à sua escala*⁸⁷.

O património existente na cidade do Porto é o resultado da sucessão de diferentes épocas históricas, que modificaram urbanisticamente a sua fisionomia, sem no entanto alterar a sua harmonia estética, dotando esta cidade com uma identidade cultural única, que não permite reproduções em nenhum outro local do globo.

Departamento de Ciências e Técnicas do Património. (pp. 206 a 220), 10-12 Mar. 2010. p. 207. Acedido a 08-06-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9149.pdf>

⁸² cf. Bessa, A. et. al (2011). O papel da História da Arte numa cidade Património Mundial. Estudo de Caso: o Porto. In *Atas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Património. (pp.199-205), 10-12 Mar. 2010. p. 200. Acedido a 28-02-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9148.pdf> e Serrão, V. (2009). A História da Arte em Portugal e a consciência do estudo e salvaguarda do Património histórico-cultural. Coimbra: Universidade de Coimbra. p.3. Acedido a 02-06-2015 em: http://icomos.facom.ucp.pt/documentos/2009/Vitor%20Serrao_DIMS.pdf

⁸³ A *Carta Italiana del Restauro* foi introduzida em Itália por Giovannoni, sendo também o responsável pela sua redação, contudo sem ter valor legal. As novidades deste documento centravam-se na salvaguarda da zona envolvente dos monumentos, evitando-se fazer grandes restauros nos mesmos. Pereira, A. C. da C. (2007). *Os Conventos do Porto. Descontinuidades, transformação e reutilização*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal. p. 44. Acedido a 18-06-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/64322>

⁸⁴ Ibidem. p. 37.

⁸⁵ Ibidem. p. 38.

⁸⁶ Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios (1964). Artigo 1º. Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, p. 122.

⁸⁷ Ibidem. Artigo 6º. p. 122.

De fato, as características exclusivas que a cidade possui, tornaram possível a sua inclusão na Lista de Património Mundial de acordo com o critério cultural (iv): *por ser um excelente exemplo de um tipo de construção, conjunto arquitetónico ou tecnológico ou de paisagem que ilustre (a) fase significativa (s) da história humana*⁸⁸.

A cidade do Porto preenche este critério com toda a certeza, a paisagem que o rio Douro nos oferece, assim como a profusão de edifícios de épocas diferentes, tornaram o Porto naquilo que ele é hoje, uma cidade com um valor universal excecional que deve ser valorizada sempre que possível⁸⁹.

Os mesmos autores reconhecem que o património que integra as cidades, seja ele artístico ou social, é reconhecido na sua globalidade como *uma obra de arte total*⁹⁰, fato que a História da Arte tem vindo a provar ser verdadeiro. *Esta ciência possui uma metodologia própria que lhe permite entender o objeto artístico nas suas diferentes dimensões e, desta forma, valorizá-lo corretamente*⁹¹.

Deste modo, a História da Arte, mostra ser eficaz na salvaguarda e valorização do património cultural, na medida em que a abordagem ao objeto em estudo, é feita de uma maneira pluridisciplinar, acompanhando o conceito alargado de património cultural, que compreende os monumentos, os conjuntos e os sítios, as paisagens naturais⁹² como também o património cultural imaterial⁹³.

Dada a complexidade de problemas que as cidades enfrentam hoje em dia, no que diz respeito à degradação do património, o historiador de arte, deve ser incluído em *projetos integrados de estudo, inventário, salvaguarda e redignificação do Património*, ao trabalhar em conjunto com profissionais de diferentes áreas científicas: *o historiador, o técnico de conservação e restauro, o museólogo, o arqueólogo, o técnico de turismo cultural, o arquivista, antropólogo,*

⁸⁸ UNESCO: World Heritage List (s/d) Historic Centre of OPorto [em linha] Acedido a 23-06-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/755>

⁸⁹Google Cultural Institute. Exposição Virtual: *Porto Património Mundial* [em linha] Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Acedido a 16-07-2015 em: <https://www.google.com/culturalinstitute/exhibit/porto-patrim%C3%B3nio-mundial/RQLCEH-YYXCJg>

⁹⁰ Bessa, A. et. al (2011). O papel da história da Arte numa cidade Património Mundial. Estudo de Caso: o Porto. In *Atas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Património. (pp.199-205), 10-12 Mar. 2010. p. 200. Acedido a 28-02-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9148.pdf>

⁹¹ Ibidem. p.200.

⁹² Recomendação sobre a Proteção, no âmbito nacional, do Património cultural e natural (1972): Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, pp. 176-177.

⁹³ Convenção para a Salvaguarda do Património cultural imaterial (2003): Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p. 388-389.

arquiteto e urbanista⁹⁴. A *Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos* (1976), da UNESCO, faz referência à inclusão de historiadores de arte nas equipas de especialistas encarregadas na *proteção e valorização dos conjuntos históricos*⁹⁵, o que demonstra que esta disciplina é indispensável nesta área do património, e assumindo-se *hoje, talvez como nunca antes, um campo de trabalho de indiscutida validade social*⁹⁶.

Segundo a *Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do Património Cultural para a Sociedade* (2005), as fases de valorização do património cultural são as seguintes: *identificação, estudo, interpretação, proteção, conservação e apresentação*⁹⁷, fases essenciais para assegurar uma completa revitalização e gestão integrada do património.

Relacionando o documento anterior com a *Carta sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais* (2008) podemos verificar que a seleção do bem ou bens a preservar *representam a visão de cada geração sobre o que é significativo, o que é importante e o que deve ser transmitido às gerações futuras*⁹⁸.

Neste contexto, o historiador de arte é um especialista com competências científicas para agir sobre o património, através da seleção dos conjuntos de bens culturais⁹⁹ a preservar, proceder ao seu estudo, de forma a reconhecer o seu valor patrimonial e assim contribuir na sua valorização, através da conceção de programas interpretativos e posteriormente na sua apresentação. Na fase da proteção e conservação, outros profissionais destas áreas serão os mais indicados a contribuir com os seus conhecimentos técnicos.

⁹⁴ Serrão, V. (2009). *A História da Arte em Portugal e a consciência do estudo e salvaguarda do Património histórico-cultural*. Coimbra: Universidade de Coimbra. p.2. Acedido a 02-06-2015 em: http://icomos.fa.utl.pt/documentos/2009/Vitor%20Serrao_DIMS.pdf

⁹⁵ *Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua função na vida contemporânea* (1976): IV Meios de Salvaguarda: Medidas Jurídicas e Administrativas - 17.b). Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p. 213.

⁹⁶ Serrão, V. (2001). *A Cripto-História da Arte: Análise de Obras de Arte Inexistentes*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 216.

⁹⁷ *Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do Património Cultural para a Sociedade* (2005): Artigo 5º - Alínea b). Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p. 439.

⁹⁸ *Carta sobre a Interpretação e Apresentação dos Sítios Culturais* (2008). Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio. p. 449.

⁹⁹ A expressão “bens culturais” abrange, não só os sítios e os monumentos, arquitetónicos tradicionais, arqueológicos e históricos, reconhecidos e classificados, mas também os vestígios passados não inventariados ou classificados, e os sítios e monumentos recentes, com valor artístico ou histórico. *Recomendação sobre a Preservação de bens culturais ameaçados por obras públicas ou privadas* (1968) Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p.135.

Conhecer o património que nos rodeia em todas as suas vertentes é importante, e o historiador de arte é o profissional que torna este conhecimento acessível a todos, através da investigação e consequente produção de conteúdos para obras de referência e mesmo programas de interpretação e apresentação, que contribuem para a sua proteção e valorização.

Uma cidade que conserva o seu património, promove o desenvolvimento do turismo urbano e a sua *sustentabilidade social, financeira e ambiental, a longo prazo, constitui um dos seus principais objetivos* ¹⁰⁰.

1.3 A Interpretação do Património Cultural

*Do not try to satisfy your vanity by teaching a great many things. Awaken people's curiosity. It is enough to open minds; do not overload them. Put there just a spark. If there is some good inflammable stuff, it will catch fire*¹⁰¹.

A *Interpretação* aplicada ao património cultural é um conceito relativamente recente, já que foi utilizado pela primeira vez, no séc. XX, no âmbito do património natural. De fato, a *Interpretação* como forma de comunicação é realizada pela primeira vez pelos guias dos parques norte-americanos (National Park Service) durante as suas visitas. Nestes locais, a função do intérprete é facultar orientações e informações aos visitantes, acerca dos fenómenos naturais que ocorrem neste lugar, de uma maneira assertiva e educativa, de forma a que os visitantes vivam experiências significativas durante a sua visita, e compreendam o significado do local.

Na maioria das vezes, durante a transmissão de informação, há uma certa dificuldade de entendimento pelo público com relação a certos conceitos e conteúdos utilizados, pelo que a função do intérprete *envolve traduzir a linguagem técnica de uma ciência natural ou áreas semelhantes em termos e ideias que as pessoas que não são cientistas possam entender*¹⁰². Através deste exercício, o conhecimento e o interesse do público para assuntos relativos à conservação da

¹⁰⁰ Carta sobre a Interpretação e Apresentação dos Sítios Culturais (2008). Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio. p. 454.

¹⁰¹Anatole France: citado por George B. Hartzog Jr. (Diretor Serviço de Parques Nacionais) - Tilden, F. (1977). *Interpreting our Heritage*. The University of North Carolina Press, Third Edition, p.xiii. Acedido a 10-03-2015 em: http://xa.yimg.com/kq/groups/14254433/369581555/name/Interpreting_Our_Heritage_Chapel_Hill_Books.pdf

¹⁰²Sam Ham, citado por Cunningham, M. (2004). *The interpreters Training Manual for Museums*. American Association of Museums, p.6. (tradução nossa).

natureza e à valorização dos seus recursos, vai ser ampliado, provocando no visitante uma mudança de pensamento.

Segundo o Serviço de Parques Nacionais (NPS), agência federal americana, a interpretação é definida como: *um catalisador na criação de uma oportunidade para o público formar as suas próprias conexões intelectuais e emocionais com os sentidos e significados inerentes ao recurso*¹⁰³.

Não importa o bem cultural que se queira interpretar, desde que haja uma ligação intelectual e emocional do recurso com o visitante, e este compreenda o seu significado, a interpretação cumpriu o seu papel.

É sob a perspectiva da preservação dos recursos naturais, que o Serviço de Parques Nacionais dos E.U.A. (National Park Service) trabalha desde a sua fundação¹⁰⁴, na implementação de programas de Interpretação do património natural, no entanto, só a partir de 1957, com a publicação do livro: *Interpreting our Heritage*, considerado como o livro base da *Interpretação* (criado com o intuito de melhorar a qualidade dos seus programas interpretativos) é que o conceito de Interpretação é finalmente definido por Freeman Tilden (1883-1980) e a filosofia interpretativa é finalmente firmada¹⁰⁵. Considerado como o pai da Interpretação¹⁰⁶, este aclamado escritor e jornalista que deixa uma carreira promissora para se dedicar à conservação da natureza, como consultor no Serviço de Parques Nacionais (NPS), define o conceito como uma atividade educativa cujo objetivo principal é o revelar de significados e relações através do uso de objetos originais, por experiência pessoal e pela utilização dos meios de informação ilustrativos disponíveis, ao invés de transmitir somente toda a informação factual¹⁰⁷.

¹⁰³National Park Service (s/d) About Interpretation. [em linha] *National Park Service US Department of the Interior: Interpretive Development Program*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://idp.eppley.org/home/about-interpretation>

¹⁰⁴*The National Park Service turns 100 on August 25, 2016*. National Park Service (s/d). Discover History: National Park Service History. [em linha] *National Park Service US Department of the Interior*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://www.nps.gov/history/>

¹⁰⁵Interpret europe - European Association for Heritage Interpretation (s/d) History. [em linha] *Interpret europe - European Association for Heritage Interpretation*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/top/heritage-interpretation/history.html>

¹⁰⁶*As pioneer of interpretive philosophy and recognized father of modern park interpretation. Tilden, through Interpreting Our heritage, has made a profound mark on park conservation movement in America.* Tilden, F. (1977). *Interpreting our Heritage*. p.xi. Acedido a 04/02/2015 em: http://xa.yimg.com/kq/groups/14254433/369581555/name/Interpreting_Our_Heritage_Chapel_Hill_Books_.pdf

¹⁰⁷Tilden, definiu Interpretação como uma *atividade educativa*, mal sabendo que o uso da palavra educativa, iria gerar uma controvérsia nos países anglo-saxões, dada a sua conotação associada ao currículo escolar. Anos mais tarde, em 1975, Tilden, reconheceu este problema, indicando que Interpretação seria antes uma *atividade recreativa* e não educativa, no entanto, conclui-se que a interpretação é de fato uma atividade educativa. Asociación para la Interpretación del Patrimonio (s/d) Definiciones. [em linha] *Asociación para*

Nesta obra, Tilden define os seis princípios da Interpretação¹⁰⁸ que nos remetem para linhas de orientação mais generalistas:

1. A interpretação para ser relevante deve ir de encontro à personalidade ou experiência do visitante.
2. A interpretação é revelação, descoberta, baseada em informação.
3. A interpretação é uma arte que combina várias artes, sendo de certa forma ensinável.
4. O objetivo da interpretação não é instruir, é provocar: novas experiências, interesse e curiosidade.
5. A interpretação deve centrar-se no todo ao invés das partes.
6. A interpretação dirigida a crianças deve ser feita de uma maneira diferente daquela dirigida a outras faixas etárias. Diferentes públicos têm diferentes necessidades e níveis de conhecimento.

O principal objetivo da interpretação tanto no contexto natural como cultural é apelar aos sentimentos do visitante durante a revelação da história por trás da paisagem, ou monumento que se visita, para desta forma suscitar-lhe interesse e proporcionar uma experiência enriquecedora¹⁰⁹.

No artigo: *The soul of things: Spirituality and Interpretation in National Parks* de 1997, Kerry Mitchel, defende a ideologia de Tilden e reforça-a quando refere que *sem uma verdadeira ligação subjetiva do visitante ao lugar ou objeto que está a ser observado, este permanecerá morto e sem vida, o visitante perderá o interesse e o exercício de interpretação falhará*¹¹⁰.

Reportando estas ideias para o contexto do património cultural, Margarida Alçada, Katri Lisitzin e Kerstin Manz, revelam que *os objetivos da Interpretação são [portanto] provocar, estimular o intelecto e reforçar a experiência. A interpretação deve gerar interesse, desenvolver*

la Interpretación del Património. Acedido a 11-03-2015 em: <http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/definiciones>

¹⁰⁸Tilden, F. (1977). *Interpreting our Heritage*. p.9. Acedido a 04/02/2015 em: http://xa.yimg.com/kq/groups/14254433/369581555/name/Interpreting_Our_Heritage_Chapel_Hill_Boo_ks_.pdf (tradução nossa)

¹⁰⁹Tilden, F. (1977). *Interpreting our Heritage*. p. 3-4. Acedido a 04/02/2015 em: http://xa.yimg.com/kq/groups/14254433/369581555/name/Interpreting_Our_Heritage_Chapel_Hill_Boo_ks_.pdf (tradução nossa).

¹¹⁰Mitchell, K. (1997) *The soul of things: Spirituality and Interpretation in National Parks*, *Epoché: The University of California Journal for the Study of Religion*, p. 42. Acedido a 04-02-2015 em: <http://www.epoche.ucsb.edu/MitchellSpring05.pdf> (tradução nossa).

*uma compreensão mais profunda do sítio e suscitar preocupação e apoio para a conservação do Valor Excecional do bem*¹¹¹.

Conforme referido por Maria Paula Andrade Varela, e segundo Don Aldridge (1930-2008), conhecido defensor da conservação ambiental e precursor de programas de sensibilização do património e da conservação da vida selvagem nas escolas: *a interpretação é a arte de explicar o lugar do homem no seu meio, com o objetivo do visitante tomar consciência para a importância desta interação e daí despertar nele o desejo de contribuir para a conservação ambiental*¹¹².

Já para Larry Beck e Ted Cable, a interpretação é *uma atividade educativa que tem como objetivo revelar significados sobre os nossos recursos naturais e culturais. Através de vários meios de comunicação, incluindo palestras, visitas guiadas e exposições, a interpretação melhora a nossa compreensão, apreciação, e, portanto, a proteção dos sítios históricos e maravilhas naturais*¹¹³.

Passados mais de 50 anos desde a publicação dos princípios de Tilden referentes à Interpretação, Larry Beck e Ted Cable seguem-lhe o exemplo com a publicação do livro: *Interpretation for the 21st Century – Fifteen Guiding Principles for Interpreting Nature and Culture*, onde acrescentam mais nove princípios à lista criada por Tilden¹¹⁴, optando por uma abordagem mais atualizada e específica dos mesmos, e centrando-se estes especificamente: *ao nível do planeamento, do intérprete, dos visitantes ou dos meios interpretativos*¹¹⁵. Anos mais tarde, em 2011, Beck e Cable lançam uma versão mais atualizada desta obra, com o título: *The Gifts of Interpretation – Fifteen Guiding Principles for Interpreting Nature and Culture*.

¹¹¹ Alçada, M., Lisitzin, K. & Manz, K. (2013). *Turismo e Património Mundial: Seleção de Abordagens e Experiências de Gestão em Sítios do Património Mundial de origem Portuguesa (TOUR-WHPO)*. Turismo de Portugal/UNESCO, p.68. Acedido a 04/03/2015 em: <http://www.tour-whpo.org>

¹¹² Cf. Vieira, M. P. A. (2012). *Vida e Morte na Comunidade Beneditina do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa (1625-1826): um projeto de mediação patrimonial*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 107-108. Acedido a 11-03-2015 em: http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=71105 - Asociación para la Interpretación del Património. (s/d) Definiciones. [em linha] Asociación para la Interpretación del Património. Acedido a 11-03-2015 em: <http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/definiciones> (tradução nossa).

¹¹³ Beck, L & Cable, T. T. (2011). *The Gifts of Interpretation - Fifteen Guiding Principles for Interpreting Nature and Culture*, p.xvii. Acedido a 13-03-2015 em: <http://www.sagamorepub.com/files/lookinside/26/pages-gift-interpretation.pdf>

¹¹⁴ Beck, L & Cable, T. T. (2011). *The Gifts of Interpretation - Fifteen Guiding Principles for Interpreting Nature and Culture*, p.xxiv-xxv. Acedido a 13-03-2015 em: <http://www.sagamorepub.com/files/lookinside/26/pages-gift-interpretation.pdf>

¹¹⁵ Costa, R. C. G. (2012). *Interpretação no turismo - O caso do Portugal dos Pequenitos (PPE)*, Relatório de Projeto, Universidade de Aveiro, Portugal. p.5. Acedido a 27-05-2015 em: <http://ria.ua.pt/handle/10773/9338>

Os princípios que enunciaremos de seguida, baseiam-se no livro anunciado acima e focam-se mais nos meios e técnicas interpretativas e de apresentação, já que estes são indispensáveis para o sucesso do programa interpretativo, porque beneficiam o intérprete, o profissional que transmite a história de um determinado lugar ou objeto. Reportam os visitantes ao passado de modo a que estes mostrem empatia, compreendam os fatos, busquem pontos em comum com a sua vivência e dessa forma considerarem o lugar visitado como algo com valor.

Na *Carta Internacional sobre o Turismo Cultural* (1999) é feita referência às técnicas interpretativas e meios audiovisuais e tecnológicos utilizados como auxiliares indispensáveis na transmissão do valor do património, pelo que os programas de interpretação devem apresentar o património, *de forma clara e acessível às comunidades de acolhimento e aos visitantes, utilizando os meios pedagógicos mais estimulantes, incluindo audiovisuais e tecnológicos bem como explicações personalizadas dos aspetos históricos, ambientais e culturais*¹¹⁶. Esta citação alude às *aplicações multimédia: experiências interativas*¹¹⁷ que auxiliam o intérprete a estimular a atenção do visitante, e da mesma forma enriquecer o seu trabalho, o que é vantajoso. Por outro lado, também tem as suas desvantagens, já que as tecnologias quando são sofisticadas, requerem um profissional competente, responsável pela sua manutenção, e caso o equipamento avarie durante a visita, é necessário que a reparação seja feita prontamente, caso contrário, o visitante perderá informação¹¹⁸.

Um exemplo a referir ao nível das tecnologias aplicadas ao património, concretamente em animação 3D, é o denominado *Porto Virtual no séc. XVI*¹¹⁹, um projeto desenvolvido pelo CITAR (UCP) que teve como objetivo modelizar a Sé do Porto e a sua zona envolvente¹²⁰,

¹¹⁶ Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (1999): Princípio 1, alínea 1.2. - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, p.335-336.

¹¹⁷ Cf. *Carta sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais* - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, p.450; Vieira, M. P. A. (2012). *Vida e Morte na Comunidade Beneditina do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa (1625-1826): um projeto de mediação patrimonial*. (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, p. 108. Acedido a 11-03-2015 em: http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=71105

¹¹⁸ Vieira, M. P. A. (2012). *Vida e Morte na Comunidade Beneditina do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa (1625-1826): um projeto de mediação patrimonial*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. pp.109-110. Acedido a 11-03-2015 em: http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=71105

¹¹⁹ O projeto "Porto virtual no Séc. XVI" é um projeto do Centro de Investigação em Ciências e Tecnologia das Artes (CITE) da Universidade Católica. CITAR. (2005). *Porto virtual no Séc. XVI*. [em linha] CITAR. Universidade Católica Portuguesa. Acedido a 13-05-2015 em: <http://artes.ucp.pt/citar/portoXVI/index.php>

¹²⁰ Dias, R. J. M. (2014). *Reconstituição Digital em Património: Os castelos de Vimioso e Monforte de Rio Livre*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 43. Acedido a 04-05-2015 em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=103876

resultando num trabalho com elevado rigor científico no que diz respeito à informação arquitetónica pormenorizada do edifício.

Outro exemplo referente à mesma temática abordada consiste na dissertação de Mestrado de Ricardo Dias, que nos propõe a reconstituição digital de dois castelos da região transmontana, com recurso a modelagem 3D, provando ser, mais uma vez, uma técnica eficaz na interpretação do património¹²¹.

Nestes dois casos em especial, as fontes documentais são os maiores aliados na busca da autenticidade, no que diz respeito à reconstituição visual. Conforme refere na Carta sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais (2008), *as reconstruções visuais, através de desenhos artísticos, de desenhos arquitetónicos ou por computador, devem basear-se em análises pormenorizadas e sistemáticas dos aspetos ambientais, arqueológicos, arquitetónicos e históricos, incluindo a análise de fontes escritas, orais, iconográficas e de fotografias*.

A recolha de informação é importante quando se trabalha em interpretação, já que os fatos a relatar devem provir de fontes credíveis, pelo que terá que haver uma preocupação pela quantidade e qualidade de informação que se recolhe durante a pesquisa. Quando tal acontece o intérprete poderá transmitir a mensagem com segurança¹²². Neste sentido, também a informação escrita, encontrada na *sinalização e nos painéis informativos, nos desdobráveis e outras edições*¹²³ em locais de exposições permanentes e temporárias, assim como nos trilhos dos passeios realizados no exterior, deve ser apresentada usando uma linguagem simples, indo ao encontro dos interesses do visitante e aos temas que estes precisam de conhecer com mais pormenor, já que, *a interpretação é a arte de explicar o incomum ou o novo em linguagem e imagens acessíveis aos visitantes*¹²⁴.

¹²¹ Dias, R. J. M. (2014). *Reconstituição Digital em Património: Os castelos de Vimioso e Monforte de Rio Livre*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 04-05-2015 em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=103876

¹²² Resende, N. (2014). *Transmitir a história: processo de reconhecimento e valorização do património religioso*. Saldanha, S. C. (coord.) in: Guia de Boas Práticas de Interpretação do Património, Edição: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja / Turismo de Portugal, IP, p. 90.

¹²³ Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural. Uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*. p. 230. Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

¹²⁴ Alçada, M., Lisitzin, K. & Manz, K. (2013). *Turismo e Património Mundial: Seleção de Abordagens e Experiências de Gestão em Sítios do Património Mundial de origem Portuguesa* (TOUR-WHPO). Turismo de Portugal/UNESCO, p.66. Acedido a 04/03/2015 em: <http://www.tour-whpo.org>

Sob este assunto Xerardo Pérez¹²⁵, refere algumas das regras que Lucy Trench, (uma editora interpretativa do Museu Vitória e Albert, de Londres) segue ao escrever um texto interpretativo:

- *Escrever para o público-alvo;*
- *Escrever como um jornalista e não como um erudito, com uma linguagem acessível a todos;*
- *Limitar o número de palavras e elaborar textos curtos;*
- *Preparar textos legíveis e graficamente acessíveis;*
- *Relacionar o texto com o objeto e explicar significados;*
- *Hierarquizar a informação sem perder a mensagem principal, ordenar as ideias e relacioná-las com os objetos; utilizar o modelo: tópico, assunto e mensagem.*
- *Colocar-se no lugar do visitante, no que diz respeito ao grau de conhecimentos que possui.*
- *Introduzir o elemento humano: citações, curiosidades podem ser utilizadas para cativar a atenção do visitante.*

Também o modo como a informação é apresentada visualmente, através de maquetes e reproduções de edifícios de centros urbanos do passado¹²⁶, por exemplo, influenciam pela positiva o visitante, operando no mesmo o desejo de saber mais acerca do tema em questão. Pelo que o conhecimento e a habilidade no uso das artes e nas técnicas de comunicação que a ela estão associadas, contribuem positivamente ou negativamente para a qualidade do programa interpretativo.

O modelo interativo que se encontra na Casa do Infante e que foi criado para a *exposição organizada em 1999, pelo Arquivo Histórico Municipal do Porto, denominada: Um olhar para o*

¹²⁵ Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural. Uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*. p. 231. Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEedita2.pdf>

¹²⁶ O Museu dos Descobrimentos (World of Discoveries) é um espaço interativo e Parque temático que recria historicamente a época dos Descobrimentos. As técnicas e meios de interpretação e apresentação utilizadas, compreendem placares informativos interativos, modelos estáticos em tamanho natural de animais, personagens históricas e objetos, assim como, visitas guiadas realizadas por atores vestidos à época. World of Discoveries (s/d) *World of Discoveries*. [em linha] Acedido a 08-08-2015 em: <https://www.worldofdiscoveries.com/>

*Porto Medieval*¹²⁷, é um bom exemplo do uso destas técnicas ao serviço da transmissão de conhecimento relativos ao património.

Os intérpretes têm a capacidade de promover atividades interpretativas eficazes, através de técnicas e meios interpretativos e de apresentação, que captam a atenção do público e daí promovem a melhor compreensão do lugar, monumento e objeto do passado com valor patrimonial¹²⁸. Podemos referir, portanto, os passeios a pé, normalmente realizados a sítios patrimoniais mais alargados, pelos trilhos dos parques naturais; as visitas guiadas e itinerários temáticos que são uma boa opção de um método de apresentação do património com vista a conhecer melhor o monumento, conjunto e sítio que se visita. Neste caso em especial e de acordo com os objetivos da nossa investigação, propomos itinerários relacionados com o tema, Os Ingleses e o Porto, e elegemos este método, dado que parece ser o que melhor se enquadra no propósito do trabalho, dar a conhecer uma comunidade que influenciou a cidade do Porto, sob os pontos de vista, artístico, arquitetónico e social.

A par destas atividades podem ser realizadas conferências e palestras com um tema específico. A necessidade de envolver todas as faixas etárias no programa interpretativo torna-se viável pela implementação de *programas educativos: ateliers e atividades didáticas*¹²⁹, adaptados a estes públicos nos locais de valor histórico e patrimonial.

Outra técnica utilizada no programa interpretativo é a *história ao vivo* (living history), uma atividade que reconstrói o passado através da incorporação de *ferramentas históricas, atividades e trajes numa apresentação interativa, fazendo com que os participantes tenham uma sensação de recuar no tempo*¹³⁰. Para Richard Handler e William Saxton, a história ao vivo, pode ser definida *como a simulação da vida em outra época*¹³¹. Já para Roberto Reis, fazer *história ao vivo* significa *dar rosto, forma, realismo, uma alma aos personagens cuja vida quotidiana se*

¹²⁷ Botelho, Leonor & Ferreira, Teresa (2014). *Tourism, Heritage and Authenticity - The case of Porto*. In Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference, Porto, 26-28 Sep. 2013.(261-271), p. 266.

¹²⁸(s/d) Benefits from Interpretation.[em linha] Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation. Acedido a 10-4-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/top/heritage-interpretation/benefits-from-interpretation.html> (tradução nossa).

¹²⁹ Carta sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais (2008). Definições - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, p.450.

¹³⁰ Reis, R. C. P. dos (2011). A Instrumentação do património e da cultura como forma de revivificar uma comunidade: as recriações históricas. *DUNAS. Temas & Perspetivas. Revista anual sobre cultura e património da região de ovar*, Ano XI - nº11, Novembro de 2011, pp. 3-8.

¹³¹ Richard Handler e William Saxton (1988) citados pelo autor. Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural. Uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. *Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural*. p. 232. (tradução nossa). Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

tenta recriar¹³². A viagem medieval em Terras de Santa Maria, é o exemplo de *história ao vivo* bem-sucedida, que impulsionou o desenvolvimento económico da região. Embora este tipo de entretenimento seja fundamental para fazer reviver uma época do passado, segundo Solá-Morales¹³³, esta simulação de *lugares históricos, de personagens, de monumentos, de ambientes*¹³⁴, causam uma certa massificação de visitantes aos centros históricos das cidades, pelo que o património arquitetónico aí existente perde o seu valor e a sua integridade, e tal como um objeto de museu, é alvo de grande exposição e sujeito a diferentes interpretações. Assim, os turistas apropriam-se do património através da captura de imagens que registam o momento e o monumento.

Em 2002, Lisa Brochu, Tim Merriman e a Associação Nacional de Interpretação, dos Estados Unidos (National Association for Interpretation – NAI), propõem-nos a seguinte definição: a Interpretação *é um processo de comunicação que faz conexões emocionais e intelectuais entre os interesses do público e os significados atribuídos ao recurso*¹³⁵.

Seguindo para 2005, a Associação para Interpretação do Património (Association for Heritage Interpretation) do Reino Unido, dá-nos uma definição de interpretação similar à anterior, mas com a referência às novas experiências que este ato proporciona ao visitante, assim como especifica o processo, como *o aprofundar de conhecimentos referentes a pessoas, lugares, eventos e objetos do passado e do presente*¹³⁶.

De acordo com todas as definições apresentadas, podemos concluir que a Interpretação levada a cabo em locais com *valor natural e cultural, parques naturais e áreas protegidas; jardins zoológicos ou jardins botânicos; sítios pré-históricos e arqueológicos; sítios de património*

¹³² Reis, R. C. P. dos (2011). A Instrumentação do património e da cultura como forma de revivificar uma comunidade: as recriações históricas. *DUNAS. Temas & Perspetivas. Revista anual sobre cultura e património da região de ovar*, Ano XI - nº11, Novembro de 2011, (pp. 3-8.), p. 7.

¹³³Solá-Morales, I. de (2001). Património arquitectónico o parque temático. Up commons: Universitat Politècnica de Catalunya-BarcelonaTech. Dcl. (p. 5-11) Acedido a 03-08-2015 em: <https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2099/1907/Patrimonio.pdf?sequence=1>

¹³⁴ Ibidem. p.9.

¹³⁵NAI - National Association for Interpretation (s/d) Mission, vision and core values. [em linha] *NAI-National Association for Interpretation*. (tradução nossa). Acedido a 08-04-2015 em: http://www.interpnet.com/NAI/interp/About/What_We_Believe/nai/About/Mission_Vision_and_CoreValues.aspx?hkey=ef5896dc-53e4-4dbb-929e-96d45bdb1cc1

¹³⁶Association for Heritage Interpretation (s/d) What is interpretation? [em linha] *Association for Heritage Interpretation*. (tradução nossa). Acedido a 08-04-2015 em: http://www.ahi.org.uk/www/about/what_is_interpretation/

*técnico e industrial; cidades históricas, edifícios; equipamentos culturais: museus, galerias e bibliotecas; e destinos de turismo sustentável*¹³⁷, contribui para:

- Provocar a curiosidade e o interesse dos visitantes para assuntos ou temas desconhecidos;
- Fazer uma ligação do sítio ou objeto com o próprio conhecimento, experiência, formação e valores dos visitantes;
- Revelar a importância do sítio ou objeto para que os visitantes possam entender e apreciar;
- Ajudar as pessoas a desfrutar de uma experiência gratificante¹³⁸.

Enquanto que na interpretação, as atividades que a ela estão associadas *têm por objetivo, aumentar a sensibilidade do público e melhorar a compreensão* do lugar, na apresentação, o objetivo *é a comunicação dos conteúdos interpretativos e do acesso físico ao bem natural ou cultural*¹³⁹.

A interpretação é portanto, um processo de comunicação e educação não formal, dirigido a um público diversificado, cujos objetivos focam-se no entendimento do recurso: paisagem, sítio, objeto, por parte dos visitantes e comunidade local, de modo a obter uma ligação emocional, uma experiência especial e assim estarem mais sensíveis ao processo de preservação do recurso em causa, que é o objetivo principal a atingir com este programa.

A interpretação, quando realizada com qualidade e resultante de um processo de planificação, seguido de desenho, realização/instalação, intervenção e desenvolvimento dos serviços interpretativos e respetiva avaliação, conforme referido por Marta Vieira na sua Tese de mestrado¹⁴⁰, vai contribuir para o sucesso do programa e para *a valorização e enriquecimento do património*¹⁴¹ em causa.

¹³⁷ Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation. (s/d) Are you caring for visitors? [em linha] *Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation*. Acedido a 10-4-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/feet/intro/are-you-caring-for-visitors.html> (tradução nossa).

¹³⁸ NAI- National Association for Interpretation (s/d) What is heritage interpretation? [em linha] *NAI- National Association for Interpretation*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/top/heritage-interpretation.html> (tradução nossa).

¹³⁹ Carta sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais (2008). Definições - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, p.450.

¹⁴⁰ Vieira, M. P. A. (2012). *Vida e Morte na Comunidade Beneditina do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa (1625-1826): um projeto de mediação patrimonial*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 111. Acedido a 11-03-2015 em: http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=71105

¹⁴¹ Ibidem. p.111

Graças a longos anos de experiência no campo interpretativo, o sítio do Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos (Nacional Parque Service)¹⁴², merece ser mencionado, dada a quantidade de informação aqui existente a esse respeito. Este sítio não só privilegia o património natural¹⁴³ como também o cultural¹⁴⁴, dando especial destaque para a Lista de Itinerários de viagem pelo Património dos Estados Unidos¹⁴⁵. O SNP trabalha diretamente com as comunidades locais para cumprir a sua missão¹⁴⁶; a preservação do património natural e cultural, também partilha o seu conhecimento, fornecendo planos de lições para professores¹⁴⁷ e material interativo para crianças¹⁴⁸.

Há que salientar o Programa de Desenvolvimento Interpretativo¹⁴⁹ (Interpretative Development Program), da alçada do Serviço Nacional de Parques, destinado a ajudar os intérpretes a se desenvolverem profissionalmente, e já que esta profissão está em constante evolução, o intérprete pode tomar conhecimento das suas competências, pode ter formação na área e progredir profissionalmente. A existência da Academia de Carreira em Interpretação e Educação¹⁵⁰ (The Interpretation and Education Career Academy) é disso exemplo: os funcionários têm a possibilidade de aprenderem através de diversos métodos de ensino (e-learning, coaching e mentoring) a melhor forma de desenvolver as suas competências em Interpretação.

1.3.1. A institucionalização da Interpretação em Património

Dado que a Interpretação é uma área que está a evoluir rapidamente, o fato de existirem várias associações de Interpretação do Património pelo mundo fora, assume-se como um benefício

¹⁴²National Park Service (s/d) [em linha] *National Park Service*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://www.nps.gov/index.htm>

¹⁴³ National Park Service (s/d) Explore Nature. [em linha] *National Park Service*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://www.nature.nps.gov/>

¹⁴⁴ National Park Service (s/d) Discover History. [em linha] *National Park Service*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://www.nps.gov/history/>

¹⁴⁵ National Park Service (s/d) Heritage Travel Itinerary Series. [em linha] *National Park Service*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://www.nps.gov/nr/travel/index.htm>

¹⁴⁶ National Park Service (s/d) Working with Communities. [em linha] *National Park Service*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://www.nps.gov/communities/index.htm>

¹⁴⁷National Park Service (s/d) Teachers. [em linha] *National Park Service*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://www.nps.gov/teachers/index.htm>

¹⁴⁸ National Park Service (s/d) Kids. [em linha] *National Park Service*. Acedido a 09-04-2015 em: <http://www.nps.gov/kids/>

¹⁴⁹ National Park Service (s/d) Interpretative Development Program: [em linha] *National Park Service*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://idp.eppley.org/>

¹⁵⁰ National Park Service (s/d) The Interpretation and Education Career Academy [em linha] *National Park Service*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://idp.eppley.org/academy>

para os profissionais que pretendem promover a troca de conhecimentos com profissionais de outros países. A seguir referiremos apenas as Associações que possuem sítios na internet. Começando pelos Estados Unidos da América, deparamo-nos com a *Associação Nacional de Interpretação*¹⁵¹ (*National Association for Interpretation - NAI*) uma organização sem fins lucrativos cujos membros são profissionais da área interpretativa. A Associação desenvolve programas, serviços, organiza conferências nacionais e internacionais, workshops, promove a formação e a certificação da profissão, edita publicações, entre outros.

Ainda na América do Norte, mais propriamente no Canadá temos a *Interpscan.ca - O sítio nacional de Interpretação do Canadá* (*Interpscan.ca - The national website of Interpretation Canada*)¹⁵², uma associação sem fins lucrativos *que suporta, se envolve e inspira as pessoas envolvidas no campo da interpretação do património* desse país¹⁵³. A associação permite ligar toda a comunidade de profissionais interpretativos, de modo que organizados possam contribuir para o bem comum, promovendo workshops e conferências, eventos, divulgando empregos na área, partilhando informações através da cedência de artigos e outras publicações, assim como oferecer formação através do *Programa de Treino Nacional*¹⁵⁴ da associação.

A *Associação de Interpretação da Austrália*¹⁵⁵ (*Interpretation Australia Association*), é uma organização sem fins lucrativos que contempla a progressão da profissão de intérprete do património cultural e natural. Os recursos da associação passam por oferecer serviços para agências que desenvolvam e produzem planos interpretativos, meios de comunicação interpretativa e programas de orientação, a associação disponibiliza informação na área: estudos de caso, documentos e artigos de cariz interpretativo¹⁵⁶. Esta associação também funciona como um local de procura de profissionais na área de interpretação, uma área multidisciplinar que contempla várias especialidades.

¹⁵¹NAI - National Association for Interpretation (s/d) [em linha] *NAI - National Association for Interpretation*. Acedido a 08-04-2015 em: <https://www.interpnet.com/>>

¹⁵²Interpscan.ca - The national website of Interpretation Canada (s/d) [em linha] *Interpscan.ca - The national website of Interpretation Canada*. Acedido a 12-04-2015 em: <http://www.interpscan.ca/>

¹⁵³Interpscan.ca - The national website of Interpretation Canada (s/d) 35+ Years of Interpretation Canada. [em linha] *Interpscan.ca - The national website of Interpretation Canada*. Acedido a 12-4-2015 em: <http://www.interpscan.ca/35-years-interpretation-canada> (tradução nossa).

¹⁵⁴Interpscan.ca - The national website of Interpretation Canada (s/d) IC National Training Program [em linha] *Interpscan.ca - The national website of Interpretation Canada*. Acedido a 12-04-2015 em: <http://www.interpscan.ca/ic-national-training-program> (tradução nossa).

¹⁵⁵Interpretation Australia Association (s/d) [em linha] *Interpretation Australia Association*. Acedido a 12-04-2015 em: <http://www.interpretationaustralia.asn.au/>

¹⁵⁶Interpretation Australia Association (s/d) Publications. [em linha] *Interpretation Australia Association*. Acedido a 12-04-2015 em: <https://www.interpretationaustralia.asn.au/publications/>

A *Rede de Interpretação da Nova Zelândia (Interpretation Network New Zealand)*¹⁵⁷, é uma organização profissional de intérpretes da Neo-Zelândia, cujo *objetivo é: compartilhar (...) conhecimentos, ideias e recursos; melhorar os padrões profissionais; elevar o perfil da interpretação, ampliar as (...) habilidades, apoiar-se mutuamente e falar coletivamente*¹⁵⁸. Tal como as outras associações, esta desenvolve oportunidades educacionais, conferências e workshops, publica artigos dos associados relatando as suas experiências pessoais como intérpretes e disponibiliza um quadro de vagas de empregos nesta área.

Da Europa, mais propriamente da Alemanha, a *Interpretar-Europa - Associação Europeia para a interpretação do Património (Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation)*¹⁵⁹ é uma associação sem fins lucrativos cuja *missão é promover boas práticas e pesquisa em interpretação do património por toda a Europa*¹⁶⁰. Para atingir estes objetivos: a associação desenvolve e partilha princípios e métodos de interpretação do património, através da pesquisa, implementação de projetos, promoção de seminários, exposições e publicações, prestação de aconselhamentos na área, a organizações privadas e governamentais, coordena e desenvolve ações educativas e de formação¹⁶¹, isto para referir as mais importantes.

A *Associação de Interpretação do Património do Reino Unido*¹⁶², *Association for Heritage Interpretation UK*, é um local destinado à discussão pública de assuntos relativos à interpretação - *a arte de ajudar as pessoas a explorar e apreciar o nosso mundo*. Esta associação tem como objetivo, *promover a excelência na prática e serviços de interpretação* de forma a ganhar maior reconhecimento pelos seus pares como uma atividade profissional de valor¹⁶³. A associação desenvolve vários eventos, nomeadamente: ações de formação, workshops e

¹⁵⁷ Interpretation Network New Zealand (s/d) [em linha] *Interpretation Network New Zealand* Acedido a 12-04-2015 em: <http://www.innz.net.nz/>

¹⁵⁸ Interpretation Network New Zealand (s/d) About. [em linha] *Interpretation Network New Zealand*. Acedido a 12-04-2015 em: <http://www.innz.net.nz/about/> (tradução nossa).

¹⁵⁹ Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation (s/d) [em linha] *Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation*. Acedido a 15-04-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/> (tradução nossa).

¹⁶⁰ Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation (s/d) Who are we? [em linha] *Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation*. (tradução nossa). Acedido a 10-04-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/top/about-interpret-europe.html> (tradução nossa).

¹⁶¹ Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation (s/d) Who are we? [em linha] *Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/top/about-interpret-europe.html> (tradução nossa).

¹⁶² Association for Heritage Interpretation United Kingdom (s/d) [em linha] *Association for Heritage Interpretation United Kingdom*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://www.ahi.org.uk/>

¹⁶³ Association for Heritage Interpretation United Kingdom (s/d) About. [em linha] *Association for Heritage Interpretation United Kingdom*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://www.ahi.org.uk/www/about/> (tradução nossa).

conferências, também disponibiliza material em linha para download: comunicações das conferências e a revista editada pela associação.

Dado que o desenvolvimento profissional é importante na profissão de intérprete, a associação disponibiliza informações de cursos na área ministrados pelas escolas e universidades, assim como bibliografia essencial.

Na vizinha Espanha, a *Asociación de Interpretación do Património (Asociación para la Interpretación del Patrimonio - AIP)*¹⁶⁴ é uma associação sem fins lucrativos cujo objetivo é *contribuir para o desenvolvimento da profissão e da técnica interpretativa, estimular o desenvolvimento de programas de formação nesta área, e promover a edição de documentação relacionada com interpretação*. Para o cumprimento destes objetivos, ela *promove encontros e seminários relacionados com a interpretação; promove ações de sensibilização para a profissão de intérprete do património; desenvolve programas de formação e especialização na área; promove contatos com as instituições com competências para desenvolvimento profissional da interpretação*¹⁶⁵.

Para finalizar a enumeração das Associações de Interpretação do Património, existentes em linha, enunciamos a associação portuguesa denominada, *INTERPRETARE – Associação de Interpretação do Património Natural e Cultural*, com sede em Ega, concelho de Condeixa-a-Nova, distrito de Coimbra. Esta associação tem como missão *fomentar a troca e a divulgação de conhecimentos relativos à interpretação; promover a formação técnica dos profissionais, realização de eventos relacionados com a interpretação, desenvolvimento de trabalhos científicos, e enquadrar o desenvolvimento de projetos técnicos e científicos utilizando a interpretação do património em projetos de ecoturismo*, contribuindo dessa forma para a valorização e conservação do património natural e cultural¹⁶⁶.

As associações de Interpretação/Apresentação do Património um pouco por todo o mundo promovem a união dos profissionais da área, no sentido de contribuírem para o reconhecimento da sua profissão, ajudar na sua progressão profissional, na difusão e intercâmbio de

¹⁶⁴ Asociación para la Interpretación del Patrimonio - AIP (s/d) [em linha] *Asociación para la Interpretación del Patrimonio - AIP*. Acedido a 11-03-2015 em: <http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/> (tradução nossa).

¹⁶⁵ Asociación para la Interpretación del Patrimonio - AIP (s/d) [em linha] *Asociación para la Interpretación del Patrimonio - AIP*. Acedido a 11-03-2015 em: <http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/estatutos-de-la-aip> (tradução nossa).

¹⁶⁶ INTERPRETARE - Associação de Interpretação do Património Natural e Cultural (s/d) [em linha] *INTERPRETARE - Associação de Interpretação do Património Natural e Cultural*. Acedido a 14-04-2015 em: <https://sites.google.com/site/interpretareaipnc/missao>

conhecimentos relativos às técnicas e meios utilizados na Interpretação/Apresentação do património cultural.

1.3.2. A Interpretação do Património no contexto das Cartas Internacionais

Um documento a ter em consideração quando falamos em Interpretação do Património, é a *Carta Internacional para a Interpretação e Apresentação de Sítios de Património Cultural* (2008), na medida em que nos dá diretrizes específicas de como deve ser implementado o programa interpretativo assim como nos remete para a importância da comunicação do património como parte integrante de uma política de conservação do mesmo.

A utilização de termos como: *sensibilização, divulgação e educação*, nos documentos normativos do ICOMOS, anteriores à *Carta Internacional para a Interpretação e Apresentação de Sítios de Património Cultural* (2008), revela a importância dada ao ato comunicativo como fator a privilegiar na proteção do património cultural. Na Carta de Atenas (1931) no *ponto VII: Conservação de Monumentos e Cooperação internacional*, na *alínea b) Papel da educação no respeito pelos monumentos*, as seguintes palavras remetem-nos para o conceito de interpretação: (...) *Faz votos para que os educadores sensibilizem a infância e a juventude para que evitem degradar os monumentos, quaisquer que eles sejam, e lhes ensinem a se interessarem, de uma maneira geral, pela proteção dos testemunhos de todas as civilizações*¹⁶⁷.

Dado que a interpretação é, por si só, uma técnica educativa e o principal objetivo desta ação, é a sensibilização dos indivíduos para a necessidade de proteção do Património, de forma a deixá-lo nas melhores condições para as futuras gerações, este ponto da Carta de Atenas ¹⁶⁸, vai ao encontro do tema em desenvolvimento.

Na *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Natural e Cultural* (1972) é referido que: *os Estados Parte na presente convenção esforçar-se-ão, por todos os meios apropriados, nomeadamente mediante programas de educação e de informação, por reforçar o respeito e o apego dos seus povos ao património cultural e natural* (...) ¹⁶⁹.

Para cumprir com este objetivo, é iniciado em 1994, o *Programa de Educação do Património Mundial da UNESCO* (*World Heritage Education Programme*), oficialmente chamado de

¹⁶⁷ *Carta de Atenas (1931) ponto VII, alínea b)*. LOPES, F. & CORREIA, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, p.62.

¹⁶⁸ *Carta de Atenas (1931) ponto VII*: Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, p.62.

¹⁶⁹ *Convenção: Património Mundial, Natural e Cultural (1972): Artº 27º, alínea 1)*: Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, 2014. p. 17.

Participação dos Jovens na Preservação e Promoção do Património Mundial (Young People's Participation in World Heritage Preservation and Promotion), liderado pelo *Centro de Património Mundial da UNESCO*, em coordenação com a rede do *Sistema de Escolas Associadas da UNESCO (Unesco Associated Schools Project Network – ASPnet)* e em cooperação com as representações da UNESCO em vários países, as *Comissões Nacionais para a UNESCO* e restantes parceiros¹⁷⁰.

Este programa, dirigido a jovens entre os 12 e 16 anos, procura através de atividades educativas multidisciplinares realizadas nas escolas e adaptadas a estas idades, sensibilizar os mais novos para a importância do Património Mundial, informando-os das ameaças a que o património está sujeito e quais as medidas utilizadas, pelas instituições nacionais e internacionais, na sua conservação. No sentido de auxiliar os professores nesta tarefa, foi publicado em 1998, pela UNESCO, um recurso pedagógico intitulado: *Património Mundial nas Mãos dos Jovens (World Heritage in Young Hands)*, para ser adaptado ao currículo escolar¹⁷¹.

A nível nacional, a Porto Vivo SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, S.A., com o propósito de *sensibilizar a população local para a importância da proteção, preservação e salvaguarda*¹⁷² do património portuense, criou dois roteiros, com dois percursos - *Porto Património Mundial passo a passo: Da Praça dos Leões à Estação de S. Bento* e *Porto Património Mundial passo a passo: Da Estação de S. Bento à Casa do Infante*, tendo cada um dos roteiros, uma componente pedagógica adaptada a dois tipos de públicos, os adultos e as crianças.

No preâmbulo da Carta de Veneza (1964) entende-se que é: *essencial que os princípios orientadores da conservação e do restauro dos monumentos sejam elaborados coletivamente e acordados a nível internacional, ficando cada nação com a responsabilidade pela aplicação destes princípios, no quadro específico do seu contexto cultural e das suas tradições*¹⁷³.

¹⁷⁰UNESCO: World heritage convention (s/d) Additional Materials: World Heritage Education Programme Brochure. [em linha] UNESCO: *World Heritage Convention*. p. 2. (tradução nossa). Acedido a 15-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/wheducation/>

¹⁷¹ Ibidem. pag. 2.

¹⁷²*Porto Património Mundial passo a passo: Da Praça dos Leões à Casa do Infante* - 9/15 anos. (2010). Lopes, B.H., Face, G. I., & Sequeira, J. (texto). Porto: Câmara Municipal do Porto, Porto Vivo, SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, S.A. (ed.), p.3. Acedido a 15-05-2015 em: http://www.portovivosru.pt/pdfs/guias/GuiaInfantil_I_FINAL.pdf ; *Porto Património Mundial passo a passo - Da Estação de S. Bento à Casa do Infante* - 9/15 anos. (2010). Lopes, B.H., Face, G. I., & Sequeira, J. (texto). Porto: Câmara Municipal do Porto, Porto Vivo, SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, S.A. (ed.). http://www.portovivosru.pt/pdfs/guias/GuiaInfantil_II_FINAL.pdf

¹⁷³*Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios (1964)*: LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito; *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, 2014. p. 121.

Depreende-se nestas palavras que cada país tem a responsabilidade, de aplicar os princípios orientadores de conservação do património sustentados pelas cartas, com a especificidade de que *as diferentes formas de expressão, tangíveis e intangíveis, de qualquer cultura ou sociedade (que) constituem o seu património, (devem) como tal ser respeitadas*¹⁷⁴, isto é, a sua autenticidade deve ser mantida.

No documento *Nara+20*, a autenticidade é definida como *a qualidade de um contingente associado culturalmente a um lugar de património, prática ou objeto que transmite valor cultural; sendo reconhecido como uma expressão significativa de uma tradição cultural em evolução; e/ou evoca entre os indivíduos a ressonância social e emocional da identidade do grupo*¹⁷⁵.

Não existem duas culturas iguais: *a diversidade das culturas e do património cultural constituem uma riqueza espiritual e intelectual insubstituível para toda a Humanidade. Devem, pois, ser reconhecidos como fatores essenciais ao desenvolvimento, não só através da sua proteção, como através da sua divulgação*¹⁷⁶.

De acordo com a *Carta de Burra*, *A Carta da ICOMOS da Austrália para locais de importância cultural (2013)*, a participação da comunidade local, na divulgação do valor do património é importante: *a conservação, a interpretação, e a gestão de um sítio devem prever a participação das pessoas para quem esse sítio tem associações e significados especiais (...)*¹⁷⁷. De fato, *o significado cultural de muitos sítios culturais não é facilmente perceptível, e deve ser explicado pela interpretação. A interpretação deve melhorar a compreensão e envolvimento, e ser culturalmente apropriada. Em algumas circunstâncias, qualquer forma de interpretação pode*

¹⁷⁴Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural (1994): Diversidade cultural e diversidade do Património. Ponto 7. LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito; *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, 2014. p. 304.

¹⁷⁵ICOMOS: Meeting on the 20th Anniversary of the Nara Document on Authenticity. (2014). *Nara + 20: on heritage practices, cultural values, and the concept of authenticity*. [em linha] *ICOMOS*. p. 3. Acedido a 19-06-2015 em: http://www.japan-icomos.org/pdf/nara20_final_eng.pdf (tradução nossa),

¹⁷⁶Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural (1994): Diversidade cultural e diversidade do Património. Ponto 5. Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p.303-304.

¹⁷⁷ A Carta de Burra foi adotada pela primeira vez em 1979, na cidade histórica mineira do sul da Austrália, Burra. Pequenas revisões foram feitas em 1981 e 1988, em 1999 foram introduzidas mais mudanças. Após uma revisão, esta versão foi adotada pelo ICOMOS da Austrália em outubro de 2013. ICOMOS Australia. (2013). *The Burra Charter: The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance - Article 12. Participation* [em linha]. *ICOMOS Australia*. Acedido a 19-06-2015 em: <http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf> (tradução nossa).

ser culturalmente inadequada¹⁷⁸. Nestes casos, terá que haver respeito pela cultura em questão, e não forçar situações que vão prejudicar os modos de vida e a harmonia dessa comunidade.

Segundo a *Carta Internacional sobre o Turismo Cultural* (1999), *é importante preservar a autenticidade dos conjuntos patrimoniais e a variedade dos seus objetos culturais. É uma condição essencial do seu significado cultural, que se exprime nos materiais, na memória coletiva e nas tradições que nos chegaram do passado. Os programas de ação devem apresentar e interpretar a autenticidade dos conjuntos patrimoniais de modo a favorecer a compreensão e a apreciação deste património cultural*¹⁷⁹.

Para que o público tenha conhecimento da existência e do valor do património que cada nação encerra, é necessário que os povos tenham consciência de que os seus bens culturais podem desaparecer se não forem tomadas medidas para a sua salvaguarda. Daí que a *interpretação* e a *apresentação* do património ao público, seja essencial para que o processo de conservação e gestão do património se desenvolva. Sob esta perspetiva, uma questão se coloca: de entre tantos bens culturais que uma nação possui, como eleger o que preservar, como preservar e como apresentar ao público?¹⁸⁰ A criação da *Carta Internacional para a Interpretação e Apresentação de Sítios de Património Cultural* (2008) vem responder a essas questões. Segundo este documento¹⁸¹, assistiu-se nos últimos anos a uma propagação de ações interpretativas que não obedeciam a nenhuma metodologia e deontologia implementada pelas organizações internacionais de conservação do património, situação essa que originou alguns problemas e abusos. Na tentativa de evitar isso, a *Carta sobre a Interpretação e Apresentação de Sítios Culturais*, veio preencher essa lacuna: definiu conceitos relacionados com a atividade interpretativa, e propôs novos objetivos e princípios em que a interpretação e apresentação deviam ser baseadas.

Não só o conceito de *interpretação* foi reformulado, como foi criado outro: a *apresentação*, cuja complementaridade é evidente com o primeiro, havendo contudo algumas diferenças entre os dois. Se por um lado a interpretação *refere-se ao conjunto de atividades*

¹⁷⁸ ICOMOS Australia. (2013). The Burra Charter: The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance. Article 25. Interpretation. [em linha]. *ICOMOS Australia*. Acedido a 19-06-2015 em: <http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf>

(tradução nossa).

¹⁷⁹ Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (1999) - Princípio 2.4. Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p.337.

¹⁸⁰(...) *a seleção dos bens a preservar, os métodos para essa preservação e a apresentação ao público constituem elementos de interpretação dos sítios culturais*. Carta sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p. 449.

¹⁸¹ Ibidem. p. 449.

*destinadas a aumentar a sensibilização do público e a melhorar a sua compreensão do sítio cultural*¹⁸². Já a apresentação é a comunicação dos conteúdos interpretativos de um sítio cultural através de métodos de comunicação expressamente concebidos para esse efeito e do acesso físico ao bem cultural¹⁸³. No sentido de desfazer dúvidas com relação ao que proteger culturalmente, já que o conceito de património tem vindo a se ampliar ao longo dos tempos¹⁸⁴, abrangendo muitos tipos de património, é de grande importância fazer a definição de sítio cultural conforme se encontra nesta Carta: *lugares, paisagens culturais, conjuntos arquitetónicos, sítios arqueológicos ou outras estruturas edificadas existentes, reconhecidos, ou legalmente protegidos como bens de importância histórica e cultural*¹⁸⁵.

No sentido de haver uma maior compreensão do sítio cultural que se pretende conservar e valorizar, o cumprimento dos sete princípios contidos nesta Carta (e que enunciaremos de seguida) são fundamentais para que o processo de interpretação e apresentação seja bem-sucedido:

1. Acesso e Compreensão: o acesso físico e intelectual ao património deverá ser assegurado, o conhecimento adquirido no decorrer do programa interpretativo deverá acontecer de modo que o público possa reconhecer a importância do sítio cultural e assim ter o desejo de contribuir para a sua proteção e valorização.
2. Fontes de Informação: a informação a ser disponibilizada ao visitante deve seguir métodos de pesquisa científicos cuja credibilidade tenha sido previamente comprovada.
3. Contexto e meio envolvente: na interpretação e apresentação do sítio cultural, a relação que o património estabelece com o meio onde se insere, e com o *contexto social, cultural, histórico, natural* deverá ser uma prioridade.
4. Autenticidade: a interpretação e apresentação do sítio cultural deverão cumprir com os princípios de autenticidade do Documento de Nara (1994). Cada cultura é por si só única e como tal deve ser respeitada pela sua originalidade, e no sentido de conservação e divulgação de um bem cultural, a sua autenticidade deverá ser salvaguardada.

¹⁸²Ibidem. p. 450.

¹⁸³ Carta sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p. 450.

¹⁸⁴ Choay, F. (2014). *A Alegoria do Património*. Coleção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, Lda.

¹⁸⁵ Ibidem. p. 450.

5. Sustentabilidade: o programa de interpretação quando implementado, deverá respeitar o meio cultural e ambiental onde se insere, fomentando a longo prazo a sua *sustentabilidade social, financeira e ambiental*.

6. Inclusão e Participação: a interpretação e apresentação resultam de uma cooperação entre os gestores do património e demais profissionais da área, a comunidade local e todos os interessados no projeto.

7. Investigação, Formação e Avaliação: a interpretação dos sítios culturais é um processo evolutivo de conhecimento que precisa de acompanhamento constante na *investigação, formação e avaliação*¹⁸⁶.

Sabendo da importância dada à Interpretação e Apresentação, pelos governos, autarquias, autoridades turísticas, empresas privadas, organizações internacionais e não-governamentais, como forma de comunicar os valores patrimoniais de uma nação aos visitantes e comunidade residente, e sendo um fator determinante para a conservação e valorização do património natural e cultural de uma nação¹⁸⁷, tornou-se necessário criar o *ICIP - Comité Científico Internacional da ICOMOS sobre Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais (ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites)*¹⁸⁸. Este comité foi aprovado oficialmente pelo ICOMOS em Outubro de 2005, durante o longo processo da criação do texto doutrinal que normalizou a prática da Interpretação e Apresentação do Património: a *Carta sobre a Interpretação e Apresentação de Sítios Culturais*. O interesse demonstrado por este tema, e a necessidade de criar um comité específico que fomentasse a pesquisa e a discussão de assuntos relacionados com a prática interpretativa, levou à criação de um Comité científico que atuasse internacionalmente nesta área.

Assim sendo: *a missão do Comité é promover, em consonância com os objetivos do ICOMOS, formas de discussão e definir as diretrizes básicas e princípios de interpretação local*

¹⁸⁶ Carta sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Portugal: Caleidoscópio, p.452-456.

¹⁸⁷ ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage (s/d). About ICIP: Mission Statement. [em linha] *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30/04/2015 em: http://icip.icomos.org/ENG/about_missionstatement.html

¹⁸⁸ ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage (s/d) [em linha] *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30/04/2015 em: <http://icip.icomos.org/ENG/home.html>

*em relação à autenticidade, integridade intelectual, responsabilidade social e respeito pelo significado cultural e contexto, através da utilização de técnicas e tecnologias apropriadas*¹⁸⁹.

Para cumprir com estas missões, o Comité contempla as seguintes atividades:

- *organização de conferências científicas e colóquios internacionais sobre temas relevantes com os objetivos do comité;*
- *incentivo a novos estudos, mas também a divulgação de informações e a cooperação científica a nível nacional e internacional;*
- *publicação de atas de seminários, monografias e manuais para profissionais do património e para as comunidades*¹⁹⁰.

Com o objetivo de estudar as tecnologias emergentes aplicadas à interpretação, *assim como as técnicas de interpretação e apresentação mais adequadas ao trabalho interpretativo, de forma a enriquecer o programa interpretativo e assim aumentar a sensibilidade do público para o valor do sítio cultural*¹⁹¹, o Comité cria vários grupos de trabalho: o primeiro grupo é responsável pelos *Métodos e Política de Interpretação*. Assim, *a missão deste grupo é apoiar as atividades e missão do ICIP, através da promoção do diálogo internacional e o desenvolvimento de normas, métodos e políticas para a Interpretação e apresentação dos sítios culturais, internacionalmente*¹⁹².

O trabalho deste grupo consiste no *desenvolvimento técnico e profissional de normas*, assim como princípios e definições para a interpretação do património, de acordo com a *Carta Ename do ICOMOS*¹⁹³ para a Interpretação dos sítios culturais e da *Declaração de Charleston de*

¹⁸⁹ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage (s/d). About ICIP: Statutes [em linha] *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30/04/2015 em: http://icip.icomos.org/ENG/about_statutes.html (tradução nossa).

¹⁹⁰ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage (s/d). About ICIP: Statutes [em linha] *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30/04/2015 em: http://icip.icomos.org/ENG/about_statutes.html (tradução nossa).

¹⁹¹ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage (s/d). [em linha]. *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido em 30/04/2015 em: <http://icip.icomos.org/ENG/home.html> (tradução nossa).

¹⁹²ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage (s/d). Working Groups: Interpretation Methods & Policy [em linha]. *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30/04/2015 em: http://icip.icomos.org/ENG/groups_methodspolicy.html (tradução nossa).

¹⁹³ICOMOS Ename Charter for the Interpretation of Cultural Heritage Sites. (s/d). Downloads. [em linha] *ICOMOS Ename Charter for the Interpretation of Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30/04/2015 em: <http://www.enamecharter.org/downloads.html>

*Interpretação do Património*¹⁹⁴, a fim de estabelecer um conjunto de princípios reconhecidos internacionalmente e trabalhar para a adoção de um documento doutrinal sobre interpretação pela Assembleia Geral do ICOMOS¹⁹⁵.

O segundo grupo do referido Comité propõe cumprir a missão de *Interpretação e Conservação*. A conservação do património é indissociável da interpretação e apresentação do mesmo, e são os pilares de qualquer política cultural¹⁹⁶. Conforme referido na Convenção para a Proteção do Património Mundial da Unesco, de 1972, cada estado, tem a *obrigação de assegurar a identificação, proteção, conservação e transmissão às gerações futuras do património cultural e natural (...)*¹⁹⁷. Sendo o património um valor que propicia o desenvolvimento cultural, social e económico de uma região, é importante que a gestão do património seja feita em concordância com os objetivos da conservação e da interpretação, para que os interesses de ambos sejam totalmente cumpridos.

O terceiro grupo do mesmo Comité, *Tecnologias Interpretativas Emergentes*: estuda a relação do uso das *novas tecnologias na interpretação e apresentação de sites*. A sua missão é *apoiar e incentivar o desenvolvimento das novas tecnologias e o estabelecimento de normas para*

¹⁹⁴Charleston Declaration on Heritage Interpretation (2005). [em linha]. Acedido a 20/04/2015 em: http://www.enamecharter.org/downloads/charleston_declaration.doc (tradução nossa).

¹⁹⁵ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage (s/d). Working Groups: Interpretation Methods & Policy [em linha]. ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites. Acedido em 30/04/2015 em: http://icip.icomos.org/ENG/groups_methodspolicy.html (tradução nossa). Por esta altura, a Carta sobre a Interpretação e Apresentação dos Sítios Culturais ainda era um *working in progress*: um rascunho. Neste excerto faz-se referência aos princípios e definições que já haviam sido definidos na Declaração de Charleston, que tinha sido realizada em Maio de 2005. Nesse mesmo ano, em Outubro, foi criado o ICIP, que continuou com os trabalhos referentes à conceção do texto doutrinal da Carta sobre Interpretação. Após várias fases de elaboração, análise e revisão, a Carta foi oficialmente submetida ao ICOMOS, em Julho de 2007, quase cinco anos depois da origem da ideia para a criação de uma carta sobre Interpretação. Posteriormente a 2007, a Carta ainda recebeu mais retificações e só no ano de 2008, em Outubro, é que a Carta sobre Interpretação e Apresentação dos Sítios Culturais foi finalmente concluída. ICOMOS - Comité Scientifique d'ICOMOS sur l'Interprétation et la Présentation des Sites Patrimoniaux (s/d). Chronologie du projet, des critiques et de la revision de la Charte ICOMOS proposee pour l'interpretation et la presentation de sites culturels patrimoniaux. [em linha]. ICIP - ICOMOS - Comité Scientifique d'ICOMOS sur l'Interprétation et la Présentation des Sites Patrimoniaux. Acedido a 30-04-2014 em: http://icip.icomos.org/downloads/CHRONOLOGIE%20de%20la%20Charte_FR.pdf (tradução nossa).

¹⁹⁶ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites (s/d). Working Groups: Interpretation & Conservation [em linha]. ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites. Acedido a 30-04-2015 em: http://icip.icomos.org/ENG/groups_interpretation.html (tradução nossa).

¹⁹⁷Cada um dos Estados Parte na presente Convenção deverá reconhecer que a obrigação de assegurar a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras do património cultural e natural (...) e situado no seu território constitui obrigação primordial. - Convenção Património Mundial, Natural e Cultural (1972) - Capítulo II - Art.º 4. Lopes, F. & Correia, M. B (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p.161.

*o seu uso, nos programas de interpretação e apresentação já implementados por todo o mundo*¹⁹⁸. Este grupo proporciona a realização de conferências dedicadas ao desenvolvimento do bem-fazer nas tecnologias aplicadas ao património, proporcionando assim maior aproveitamento dos recursos existentes.

O grupo seguinte: *A Iniciativa da Carta de Interpretação* foi criada no contexto da elaboração da Carta ICOMOS sobre Interpretação e Apresentação de Sítios Culturais. Este processo da conceção da Carta *foi adotado como atividade oficial do comité logo desde a fundação do ICIP*¹⁹⁹, e após várias fases de revisões do texto da Carta, a versão final foi aprovada na África do Sul, em Outubro de 2007, pelo Comité Executivo do ICOMOS, que recomendou a apresentação e ratificação da mesma na 16ª Assembleia Geral do ICOMOS. Em 2008, no Quebec a carta foi oficialmente ratificada.

O último grupo do mesmo Comité, o das *Melhores Práticas*, tem como missão iniciar e manter a inventariação dos melhores projetos de interpretação já implementados. Estes projetos servem de referência, a posteriores abordagens a diferentes tipos de património, nomeadamente do património móvel e património intangível, onde existe mais dificuldade na Interpretação²⁰⁰.

1.4. Rotas e itinerários culturais

*Toda a viagem de 1000 léguas depende do primeiro passo, porque é o que marca a direção*²⁰¹.

Ditado Chinês

Tem-se assistido, nos últimos tempos, ao desenvolvimento do turismo cultural complementado por um produto turístico muito particular: as rotas e itinerários culturais, que estão a ser implementadas um pouco por todo o mundo²⁰², o que segundo Alfredo Tinoco, citado

¹⁹⁸ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites (s/d). Working Groups: Emerging Interpretative Technologies [em linha]. *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30-04-2015 em: http://icip.icomos.org/ENG/groups_technology.html (tradução nossa).

¹⁹⁹ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites (s/d). Working Groups: The Interpretation Charter Initiative. [em linha]. *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30-04-2015 em: http://icip.icomos.org/ENG/groups_charter.html (tradução nossa).

²⁰⁰ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites (s/d). Working Groups: Best Practices Taskforce [em linha]. *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30-04-2015 em: http://icip.icomos.org/ENG/groups_bestpractices.html (tradução nossa).

²⁰¹ Pereiro Pérez, X. (2009). Turismo Cultural. Uma visão antropológica. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural. p.4. Acedido em 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

²⁰² Tinoco A. (2009). *Turismo e Desenvolvimento Local* - Função Social do Património, in: Neto de Carvalho, C. e Rodrigues, J.C. (Eds.) *Geoturismo & Desenvolvimento Local*, Idanha-a-nova. Citado por:

por Maria Lúcia Ferreira, são *uma das experiências mais interessantes desenvolvidas nas últimas décadas usando a valorização do património local para o desenvolvimento*²⁰³.

Dada a importância que as rotas e itinerários culturais têm no decurso do processo de descoberta de uma cidade, propomos assim, a criação de itinerários culturais na cidade do Porto, relacionados com os *Inglese*s, cuja contribuição a nível artístico, arquitetónico e social, provocou mudança na sociedade.

Para Patrícia Remelgado, da Pporto dos Museus²⁰⁴ as rotas culturais têm vindo a ser objeto de uma crescente procura pelos turistas, como um produto capaz de *potenciar experiências únicas e diversificadas, que permitem usufruir do património nas suas diferentes manifestações: Material, Imaterial e Natural*²⁰⁵.

Segundo a Associação CISTE, citado por Xerardo Pereiro Pérez, definimos rota ou itinerário cultural como: *um circuito marcado por sítios e etapas relacionadas com um tema. Este tema deverá ser representativo de uma identidade regional própria, para favorecer um sentimento de pertença, de reconhecimento ancorado na memória coletiva. O conjunto organizado formado pelos sítios e etapas tem um valor emblemático e simbólico para a população local e, para o conjunto de pessoas externas, denominadas de visitantes. O tema designado pode dar-se a conhecer à volta de diferentes valores culturais: o vínculo histórico, o vínculo etnográfico, o vínculo social, uma corrente artística, uma identidade geográfica, uma identidade arquitetónica, as atividades tradicionais, as atividades artísticas, as produções artísticas*²⁰⁶.

A ideia da criação de Rotas Culturais surgiu do Conselho da Europa em 1964, tendo como principais objetivos: *promover e preservar a identidade europeia na sua unidade e na sua diversidade através da implementação das rotas, propor a criação de redes de partilha de turismo*

Ferreira, M. L. da S. (2011). *As Rotas Culturais - Âncoras da Ludificação, Atractividade e Reconversão dos Espaços Rurais: A Rota do Românico do Vale do Sousa*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, p.37.

²⁰³ Ibidem. p. 37.

²⁰⁴ Pporto dos Museus: uma plataforma informativa sobre Património Cultural e Indústrias Criativas, que fornece informação atualizada com clareza e objetividade a profissionais e ao público em geral acerca das iniciativas, projetos, eventos, formação, financiamentos e oportunidades de emprego nesta área específica. Acedido a 24/01/2015 em: <http://www.pportodosmuseus.pt>

²⁰⁵ Pporto dos Museus. (2012). *Rotas, Percursos, Itinerários Culturais e Trilhos em Portugal*. Acedido a 24/01/2015, em: <http://www.pportodosmuseus.pt>

²⁰⁶ Associação CISTE: www.ciste.org citado por: Pereiro Pérez, X. (2002). Itinerários Turísticos-Culturais: Análise de uma experiência na cidade de Chaves. Bragança: *Actas do III Congresso de Trás-os-Montes*, p.2. Acedido a 15-01-2015 em: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Intinerarios_Turismo_Cultural_Urban_o.pdf.

cultural, e a fruição do património cultural europeu como meio de estimular o desenvolvimento social, económico e cultural, e assim melhorar a qualidade de vida da população local²⁰⁷. A ideia, no entanto, só se concretizou em 1980 com a criação dos Caminhos de Santiago de Compostela²⁰⁸ implementados só mais tarde em 1987.

O Conselho da Europa definiu a rota turístico-cultural como: *a route crossing one or two countries or regions, organised around themes whose historical, artistic or social interest is patently European (...) the route must be based on a number of highlights, with places particularly rich in historical associations*²⁰⁹. A rota tem que percorrer dois ou mais países ou regiões, tem que ser organizada segundo temas cujo interesse histórico, artístico ou social seja patentemente europeu (...) e deve ter pontos de destaque com lugares especialmente ricos em associações históricas.

O programa *Rotas Culturais do Conselho da Europa* foi lançado pelo Conselho da Europa em 1987, com a Declaração de Santiago de Compostela, sendo os Caminhos de Santiago²¹⁰, a primeira rota desta organização internacional a ser implementada, existindo atualmente 29 rotas certificadas que percorrem toda a Europa e têm vários temas. Esta organização foi criada com o objetivo *de demonstrar através de uma viagem no espaço e no tempo, como o património dos diferentes países e culturas da Europa se desenvolve através das fronteiras*²¹¹, cumprindo com os princípios fundamentais que esta organização advoga: *a defesa dos direitos humanos, da*

²⁰⁷Briedenhann, J. & Wickens, E. (2004). *Tourism routes as tool for the economic development of rural areas – vibrant hope or impossible dream?* Buckinghamshire Chilterns University College Tourism Management, 25, United Kingdom, p.72. (Tradução nossa). Acedido a 01-02-2015 em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517703000633>

²⁰⁸Briedenhann, Jenny, & Wickens, Eugenia (2004). *Tourism routes as tool for the economic development of rural areas - vibrant hope or impossible dream?* Buckinghamshire Chilterns University College Tourism Management, 25, United Kingdom, pp.71-79. Acedido a 01-02-2015 em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517703000633>. Citado pelas autoras: Maia, S.V., Martins, U.M.O & Baptista, M.M.T. (2013). Turismo cultural no contexto urbano: rotas museológicas - Os casos de Aveiro e Ílhavo RBTUR (Portugal). Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, 7(2), p. 194. Acedido a 25-03-2015, em DOI: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v7i2.632>, p.196.

²⁰⁹Briedenhann, J. & Wickens, E. (2004). *Tourism routes as tool for the economic development of rural areas - vibrant hope or impossible dream?* Buckinghamshire Chilterns University College Tourism Management, 25, United Kingdom, p.72. Acedido a 01-02-2015 em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517703000633>.

²¹⁰ UNESCO: World heritage convention (2015). UNESCO: World heritage list. Route of Santiago de Compostela. [em linha] UNESCO: World heritage convention. Acedido em 11-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/669> (tradução nossa).

²¹¹ Direção Geral do Património Cultural (s/d). Participação da DGPC em Organizações Internacionais. [em linha] Direção Geral do Património Cultural. Acedido a 15-02-2015 em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/participacao-da-dgpc-em-organizacoes-internacionais/>

*democracia, da diversidade cultural e da identidade, do diálogo entre nações, do intercâmbio e enriquecimento através de fronteiras e séculos*²¹².

Em 1998, com base num acordo político firmado entre o Conselho da Europa e o Grão-Ducado do Luxemburgo, é criado o Instituto Europeu dos Itinerários Culturais, tendo como responsabilidades gerais *a continuidade e o desenvolvimento dos itinerários culturais do Conselho da Europa*²¹³. Especificamente as suas funções incluem *o acompanhamento de rotas já eleitas, coordenação e redes de assistência técnica, especialmente no seu desenvolvimento na Europa Central e Oriental, a educação das novas propostas de rotas, assim como a divulgação e a criação de uma base de dados que será a memória do programa de Rotas culturais*²¹⁴. Este serviço público europeu também é um órgão técnico, com funções específicas na área cultural, procura cumprir com a política implementada pelo Conselho da Europa: *a defesa da identidade europeia, o multiculturalismo, a proteção das minorias, o diálogo inter-religioso, a segurança democrática e a prevenção de conflitos*²¹⁵.

Dado que as rotas a implementar pelo Instituto Europeu dos Itinerários Culturais, devem ser centradas num tema a fim de se qualificarem para o Programa dos Itinerários culturais, a escolha desse tema deve ser efetuada segundo os seguintes critérios²¹⁶:

- *Ser representativo dos valores europeus e ser comum a vários países da Europa;*
- *Obedecer a uma pesquisa científica realizada por especialistas multidisciplinares de várias regiões da Europa de modo a garantir que as atividades e projetos sejam consensuais;*

²¹²Council of Europe (s/d). Enlarged Partial Agreement on Cultural Routes. [em linha] *Council of Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/default_en.asp (tradução nossa).

²¹³ Institut Europeen des Itinéraires culturels (s/d). Qui sommes-nous? [em linha] *Institut Europeen des Itinéraires culturels*. Acedido a 02-01-2015 em: http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?lng=fr&dest=bd_pa_det&unv=qs (tradução nossa).

²¹⁴ Institut Europeen des Itinéraires culturels (s/d). Qui sommes-nous? [em linha] *Institut Europeen des Itinéraires culturels*. Acedido a 02-01-2015 em: http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?lng=fr&dest=bd_pa_det&unv=qs (tradução nossa).

²¹⁵ Council of Europe (s/d) Enlarged Partial Agreement on Cultural Routes. [em linha] *Council of Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/default_en.asp (tradução nossa).

²¹⁶ Council of Europe (2007). Resolution CM/Res (2007)12 on the cultural routes of the Council of Europe. [em linha] *Council of Europe*. Acedido a 01-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2007\)12&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorIntranet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2007)12&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorIntranet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383) (tradução nossa).

- *Ser ilustrativo da memória europeia, da sua história e do seu património, e assim contribuir para a interpretação da diversidade da atual Europa;*
- *Possibilitar intercâmbios culturais e educacionais entre os jovens dos Estados membros e portanto, estar em consonância com as ideias e preocupações nestas áreas do Concelho da Europa;*
- *Permitir o desenvolvimento de iniciativas e projetos exemplares e inovadores na área do turismo cultural e desenvolvimento sustentável;*
- *Proporcionar o desenvolvimento de produtos para turistas, em parceria com as agências de turismo e operadores destinados a diferentes públicos, incluindo grupos escolares;*
- *Permitir a execução da cooperação multilateral de projetos a longo prazo em diferentes campos de ação, através da criação de redes multidisciplinares localizadas em vários Estados membros do Concelho da Europa*²¹⁷.

A certificação das rotas culturais do Conselho da Europa pode ser concedida a projetos que tratam de um tema ou subtemas que têm que estar em conformidade com os critérios de elegibilidade enumerados anteriormente, assim como devem cumprir com os critérios inseridos em domínios de ação prioritários, que são:

- *Cooperação em pesquisa e desenvolvimento;*
- *Melhoria da memória, história e do património Europeu;*
- *Intercâmbios culturais e educacionais para os jovens europeus;*
- *Prática cultural e artística contemporânea;*
- *Turismo cultural e desenvolvimento cultural sustentável*²¹⁸.

²¹⁷ Council of Europe (2007). List of eligibility criteria for themes. *Resolution CM/Res (2007)12* on the cultural routes of the Council of Europe. [em linha] *Council of Europe*. Acedido a 01-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2007\)12&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2007)12&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383) (tradução nossa).

²¹⁸ Conseil de l'Europe (2013). Liste des priorités d'action: *Résolution CM/Res(2013)67*: révisant les règles d'octroi de la mention «Itinéraire culturel du Conseil de l'Europe». [em linha] *Conseil de l'Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2013\)67&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2013)67&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383) (tradução nossa).

Os projetos devem formar redes multidisciplinares localizadas em diferentes Estados membros do Conselho da Europa, promovendo a cooperação e a troca de experiências entre eles, de acordo com alguns critérios exigidos.

*A certificação como Rota cultural do Conselho da Europa é concedida pelo Conselho de Administração do APA (Acordo Parcial Alargado) em consulta com o comité intergovernamental relevante. O aconselhamento pode ser requerido, se necessário, a outras comissões ou órgãos do Conselho da Europa. Caso o parecer seja negativo, por parte do comité responsável pela atribuição da certificação da rota, a última palavra será do Comité de Ministros que deverá entrar em acordo com este último, na atribuição da certificação²¹⁹. Obtendo um parecer positivo, o projeto receberá a menção de: *Rota Cultural do Conselho da Europa*, o que dá à mesma, uma grande credibilidade.*

Existem atualmente 29 rotas culturais já certificadas pelo Conselho da Europa que se podem subdividir de acordo com os seguintes temas-chave: Povos Europeus, Migrações, Grandes correntes de civilização, Caminhos de Peregrinação Religiosa, Personagens europeias, Património industrial²²⁰, entre outros de que destacamos:

Personagens Europeias:

- 1 - S. Martinho de Tours, personagem europeia, símbolo de partilha (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa: 2005)
- 2 - As maneiras de Mozart (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)
- 3 - A rota de Schickhardt (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)
- 4 - A rota de D. Quixote (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2007)

²¹⁹A Resolução CM/Res(2010)52 de 08/12/2010, define as regras de concessão da Certificação: *Rota Cultural do Conselho da Europa*. Em 2013, este documento é anulado e substituído pela Resolução CM/Res(2013)67, de 18/12/2013. Council of Europe (2010). Resolution CM/Res(2010)52 on the rules for the award of the “Cultural Route of the Council of Europe” certification. [em linha] *Council of Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2010\)52&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2010)52&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383) (tradução nossa); Conseil de l'Europe (2013). Résolution CM/Res(2013)67 révisant les règles d'octroi de la mention « Itinéraire culturel du Conseil de l'Europe » [em linha] *Conseil de l'Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2013\)67&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2013)67&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383) (tradução nossa).

²²⁰Instituto Europeu dos Itinerários Culturais: Atlas de Rotas culturais - Lista de temas eleitos - Acedido a 19-04-2015 em: http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?lng=fr&dest=bd_no_det&id=00000025

Rotas marítimas, comerciais e artísticas:

- 5 - A Rota dos Fenícios (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2007)
- 6 - A Via Carolingia (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2007)
- 7 - Transromanica - Rotas Românicas do Património Europeu (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2007)
- 8 - A Via Regia (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2006)

Os caminhos da Peregrinação:

- 9 - Os Caminhos de Santiago (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)
- 10 - A Via Francigena (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)
- 11 - Os Caminhos de S. Miguel (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2007)
- 12 - As Rotas de S. Olavo (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2010)

A Influência Monástica:

- 13 - A Rede de Sítios Cluniacenses (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2006)
- 14 - A Rota Europeia de Abadias Cistercienses (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2010)

Povos Europeus:

- 15 - Vikings e Normandos, património europeu (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)
- 16 - Sítios, Rotas e Monumentos Hanseáticos (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)

Património Industrial na Europa

- 17 - A Rota do Ferro nos Pirenéus (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)
- 18 - A Rota do Ferro na Europa central (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2007)

OUTROS:

- 19 - Parques e Jardins, a paisagem (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)
- 20 - Arquiteturas militares fortificadas na Europa: a Rota Wenzel (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004) e a Rota Vauban (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)

- 21 - O Património de Al-Andalus (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)
- 22 - A Rota da língua castelhana e a sua expansão no Mediterrâneo: as Rotas Sefarditas (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2004)
- 23 - Rotas Europeias do Património Judaico (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2005)
- 24 - Rotas europeias do Património das Migrações (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2007)
- 25 - As Rotas da Oliveira (Grande Rota Cultural do Conselho da Europa - 2006)
- 26 - Iter Vitis - Os Caminhos da Videira na Europa (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2008)
- 27 - Caminhos da Arte Rupestre Pré-Histórica (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2010)
- 28 - Rota Europeia dos Cemitérios (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2010)
- 29 - Rota Europeia do Património e cidades termais (Rota Cultural do Conselho da Europa - 2010).

Para além das rotas do Conselho da Europa, podemos mencionar as rotas turísticas de Espanha, do portal oficial de Turismo de Espanha, que se apresentam como: Rotas Urbanas, Rotas Culturais, Rotas Naturais, Rotas Temáticas e Rotas entre aldeias²²¹. Também o Turismo da Alemanha disponibiliza oito rotas que englobam o património listado pela UNESCO, neste país²²². A organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) reconhece também várias rotas na sua vasta lista de património mundial, destacamos então: *os Caminhos de Santiago de Compostela*²²³, *Caminhos de Santiago de Compostela em França*²²⁴,

²²¹TurEspana. (2015). Rotas. [em linha] *TurEspana*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://www.spain.info/pt/que-quieres/rutas/> (tradução nossa).

²²²Germany.travel (s/d). Oito roteiros para conhecer o património mundial da UNESCO na Alemanha. [em linha] *Germany.travel*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://www.germany.travel/pt/cidades-e-cultura/patrimonio-mundial-da-unesco/roteiros-unesco/roteiros-unesco.html>

²²³ UNESCO: World heritage convention (2015). Routes of Santiago de Compostela: Camino Francés and Routes of Northern Spain. [em linha] *UNESCO: World Heritage Convention* Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/669>

²²⁴ UNESCO: World heritage convention (2015). Routes in Santiago de Compostela in France. [em linha] *UNESCO: World Heritage Convention*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/868>

*Qhapaq Ñan: A grande rota dos Andes*²²⁵, *Rota da Prata: caminho real ao interior da terra*²²⁶, *Rotas da Seda: rede de rotas do corredor de Chang'an-Tianshan*²²⁷, só para referir algumas rotas.

Em 2010, o comité do Conselho da Europa adota a Resolução CM/Res(2010)53²²⁸ que estabelece um Acordo Parcial de Alargamento das Rotas Culturais, com o objetivo de facilitar a cooperação entre os países interessados em integrar o Programa de Rotas Culturais. Este acordo possibilita que mais países sejam integrados no Programa e assim ajudar no desenvolvimento e promoção das rotas, contribuindo desta forma para a construção de uma identidade europeia comum mais rica.

Ainda no mesmo documento, encontramos uma definição atualizada do conceito de rota: *um projeto de cooperação cultural, educacional, patrimonial e turístico, visando o desenvolvimento e promoção de um itinerário ou uma série de itinerários com base numa rota histórica, um conceito cultural, figura ou fenómeno com importância e significado transnacional para a compreensão e respeito dos valores europeus comuns*²²⁹.

No âmbito do organismo internacional ICOMOS, a Carta dos Itinerários Culturais de 2008 é um documento de referência para o nosso estudo, pois veio *estabelecer as bases conceptuais e as metodologias de investigação*²³⁰ relativas à identificação dos itinerários culturais. Os itinerários culturais, tal como reconhecido pelo ICOMOS, inserem-se numa nova categoria de património cultural mais alargada que inclui, não só os bens patrimoniais contidos nessa via, mas também o seu meio envolvente e os fenómenos históricos, sociais e culturais que a ela estão

²²⁵ UNESCO: World Heritage Convention (2015). Qhapaq Ñan, Andean Road System. [em linha] *UNESCO: World Heritage Convention*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/1459>

²²⁶ UNESCO: World Heritage Convention (2015). Camino Real de Tierra Adentro. [em linha] *UNESCO: World Heritage Convention*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/1351>

²²⁷ UNESCO: World Heritage Convention (2015). Silk Roads: the Routes Network of Chang'an-Tianshan Corridor. [em linha] *UNESCO: World Heritage Center* Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/1442>

²²⁸ Conseil de l'Europe (2010). Résolution CM/Res(2010)53 instituant un Accord partiel élargi sur les Itinéraires culturels instituant un Accord partiel élargi sur les Itinéraires culturels. [em linha] *Conseil de l'Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2010\)53&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2010)53&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383)

²²⁹ Conseil de l'Europe (2010). Résolution CM/Res(2010)53 instituant un Accord partiel élargi sur les Itinéraires culturels instituant un Accord partiel élargi sur les Itinéraires culturels. [em linha] *Conseil de l'Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2010\)53&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2010)53&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383) (tradução nossa).

²³⁰ Objetivos da Carta: Alínea a): Carta sobre os Itinerários Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B.; (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p. 459.

subjacentes. Como tal, para esta nova categoria patrimonial propõe-se que sejam garantidas novas abordagens para a sua conservação, na medida em que os itinerários não estão limitados só a um espaço mas a uma grande extensão de território que abrange muita das vezes dois ou mais países²³¹.

Segundo este documento, um itinerário cultural é *uma via de comunicação terrestre, aquática, mista ou de outro tipo, materialmente determinada, com uma dinâmica e funções históricas próprias ao serviço de um objeto concreto e determinado que reúne as seguintes condições:*

- a) *Constituir o testemunho de movimentos interativos de pessoas e intercâmbios multidimensionais contínuos e recíprocos de mercadorias, de ideias, de conhecimentos e de valores em períodos significativos entre povos, países, regiões ou continentes ao longo de consideráveis períodos de tempo;*
- b) *Ter contribuído para uma fecundação mútua das culturas envolvidas, no espaço e no tempo, a qual se manifesta tanto no património tangível como no intangível;*
- c) *Ter integrado, num sistema dinâmico, os laços históricos e culturais associados à sua existência*²³².

Assim, o itinerário cultural, é uma via de comunicação e de transporte sem uma base material definida, *abstrata*, percorrida pelo homem, numa determinada altura e lugar. Este caminho, resultado de um longo processo evolutivo que dura vários séculos, agrega vários elementos do itinerário: o património tangível e intangível que se manifesta ao longo do percurso²³³. Estes testemunhos do passado, são o resultado da interação de ideias, conhecimentos e valores desenvolvidos entre as diversas culturas que por aqui passaram, o que significa que o itinerário é um processo dinâmico e evolutivo²³⁴.

Distingamos então os dois conceitos de Rotas ou itinerários culturais, defendidos pelo Instituto Europeu dos Itinerários Culturais, do Concelho da Europa e o Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do ICOMOS²³⁵.

²³¹ Preâmbulo: Carta sobre os Itinerários Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B., (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p. 457.

²³² Preâmbulo: Carta sobre os Itinerários Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B.; (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p. 459.

²³³ Ibidem. p. 459.

²³⁴ Ibidem. p. 459-462.

²³⁵ Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do ICOMOS (s/d). [em linha] *Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do ICOMOS*. Acedido a 27/04/2015 em: <http://www.icomos-ciic.org/>

No primeiro caso, a rota cultural, impõe-se como um produto turístico, com os objetivos de promover os valores da identidade europeia, a cooperação entre os povos, e o desenvolvimento do turismo sustentável. Munindo-se do património existente no espaço europeu, que represente esses valores, um itinerário é desenvolvido com base em critérios históricos, sociais e humanos. Neste caso, o roteiro cultural perfila-se como um meio para atingir um fim, o que nos faz pensar que a criação de um roteiro seja *un produto comercial prefabricado y virtual*²³⁶ que se pretende vender com vista a obter retorno financeiro.

Por outro lado, na definição do ICOMOS, um *itinerário cultural é definido como uma via de comunicação (...) determinada materialmente (...) e ser o resultado e o reflexo de movimentos interativos entre pessoas (...) e intercâmbios (...) de mercadorias, de ideias, de conhecimentos e de valores (...)*²³⁷. Com base nesta definição, o ICOMOS refere que a criação de rotas deve ter uma base física e histórica que a complemente, sendo absolutamente contra a criação daquelas que não possuam estas características²³⁸.

*Deve prestar-se uma especial atenção para evitar a confusão conceptual entre as rotas turísticas, mesmo as que apresentam interesse cultural, e os itinerários culturais*²³⁹.

Podemos distinguir portanto, dois tipos de itinerários que diferem um pouco do objetivo com que são criados. Segundo Ana Elias Pinheiro, os itinerários culturais propriamente ditos (...) são *aqueles que aproveitam uma via preexistente e fazem dela o seu tema, e os percursos a que poderemos chamar Itinerários Turísticos de Interesse Cultural, rotas temáticas (históricas, literárias, arqueológicas ou outras), que usam um recurso cultural como tema aglutinador e constroem uma via pela qual o (...) turista poderá percorrer uma história ou a cultura de um local*²⁴⁰. Enquanto que os primeiros partem da via de comunicação abstrata preexistente nesse território e reconstróem caminhos, *apoiando-se em critérios históricos*, os segundos partem dos

²³⁶ Campesino (2006), citado por Ramírez (2011), citado por Ferreira, M. L. da S. (2011). *As Rotas Culturais - Âncoras da Ludificação, Atractividade e Reconversão dos Espaços Rurais: A Rota do Românico do Vale do Sousa*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 43.

²³⁷ Carta sobre os Itinerários Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p. 459.

²³⁸ *Tem sido uma preocupação do ICOMOS alertar para que esta definição de Itinerário Cultural deveria ter sido respeitada na constituição dos mesmos, impedindo a proliferação de rotas sem esta base física e histórica* - Pinheiro, A. E. (2006). Itinerários culturais: viajando pela história. *Comunicação apresentada no Colóquio Internacional: Turismo, Património e Desenvolvimento*. Universidade Católica. Viseu. pp. 218-219. Acedido a 23-04-2015 em:

http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/mathesis/Mat16/Mathesis16_217.pdf

²³⁹ Carta Sobre os Itinerários Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p. 466.

²⁴⁰ Pinheiro, A. E. (2006). Itinerários culturais: viajando pela história. *Comunicação apresentada no Colóquio Internacional: Turismo, Património e Desenvolvimento*. Universidade Católica. Viseu. p. 218. Acedido a 23-04-2015 em: http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/mathesis/Mat16/Mathesis16_217.pdf

recursos culturais representativos de um tema importante para a comunidade e constroem um percurso à volta desses mesmos recursos.

O percurso que pretendemos desenvolver nesta investigação, insere-se sem dúvida no segundo tipo de itinerários, já que a partir de factos históricos, personalidades, objetos e locais relacionados com a permanência da comunidade britânica na cidade do Porto, *construiremos* percursos culturais, de real importância para a comunidade residente na cidade, britânicos radicados no Porto, turistas de nacionalidade britânica que visitam o Porto, o nosso principal público-alvo, e o público em geral.

Na categoria de itinerários que se constroem a partir de vias que existiram no passado, podemos destacar as *Vias do Império Romano* (entretanto extinguidas) que surgem como símbolos do poder de um povo que deixa a sua marca no território conquistado, noutros casos, os itinerários são o *resultado de longos processos evolutivos encetados coletivamente pela mão humana e com um objetivo em comum: os Caminhos de Santiago*²⁴¹, um antigo caminho de peregrinação que existiu no passado, se conserva nos nossos dias e ainda hoje é percorrido por milhares de pessoas²⁴².

1.4.1. O caso português

Estas considerações diziam respeito à generalidade de itinerários a uma escala europeia, detenhamo-nos agora no caso português.

De acordo com o Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT) de 2007, assim como dos anos seguintes²⁴³, podemos destacar dois produtos que potenciam o desenvolvimento do

²⁴¹ Preâmbulo - Carta sobre os Itinerários Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio, p. 458.

²⁴² Cf. Pinheiro, A. E. (2006). Itinerários culturais: viajando pela história - *Comunicação apresentada no Colóquio Internacional: Turismo, Património e Desenvolvimento*. Universidade Católica, Viseu. p.218; Preâmbulo: Carta sobre os Itinerários Culturais (2008) - Lopes, F. & Correia, M. B. (2014) *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio. p.458; Na Idade Média, as vias de peregrinação a Santiago de Compostela, Roma e Jerusalém, não eram percorridas tantas vezes como pensávamos. Conforme referido por Nuno Resende: *o homem medieval não se lançava em jornadas que implicavam a rutura com os laços familiares ou com a segurança da sua casa ou comunidade*. Viajar, além de ser perigoso nesse tempo, era muito dispendioso e o homem medieval comum não possuía recursos financeiros para se lançar numa aventura desta envergadura. Quem se aventurava a transpor os limites da aldeia e da paróquia *eram os ricos e poderosos ou os que faziam da viagem um modo de subsistência, como os mercadores, bufarinheiros ou feirantes*. Resende, N. (2014). Ponte do Arco: Marco de Canavezes. In L. M. C. Rosas (coord. cient.) & R. C. Machado (coord. geral) (Eds.) *Rota do Românico* (vol.1, p. 243-256). [s.l.] Rota do Românico. p. 245-246. Acedido a 10-05-2015 em: http://www.rotadoromânico.com/Galeria/Publica%C3%A7%C3%B5es/Monografia/RR_Monografia_VO_LI_WEB.pdf

²⁴³ Plano Estratégico Nacional do Turismo - Para o desenvolvimento do turismo em Portugal. (2007) Turismo de Portugal, Ip: Lisboa. p. 6, 79. Acedido a 19/04/2015 em:

turismo na região norte, mais concretamente no centro urbano: o turismo urbano (City Break) e o turismo histórico-cultural (Touring)²⁴⁴. O turismo urbano (City Break) é um produto compreendido por uma estadia de curta duração, com visitas aos locais mais emblemáticos de uma cidade: centro histórico, museus e monumentos, arquitetura contemporânea, espaços comerciais, animação e eventos ²⁴⁵.

Já o turismo histórico-cultural ou Touring, é um produto com uma duração prolongada, mais direcionado para a descoberta da cidade através da realização de *tours*, rotas ou circuitos que tanto podem *ser genéricos (conteúdo abrangente e diverso) como temáticos (focalizadas num determinado tema), podendo ser realizadas em grupo ou individualmente*²⁴⁶.

Como estratégias para o desenvolvimento e consolidação (a longo prazo) destes produtos turísticos, no que ao Turismo Urbano (City Break) diz respeito, *deve-se apostar na dinamização das estadias de curta duração em cidade, integrando recursos culturais, propostas de itinerários e oferta de experiências, incluindo eventos, que promovem a atratividade das cidades e zonas envolventes*. Já com relação ao Turismo Histórico-Cultural: *deve-se reforçar os circuitos turísticos, segmentando-os para a vertente generalista e temática e individualizar o turismo religioso, formatando itinerários que valorizem e integrem o património histórico, cultural, religioso e paisagístico, e incentivar a oferta de experiências que qualifiquem e diferenciem o produto*²⁴⁷.

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202007.pdf>

²⁴⁴A denominação deste produto turístico sofreu algumas modificações ao longo dos anos. Segundo o PENT de 2007 é conhecido como Turismo Cultural e Paisagístico, no PENT de 2008 é designado por Turismo Cultural e Religioso e com o Plano de Ação para o Desenvolvimento Turístico a Norte de Portugal de 2008, é denominado como Turismo Histórico-cultural. Agenda Regional de Turismo - Plano de Ação para o Desenvolvimento Turístico a Norte de Portugal. (2008). Pacto Regional para a Competitividade da Região do Norte de Portugal (coord.geral). Portugal: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N), Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional. p. 21, 25. Acedido a 17/04/2015 em: <http://www.ccdr-n.pt/node/247>

²⁴⁵10 Produtos Estratégicos para o desenvolvimento do Turismo em Portugal - City Breaks. (2006) Turismo de Portugal, ip., p. 9, 28 Acedido a 18/04/2015 em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/City%20Break%202006.pdf>

²⁴⁶10 Produtos Estratégicos para o desenvolvimento do Turismo em Portugal - Touring Cultural e Paisagístico. (2006) Turismo de Portugal, ip., p. 9. Acedido a 16/01/2015 em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/Touring%20Cultural%20e%20Paisag%C3%ADstico.pdf>

²⁴⁷Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) - Revisão do plano de desenvolvimento do turismo no horizonte de 2015. (2012) Lisboa: Turismo de Portugal, ip., p.10-11. Acedido a 16/04/2015 em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202012.pdf>

Sob esta perspetiva, será necessário fazer referência dos itinerários implementados em espaço urbano em vários pontos do país. Dado que este projeto se centra no espaço urbano do Porto, cujo centro histórico foi declarado Património da Humanidade em 1996, tem toda a lógica começarmos por esta cidade.

A Câmara Municipal do Porto e demais empresas turísticas privadas, implementam nesta cidade, vários itinerários. Salientamos, portanto, da responsabilidade do Departamento Municipal de Turismo da Câmara Municipal do Porto: o *percurso Medieval*, o *percurso Barroco* e o *percurso Neoclássico*. O *percurso do Azulejo* complementa estes percursos, dado que o azulejo foi utilizado como elemento de decoração e revestimento de muitos edifícios existentes na cidade, daí a sua importância²⁴⁸. Promovidos pelo Departamento de Turismo da cidade, os *Percursos pela Arquitetura do Porto - dos Aliados à Trindade*²⁴⁹, que compreende uma vista por vários edifícios da cidade, representativos de várias épocas e estilos arquitetónicos, que sendo diversos entre si, se complementam e dão à cidade a autenticidade que lhe é característica. Estes percursos conjugam-se com outros existentes no portal oficial do Turismo do Porto: o *Visitporto*, que além destes itinerários sugere outros: *Rota urbana do Vinho*²⁵⁰; *Percurso centro histórico - Sé, Clérigos, Ribeira*²⁵¹; *New York Times sugere*; *O Porto em 2 dias*; *Tascos do Porto - Tascos de Outrora*; *Tascos do Porto - Tascos Gourmet* e muitos outros.

Não podíamos deixar de fazer referência também, aos *Percursos Culturais* pela cidade, uma iniciativa da responsabilidade da Câmara do Porto, mais propriamente da Divisão Municipal

²⁴⁸*Porto percursos - Medieval, Barroco, Neoclássico, Azulejo*. Oportunity to discover. (2011). Gabinete de Turismo da Câmara Municipal do Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto/Departamento Municipal de Turismo (edi.). Estes percursos também podem ser acedidos no sítio do Turismo de Portugal Visit Porto. VisitPorto (s/d). Porto Medieval. [em linha] VisitPorto. Acedido a 25-04-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Porto%20Medieval>
VisitPorto (s/d). Porto Barroco. [em linha] VisitPorto. Acedido a 25-04-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Porto%20Barroco>
VisitPorto (s/d) Porto Neoclássico. [em linha] VisitPorto. Acedido a 25-04-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Porto%20Neocl%C3%A1ssico>

VisitPorto (s/d). Porto Azulejos. [em linha] VisitPorto. Acedido a 25-04-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Porto%20Azulejos>

²⁴⁹*Percursos pela Arquitetura do Porto: dos Aliados à Trindade*. oportunity to discover. (2013). Câmara Municipal do Porto/Departamento de Turismo e CITA : Centro de Investigação em Território, Arquitetura e Design das Universidades Lusíada/ Arqº Rui Sousa (conteúdos). Porto: Câmara Municipal do Porto/Departamento Municipal de Turismo (edi.).

²⁵⁰VisitPorto (s/d) Rota urbana do vinho. [em linha] VisitPorto. Acedido a 25-04-2014 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Rota%20Urbana%20Vinho>

²⁵¹VisitPorto (s/d). Percurso centro histórico. [em linha] VisitPorto. Acedido a 25-04-2014 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Percorso%20pelo%20Centro%20Hist%C3%B3rico%20-%20S%C3%A9,%20Cl%C3%A9rigos,%20Ribeira>

de Museus e Património Cultural, que está a conquistar os visitantes e moradores da cidade, pela originalidade de temas que apresenta nos seus percursos, assim como pela base histórica com que os mesmos são elaborados. Os seus temas: os *Caminhos para Santiago no Porto*; *Porto Desaparecido*; *O Porto de Júlio Dinis*; *Brasileiros de Torna- Viagem*; *Pensamento em Expansão: Ramalho Ortigão*, *Marcas do Vinho no Porto* e *Gastronomia Típica do Porto*²⁵², dão-nos a conhecer personagens, lugares e acontecimentos que contribuíram para firmar a construção da identidade portuense, ao longo dos tempos.

As empresas privadas na área de turismo e reconhecidas pelo Turismo do Porto, *podem incorporar* nos seus itinerários turístico-culturais, *outros meios de locomoção* para conhecer a cidade, destacamos: *o autocarro (sightseeing tour)*, *a bicicleta*, *a segway* e *os veículos eléctricos Tuk-tuks*²⁵³, fornecendo assim, mais diversidade e liberdade na descoberta ²⁵⁴.

A Gbliss²⁵⁵ é uma empresa portuense que divulga o seu património nas suas diversas vertentes. Os seus serviços consistem em trabalhos de tradução e interpretação; consultoria operacional na área de turismo; CityTours e corporate services dirigidos a turistas que vêm ao Porto em negócios e que desejam ficar a conhecer mais um pouco da cidade. Interessa-nos referir as City Tours, que como o próprio nome indica, são percursos pela cidade que tanto podem ser diários como especiais. Inseridos nos passeios diários, destacamos o *Tour & Wine*: passeio pelo Centro Histórico do Porto seguido de uma degustação de vinhos e petiscos; o *Cheer Tour*: visita gastronómica pela cidade e por locais históricos; *Made in Portugal*: circuito pelos locais históricos e comerciais da cidade e o *Tour on Demand*: percursos personalizados pelo património gastronómico da cidade e com direito a guia.

Com relação aos percursos especiais, *o Porto Reaparecido: mistério de um Porto Inesquecível* é um conjunto de visitas temáticas pelo Porto: o *Porto de Camilo*; *O Porto dos Poetas*; *Percursos de autor*; *A história dos Judeus no Porto*; *Os cafés e a boémia do Porto*. Já os *Percursos Históricos: Descobre o Porto*, são visitas históricas pela cidade, destinadas às crianças das escolas, estando disponíveis quatro percursos: *Descobrir o Centro Histórico*: Ribeira e a Casa do Infante; *Descobrir o Douro*: monumentos emblemáticos da cidade e o cruzeiro pelas 6 pontes;

²⁵² Agenda InfoPorto (2015). [em linha] *Agenda InfoPorto*. Acedido a 10-05-2015 em: http://www.infoporto.pt/pt/agenda-eventos-porto/action~stream/page_offset~1/time_limit~1435674599/tag_ids~79/request_format~html/

²⁵³ TukTour porto (s/d). [em linha] *TukTour Porto*. Acedido a 13-05-2015 em: <http://www.tuktourporto.com/>

²⁵⁴ VisitPorto (s/d). Descobrir. Lista de Percursos. [em linha] *VisitPorto*. Acedido em 11-05-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Descobrir/ListaCircuitos.aspx?Page=3>

²⁵⁵ Gbliss (s/d) [em linha] *Gbliss*. Acedido a 13-05-2015 em: http://www.gbliss.pt/home-pt#!_home-pt

Descobrir a Ribeira: monumentos representativos do Porto e Ribeira; *Descobrir Os Transportes no Douro*: viagem de elétrico pela cidade até ao Museu Dos Transportes e Comunicações.

Os *Percursos de Autor* são outra opção de visita, no entanto, sem informações concretas no sítio da empresa. Para finalizar, temos o *Made in Portugal Shopping Tour*: que destina-se a *apresentar, promover e vender produtos nacionais e/ou locais/regionais*, consiste num percurso a pé pelo centro histórico do Porto, com passagem por lojas que vendem produtos feitos em Portugal²⁵⁶.

A cidade de Guimarães, através da sua Câmara Municipal, promove várias rotas temáticas à escala urbana, que nos dão a conhecer melhor o património existente nesta cidade, são elas: a *Rota do Centro Histórico*; *Rota das Igrejas do Centro urbano*; *Rota da Zona de Couros*²⁵⁷.

Referimos também, neste município, um itinerário idealizado no contexto de uma tese de mestrado (entretanto já implementado a título associativo) sob o tema: *Casas Brasonadas de Guimarães: Um itinerário turístico-cultural*²⁵⁸. Esta rota compreende dois itinerários principais: *Itinerário do Centro Histórico de Guimarães* e o *Itinerário dos Arrabaldes*, que percorre várias casas brasonadas pelo muralhado centro histórico de Guimarães e seus arrabaldes. Para complementar estes, criam-se mais cinco Itinerários temáticos de menor dimensão: *Casas Brasonadas numa Rua de Elite*; *Uma casa, uma peça*; *Uma casa, uma instituição*; *Uma casa, um jardim*; *Três casas, um arcebispo*²⁵⁹.

Considerada como uma cidade rica em património de cariz religioso, o município de Braga implementa itinerários temáticos pela cidade, oferecendo aos seus visitantes e comunidade residente, uma viagem através do seu património pela época *Medieval*²⁶⁰, *Barroca*²⁶¹ e *Romana*²⁶².

No distrito de Aveiro, mais concretamente em S. João da Madeira, foram implementados pela autarquia, vários circuitos relativos ao património industrial, projeto esse que envolve a visita

²⁵⁶Gbliss (s/d). Made in Portugal Shopping Tour. [em linha] Gbliss. Acedido a 23-06-2015 em: http://www.gbliss.pt/home-pt#!_home-pt/city-tours/vstc3=made-in-portugal-shopping-tour

²⁵⁷Município de Guimarães (s/d). Rotas turísticas de Guimarães. [em linha] Município de Guimarães. Acedido a 09-05-2015 em: <http://www.cm-guimaraes.pt/pages/924>

²⁵⁸ Pontes, C.M.V. (2013). *Casas brasonadas de Guimarães: um itinerário turístico-cultural*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. 2 vols. Acedido em 11-03-2015 em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24389>

²⁵⁹ Ibidem. vol. 1, p. 83.

²⁶⁰Município de Braga (s/d). Mapas e Roteiros de Braga: Roteiro Medieval. [em linha] Município de Braga. Acedido em 11-05-2015 em: <http://www.cm-braga.pt/docs/Turismo/medieval.pdf>

²⁶¹Município de Braga (s/d). Mapas e Roteiros de Braga: Roteiro Barroco. [em linha] Município de Braga. Acedido em 11-05-2015 em: http://www.cm-braga.pt/wps/wcm/connect/7339e5804f88925496bad72f363ef445/Mapa_Barr_Port.pdf?MOD=AJPERES

²⁶²Município de Braga (s/d). Mapas e Roteiros de Braga: Roteiro Romano. [em linha] Município de Braga. Acedido em 11-05-2015 em: <http://www.cm-braga.pt/docs/Turismo/RomPortuguesEspanhol.pdf>

a algumas fábricas que aqui laboram²⁶³: Viarco, Cortadoria, Helsar, Evereste, Fepsa, Heliotextil, e a instituições ligadas ao património industrial, o Museu de Chapelaria, a Academia de Design e Calçado e o CTCP - Centro Tecnológico do Calçado de Portugal. O objetivo foi contribuir para o conhecimento deste património muitas vezes esquecido, contudo rico historicamente²⁶⁴.

A cidade de Lisboa promove visitas guiadas e percursos temáticos por toda a urbe. Segundo o portal da Câmara Municipal de Lisboa, o cemitério dos Prazeres, é um dos locais com vários percursos temáticos qual museu a céu aberto. Temas como: *Personalidades, Arquitetura Funerária; Símbolos Profissionais; Jazigo Palmela; O último palco - atores; Estatuária; Até que a morte nos separe; Ementas literárias; O sal do espírito*²⁶⁵ remetem-nos para a diversidade de temas aqui abordados.

No portal da Câmara Municipal de Lisboa, podemos perceber que esta cidade promove percursos a pé que abrangem as zonas dos seus bairros antigos mais típicos, complementando com o património cultural existente nestes lugares. Os percursos centram-se na temática do Azulejos e Passeios. No primeiro caso é feito o convite ao visitante de percorrer vários locais da cidade com o objetivo de conhecer melhor a história azulejar de Lisboa: *Azulejos: de Alfama a S. Vicente; Azulejos: três séculos de Azulejo em Benfica; Azulejos: entre a Trindade e o Bairro Alto*. No segundo caso, o visitante é convidado a passear pelos Bairros de Lisboa e outras zonas de Lisboa: *Passeio entre o Bairro Alto, a Bica e o Cais do Sodré; Passeio a pé na zona de Belém; Passeio Igrejas com História*.

Da responsabilidade de Câmara Municipal de Torres Vedras, apresentamos um produto turístico que é a *Rota Histórica das Linhas de Torres*²⁶⁶, compreendido por um património único na história militar da Europa, um sistema militar defensivo que foi marcante para a retirada do exército napoleónico na 3ª invasão francesa, do nosso território²⁶⁷. Esta rota compreende seis

²⁶³ Viarco: lápis; Cortadoria: tratamento de peles; Helsar: calçado; Evereste: calçado; Fepsa: feltros para chapéus; Heliotextil: etiquetas e passamanarias. S. João da Madeira: Turismo Industrial (s/d). Turismo Industrial: circuitos. [em linha] *S. João da Madeira: Turismo Industrial*. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.turismoindustrial.cm-sjm.pt/circuits>

²⁶⁴ S. João da Madeira: Turismo Industrial (s/d). Turismo Industrial: circuitos. [em linha] *S. João da Madeira: Turismo Industrial*. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.turismoindustrial.cm-sjm.pt/circuits>

²⁶⁵ Câmara de Lisboa (2015). Visitas Guiadas. [em linha] *Câmara de Lisboa*. Acedido a 11-05-2015 em: <http://www.cm-lisboa.pt/visitar/lazer-entretenimento/visitas-guiadas>

²⁶⁶ CILT: Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço (2014). Rota Histórica das Linhas de Torres: uma história feita por fortes. [em linha] *Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço*. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.cilt.pt/pt/rota-historica-das-linhas-de-torres>

²⁶⁷ CILT: Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço (2014). [em linha] *Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço*. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.cilt.pt/pt/cilt>

percursos distribuídos por seis localidades próximas: *Percurso Torres Vedras na primeira linha; Percurso Wellington*²⁶⁸, *Percurso a defesa do Tejo; Percurso grandes desfiladeiros; Percurso o nó das Linhas; Percurso do Palácio ao Atlântico*²⁶⁹.

Dado que não é possível fazer referência a todas as rotas, percursos e itinerários, implementados pelo país, podemos no entanto, aludir ao estudo empreendido em 2012, por Patricia Remelgado, do sítio: *Porto dos Museus*, com o levantamento de todas as rotas existentes até esse ano, em Portugal. Através desses dados permitimos considerar que a região Centro possui duzentas e vinte e duas (222) rotas, seguida da região Norte com duzentas e oito (208), o Alentejo com cinquenta e cinco (55) rotas, a Grande Lisboa com quarenta e nove (49) rotas e por fim, o Algarve só com vinte e duas rotas (22)²⁷⁰. Conclui-se portanto, com base nestes dados, que o país dinamiza o seu património cultural e natural, o que é positivo para o desenvolvimento dos recursos dessas regiões e da população residente. No entanto, para a dimensão do nosso país, segundo a nossa opinião, as rotas ou itinerários que proliferam um pouco por todo o lado, são demasiadas, muita das vezes sem uma base histórica evidente, abordando temas banais, que nada têm a ver com o propósito de um itinerário cultural, a abordagem histórica fundamentada, de um determinado tema do passado e com grande importância para a identidade da região. Podendo mesmo afirmar, que este produto tem-se tornado uma moda com tendência a crescer no futuro, já que muitos municípios dependem do turismo cultural para obter retorno financeiro.

Contextualizando as rotas, percursos e itinerários culturais, com o objetivo da nossa investigação: a criação de percursos histórico-culturais pela cidade, que valorizem o património cultural de influência britânica, devido ao contributo social e artístico que esta comunidade deu ao Porto, podemos concluir que as rotas referenciadas, não abordam diretamente esta temática. Porém, um percurso que faz referência à estadia de britânicos em Portugal, durante o período das invasões francesas, é o *Percurso de Wellington*, comandante do exército anglo-luso Arthur Wellesley (1769-1852), que lutou na defesa dos portugueses, assim como o marechal William Beresford (1768-1854), e que faz parte da Rota das Linhas de Torres²⁷¹, rota essa que percorre os

²⁶⁸ CILT: Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço (2014). Percurso Wellington. [em linha] *Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço*. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.cilt.pt/pt/conhecer#percurso-wellington>

²⁶⁹ CILT: Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço (2014). Mapa dos Percursos. Rota Histórica das Linhas de Torres. [em linha] Documentos do *Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço*. Acedido em 12-05-2015 em: http://www.cilt.pt/ficheiros/docs/mapa_rhlt.pdf

²⁷⁰ (2012). Rotas, Percursos, Itinerários Culturais e Trilhos em Portugal - Acedido a 24/01/2015, em: <http://www.pportodosmuseus.pt>

²⁷¹ CILT: Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço (2014). Rota Histórica das Linhas de Torres: uma história feita por fortes. [em linha] *CILT: Centro de Interpretação das Linhas*

locais por onde andaram os militares britânicos que defenderam a nossa nação dos ataques dos franceses.

1.4.2. London Walks e Paris Walks: percursos por duas cidades europeias

No contexto da criação de um percurso urbano pelo Porto, relativo à temática: os *Inglese*s e o Porto tomamos como modelo, os temas abordados pela *London Walks*²⁷², a mais antiga empresa de percursos pedestres do mundo e com renome nesta área. Procuramos, com os nossos percursos, fazer uma abordagem que contempla personalidades de nacionalidade britânica que se destacaram na sociedade portuense, e a par destes, dado que esta investigação contempla a área da história da arte, apresentamos edifícios arquitetónicos, reformas urbanas, e outras construções, que foram realizados sob influência britânica. O formato das *London Walks* contempla histórias de personalidades, acontecimentos e locais que precisam de ser conhecidos por todos. Do mesmo modo, na construção da identidade da cidade do Porto, muitas são as histórias e estórias que se podem contar, de certo modo influenciadas pela cultura britânica, e que motivaram a mudança nos gostos, ideias e vivências dos portuenses, por exemplo: através da tradição da comercialização e exportação do vinho do Porto, a introdução dos desportos de origem britânica na cidade: *cricket*, *futebol*, *squash*, *golf*, etc e a introdução do estilo arquitetónico neopalladiano no Porto.

Em Londres, os percursos podem ser o pretexto para se contar a história de um assassino em série conhecido em Londres: *Jack o Estripador*; visitar os locais de filmagem do filme: *Harry Potter*²⁷³; ou mesmo uma visita com *Fantasma*s²⁷⁴. Podemos também fazer um percurso pelos locais percorridos pelos *Beatles* (*Beatles Walks*); percorrer a *Londres Literária* (*Literary London*); visitar a Abadia de Westminster (*Westminster Abbey Tours*); a Catedral de S. Paulo (*The St. Paul's Cathedral Tour*), o Museu Britânico (*British Museum Tours*), a Torre de Londres (*The Tower of London Tour*); a Galeria Nacional (*The National Gallery Tour*); o Museu Victoria & Albert (*The Victoria & Albert Museum Tour*), percorrer os Canais de Londres (*Canal Walks*); A Londres de Shakespeare e Dickens - A cidade velha (*Shakespeare's & Dickens' London- The Old City*), e muitas mais.

de Torres / Sobral de Monte Agraço. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.cilt.pt/pt/rota-historica-das-linhas-de-torres>

²⁷² London Walks (2015). [em linha] *London Walks*. Acedido a 04-10-2013 em: <http://www.walks.com/>

²⁷³ YouTube (2011). *Harry Potter Film Location Tours*. [em linha] *YouTube*. Acedido a 12-05-2015 em: https://www.youtube.com/watch?v=HgL_bK4WHZA

²⁷⁴ YouTube (2009). *Ghost Walk - Haunted London*. [em linha] *Youtube*. Acedido a 12-05-2015 em: <https://www.youtube.com/watch?v=n9SZlcwQeNo>

Seguindo a mesma ideia das *London Walks*, as *Paris Walks*²⁷⁵ possuem também uma grande oferta de percursos pela cidade de Paris. As visitas, transmitidas na língua inglesa, abordam temas que estão diretamente ligados com a história da capital francesa. Dando especial destaque a percursos pelos importantes bairros históricos da cidade-luz: Marais (*The Marais Circuit*); Montmartre (*The Village of Montmartre*); *Saint-Germain-des-Prés*; pelas duas ilhas de Paris: Ile Saint-Louis e Ile de la Cité (*The Two Islands*); assim como percorrendo locais relacionados com a Revolução Francesa (*The French Revolution*), com a estadia de Hemingway em Paris (Hemingway's Paris), e por fim: os Passeios do Chocolate (*Chocolate Walks*) e os Passeios pela Moda (*Fashion Walks*).

No portal do *Paris Walks*, encontramos uma ligação que nos remete para outros sítios da Internet com o mesmo formato das *London Walks* e *Paris Walks*, em várias cidades do mundo: Toronto, Nova Iorque, Istambul, Florença, Berlim, Atenas²⁷⁶, etc. O que prova que este formato de passeios temáticos pelas cidades tem todos os ingredientes para garantir o seu sucesso a longo prazo.

²⁷⁵ Paris Walks (s/d). [em linha] *Paris Walks*: Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.paris-walks.com/>

²⁷⁶ Paris Walks (s/d). Walk Links from Paris Walks. [em linha] *Paris Walks*. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.paris-walks.com/other-cities.html>

Capítulo 2 – Os ingleses e o Porto

2.1. Contextualização histórica

*(...) of all the towns in Portugal, Oporto is that in which the Englishman will find himself most at home.*²⁷⁷

O Porto foi, desde o início da nacionalidade, palco de inúmeros acontecimentos que mudaram o curso da história da cidade e do país, aqui recebendo personalidades de vários países, mais propriamente de origem britânica, que ao fixarem-se em solo portuense, deram o seu contributo e influenciaram a cultura da cidade.

Pondo a hipótese de que as relações de Portugal com Inglaterra remontam muito antes da formação do país, presume-se também que *os mercadores do Porto e de outros pontos do país*²⁷⁸ tenham passado pela costa inglesa durante as suas rotas comerciais. Dado não existirem desta época documentos que provem este facto será necessário dar especial relevância ao documento a ser referido de seguida.

Segundo o historiador inglês Edgar Prestage (1869-1951) na monografia de 1928, *datam apenas da época das cruzadas os primeiros relatos documentados respeitantes a essas irrupções inglesas em Portugal*²⁷⁹, pelo que o primeiro documento conhecido como testemunho da remota relação existente entre Portugal e Inglaterra é a Carta de Osberno²⁸⁰.

De facto esta missiva escrita pelo cruzado Osberno, ilustra como no ano de 1147 treze mil cruzados ingleses, alemães, flamengos e franceses²⁸¹ ao atracarem a sua armada no cais do Porto para se abastecerem, a caminho da Terra Santa, foram *habilmente persuadidos*²⁸² pelo bispo

²⁷⁷Harrison, W. H. (1839). *The tourist in Portugal*, London: Robert Jennings, p. 49. Acedido a 16-02-2015 em: <http://purl.pt/17100>

²⁷⁸Dória, A. A. (1971). Relações de Portugal com a Inglaterra. In Serrão, J. (org.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa: Iniciativas Editoriais, vol. III, p.320.

²⁷⁹Prestage, E. (1928). *As Relações Diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda de 1640 a 1668*, Coimbra: Impr. da Universidade, Tradução de Amadeu Ferraz de Carvalho. Conforme citado por: Dória, A. A. (1971). Relações de Portugal com a Inglaterra. In Serrão, J. (org.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa: Iniciativas Editoriais, Lisboa, vol. II, p.544.

²⁸⁰Cfr. Dória, A. A. (1971). Relações de Portugal com a Inglaterra. In Serrão, J. (org.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa: Iniciativas Editoriais, vol. II, p.544; Cruz, A. (1984). *As relações seculares da Cidade do Porto com a Inglaterra*. In: *O Tripeiro*, Série Nova, vol. III, 1984, p.134; Botelho, M. L. (2004). *As transformações sofridas pela Sé do Porto no Seculo XX. A ação da DGEMN (1829-1982)*. (Mestrado), Lisboa: Faculdade de Letras, 3 vols, p.38-39. (texto policopiado).

²⁸¹Almeida, P. C. (2010). *História do Porto. O poder dos bispos: de D. Hugo a D. Vicente Mendes*, Matosinhos: Quidnovi, p.37.

²⁸²Macaulay, R. (1950). *Ingleses em Portugal*. Gonçalves, M. F. & Dória, A. A. (tradução), Porto: Livraria Civilização Editora, p. 16.

do Porto, D. Pedro Pitões (? - 1152) a aportarem em Lisboa com o intuito de auxiliarem o rei D. Afonso Henriques (1109-1185) na conquista daquela cidade aos mouros.

Na sua dissertação, Maria Leonor Botelho remete-nos para a importância da carta de Osberno como importante testemunho do ato decisivo para a conquista definitiva do território²⁸³. Sob esta perspetiva, uma pergunta pode fazer-se: qual seria o local mais adequado para o Bispo do Porto pregar o sermão aos cruzados se não no sítio mais nobre daquela cidade? Com certeza, no morro da Pena Ventosa que no séc. XII, e segundo Júlio Castilho (1840-1919) que a autora cita²⁸⁴, ainda não se tinha erigido a catedral que hoje conhecemos como a Sé do Porto, existindo neste local apenas uma ermida onde o dito sermão teria sido pregado²⁸⁵. O certo é que o Bispo foi bem-sucedido e os cruzados tornaram-se aliados dos portugueses na *conquista da cidade que viria a ser, mais tarde a capital do reino*²⁸⁶.

De resto, o rio Douro, como uma importante via de comunicação e de transporte, que se liga ao mar, proporcionou a atividade comercial, atraindo ao Porto *mercadores estrangeiros, nomeadamente ingleses, que gradualmente se implementaram na cidade*, principalmente na zona ribeirinha, núcleo da atividade comercial da altura²⁸⁷.

As relações existentes entre portugueses e ingleses, iniciadas após o episódio de Pedro Pitões e os cruzados, e consolidadas por posteriores tratados e alianças firmados entre os dois países, deveu-se ao comércio, que proporcionou *o estabelecimento dos naturais das ilhas britânicas no burgo portuense, durante a Idade Média*²⁸⁸.

²⁸³Botelho, M. L. (2004). *As transformações sofridas pela Sé do Porto no Século XX. A ação da DGEMN (1829-1982)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, Portugal, 3 vols. (texto policopiado).

²⁸⁴Castilho, J. (1936). *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147). Narrações pelos Cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhos presenciais do cerco*. 2ª Parte. Lisboa: S. Industrias da Câmara Municipal de Lisboa, 2ª Ed., p. 44.

²⁸⁵*Reunimo-nos todos na presença do bispo, no cemitério episcopal, porquanto a igreja, em virtude do seu tamanho não nos abrigaria a todos*. Castilho, J. (1936). *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147). Narrações pelos Cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhos presenciais do cerco*. Lisboa: S. Industrias da Câmara Municipal de Lisboa, 2ª Ed., p. 44. Conforme referido por: Botelho, M. L. (2004). *As transformações sofridas pela Sé do Porto no Século XX. A ação da DGEMN (1829-1982)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, Portugal, nota 20, p. 38., 3 vols. (texto policopiado), p. 38.

²⁸⁶Cruz, A. (1984). *As relações seculares da Cidade do Porto com a Inglaterra*. In: *O Tripeiro*, Série Nova, vol III, 1984, p.134.

²⁸⁷Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 22.

²⁸⁸Segundo o autor, *em 1386 é assinado o Tratado de Windsor, que deu origem à aliança anglo-lusa, a mais antiga aliança, ainda em vigência, em todo o mundo*. Ribeiro, J. M. (2012). Os “Ingleses”, parte integrante do Porto Romântico. In *Atas do I Congresso o Porto Romântico*. Sousa, G. de V. e (coord.), Universidade Católica Portuguesa, CITAR: Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, Porto, (505- 520), vol II, p. 506.

Rose Macaulay (1881-1958) no livro, *Os ingleses em Portugal*, percorre oito séculos de história e recorda *turistas, escritores, militares, embaixadores e cônsules, padres, freiras, aventureiros, comerciantes, reis, rainhas e príncipes*, entre outros²⁸⁹ que escolhem Portugal como residência, destino turístico e local de negócios, sendo este estudo considerado para a época, pioneiro. Nesta monografia, a escritora britânica faz alusão a D. Filipa de Lencastre (1386-1415), filha de João de Gaunt (1340-1399), duque de Lencastre (*Lancaster*), como a inglesa que ocupou o trono português, após a aliança luso-britânica assinada entre o monarca português D. João I (1385-1433) e o pai da futura noiva, o duque de Lencastre, que culminou com o casamento que se realiza em 1387, na Sé do Porto.

Este enlace²⁹⁰ deu início a uma nova era de alianças com os britânicos, conforme refere Joel Serrão: *nunca como então foi tão grande a influência inglesa em Portugal, que se fez sentir na arte da guerra, na organização militar, nas letras e nos costumes*²⁹¹ como aquela sentida com a chegada da corte de D. Filipa de Lencastre.

Jorge Ribeiro acentua que foi *a partir do terceiro quartel do séc. XVII que os comerciantes ingleses se começam a voltar para a exportação do vinho da região duriense*²⁹², atraindo cada vez mais comerciantes britânicos, sendo este um dos principais motivos da sua fixação na nossa cidade.

Aliás, segundo José R. P. Rosas, o Vinho do Porto é apontado como *a seiva* que desde sempre *alimentou as nossas relações com a Inglaterra*²⁹³.

Para além do vinho, que no início da sua comercialização procedia de Viana do Castelo e Ponte de Lima, os comerciantes radicados no Porto, exportavam também, *sal, frutas, açúcar*,

²⁸⁹Macaulay, R. (1950). *Ingleses em Portugal*. Gonçalves, M. F. & Dória, A. A. (tradução), Porto: Livraria Civilização Editora, p. 8.

²⁹⁰Convém referir que este casamento não foi a única aliança luso-britânica firmada entre os dois países. O casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra realizado em 1661, também cumpriu os mesmos propósitos. In: Gonçalves, M. G. B. (2001). Considerações a partir de uma dissertação centrada na Comunidade Britânica do Porto. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. XI, (163-182), p. 169. Acedido a 26-06-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1486.pdf>

²⁹¹Serrão, Joel (org.) (1971). *Dicionário de História de Portugal*, vol. 2, Lisboa: Iniciativas Editoriais, p. 545. Conforme referido por: Gonçalves, M. G. B. (2003). *A Comunidade Britânica no Porto: Inter-relações históricas, económicas, culturais e educativas*. Porto: Edições Afrontamento, p. 86.

²⁹²Ribeiro, J. M. M. (1987). *A comunidade britânica do Porto durante as invasões francesas (1807-1811) Subsídios para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 9.

²⁹³Rosas, J. R. P. (1988) Vinho do Porto, seiva das relações luso-britânicas. *Atas do Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor*. (15 a 18 de Out. 1986), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 289. Acedido a 15-02-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5430.pdf>

*mel, especiarias, cera, cortiça*²⁹⁴, alguns produtos vindos das colónias, e importavam *uma variada gama de produtos agrícolas e industriais e bacalhau oriundo da Terra Nova*²⁹⁵.

O vinho do Porto tornou-se em finais do séc. XVII, o *produto base dos negócios britânicos no norte de Portugal*, havendo a partir daí, e prolongando-se para a centúria seguinte, um crescimento na sua exportação, facto intensificado pelas baixas tributações de que os vinhos do Porto gozavam com relação aos restantes vinhos, originários da França e Alemanha²⁹⁶.

Constata-se que com o avançar dos anos, a produção e exportação aumentam, depois do Tratado de Methuen (1703-1836) que *favoreceu o desenvolvimento especial da exportação dos vinhos generosos do Douro, que aos ingleses interessavam especialmente, a troco da abertura do nosso mercado aos têxteis britânicos*²⁹⁷.

No livro *Oporto Old and New*, o autor propõe o registo histórico das empresas e famílias britânicas ligadas à exportação do vinho do Porto, refere os acontecimentos históricos que mudaram a cidade: as Invasões Francesas, as Guerras Liberais, e destina um capítulo a Joseph James Forrester (1809-1861) figura-chave na história do vinho do Porto, que além de comerciante exerceu outras atividades, foi pintor, escritor, cartógrafo (autor do mapa da Região Demarcada do Douro), fotógrafo amador, colecionador, estudioso de viticultura, proprietário de quinta vinícola, e cujo contributo na sociedade portuense é reconhecido com o agraciamento do título de Barão, por D. Fernando II (1816-1885) em 1855²⁹⁸. A sua faceta contestatária é evidente no episódio descrito por Maria Zulmira Castanheira, onde Forrester denuncia *as adulterações feitas aos vinhos produzidos no Alto Douro*, ato que lhe valeu uma grande onda de acusações, protestos e alguns inimigos²⁹⁹.

²⁹⁴ Gonçalves, M. G. B. (2001). Considerações a partir de uma dissertação centrada na Comunidade Britânica do Porto. *Sociologia: revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. XI, 163-182, p. 170. Acedido a 26-06-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1486.pdf>

²⁹⁵ Crf. Ribeiro, J. M. M. (1987). *A comunidade britânica do Porto durante as invasões francesas (1807-1811) Subsídios para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 9; Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 25.

²⁹⁶ Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 25.

²⁹⁷ Castro, A. de (1971) Vinho. In Serrão, J. (org.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa: Iniciativas Editoriais, Vol. VI, p. 315-321.

²⁹⁸ Sellers, C. (1899). *Oporto, old and new. Being a historical record of the port wine trade, and a tribute to British commercial enterprise in the north of Portugal*, London: Herbert E. Harper, Prefácio, p.1, 260-284. Acedido a 07-08-2015 em: <https://archive.org/details/cu31924085185100>

²⁹⁹ Crf. Castanheira, M. Z. (2009). Joseph James Forrester, defensor do Douro: a obra do “estrangeiro-português”. In *Famílias Inglesas e a economia de Portugal*. Portalegre: Publicações da Fundação Robinson Nº4, p.81. Acedido a 11-3-2014 em: http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/publicacoes/004_PFR.pdf; Macaulay, R. (1950).

A mesma personagem é referenciada, em 2009, numa *Publicação da Fundação Robinson: Famílias Inglesas e a economia de Portugal*³⁰⁰, aqui revelando o percurso de vida do Barão de Forrester em Portugal. Convém salientar que em dezembro de 2008, na sede do Museu do Douro, em Peso da Régua, inaugurou-se a exposição temática: *Barão de Forrester, Razão e Sentimento: Uma História do Douro (1831-1861)* que resultou num catálogo³⁰¹ que retrata os acontecimentos da vida de Forrester, desde a sua infância em Inglaterra, a sua vinda para o Porto enquanto jovem, até à sua morte accidental no Cachão da Valeira, rio Douro.

Também outro *inglês*, William Henry Giles Kingston (1814-1880), membro de uma família ligada à produção e exportação de vinho do Porto há várias gerações, veio para Portugal para se dedicar ao negócio da família³⁰². Além de sócio na firma do pai, Kingston tornou-se um importante autor de livros de aventura e relatos de viagens. De facto, desde a mais tenra idade, William H. G. Kingston sempre viajou, tendo-se deslocado, durante a sua infância, várias vezes a Portugal. Esta cidade irá, anos mais tarde, figurar num dos seus livros, *Lusitanian sketches of the pen and pencil*, que foi publicado em 1834, com o objetivo *de servir como um guia para os viajantes que visitam o país*³⁰³. Segundo Maria Conceição Castel-Branco³⁰⁴, em três capítulos desta obra (XXX, XXXI e XXXII), o autor descreve todo o processo do vinho do Porto, a sua introdução nos mercados ingleses, a evolução no mercado nortenho, *o estabelecimento dos ingleses nesta região, as diferentes técnicas na produção de vinho do Porto*³⁰⁵, etc.

Ingleses em Portugal. Gonçalves, M. F. & Dória, A. A. (tradução), Porto: Livraria Civilização Editora, p. 218-219.

³⁰⁰ Castanheira, M. Z. (2009). Joseph James Forrester, defensor do Douro: a obra do “estrangeiro-portuguez. In. *Famílias Inglesas e a economia de Portugal*. Portalegre: Publicações da Fundação Robinson N°4, p.74-99. Acedido a 11-3-2014 em: http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/publicacoes/004_PFR.pdf

³⁰¹ Tivemos acesso a um documento disponível em linha, da autoria da comissão científica da exposição: Isabel Cluny, que possivelmente faz parte do catálogo da exposição referenciada. Cluny, I. (2009) Joseph James Forrester: uma história do Douro. In. *Barão de Forrester. Razão e Sentimento. Uma História do Douro (1831-1861)*. (p.13-43). Régua: Museu do Douro. Acedido a 09-03-2015 em: http://www.academia.edu/4975032/Joseph_James_Forrester_uma_hist%C3%B3ria_do_Douro

³⁰² Castel-Branco, M. C. E. (2009). Os tempos e as gerações da família Kingston em Portugal. a figura de William Henry Giles Kingston. In. *Famílias Inglesas e a economia de Portugal*. Portalegre: Publicações da Fundação Robinson N°4, p.43. Acedido a 11-3-2014 em: http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/publicacoes/004_PFR.pdf

³⁰³ Kingston, W. H. G. (1845). *Lusitanian sketches of the pen and pencil*. London: John Parker, 2 vols., vol.I, p.V. Acedido a 11-03-2015 em: <http://purl.pt/17225>. (tradução nossa).

³⁰⁴ Castel-Branco, M. C. E. (2009). Os tempos e as gerações da família Kingston em Portugal. a figura de William Henry Giles Kingston. In. *Famílias Inglesas e a economia de Portugal*. Portalegre: Publicações da Fundação Robinson N°4, p.43. Acedido a 11-3-2014 em: http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/publicacoes/004_PFR.pdf

³⁰⁵ Ibidem. p. 50.

Retomando o assunto do comércio do vinho do Porto, podemos recordar que de finais do séc. XVII em diante, o monopólio inglês relativo às exportações vitícolas era considerável, *representando 70% do total de vinhos exportados para Inglaterra a nível nacional*³⁰⁶. Para limitar um pouco esta situação, que favorecia os comerciantes britânicos em detrimento dos comerciantes nacionais, foi fundada em 1756, pelo Marquês de Pombal, a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, *que criava a região demarcada do Douro e restringia a liberdade na comercialização do vinho*³⁰⁷.

Os britânicos detinham o *domínio sobre o negócio do vinho do Porto* e a criação desta Companhia, foi uma tentativa de conter este poder³⁰⁸. É óbvio que os negociantes britânicos não concordaram com a criação desta empresa, já que os mesmos estavam habituados aos privilégios comerciais, territoriais e religiosos, de tratados anteriores (tratados de 1642, 1654 e 1661) que *constituíram o início da dependência portuguesa face à Inglaterra* e da sua supremacia económica e política³⁰⁹.

O século XVIII foi para Portugal um século próspero, o que segundo Jorge Martins Ribeiro foi motivado pelo sucesso das vendas do vinho do Porto aos seus parceiros britânicos, que eram os seus maiores e únicos clientes³¹⁰.

No séc. XIX, no contexto das invasões francesas, a cidade viveu um dos episódios mais marcantes da História do Porto, com mortes, pilhagens e toda a espécie de atrocidades que só acontecem nas guerras. Face a todo este cenário, a comunidade britânica, ao saber da aproximação das tropas francesas, decide deixar o Porto e tomar as medidas necessárias para proteger os seus bens, recorrendo ao transporte dos mesmos para Inglaterra³¹¹. Estas medidas mostraram ser eficazes e os britânicos não sofreram grandes perdas materiais. Após a saída definitiva dos

³⁰⁶ Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p.27.

³⁰⁷ Ribeiro, J. M. M. (1987). *A comunidade britânica do Porto durante as invasões francesas (1807-1811) Subsídios para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 10.

³⁰⁸ Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p.27.

³⁰⁹ Gonçalves, M. G. B. (2001). Considerações a partir de uma dissertação centrada na Comunidade Britânica do Porto. *Sociologia: revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. XI, 163-182, p. 169. Acedido a 26-06-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1486.pdf>

³¹⁰ Ribeiro, J. M. (1998). Comércio e comerciantes britânicos no Porto na primeira metade do século XIX. *Douro-Estudos & Documentos*, vol.III (5), (1ª), (133-156) p.133-134. Acedido a 20-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/27670/2/jorgeribeirodouro5000098227.pdf>

³¹¹ Ribeiro, J. M. (2009). The impact of the Peninsular War on the Portuguese civil Population (1807-1809). XXXIV Congresso della Commissione Internazionale di Storia Militare, Acta Tomo 1, (254-260). Roma: Commissione Italiana di Storia Militare, p.256. Acedido a 20-03-2014 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54920/2/jorgeribeiroimpact000123253.pdf>

invasores, os cidadãos britânicos regressaram a Portugal, e retomaram logo as suas atividades comerciais, indispensáveis para restabelecer a normalidade comercial na cidade.

Mais tarde, no decurso das Guerras Liberais (1828-1834), a sociedade portuense, viveu outro período conturbado da história.

Hugh Owen (1784-1860), um militar que inicia a sua carreira militar em Portugal, ao integrar o Regimento nº16 dos Dragões ligeiros, comandados pelo Duque de Wellington (1769-1852)³¹² como reforço do exército português durante a primeira invasão francesa, é o autor da obra, *O Cerco do Porto contado por uma Testemunha*. Neste livro, o autor descreve o ambiente vivido durante o *Cerco do Porto*, período marcadamente difícil para a população portuense que entre Julho de 1832 a Agosto de 1833, se viu privada de mantimentos, saúde, liberdade e paz.

Ainda dentro da temática das Guerras liberais, a obra de James Edward Alexander (1803-1885), *Sketches in Portugal during the civil war of 1834*³¹³ é o retrato de uma guerra civil que divide o país em duas facções: os liberais e os absolutistas. Contado sob o ponto de vista de um militar, o autor descreve toda a trama política que desencadeia esta guerra³¹⁴, assim como as batalhas travadas na cidade do Porto e em outros pontos do país.

Em jeito de conclusão, todos estes cenários de guerra *tiveram, de fato, um impacto profundo no comércio portuense e no quotidiano dos seus habitantes, provocando dificuldades e prejuízos vários aos negociantes estrangeiros que residiam e exerciam a sua atividade no Porto*³¹⁵. No entanto, no pós-guerra houve uma recuperação das exportações *sobretudo no mercado britânico*³¹⁶.

2.2. A sociedade britânica no Porto: impactos, contribuições sociais e artísticas

A permanência da comunidade britânica no Porto, ao longo dos séculos, devido ao comércio do vinho, permitiu que certos hábitos sociais dos mesmos se enraizassem na sociedade

³¹² Owen, H. (1915). *O Cerco do Porto contado por uma testemunha*. Lisboa: Renascença Portuguesa.

³¹³ Alexander, J. E. (1835). *Sketches in Portugal during the civil war of 1834*. London: James Cochrane and C^o, Acedido a 16-02-2015 em: <http://purl.pt/17088>

³¹⁴ Dada a sua patente militar (tenente-coronel), o autor conta na primeira pessoa, as batalhas ocorridas em diferentes localidades do país, sendo que o capítulo XI (pp. 250-272) é dedicado ao Cerco do Porto (p.257). Alexander, J. E. (1835). *Sketches in Portugal during the civil war of 1834*. London: James Cochrane and C^o, Acedido a 16-02-2015 em: <http://purl.pt/17088>

³¹⁵ Ribeiro, J. M. (1998). Comércio e comerciantes britânicos no Porto na primeira metade do século XIX. *Douro-Estudos & Documentos*, vol.III (5), (1^o), (133-156), p.133. Acedido a 20-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/27670/2/jorgeribeirodouro5000098227.pdf>

³¹⁶ Séren, M. C. & Pereira, G. M. (2000). O Porto oitocentista: A base económica, Tradição e mudança. In: Ramos, L. A. de O. (2000). *História do Porto*, Porto Editora, p. 422.

portuense e desta forma modificassem a cultura da mesma³¹⁷. A sua integração na comunidade portuense foi positiva, devido às relações profissionais estabelecidas diariamente com os seus parceiros de negócios. Findo o dia de trabalho, o *inglês* recolhia-se na sua moradia com jardim, na companhia da sua família, e afastava-se um pouco do bulício da Rua dos Ingleses, o seu local de negócios.

Jorge Martins Ribeiro refere que esta comunidade era *relativamente fechada*, porque naturalmente a religião e a língua eram diferentes e os casamentos eram celebrados entre si³¹⁸, o que revela dos britânicos, um certo distanciamento da comunidade de acolhimento. Assim, os *ingleses* construíram edifícios para seu uso exclusivo: uma igreja, um cemitério, um Hospital (que funcionava numa das alas do Hospital de Santo António)³¹⁹, e a Feitoria (Factory House), um clube privado frequentado só por comerciantes do vinho e suas famílias, o que atualmente, volvidos vários séculos, ainda conserva essa exclusividade³²⁰.

Júlio Dinis, no seu romance, *Uma Família Inglesa*, retrata os três bairros que em finais do século XIX existiam na cidade do Porto, *o bairro central é o portuense propriamente dito; o oriental, o brasileiro; o ocidental; o inglês*³²¹. Dando especial atenção ao bairro ocidental, o bairro inglês, o autor descreve que este era *dominado pelas moradias dos ingleses (...) com as casas pintadas de cinzento, negro, cor de café, verde-escuro e roxo-terra*. As suas moradias eram ladeadas por jardins com árvores de grande porte: *acácias, tílias, magnólias (...) As portas sempre fechadas e as persianas transparentes falavam do seu gosto pela defesa da intimidade*³²².

Segundo Ana Sofia Amorim, estas moradias situavam-se na parte ocidental da cidade, *na zona de Massarelos (Campo Alegre, Vilar e Entre Quintas) e Foz*, embora em séculos anteriores, as suas residências tenham-se concentrado nas freguesias da Vitória, Santo Ildefonso, S. Nicolau e S. Pedro de Miragaia³²³, próximo das suas firmas comerciais, o que segundo Maria do Carmo

³¹⁷ Ribeiro, J. M. (2001). *Os Ingleses no Porto Oitocentista*. DOURO - Estudos & Documentos. vol.VI, 12, 2º, (211-220), p. 211. Acedido a 20-03-2014 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/27374/2/jorgeribeirodouro12000098229.pdf>

³¹⁸ Ibidem. p.220.

³¹⁹ cf. Gonçalves, M. G. B. (2001). Considerações a partir de uma dissertação centrada na Comunidade Britânica do Porto. *Sociologia: revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. XI, (163-182), p.171. Acedido a 26-06-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1486.pdf>; Ribeiro, J. M. (op. 215.

³²⁰ Gonçalves, M. G. B. (2003). *A comunidade britânica no Porto: inter-relações históricas, económicas, culturais e educativas*, Porto: Edições Afrontamento. p. 179.

³²¹ Dinis, J. (1968). *Uma Família Inglesa (cenários da vida do Porto)*. Porto: Lello & Irmão Editores. p. 52.

³²² Séren, M. C. & Pereira, G. M. (2000). O Porto oitocentista: Os anos da consciência de si: Exposições e Palácio de Cristal. In: Ramos, L. A. de O. (2000). *História do Porto*, Porto Editora, p. 493.

³²³ Ribeiro, J. M. M. (1987). *A comunidade britânica do Porto durante as invasões francesas (1807-1811) Subsídios para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 10.

Serén e Gaspar Martins Pereira, *localizavam-se na Ribeira, mais propriamente na Rua Nova dos Ingleses, no Largo de S. Domingos e na Rua de S. João, perto da Alfândega e do rio*³²⁴.

Embora os *ingleses* residentes em Portugal, tenham usufruído, ao longo dos séculos, das regalias comerciais resultantes dos tratados e alianças firmados entre as duas nações, o facto da nação britânica professar o anglicanismo, sempre foi um entrave para a sua plena integração na sociedade. Segundo Jorge Ribeiro, os serviços religiosos eram celebrados em casa de membros da Feitoria (Factory House), dado que não havia um local designado para o efeito³²⁵. Já Macaulay relembra, que *não era permitido sepultar nos cemitérios locais os cadáveres dos hereges, nem terem um cemitério próprio*³²⁶, sendo que a alternativa era enterrá-los *durante a maré baixa no lado sul do rio Douro, em Vila Nova de Gaia, sem uma cerimónia fúnebre conveniente*³²⁷. Esta situação mudou no século XVIII, graças ao esforço do cônsul britânico John Whitehead³²⁸ (1726-1802), sendo concedida à comunidade britânica, a autorização para adquirir um terreno destinado à construção de um cemitério, com a condição *deste se situar longe do centro da cidade e fora dos seus limites, rodeado por um grande muro*³²⁹. Uma vez obtido o terreno, o Cemitério dos *ingleses* começou a ser construído em 1788, e aqui foram sepultados anglicanos assim como protestantes de outras origens³³⁰.

Após a assinatura do Tratado de 1810, que garantia a autorização para a prática religiosa³³¹, é-lhes conferido o direito de construir os seus próprios espaços de culto, pelo que em

³²⁴ Séren, M. C. & Pereira, G. M. (2000). O Porto oitocentista: O ordenamento urbanístico na cidade liberal. In: Ramos, L. A. de O. (2000). *História do Porto*, Porto Editora, p. 384.

³²⁵ Ribeiro, J. M. M. (1987). *A comunidade britânica do Porto durante as invasões francesas (1807-1811)* Subsídios para o seu estudo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 12.

³²⁶ Macaulay, Rose (1950). *Ingleses em Portugal*. Tradução de Maria Fernanda Gonçalves e António Álvaro Dória. Porto: Livraria Civilização, p. 206.

³²⁷ Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 80-81. (tradução nossa).

³²⁸ John Whitehead (1726-1802): cônsul britânico no Porto entre 1726 a 1802, que exerceu uma grande influência na sociedade portuense. Devido à relação de amizade com João de Almada e Melo, (1703-1786) colabora na reforma urbanística da responsabilidade da Junta das Obras Públicas. A ele se deve a introdução do neo-palladianismo de influência inglesa, no Porto, com a construção do Hospital de Santo António, assim como a iniciativa na construção de um cemitério para a comunidade inglesa.

³²⁹ Ibidem. p. 80-81.

³³⁰ Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 80-81. (tradução nossa).

³³¹ Ribeiro, J. M. M. (1987). *A comunidade britânica do Porto durante as invasões francesas (1807-1811)* Subsídios para o seu estudo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p.12.

1815, começa a ser construída a Igreja Anglicana de St. James, no mesmo local onde se encontrava o cemitério inglês³³².

Sabendo que a influência britânica na cidade do Porto, se reflete na arquitetura³³³, não podemos deixar de referir o Hospital de Santo António (1770-1825), como o exemplo da introdução do estilo neopalladiano³³⁴ no Porto, cuja influência do cônsul britânico, John Whitehead (1726-1802) e do reverendo Henry Wood, tornaram possível a escolha do arquiteto que recaiu no britânico John Carr (1727-1807), amigo pessoal do Cônsul, cuja experiência no seu país de origem em projetos desta envergadura, era notória. O hospital foi inteiramente traçado à distância, John Carr nunca se deslocou ao Porto e a sua construção foi demorada devido à instabilidade política e à falta de recursos financeiros da Santa Casa da Misericórdia, entidade que encomenda o projeto. O hospital ficou reduzido a cerca de metade do tamanho previsto, sem no entanto, perder a sua monumentalidade.

A construção da casa da Feitoria (Factory House)³³⁵, símbolo do poder e influência britânica na cidade, iniciou-se em 1785 na Rua dos Ingleses, ficando concluída cinco anos mais tarde. Mais uma vez, John Whitehead participa neste projeto com o seu traço de inspiração neopalladiana, visível nos frontões curvos e triangulares das janelas da fachada. A *Feitoria Inglesa* era o local de encontro dos comerciantes de vinho, que aqui se reuniam para falarem de negócios, assim como para socializar durante os bailes e jantares que aqui tinham lugar. Após o Tratado de 1810, as Feitorias foram extintas e este edifício torna-se o Clube Britânico e mais tarde a Associação Britânica³³⁶.

Tendo como modelo o Hospital de Santo António e a *Feitoria Inglesa*, outros edifícios com o mesmo estilo arquitetónico são erigidos na mesma altura: o Palácio dos Carrancas (1795) a Academia Real da Marinha e Comércio (1803-1837) e o Palácio da Bolsa (1839)³³⁷.

³³² Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 80-81. (tradução nossa).

³³³ Gonçalves, M. G. B. (2003). *A comunidade britânica no Porto: inter-relações históricas, económicas, culturais e educativas*. Porto: Edições Afrontamento. p.176.

³³⁴ Neo-palladianismo: designação dada ao estilo neoclássico que se desenvolve em Inglaterra durante o século XVIII, influenciado pelas obras de Andrea Palladio (1508-1580), cuja técnica, apoia-se na simetria e perspetiva, características da arquitetura da antiga Grécia e Roma. Silva, J. H. P. da & Calado, M. (2005). *Dicionário de Termos de Arte e Arquitetura*. Lisboa: Editorial Presença.

³³⁵ Feitoria: local onde se realizam operações comerciais e se fixa o câmbio.

³³⁶ Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 82-83. (tradução nossa),

³³⁷ Alves, J. J. F. (1988). *O Porto na época dos Almas. Arquitetura*. Obras Públicas. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 162.

Em virtude da relação de amizade com João de Almada e Melo (1703-1786), John Whitehead, colabora na renovação urbana na praça da Ribeira, ao traçar um plano de inspiração neoclássica, para este local. Com esta intervenção, pretendia-se alargar a Ribeira e fazer uma ligação da zona portuária da cidade, local de comércio, com a parte alta, de forma a facilitar a saída de mercadorias para outros pontos do país, pelo que a abertura da Rua de S. João, fazendo a ligação da Praça da Ribeira com o Terreiro de S. Domingos, foi necessária.

A colónia britânica instalada no Porto contribuiu para o desenvolvimento económico da cidade, devido ao comércio do vinho, principalmente em finais do séc. XVIII, procedendo à fundação de algumas instituições de carácter económico, dos quais destacamos *a Associação Comercial do Porto, a Companhia de Seguros Seguranga e o Banco Comercial do Porto*³³⁸, como as mais conhecidas.

Nos seus tempos de ócio e durante o Verão, os britânicos, *iam a banhos* na praia situada em S. João da Foz, local de grande afluência de *ingleses*, sendo denominada mais tarde como a Praia dos Ingleses, nome pela qual ainda é conhecida hoje em dia. Considerada como um local de férias da sociedade mais favorecida, aqui construíram as suas moradias, promovendo esta zona que não era senão uma zona piscatória subvalorizada. Com o desenvolvimento dos acessos à Foz, efetuados pelo carroção e mais tarde pelo *Americano*, o local convidava ao aparecimento de cafés, restaurantes, casinos e hotéis, de forma a dar apoio logístico aos britânicos e não só, que para aqui se deslocavam no verão. Segundo o Conde D'Aurora, é feita referência ao Hotel Mary Castro, pertencente a uma britânica, que se situava na Foz, frequentado por indivíduos com um estatuto social elevado, aqui em busca de sossego, sendo o escritor Camilo Castelo Branco um dos seus habituais frequentadores³³⁹.

Na tradição de irem *a banhos*, os britânicos deslocavam-se também para Leça da Palmeira, e com o desenvolvimento dos transportes ferroviários, começaram a ir mais para longe, para as praias de Vila Nova de Gaia, Granja e Espinho³⁴⁰.

Sendo uma comunidade que dava muito valor ao desporto, assistiu-se à introdução e prática de desportos de tradição britânica, na cidade: o *cricket*, o *tennis*, o *football* (1902), o *rugby* (1936) e o *squash* (1951), praticados no *Oporto Cricket and Lawn Tennis Club* criado em 1855,

³³⁸ Ribeiro, J. M. (2001). *Os Ingleses no Porto Oitocentista*. DOURO - Estudos & Documentos. vol.VI, 12, 2º, (211-220), p. 215. Acedido a 20-03-2014 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/27374/2/jorgeribeirodouro12000098229.pdf>

³³⁹ D'Aurora, Conde (1962). *Itinerário Romântico do Porto*. Porto: Editorial Domingos Barreira. p. 140.

³⁴⁰ Alvim, M. H. V-B. e (2012). *Cenas quotidianas do Porto Romântico (O Comércio do Porto – 1854/1879)*. In. *Atas I Congresso do Porto Romântico*. Sousa, G. V. e (coord.), Porto: Universidade Católica Portuguesa/ CITAR, p. 490.

no Candal; o *golf*, no *Oporto Golf Club* (1890) situado em Espinho, assim como desportos náuticos e equestres³⁴¹.

Embora gostassem de se isolar um pouco nas suas residências, os britânicos eram muito ativos socialmente com os seus compatriotas, frequentavam muitas vezes a Feitoria Inglesa e iam aos seus jantares, bailes e saraus. Davam também os seus passeios na zona de Massarelos, pelos jardins do Palácio de Cristal (1865) e no próprio edifício, assistiam a eventos culturais, espetáculos e a exposições temáticas.

As personalidades oriundas da Grã-Bretanha que residiram nesta cidade, contribuíram para o engrandecimento da cultura portuense ao nível das artes, nomeadamente na área da pintura e fotografia.

John Allen (1785-1848), um capitalista de ascendência britânica, nascido em Portugal tornou-se conhecido no Porto por criar na sua residência, um Museu. O seu gosto pela arte e colecionismo, a par de uma boa situação financeira, permitiu que adquirisse durante as suas viagens para o estrangeiro várias peças de arte, de mineralogia, de geologia e de numismática. Anos mais tarde, a sua coleção foi adquirida pelo Museu Municipal do Porto, para depois figurar no fundo do atual Museu de Soares dos Reis.

Outras personalidades estrangeiras residentes no Porto e ligadas ao comércio do vinho do Porto, partilhavam também o gosto pelo colecionismo. Paula Leite Santos refere que aquando da estadia do Conde Raczyński (1788-1874)³⁴² no Porto, além da coleção de John Allen (1785-1848), que foi considerada pelo próprio como uma das melhores coleções do país, o aristocrata viu também as coleções de arte de Francisco van Zeller, John Graham, James Forrester, Robert Woodhouse e Charles Offley³⁴³, demonstrando que o gosto pelo colecionismo era uma prática comum nesta sociedade, podendo também ser considerado como um ato de exibicionismo, partilhado com a classe mais endinheirada.

Destacando-se da sociedade portuense durante o século XIX, pelo seu talento para a fotografia, Frederick William Flower (1815-1889), nasceu em Leith, Escócia e cedo rumou para o Porto, onde começa a trabalhar numa firma ligada à exportação do vinho do Porto, a Smith,

³⁴¹ Ibidem, p. 489-490.

³⁴² Conde Raczyński (1788-1874): de nacionalidade polaca, foi cônsul da Prússia em Portugal desde 1842, e conceituado crítico de arte que durante a sua estada em Portugal, faz um estudo pormenorizado da arte portuguesa, daí resultando dois livros que fazem parte da sua historiografia: *Les Arts en Portugal-Léttres adrèsses a la Societé Artistique et Scientifique de Berlin et accompagnés de documents* (1846) e *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal* (1847).

³⁴³ Santos, P. M. M. Leite (2005). Um colecionador do Porto romântico: João Allen (1781-1848). Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia. p. 23-24.

Woodhouse & Company. Já na cidade, a par da sua atividade profissional embrenha-se na arte da fotografia e no decurso das suas experiências, começa a utilizar a técnica do calótipo³⁴⁴, inventada por William Fox Talbot.

Considerado como o pioneiro da fotografia em Portugal, a atividade de Frederick William Flower decorre entre 1849-1859³⁴⁵, resultando em inúmeros calótipos que representam vários locais das cidades do Porto e Vila Nova de Gaia, nomeadamente o rio Douro, a cidade do Porto com os seus monumentos, a zona da Foz, o Hospital de Santo António, a Capela do Bom Sucesso, o Mosteiro da Serra do Pilar, os armazéns de vinho em Vila Nova de Gaia, etc. Os calótipos que Flower nos deixou, constituem um importante documento histórico e artístico do Porto de oitocentos, que merece e deve ser valorizado.

³⁴⁴ Calótipo: processo fotográfico que permite reproduzir várias imagens positivas através de um negativo em papel (calótipo). Esta técnica, inventada por William Henry Fox Talbot (1800-1877), que consiste em capturar as imagens a partir de um negativo fotográfico em papel, previamente mergulhado numa solução de nitrato de prata, e seco com um mata-borrão. Seguidamente, o mesmo papel é mergulhado numa solução de iodeto de potássio, formando à superfície, uma camada de iodeto de prata. O objetivo é tornar o papel insensível à luz de forma a ser utilizado várias vezes. É aplicada então, uma solução sensibilizadora ao papel, que seco em mata-borrão, é colocado entre duas chapas de vidro, e assim pronto a utilizar. Gray, M. et al. (1994). *Frederick William Flower : um pioneiro da fotografia portuguesa*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Electa-Lisboa 94, p. 30.

³⁴⁵ Gray, M. et al. (1994). *Frederick William Flower : um pioneiro da fotografia portuguesa*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Electa-Lisboa 94, p. 15.

Capítulo 3 – Para um itinerário da cultura britânica no Porto

3.1. Tabelas de interpretação: metodologia

A interpretação e a apresentação do património são indispensáveis no sentido de estabelecerem uma ligação intelectual e emocional do recurso ou bem com o público, e nesse sentido, compreender o seu significado. A comunicação dos conteúdos interpretativos, a apresentação, requer a aplicação de vários meios e técnicas que proporcionam essa ligação e interação com o público, ao despertar interesse, estimular o intelecto e oferecer novas experiências.

Ao reportar esta problemática para o nosso objeto de estudo, a comunidade britânica, torna-se oportuno revelar a metodologia de trabalho implementada, no sentido de entender a nossa abordagem na elaboração de uma ficha de interpretação.

Com vista a agrupar e interpretar os recursos patrimoniais relacionados com a presença desta comunidade na cidade, de modo a considerar a sua importância e incluí-los no nosso estudo, foi necessário fazermos tabelas de interpretação, baseadas no modelo interpretativo do National Park Service³⁴⁶, assim como do plano de interpretação de Larsen (2003), citado por Rui Gonçalves Costa, na sua tese de Mestrado³⁴⁷.

De acordo com o plano de interpretação formulado por este serviço norte-americano, devemos:

- Selecionar os recursos materiais: o objeto, a pessoa, o evento e o lugar que queremos
- que o público conheça com mais pormenor;
- Identificar os significados imateriais: processos, ideias, relações, conceitos e valores, relacionados com esses recursos.
- Identificar os conceitos universais, por exemplo: poder, mudança, progresso, conhecimento;
- Identificar as características do público;

³⁴⁶ National Park Service - U.S. Department of the interior. (2002). Interpretative Process Model [em linha] Interpretative Development Program, *National Park Service - U.S. Department of the interior*. Acedido a 12-4-2015 em: <http://www.nps.gov/idp/interp/101/processmodel.pdf>

³⁴⁷ Costa, R. J. G. (2012). *Interpretação no turismo - O caso do Portugal dos Pequenitos (PPE)*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro - Dep. Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Portugal. p. 8-9. Acedido a 27-05-2015 em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/9338/1/Projeto%20PPE.pdf>

- Escrever uma *declaração tema* (*theme statement*) que ligue o recurso material a um ou mais significados imateriais. Quando há a ligação do recurso material com um conceito universal, o significado do recurso é melhor assimilado;
- Utilizar os métodos interpretativos (histórias, linguagem descritiva, atividades e ilustrações) para estabelecer uma ligação dos recursos materiais com os seus significados imateriais. Ilustrar a ideia ou ideias expressadas na *declaração tema* e assim estabelecer oportunidades de conexão (emocional e intelectual) com o público e o significado do recurso;
- Usar a *declaração tema* para organizar as oportunidades de conexão numa sequência que desenvolva a ideia ou ideias afirmadas no tema. Planear transições eficazes para passar de uma oportunidade para outra³⁴⁸.

Segundo o plano de interpretação de Larsen³⁴⁹, é necessário:

- Definir locais materiais;
- Identificar os significados imateriais;
- Identificar os conceitos universais;
- Identificar as características dos visitantes;
- Determinar a ideia principal da interpretação;
- Escolher as técnicas e meios de interpretação;
- Apresentação ao público.

Visto que o planeamento interpretativo envolve várias etapas que se complementam, relacionamos cada ponto da nossa tabela com as etapas dos planos de interpretação que achamos mais relevantes.

A primeira etapa do plano interpretativo envolveu a seleção dos recursos materiais a interpretar, de forma a definir o grau de atratividade e interesse para o público-alvo.

³⁴⁸ National Park Service - U.S. Department of the interior. (2002). Interpretative Process Model [em linha] Interpretative Development Program, *National Park Service - U.S. Department of the interior*. Acedido a 12-4-2015 em: <http://www.nps.gov/idp/interp/101/processmodel.pdf>

³⁴⁹ Costa, R. J. G. (2012). *Interpretação no turismo - O caso do Portugal dos Pequenitos (PPE)*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro - Dep. Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Aveiro. p. 8-9. Acedido a 27-05-2015 em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/9338/1/Projeto%20PPE.pdf>

Esta seleção foi feita durante a pesquisa bibliográfica, relativa ao assunto em estudo. Neste processo, foi importante apoiar-nos em fontes de informação fidedignas, assim como em estudos académicos já existentes, no sentido de trazer credibilidade à nossa investigação³⁵⁰.

Nesta fase, selecionamos como **Recursos materiais**:

- *Objeto(s)*: Ponto 1.
- *Personalidade(s)*: Ponto 2
- *Evento(s)*: Ponto 3
- *Local*: Ponto 4
- *Coordenadas GPS*: Ponto 5. Complementou o ponto 4, devido à utilização massificada do GPS (global positioning system), forneceu a localização exata dos recursos.
- *Cronologia*: Ponto 6. Determinamos as datas de construção dos *edifícios*, assim como a data dos *eventos* que interpretamos, permitindo contextualizá-los no tempo.
- *Importância para o itinerário*: Ponto 7. Destaca o valor do recurso patrimonial, o motivo da nossa escolha e a sua inclusão na tabela.
- *Relacionar com*: Ponto 8. Definimos uma ligação do nosso recurso com outro assunto ou significados.
- *Citação*: Ponto 9. Procurou-se reforçar a nossa abordagem ao tema.

Após a seleção e estudo dos recursos materiais a interpretar, foi necessário identificar os seus significados imateriais ou seja, os **Significados culturais e educativos**:

- *Processos, ideias, relações, conceitos e valores*: Ponto 10. Revelou-se como o maior desafio deste processo.
- *Atividades e projetos*: Ponto 11. Remete-nos para os meios e técnicas interpretativas e de apresentação que pretendemos utilizar no nosso programa interpretativo.

No nosso caso em particular, propomos a criação de itinerários histórico-culturais temáticos, dirigidos a visitantes estrangeiros, nomeadamente britânicos (o nosso público-alvo), à

³⁵⁰ Princípio 2: Fontes de Informação. Carta sobre a Interpretação e a Apresentação de Sítios Culturais. Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*, Caleidoscópio, p. 452-453.

comunidade local, britânicos radicados no Porto e ao público em geral, de todas as faixas etárias, que pretendam descobrir o património existente na cidade, o principal motivo de atração destes públicos.

Dado que os níveis de desenvolvimento cognitivo diferem por faixas etárias, será oportuno referir que diferentes faixas etárias requerem diferentes abordagens na interpretação e apresentação do recurso, pelo que a pessoa responsável pelas visitas, o intérprete, com conhecimentos na área da história da arte, deverá ter a capacidade de lidar com essas diferenças durante a apresentação. Nestes casos, uma forma de envolver o público mais jovem na compreensão do património que o rodeia, é a criação e implementação de programas educativos adaptados à infância e à juventude, cumprindo assim a máxima de *aprender, brincando*.

Uma técnica de apresentação do património usada atualmente, e que com certeza se mostrará eficaz na recriação de um acontecimento histórico relacionado com a temática em estudo, é a **história ao vivo**. Esta técnica permite que o visitante recue no tempo, interaja com os personagens do evento a recriar e tenha uma experiência única.

Como forma de divulgação das visitas, assim como um meio de transmitir um resumo da informação, devemos considerar a elaboração de panfletos, guias e brochuras, com o objetivo de chegar a mensagem a um maior número de pessoas possível. As ferramentas digitais fornecem muitas possibilidades de divulgação das visitas, através da criação de um site, um blog, uma página no Facebook, no Instagram, etc.

Ainda nos **Significados culturais e educativos:**

- *Bibliografia e fontes*. Ponto 12. Este último ponto, colocado no fim da tabela, sugere a necessidade de haver uma boa sustentação bibliográfica, no que toca à recolha de informação, referente aos recursos desenvolvidos. Após o tratamento dessa informação, através de métodos científicos comprovados, estaremos na posição de afirmar a sua autenticidade e desta forma prosseguir com o trabalho.

Em jeito de conclusão, as fichas de interpretação mostram-se ser muito úteis para condensar e reunir todas as informações referentes aos recursos patrimoniais a interpretar, relacionados com a comunidade britânica.

3.2. Proposta de Itinerários na cidade

A elaboração de itinerários culturais envolve várias etapas que facilitam a sua implementação.

Numa primeira fase, foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica referente ao nosso objeto de estudo: a comunidade britânica. De seguida, tratamos a informação recolhida, através de um estudo mais aprofundado, com vista à escolha dos recursos a incluir nas fichas de interpretação. Munidos destas fichas, preenchemos todos os campos com as informações relevantes para o nosso estudo.

Após esta fase, fizemos a seleção dos locais a incluir no nosso itinerário, na medida em que os locais de interesse constituem a base de trabalho para definirmos e estruturarmos os percursos³⁵¹.

Um itinerário cultural é definido como: *um circuito marcado por sítios e etapas relacionadas com um tema*³⁵². A escolha do assunto possibilita a ligação lógica de um ponto do itinerário com os restantes pontos, e assim estabelecer um percurso baseado nesse tema. A temática selecionada deverá ser representativa da identidade da cidade, região, ou país onde o itinerário vai ser implementado, porque um dos objetivos dos itinerários é dar a conhecer o valor do património de um local aos visitantes e à comunidade residente, de forma que esse património seja respeitado e como tal salvaguardado.

No nosso caso em especial, a partir de factos históricos, personalidades, objetos e locais relacionados com a permanência da comunidade britânica na cidade do Porto, *construímos* percursos culturais, dirigidos à comunidade residente, britânicos radicados no Porto, turistas de nacionalidade britânica que visitam a cidade (o nosso principal público-alvo) e ao público em geral de todas as faixas etárias.

Após a escolha dos temas dos nossos itinerários mapeamos os locais (utilizando a ferramenta de acesso livre, *Google maps*) analisámos as distâncias de cada local com os restantes pontos do itinerário, de forma a fazermos a ligação entre eles, e assim traçar a nossa proposta de percurso.

³⁵¹ Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 56. Acedido a 01-12-2014 em: <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf>

³⁵² Associação CISTE: www.ciste.org citado por: Pereiro Pérez, X. (2002). *Itinerários Turísticos-Culturais: Análise de uma experiência na cidade de Chaves*. Bragança: Actas do III Congresso de Trás-os-Montes, p.2. Acedido a 15-01-2015 em: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Intinerarios_Turismo_Cultural_Urban_o.pdf

Os itinerários que se seguem, apontam para temas relacionados com esta comunidade radicada no Porto.

3.2.1. Itinerário 1: *Acontecimentos e personalidades*

Ao **itinerário 1** demos o nome de *Acontecimentos e personalidades*, refere-se aos acontecimentos que foram decisivos na mudança do rumo na história de Portugal e sugerem o início das alianças comerciais, políticas e militares firmadas entre as duas nações, como o Sermão de D. Pedro Pitões aos Cruzados, que motivou a cooperação dos cruzados do norte da Europa na conquista de Lisboa aos Mouros em 1147, e o casamento de D. Filipa de Lencastre, de origem britânica, com D. João I, em 1387, reforçando assim, as relações luso-britânicas. Incluímos também neste itinerário, personalidades britânicas que trabalharam no Porto, contribuindo assim com os seus conhecimentos para uma mudança de gostos, estilos e vivências.

Contextualização histórica:

A construção da casa da **Feitoria (Factory House)**³⁵³ iniciou-se em 1785 na Rua Nova dos Ingleses (atualmente Infante D. Henrique) ficando concluída cinco anos mais tarde. John Whitehead, cônsul e figura de destaque na comunidade, participa neste projeto com o seu traço de inspiração neopalladiano, visível nos frontões curvos e triangulares das janelas da fachada. A *Feitoria Inglesa* era o local de encontro dos comerciantes de vinho, que aqui se reuniam para falarem de negócios, assim como para socializar durante os jantares e bailes que aqui tinham lugar. Após o Tratado de 1810, as Feitorias foram extintas e este edifício torna-se o Clube Britânico e mais tarde a Associação Britânica³⁵⁴. Este edifício simboliza o poder e a influência britânica na cidade do Porto, associados ao comércio do vinho do Porto. **(Fig.1)**.

O primeiro acontecimento de cooperação documentado entre portugueses e indivíduos do norte da Europa, incluindo *ingleses*, data do tempo da Reconquista, 1147, quando treze mil cruzados ingleses, alemães, flamengos e franceses³⁵⁵ ao atracarem a sua armada no cais do Porto para se abastecerem, a caminho da Terra Santa, são *habilmente persuadidos*³⁵⁶ pelo bispo do Porto, D. Pedro Pitões (?-1152) no **Terreiro da Sé**, a aportarem em Lisboa com o intuito de

³⁵³ Feitoria: local onde se realizam operações comerciais e se fixa o câmbio.

³⁵⁴ Amorim, A. S. da S. (2014). Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 82-83. (tradução nossa),

³⁵⁵ Almeida, P. C. (2010). *História do Porto*. O poder dos bispos: de D. Hugo a D. Vicente Mendes, Matosinhos: Quidnovi, p.37.

³⁵⁶ Macaulay, R. (1950). *Ingleses em Portugal*. Gonçalves, M. F. & Dória, A. A. (tradução), Porto: Livraria Civilização Editora, p. 16.

auxiliarem o rei D. Afonso Henriques (1109-1185) na conquista daquela cidade aos mouros. O sermão que o Bispo lhes pregou foi bem-sucedido e os cruzados tornaram-se importantes aliados dos portugueses na conquista de Lisboa aos *Mouros*³⁵⁷.

Na **Sé do Porto**, em 1387, realizou-se, o enlace matrimonial de D. João I (1360-1415) com D. Filipa de Lencastre (1357-1433), de origem inglesa, filha de D. John de Gaunt (1340-1399), 1º Duque de Lencastre (Lancaster). O casamento do monarca português com a filha do Duque de Lencastre serviu para reforçar os laços existentes entre os reinos de Portugal e da Grã-Bretanha.

A catedral, símbolo do nascimento da cidade medieval e do poder eclesiástico, data de finais do século XII³⁵⁸ e é o resultado da sobreposição de vários estilos arquitetónicos: românico, gótico, maneirista e barroco. Durante o séc. XX (1927-1940), por iniciativa da extinta DGEMN³⁵⁹, este edifício vai receber profundas alterações, que vão modificar a sua fisionomia, nomeadamente na fachada e no interior do edifício. Por exemplo, na fachada, certos elementos barrocos vão ser eliminados e substituídos por outros com características românicas, dando à catedral um certo *ar de fortaleza*³⁶⁰.

A base da sua construção é românica, com influência francesa, planta em cruz latina, três naves, com cinco tramos, transepto saliente e capela-mor retangular. Posteriormente, na Sé são incorporados elementos do estilo gótico: a rosácea e os arcobotantes³⁶¹. A fachada, com a sua pretensa aparência de igreja-fortaleza, consegue conjugar harmoniosamente elementos de várias épocas artísticas: a rosácea gótica, o portal barroco e duas torres com características românicas, que ladeiam o corpo central, rematado com a imagem da patrona da Sé: Virgem da Assunção³⁶². (**Fig. 2**).

No seu interior, o transepto incorpora vários altares e capelas, destacando no lado do evangelho, a Capela do Santíssimo Sacramento com o altar, o sacrário e o retábulo em prata do séc. XVII/XVIII³⁶³, e ao centro, na Capela-mor maneirista, destacam-se as pinturas murais atribuídas a Nicolau Nasoni (1691-1773), assim como o retábulo de talha dourada do período

³⁵⁷Cruz, A. (1984). *As relações seculares da Cidade do Porto com a Inglaterra*. In O TRIPEIRO, Série Nova, vol III, 1984, p.134.

³⁵⁸ Botelho, M. L. (2006). *A Sé do Porto no século XX*. Livros Horizonte: Lisboa, p. 17.

³⁵⁹ Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais.

³⁶⁰ Botelho, M. L. (2006). *A Sé do Porto no século XX*. Livros Horizonte: Lisboa, p. 91.

³⁶¹ Ibidem. p. 18-19.

³⁶² Ibidem, p. 20-21.

³⁶³ *Porto a Património Mundial: processo de Candidatura da Cidade do Porto à classificação pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade* (1993). Porto: Câmara Municipal do Porto, p.107.

barroco. O claustro gótico, com os painéis de azulejos barrocos do século XVIII, do mestre Valentim de Almeida (1692-1779), assim como restantes capelas e a sacristia³⁶⁴.

Curiosamente, o casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre não foi o único casamento real celebrado no norte do país. Anteriormente, no ano de 1371, no Mosteiro de Leça do Balio (da Ordem dos Hospitalários) celebrou-se o casamento do rei D. Fernando I (1345-1383) com D. Leonor Teles (1350-1386)³⁶⁵.

No interior da **Estação de S. Bento**, no lado superior direito pode-se ver um painel de azulejos, da autoria de Jorge Colaço (1868-1942) sob o título: *Entrada de D. João I no Porto*, retratando um momento do percurso efetuado pelo casal até ao local do enlace: a Sé do Porto. Convém referir que Jorge Colaço revestiu toda a gare de S. Bento com painéis que retratam acontecimentos históricos, cenas rurais, usos e costumes portugueses, a evolução dos transportes, assim como, *representações alegóricas* das quatro estações do ano, do comércio, das belas-artes, da música, da agricultura, da indústria e motivos ferroviários³⁶⁶. (**Fig. 3 e 4**).

Também Fernão Lopes (1385-1459) na sua obra *Crónica de D. João I* descreve o percurso realizado pelos nubentes a caminho da Sé para se casarem: *E el-Rei saiu daqueles Paços (do Bispo), em cima de um cavalo, muito nobremente guarnecido. Levavam (os noivos) nas cabeças coroas de ouro, ricamente trabalhadas, com pedras de aljófar de grande preço, não indo arredados um ao outro, mas ambos a par. (...) E o arcebispo levava e Rainha pela rédea. Na frente, iam pífaros e trombetas e outros instrumentos (...) A gente era tanta que se não podia conter nem ordenar, porque era pequeno o espaço dos Paços da Igreja. E assim chegaram à Porta da Sé, que era muito perto, onde Dom Rodrigo, Bispo da cidade, já estava festivamente revestido em pontifical, esperando a clerezia. O qual (Bispo) os tomou (a el-Rei e a Rainha) pelas mãos e (...) disse as palavras que a Santa Igreja manda e que se digam em tal sacramento. Então, disse missa e pregação, e, acabado o seu ofício, el-Rei e a Rainha, com festa semelhante, regressaram aos paços (...) onde haviam comer*³⁶⁷.

No lugar onde foi construída a Estação de S. Bento, existia anteriormente o Mosteiro de S. Bento de Avé-Maria (1518-1528), que foi habitado por uma comunidade de freiras beneditinas. Recorde-se que a extinção das ordens religiosas femininas ficou regulada em 1862, com a condição de o convento ou mosteiro ser considerado totalmente extinto, e os seus bens

³⁶⁴ Ibidem. p. 23-26.

³⁶⁵ Lopes, F. (1895-1896). *Crónica de El-Rei D. Fernando*. Lisboa: Escritório, 3 vols, vol. II, p. 8-10.

³⁶⁶ Fernandes, E. L. P. (2010). *Os Painéis de Azulejo da Estação de S. Bento: História, Contexto e Iconografia*. Relatório de Estágio, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 60-66.

³⁶⁷ Lopes, F. (1977) *Crónica de D. João I* (seleção). Lisboa: Amigos do Livro, Editores, Lda. Tomo II, pp.168-169.

confiscados e entregues ao Estado, só por ocasião do falecimento da última religiosa. Portanto, a demolição do Convento de S. Bento de Avé-Maria, só aconteceu no ano de 1892, após a morte da última freira. (**Fig. 5 e 6**).

O arquiteto português Marques da Silva (1869-1947), projetou a Estação Central de S. Bento (1896-1916), edificada no local do Convento de S. Bento de Avé-Maria. Tendo estudado na École Nationale et Spécial de Beaux-Arts, em Paris, captou influências da arquitetura Beaux-Arts, que primava pela ordem, simetria e pormenores arquitetónicos clássicos.³⁶⁸ São também da sua autoria, o Teatro Nacional S. João (1909-1920); o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular (1909)³⁶⁹; a Casa-Atelier Marques da Silva (1909); os Grandes Armazéns Nascimento (1914-1927) atualmente sede das lojas FNAC e C&A; os Liceus Alexandre Herculano (1914-1930) e D. Manuel II (1919-1933); o edifício da Companhia de Seguros *A Nacional* (1919-1925), assim como o prédio Joaquim Emílio Pinto Leite (1922), posteriormente *Bank of London & South America*, situados nas extremidades da Avenida dos Aliados. Além destes edifícios, a sua versatilidade permitiu projetar na cidade do Porto e em outros pontos do país, habitações, jazigos funerários, assim como o Santuário da Penha (1930-1947), em Guimarães, o *único exemplar nacional de Art Déco* que merece ser referenciado³⁷⁰.

Marques da Silva integrou a Comissão Técnica do Plano de Melhoramentos da Cidade, criada por ocasião da intervenção realizada na **Avenida dos Aliados**, fazendo também parte o

³⁶⁸ *Beaux-Arts*: estilo arquitetónico originário da Escola de Belas-Artes de Paris, consolidado no século XIX e caracterizado pela combinação de pormenores arquitetónicos clássicos: colunas, balastradas, cornijas, pilastras e frontões triangulares; preocupação pela ordem, simetria, hierarquização dos espaços (diferenciação entre os espaços nobres - grandes escadarias e salões - e os espaços utilitários); edifícios grandiosos; decoração elaborada (esculturas, relevos, pinturas murais, etc). A *Ópera de Paris* (1861-1875) de Charles Garnier (1825-1898) e a *Gare d'Orsay* (1816-1820), de Victor Laloux (1850-1937), são os exemplos mais conhecidos. Cardoso, A. S. (2011). Marques da Silva. Vila do Conde: Quidnovi, p. 14.

³⁶⁹ Este monumento evoca a coragem de todos os intervenientes nas Guerras Peninsulares (1807-1814), que opuseram britânicos e portugueses, por um lado, e franceses e espanhóis, por outro, numa luta pelo domínio da Península Ibérica, através dos seus portos comerciais. Devido à aliança existente entre o nosso país e a Grã-Bretanha, e após desrespeito ao Bloqueio Continental, imposto por França, Portugal é invadido pelos exércitos franceses. Em março de 1809, o exército francês comandado pelo general Soult (1769-1851), invade a cidade do Porto (segunda invasão), ocupando-a de 29 de Março até 12 de Maio. Em Maio, as tropas luso-britânicas comandadas por Arthur Wellesley (1769-1852) chegam finalmente ao Porto, e expulsam da cidade as tropas francesas, libertando a cidade do jugo francês. O desastre da Ponte das Barcas, no qual pereceram quatro mil pessoas, durante a segunda invasão francesa, está representado neste monumento. Oliveira, L. V. de (coord. edit.) (2009) *O Porto e as Invasões Francesas: 1809-2009*. Porto: Público, 4 vols, vol. 1, p. 14-16.

³⁷⁰ Cf. Cardoso, Ana Sofia (2011). *Marques da Silva*. Vila do Conde: Quidnovi, p. 25; (2015) Linha 22, a linha de Marques da Silva. *Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva*. Acedido a 18-08-2015 em: [http://fims.up.pt/ficheiros/LINHA%2022%20NEW_final%20PT\(1\).pdf](http://fims.up.pt/ficheiros/LINHA%2022%20NEW_final%20PT(1).pdf)

arquiteto Barry Parker (1867-1947)³⁷¹. **(Fig. 7)**. De fato, em 1915, este arquiteto e urbanista britânico, é convidado pela Câmara Municipal do Porto, a integrar esta Comissão³⁷² para avaliação do projeto inicial da 3ª Repartição, que não irá ser implementado e ficará para segundo plano, já que Barry Parker vai tomar a liderança ao elaborar o Plano da Avenida, de acordo com as suas propostas. **(Fig. 8)**. O seu projeto visava *abrir e ampliar uma parte da cidade que está muito congestionada (...) abrir uma Avenida larga, que deverá ser, antes de tudo, muito dignificante (...) rasgar o centro da cidade e criar um verdadeiro Centro Cívico e um centro de estabelecimentos (...)*³⁷³, escoando desta forma, o tráfego que aumentara com a abertura da Ponte de D. Luís I (1886) e com a chegada do comboio a S. Bento (1896)³⁷⁴, já que a Praça de D. Pedro IV (atualmente Praça da Liberdade) onde se situava o antigo Paços do Conselho, revela-se *insuficiente para as necessidades de uma administração local*³⁷⁵. **(Fig. 9 e 10)**.

Barry Parker vai desenvolver o seu projeto em duas fases: numa 1ª fase, centra *o seu estudo à Avenida da Cidade*, e numa 2ª fase, amplia a sua área de trabalho desde a Sé até à Trindade³⁷⁶.

Devido às críticas de alguns membros da comissão, o engenheiro Joaquim Gaudêncio Pacheco (1875-?) e o arquiteto José Marques da Silva, o projeto inicial de Parker vai sofrer

³⁷¹Richard Barry Parker: arquiteto e urbanista inglês, nasce em Chesterfield (Inglaterra) no ano de 1867 e frequenta a South Kensington Art School (1886/87), em Londres, continuando a sua aprendizagem em Manchester, com o arquiteto George Faulkner Armitage (1849-1937). Em 1895, inicia a sua atividade com o seu primo Raymond Unwin (1863-1940) que entretanto se torna seu sócio e juntos trabalham em vários projetos. Entre 1903 e 1904, planeiam a primeira *cidade-jardim*, em Letchworth, cujas teorias de Ebenezer Howard (1850-1928), põem em prática, ao criarem uma cidade que integra espaços verdes em todo o espaço urbano. Nos anos seguintes Barry Parker desloca-se a Portugal e Brasil, onde trabalha em importantes projetos, falecendo em 1947. Figueiredo, R., Vale, C. P., & Tavares, R. (2013). *Avenida dos Aliados e Baixa do Porto. Memória, realidade e Permanência*. Vale, C. P. do (coord. exec.), Porto: Porto Vivo, SRU, p. 375.

³⁷² Faziam parte desta Comissão, os engenheiros, Gaudêncio Pacheco, Casimiro Barbosa e Aníbal Barros, assim como os arquitetos, José Marques da Silva, Correia da Silva e Miguel Ventura Terra. Figueiredo, R., Vale, C. P., & Tavares, R. (2013). *Avenida dos Aliados e Baixa do Porto. Memória, realidade e Permanência*. Vale, C. P. do (coord. exec.), Porto: Porto Vivo, SRU, p. 107.

³⁷³Tavares, R. (1985/86). Da Avenida da Cidade ao Plano para a Zona Central. A intervenção de Barry Parker no Porto. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 2ª série. Volume 3/4, (261-324), Porto: Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto, p.281-282.

³⁷⁴Figueiredo, R., Vale, C. P., & Tavares, R. (2013). *Avenida dos Aliados e Baixa do Porto. Memória, realidade e Permanência*. Vale, C. P. do (coord. exec.), Porto: Porto Vivo, SRU, p. 101.

³⁷⁵ Ibidem. p. 101.

³⁷⁶Gravato, M. A. P. R. (2004). *Trajeto do risco urbano: a arquitetura na cidade do Porto, nas décadas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados à Rua de Ceuta*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 30. Acedido a 09-06-2015 em: http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/VBF4REQACFMT7LNKL4PK8ASA7MR_EHP.pdf

algumas alterações, sendo várias vezes reformulado pelo arquiteto³⁷⁷. Uma das razões da discordância de opiniões prende-se com o local onde se deveria implantar os Paços do Concelho. O plano inicial de Barry Parker colocava este edifício representativo da cidade, na parte Sul da Avenida, no entanto, acede às sugestões de Marques da Silva, e na última versão, coloca o edifício no topo Norte da Avenida, *n'um ponto d'onde domine toda a Avenida, ou seja no ponto mais alto d'ella*³⁷⁸.

No que diz respeito à urbanização da *Nova Avenida*, os edifícios foram inicialmente projetados por Barry Parker ao gosto neoclássico, já que este estilo predominou por toda a cidade até ao século XIX, no entanto, foram concretizados ao estilo Beaux-Arts, de influência francesa, segundo projeto de José Marques da Silva, o edifício da Companhia de Seguros *A Nacional* (1919-1925), assim como o prédio Joaquim Emílio Pinto Leite (1922), posteriormente *Bank of London & South America*, são bons exemplos deste estilo.

Podemos comparar este episódio de melhoramentos urbanísticos na cidade, com outro projeto semelhante, ocorrido no século XVIII, a Renovação Almadina (1757-1804).

João de Almada e Melo (1703-1786) vai para o Porto ocupar o cargo de Governador das Armas e da Justiça da cidade. Paralelamente ao cargo de governador, e com a criação da Junta das Obras Públicas, Almada e Melo ocupa as funções de presidente, começando a ser esboçado um plano de urbanização da cidade, e concretizando-o ao fazer a ligação do rio à parte alta da cidade (transporte de produtos), através da abertura de novas ruas e praças, a construção de novos edifícios (estilo neopalladiano, de influência inglesa), e assim promover as condições para a expansão e desenvolvimento da cidade fora das muralhas.

Neste contexto, assiste-se à transição do estilo barroco que imperava na cidade com a construção da Torre dos Clérigos (1754-1763), de Nasoni, para um neopalladianismo de influência inglesa, de que o Hospital de Santo António³⁷⁹ é o primeiro exemplo³⁸⁰. De fato, a construção deste hospital, marca o início da linguagem palladiana no nosso país, que evolui mais

³⁷⁷ Figueiredo, R., Vale, C. P., & Tavares, R. (2013). *Avenida dos Aliados e Baixa do Porto. Memória, realidade e Permanência*. Vale, C. P. do (coord. exec.), Porto: Porto Vivo, SRU, p.110.

³⁷⁸ Ibidem. p. 110.

³⁷⁹ Fases de construção do Hospital de Santo António: (1ª Fase: 1769-1780; 2ª Fase: 1791- 1807; Séc. XIX Ribeiro, L. P. T. (2012). *A Arquitetura Neopalladiana Portuense: o Hospital de Santo António (1769-1832)*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p.116-118. Acedido a 11-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67268/2/000198590.pdf>

³⁸⁰ Aguiar, L., Ferreira, L. & Pinto, J. R. (2011-2012). Turismo Urbano, impactos dos itinerários nos destinos turísticos – Itinerário Turístico Cultural no Porto Almadino. In: *Percursos & Ideias - Revista Científica do ISCET*. Cadernos de Turismo, Nº 3 & 4 – 2ª série – Porto: Instituto Superior de Ciências. Acedido a 04-03-2014 em: http://www.iscet.pt/sites/default/files/PercursosIdeias/N3_4/Revista20112012Tur_0.pdf

tarde para o neoclássico, influenciando a construção de outros edifícios, nomeadamente a Feitoria Inglesa, o Palácio da Bolsa, a Academia Real de Marinha e Comércio (Edifício da Reitoria), Palácio dos Carrancas, entre outros³⁸¹. (**Fig.11 e 12**).

O cônsul britânico desta cidade, John Whitehead (1726-1802) e o reverendo Henry Wood, foram os responsáveis pela escolha do arquiteto britânico John Carr (1727-1807), amigo pessoal do Cônsul, com experiência no seu país de origem em projetos desta envergadura, para riscar o novo edifício. O hospital foi inteiramente traçado à distância (John Carr nunca se deslocou ao Porto) e a sua construção foi demorada devido às más condições do terreno, desnível acentuado e solo pantanoso, pelo que a preparação do solo para a construção, acarretou grandes despesas para a Santa Casa da Misericórdia, entidade que encomenda o projeto, demorando-se a sua construção por vários anos ³⁸².

O Hospital de Santo António ficou reduzido a cerca de metade do tamanho previsto, o que não invalida a monumentalidade e beleza da fachada principal tipicamente neopalladiana.

Tal como na construção deste hospital, o cônsul britânico John Whitehead (1726-1802), teve um papel decisivo na edificação do cemitério inglês no Porto (1787-1788) e na construção da sua igreja (1815-1818).

A religião professada pelos cidadãos britânicos a viver no Porto era o Anglicanismo, não existindo um local de adoração conveniente para a prática da sua fé. Aliado a este facto, não tinham autorização de sepultar os seus mortos em cemitérios comuns, pelo que a alternativa era enterrá-los durante a maré vaza, nas margens do rio Douro, no lado de Gaia, sem uma cerimónia religiosa conveniente. Devido ao esforço de John Whitehead, foi autorizada a compra de um terreno destinado à construção de um cemitério, com a condição deste se situar longe do centro da cidade, *fora dos seus limites e protegido com um grande muro*³⁸³, pelo que a partir de 1788 começaram a ser realizados os enterros dos cidadãos britânicos. (**Fig. 13**).

O cemitério dos ingleses é construído no terreno situado no antigo Largo do Campo Pequeno, agora Largo da Maternidade. O tratado firmado entre a nação portuguesa e britânica em

³⁸¹Amorim, A. S. da S. (2014). Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 83. Acedido a 11-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf>

³⁸² 1ª Fase: 1769-1780; 2ª Fase: 1791- 1807; Séc. XIX. Ribeiro, L. P. T. (2012). *A Arquitetura Neopalladiana Portuense: o Hospital de Santo António (1769-1832)*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p.116-118. Acedido a 11-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67268/2/000198590.pdf>

³⁸³Amorim, A. S. da S. (2014). Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p.80-81. Acedido a 11-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf>

1810, concedeu liberdade religiosa aos anglicanos, e a autorização de construção de capelas e igrejas, para a prática da sua religião, pelo que em 1815 iniciou-se a construção da Igreja de St. James (sob a direção de José da Costa Lima Sampaio) nos terrenos do cemitério³⁸⁴

Outro edifício de influência marcadamente britânica é o desaparecido **Palácio de Cristal** (1861-1865), e os **seus jardins**. Este edifício, inaugurado em 1865, para a Exposição Internacional Portuguesa, surge a partir da iniciativa de alguns capitalistas portuenses que pretendiam construir um edifício destinado à realização de exposições e atividades culturais na cidade, seguindo o exemplo de outras capitais europeias. Com esse objetivo, fundam a Sociedade do Palácio de Cristal Portuense, constituída por Alfredo Allen (1828-1907), o visconde de Vilar Allen, filho de John Allen, entre outras individualidades. **(Fig. 14 e 15).**

A ideia da globalização começa a formar-se em finais do século XIX, nos países dito industrializados, e a realização das exposições universais foram uma oportunidade para os países mostrarem internacionalmente as suas inovações tecnológicas. Londres (1851) e Paris (1855) foram as primeiras cidades a realizarem exposições internacionais da indústria. Em 1860, realizou-se em Florença a Exposição Universal, seguindo-se em 1862, a quarta Exposição Universal da Indústria, em Londres. Pensamos que provavelmente os exemplos de Londres e Paris, no qual os portugueses participaram, tenham motivado as classes mais abastadas a organizarem um evento semelhante a este, fato que consumaram em 1865, no recém-inaugurado Palácio de Cristal. No entanto, acreditamos que este projeto foi bastante ambicioso, dado que o Porto não podia ser comparado com as cidades cosmopolitas de Londres e Paris, o que não invalida o sucesso desta exposição.

Símbolo do progresso tecnológico de finais do século XIX, o palácio, entretanto desaparecido, aposta na inovação de materiais pouco utilizados em edifícios arquitetónicos desta envergadura: o ferro e o vidro, assim como o granito, material utilizado na fachada à semelhança do *Cristal Palace* londrino (1851-1936) que utilizou o ferro e o vidro, mas não o granito. Curiosamente, de Inglaterra vem a estrutura em ferro e o vidro da cúpula da nave central³⁸⁵.

O Palácio apresentava três naves (a central maior que as laterais) cobertas com abóbodas de ferro e vidro. A autoria do Palácio de Cristal é um pouco contraditória. Alguns autores referem que o edifício foi riscado pelo arquiteto inglês Thomas Dillen/Dillon Jones, outros ao engenheiro

³⁸⁴Ibidem. p. 80-81.

³⁸⁵Pereira, G. M. & Serén, M. do C. (2000). O Porto Oitocentista. In Ramos, L. A. de O. (dir.), *História do Porto* (3ª ed.), Porto: Porto Editora. p. 495-496.

F. W. Shields/Sheilds³⁸⁶, no entanto Maria Luísa Lima³⁸⁷ põe a hipótese de Thomas Dillen Jones, ter sido o autor dos projetos iniciais, o projeto concretizado, seguiu as alterações do engenheiro F. W. Shields.

Este edifício, exemplo da arquitetura do ferro, provou ser uma inovação, fato que motivou algumas replicações pela cidade, com a construção das pontes de D. Maria Pia (1877), D. Luís I (1886), Mercado Ferreira Borges (1888), cobertura metálica da Estação de S. Bento (1896-1916)³⁸⁸.

Além do edifício, os seus jardins, tornaram-se no século XIX, locais de encontro da burguesia emergente o que motivava a passeios pela zona. A par disto, no interior do edifício, assistiam a eventos culturais, espetáculos e a exposições temáticas.

Os britânicos foram os primeiros a procurarem residência nas zonas periféricas da cidade, optando por alugar casa, o que lhes permitia a constante mudança do seu local de residência, fato que ocorria diversas vezes. Esta comunidade fixou-se essencialmente na parte ocidental da cidade, nas freguesias de Massarelos (Campo Alegre, Vilar e Entre Quintas), S. João da Foz do Douro, Campanhã, Lordelo e Bonfim, locais afastados do centro da cidade³⁸⁹, embora em séculos anteriores, as suas residências se tivessem concentrado nas freguesias da Vitória, Santo Ildefonso, S. Nicolau e S. Pedro de Miragaia, próximo das suas firmas comerciais. Segundo Maria do Carmo Serén e Gaspar Martins Pereira, *localizavam-se na Ribeira, mais propriamente na Rua Nova dos Ingleses, no Largo de S. Domingos e na Rua de S. João, perto da Alfândega e do rio*³⁹⁰.

Com o desenvolvimento dos meios de transporte, por volta de 1880-1881, os britânicos afastam-se ainda mais, e fixam residência em Vila Nova de Gaia, no Candal³⁹¹.

³⁸⁶ Santos, J. C. dos (1989). *O Palácio de Cristal e a Arquitetura do Ferro no Porto em meados do séc. XIX*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida. p. 126; 214

³⁸⁷ Lima, M. L. G. R. (1996). O Palácio de Cristal Portuense. Separata da *Revista de Património ESPAÇO E MEMÓRIA*, nº1/98. Porto: Universidade Portucalense, p.23-36

³⁸⁸ Martins, A. M. T. & Virtudes, A. L. (2012). Porto Romântico Oitocentista: novas aberturas viárias vs. arquitetura. in *Actas I Congresso: O Porto Romântico*. Sousa, G. de V. e (coord.), Porto: UCP/CITAR, 2 vols, Porto, 29-30 abr. 2012 (249-363), 356.

³⁸⁹ Ventura, I. M. R. (1996). *Os Britânicos no Porto no séc. XIX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense, Porto, Portugal, p. 138.

³⁹⁰ Séren, M. C. & Pereira, G. M. (2000). O Porto oitocentista: O ordenamento urbanístico na cidade liberal. In. Ramos, L. A. de O. (2000). *História do Porto*, Porto Editora, p. 384.

³⁹¹ Ventura, I. M. R. (1996). *Os Britânicos no Porto no séc. XIX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense, Porto, Portugal, p. 138.

Júlio Dinis (1839-1871)³⁹², no seu romance, *Uma Família Inglesa*, faz uma descrição das suas residências. Em finais do século XIX³⁹³, o bairro inglês era *dominado pelas moradias dos ingleses (...) com as casas pintadas de cinzento, negro, cor de café, verde-escuro e roxo-terra*. As suas moradias eram ladeadas por jardins com árvores de grande porte: *acácias, tílias, magnólias (...) As portas sempre fechadas e as persianas transparentes falavam do seu gosto pela defesa da intimidade*³⁹⁴.

Exemplo de uma moradia tipicamente *inglesa*, situada na zona de Entrequintas, a **Casa Tait**, vulgarmente chamada como Quinta do Meio, foi propriedade de várias famílias de origem britânica até ser arrendada a William Chester Tait (1844-1928), um abastado comerciante de vinho ³⁹⁵ e ornitologista que escreveu o *The Birds of Portugal* (1924). Em 1895 compra a casa e nela vive até à sua morte (1925), deixando-a como herança para a sua filha mais nova, Muriel Tait que, em 1978, vendeu a propriedade à Câmara Municipal do Porto, com o intuito de lhe garantir uma função cultural. (Fig.16).

Descrição do Itinerário 1: Acontecimentos e Personalidades

Este itinerário é feito a pé pelos locais assinalados, e percorre aproximadamente quatro quilómetros, demorando 45 minutos de caminhada. No entanto, contabilizando com o tempo despendido pelo guia a dar informações, a duração do percurso vai-se prolongar, perfazendo duas horas de duração.

³⁹² Pseudónimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, filho de pai português e mãe de ascendência britânica, nasceu no Porto em 1839. Com o pseudónimo de Júlio Dinis, escreveu várias obras, *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867), *A Morgadinha dos Canaviais* (1868), *Uma Família Inglesa* (1868), *Serões da província* (1870), *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1871). Tirou o curso de medicina, na Escola Médico-Cirúrgica do Porto (1856-1857). Não querendo exercer medicina, escolheu ser professor. Devido à doença de que sofria, a tuberculose, acabaria por falecer com apenas 32 anos de idade. (2015). Antigos Estudantes Alunos da Universidade do Porto [em linha] Universidade do Porto. Acedido a 19-09-2015 em: [https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20joaquim%20guilherme%20gomes%20coelho%20\(j%C3%BAlio%20dinis\)](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20joaquim%20guilherme%20gomes%20coelho%20(j%C3%BAlio%20dinis))

³⁹³ Dinis, J. (1968). *Uma Família Inglesa (cenários da vida do Porto)*. Porto: Lello & Irmão Editores. p. 52.

³⁹⁴ Séren, M. C. & Pereira, G. M. (2000). O Porto oitocentista: Os anos da consciência de si: Exposições e Palácio de Cristal. In: Ramos, L. A. de O. (2000). *História do Porto*, Porto Editora, p. 493.

³⁹⁵ cf. Genealogy. com (2015) Forum. [em linha] Genealogy. com. Acedido a 11-09-2015 em: <http://www.genealogy.com/forum/regional/countries/portugal/3085/>.

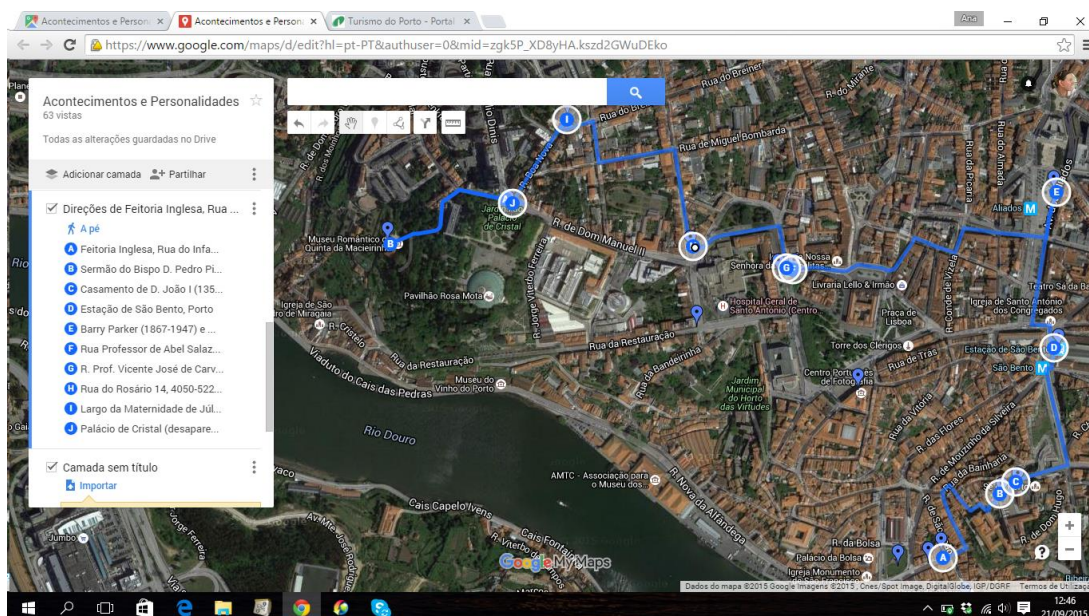


Fig.17- Mapa do Itinerário 1

Link: https://www.google.com/maps/d/edit?hl=pt-PT&authuser=0&mid=zgk5P_XD8yHA.kszd2GWuDEko

Ponto A - Feitoria Inglesa

Coordenadas: 41° 8' 34.8" N 8° 36' 42.767"O

Morada: Rua do Infante D. Henrique, 8

Telefone: 223 392 980

Iniciamos o nosso itinerário na Rua do Infante D. Henrique, no exterior do edifício da Feitoria Inglesa, local que simboliza poder e a influência britânica na cidade do Porto, associados ao comércio do vinho do Porto.

Ponto B – Placa comemorativa do Sermão do Bispo D. Pedro Pitões aos cruzados.

Coordenadas: 41° 8' 34.8" N 8° 36' 42.767"O

Morada: Terreiro da Sé

Subimos até ao Terreiro da Sé, próximo da placa comemorativa do Sermão de D. Pedro Pitões (? – 1152) aos cruzados.

Ponto C – Sé do Porto (casamento de D. Filipa de Lencastre com D. João I)

Coordenadas: 41°08'33"N 8°36'40"O

Morada: Terreiro da Sé -4050-573 Porto

Telefone: 222 059 028

Acolhimento Público: Horário de verão: 9h00-19h00.

Horário de inverno: 9h00-12h30/ 14h30-18h00.

Na Sé do Porto foi realizado o casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre, de origem inglesa, reforçando assim os laços existentes entre as duas nações.

Ponto D – Estação de S. Bento

Coordenadas: 41°08'44"N 8°36'38"O

Morada: Praça Almeida Garrett

Descemos até à Estação de S. Bento. No seu interior, no lado superior direito, dispõe-se um painel de azulejos da autoria de Jorge Colaço, sob o título: *Entrada de D. João I no Porto*, alusivos a este acontecimento importante para a cidade.

Ponto E – Avenida dos Aliados

Coordenadas: 41°08'55.9"N 8°36'38.6"O

Saídos da Estação, deslocamo-nos até à Avenida dos Aliados, local que simboliza o progresso e o desenvolvimento da cidade. Barry Parker foi o arquiteto responsável pela renovação deste local. Marques da Silva, o autor da Estação de S. Bento, (que integrava a mesma equipa de Barry Parker) foi o responsável pela mudança de estilo dos edifícios da Avenida, do neoclássico para o Beaux-Arts.

Ponto F – Estátua de Júlio Dinis (Joaquim Gomes Coelho) - 1926

Coordenadas: 41°08'51.0"N 8°37'02.1"O

Morada: Largo do Prof. Abel Salazar

Autor: João da Silva (1880-1960)

Biografia: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=edif%C3%ADcio%20do%20largo%20do%20professor%20abel%20salazar%20-%20nota%20biogr%C3%A1fica%20do%20escultor%20jo%C3%A3o%20da%20silva

A proximidade da Estátua de Júlio Dinis, do Hospital de Santo António, próximo ponto do nosso itinerário, denuncia a relação que Joaquim Coelho tinha com a medicina, assim como a sua ligação parental com a comunidade britânica que o motivou a escrever o romance, *Uma Família Inglesa*.

Ponto G – Hospital de Santo António (velho)

Coordenadas: 41°08'50.2"N 8°37'04.3"O

Morada: Largo Prof. Abel Salazar

Telefone: 222 077 500

Sítio internet: www.hgsa.min-saude.pt

Este edifício foi o primeiro exemplar do estilo neopalladiano, a ser erigido no nosso país. Devido à influência do cônsul britânico desta cidade, John Whitehead (1726 -1802) e do reverendo Henry Wood, a escolha do arquiteto recaiu sobre o britânico John Carr (1727-1807), amigo pessoal do cônsul. O seu projeto é traçado à distância, sem nunca o arquiteto ter-se deslocado ao Porto.

Ponto H – Busto de Arthur Wellesley (Duque de Wellington)

Coordenadas: 41°08'51.2"N 8°37'13.3"O

Morada: Rua do Rosário (entre as ruas do Rosário e D. Manuel II)

O busto de Arthur Wellesley (1769-1852) Duque de Wellington é uma homenagem da cidade do Porto, ao comandante do exército luso-britânico que expulsou os exércitos franceses durante a Batalha do Douro, no contexto da segunda invasão francesa. Por este ato, foi agraciado com o título de Marquês do Douro (1814).

Ponto I – Cemitério inglês e Igreja de St. James

Coordenadas: 41°09'01.5"N 8°37'26.4"O

Morada: Largo da Maternidade

Telefone: 222 600 272 – Richard Delaforce

Sítio Internet: <http://www.stjamesoporto.org>

John Whitehead, teve um papel decisivo na compra do terreno para a construção do cemitério inglês do Porto (1787-1788). A igreja de Saint James foi posteriormente edificada em 1815.

Ponto A - Jardins do Palácio Cristal (desaparecido)

Coordenadas: 41°08'53.8"N 8°37'31.7"O

Morada: Rua D. Manuel II

Telefone: 225 320 080

Acolhimento Público: 1 de abril - 30 set.: 8h00-21h00

1 out. - 31 março: 8h00-19h00

Um edifício de influência marcadamente britânica, de autoria do arquiteto Thomas Dillen Jones e do engenheiro F. W. Shields, foi o desaparecido Palácio de Cristal (1861-1865), e os seus jardins. Inaugurado em 1865, para a Exposição Internacional Portuguesa, surge a partir da iniciativa de alguns capitalistas portuenses (Alfredo Allen, filho do colecionista John Allen) que pretendiam construir um edifício destinado especialmente à realização de exposições e atividades culturais na cidade. Os jardins que ainda restam foram projetados pelo arquiteto paisagista Emile David.

Ponto B – Casa Tait

Coordenadas: 41°08'52.5"N 8°37'42.9"O

Morada: Rua de Entre-Quintas, 219, Porto

Telefone: 226 057 000 – Email: dmpe@cm-porto.pt

Acolhimento ao Público: 2ª a 6ª: 19h00-12h30 / 14h00-17h30 (últimas admissões às 12h00 e 17h00).

O último ponto do nosso itinerário é a Casa Tait. Esta propriedade com casa, mata e jardins, é o exemplo de uma propriedade tipicamente inglesa. Os britânicos foram os primeiros a procurarem residência nas zonas periféricas da cidade (freguesias de Massarelos, Foz, Campanhã, Lordelo e Bonfim).

3.2.2. Itinerário 2: Colecionadores, Artes e Artistas

O **Itinerário 2**, denominado *Colecionadores, Artes e Artistas*, focaliza-se no papel que os colecionadores tiveram na sociedade portuense do século XIX, ao cultivar um *hobby*

dispendioso e por isso só praticado pelas camadas mais abastadas da sociedade, nomeadamente por comerciantes de vinho. Salientamos o colecionador John Allen, pela qualidade das suas coleções e pelo facto de ser proprietário do único Museu privado aberto ao público, que anos mais tarde vai ser incorporado no novo Museu Portuense, agora Museu Nacional Soares dos Reis. Destacamos deste itinerário, duas personalidades, ligadas também ao comércio do vinho, que são também artistas, nas áreas da fotografia e pintura.

Contextualização histórica:

Algumas personalidades oriundas da Grã-Bretanha que residiram nesta cidade contribuíram para o crescimento da cultura portuense ao nível das artes, nomeadamente na pintura e fotografia.

Joseph James Forrester (1809-1861) foi um deles, além da sua atividade como comerciante numa firma de exportação de vinho, possuía várias facetas, foi pintor, escritor, cartógrafo (autor do mapa da Região Demarcada do Douro), fotógrafo amador, colecionador, estudioso de viticultura e proprietário de uma quinta vinícola³⁹⁶. Na biografia de Forrester, John Delaforce³⁹⁷ remete para uma aguarela do comerciante, publicada em 1834, retratando cinquenta e quatro comerciantes britânicos e portugueses na Rua Nova dos Ingleses, perto da Feitoria Inglesa, local de referência da comunidade britânica no Porto. **(Fig. 18).**

Pensamos que pela qualidade deste trabalho, o artista não podia ser considerado amador, já que após esta aguarela outros trabalhos se seguiram, nomeadamente retratos de pessoas das suas relações, assim como uma série de paisagens do Porto e Gaia ³⁹⁸.

Outra faceta menos conhecida de Forrester residia no seu interesse pela fotografia, cuja técnica aprendeu com o psiquiatra, Dr. Hugh Welch Diamond (1809-1886) que se dedicava à mesma arte³⁹⁹. Com ele aprendeu as técnicas de fotografia, e a sua experiência levou-o a fotografar cenas do quotidiano, paisagens do Douro, assim como alguns retratos fotográficos. **(Fig. 19).**

Ainda no domínio da fotografia, devemos referir Frederick William Flower (1815-1889), um escocês nascido em Leith, que muito novo rumou para o Porto, onde começou a trabalhar numa firma ligada à exportação do vinho do Porto, a Smith, Woodhouse & Company.

³⁹⁶ Sellers, C. (1899). *Oporto, old and new. Being a historical record of the port wine trade, and a tribute to British commercial enterprise in the north of Portugal*, London: Herbert E. Harper, Prefácio, p.1, 260-284.

³⁹⁷ Delaforce, John. (1992). *Joseph James Forrester: Baron of Portugal 1809-1861*: Christie's Wine Publications, p.25-26.

³⁹⁸ Delaforce, John. (1992). *Joseph James Forrester: Baron of Portugal 1809-1861*: Christie's Wine Publications, p.25-26.

³⁹⁹ Ibidem. p. 62.

A par da sua atividade profissional embrenha-se na arte da fotografia e no decurso das suas experiências, começa a utilizar a técnica do calótipo⁴⁰⁰, inventada por William Fox Talbot (1800-1877). Considerado como o pioneiro da fotografia em Portugal, a atividade de Flower decorre entre 1849-1859⁴⁰¹, resultando em inúmeros calótipos que representam vários locais das cidades do Porto e Vila Nova de Gaia, nomeadamente o rio Douro, os monumentos do Porto, a zona da Foz do Douro, o Hospital de Santo António, a Capela do Bom Sucesso, o Mosteiro da Serra do Pilar, os armazéns de vinho em Vila Nova de Gaia, etc. (**Fig. 20 e 21**).

Na comunidade britânica radicada no Porto, durante o séc. XIX, também o gosto pelo colecionismo era uma prática habitual em indivíduos ligados ao comércio do vinho, já que a sua situação económica a isso permitia.

O conde Athanasius Raczynski (1788-1874), um conhecido diplomata e crítico de arte, chega a Portugal em 1842, para cumprir um cargo diplomático. Dado o seu conhecimento e gosto pelas artes, vai receber a missão, por parte da Sociedade Artística e Científica de Berlim, de estudar as artes em Portugal, incumbência que assume com total dedicação⁴⁰².

Durante uma visita ao Porto, em 1844, Raczynski faz referência a várias personalidades da sociedade portuense, que nas suas residências, colecionavam obras de arte, particularmente de pintura.

O cônsul toma contato com o acervo⁴⁰³ de John Francis Allen (1785-1848)⁴⁰⁴, um comerciante de ascendência britânica, nascido em Portugal, e que se tornou conhecido por criar

⁴⁰⁰ Calótipo: processo fotográfico que permite reproduzir várias imagens positivas através de um negativo em papel (calótipo). Esta técnica, inventada por William Henry Fox Talbot (1800-1877), que consiste em capturar as imagens a partir de um negativo fotográfico em papel, previamente mergulhado numa solução de nitrato de prata, e seco com um mata-borrão. Seguidamente, o mesmo papel, é mergulhado numa solução de iodeto de potássio, formando à superfície, uma camada de iodeto de prata. O objetivo é tornar o papel insensível à luz de forma a ser utilizado várias vezes. É aplicada então, uma solução sensibilizadora ao papel, que seco em mata-borrão, é colocado entre duas chapas de vidro, e assim pronto a utilizar. Gray, M. et al. (1994). *Frederick William Flower : um pioneiro da fotografia portuguesa*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Electa-Lisboa 94, p. 30.

⁴⁰¹ Gray, M. et al. (1994). *Frederick William Flower : um pioneiro da fotografia portuguesa*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Electa-Lisboa 94, p. 15.

⁴⁰² Rodrigues, P. S. (2011). O Conde Athanasius Raczynski e a Historiografia da Arte em Portugal. *Revista de História da Arte* nº8. (274-275). p. 264-265. Acedido a: 30-05-2015 em: http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3093/1/RHA_8_VA1.pdf

⁴⁰³ Coleções de pintura, escultura, artes decorativas, numismática, arqueologia e história natural.

⁴⁰⁴ John Francis Allen nasceu em Viana do Castelo (Viana do Minho) em 1781, no seio de uma família de origem irlandesa e de fé católica. O seu avô, George Allen (1698-1772) foi o primeiro da família a fixar residência no nosso país, provavelmente antes de casar. Após o seu casamento, em 1830, foi residir para Gaia, Coimbrões, dedicando-se ao negócio de exportação do Vinho do Porto. Desta união nasceram doze filhos, sendo que Edward William Allen (1738-1819), o quinto filho do casal (pai de John Allen) seguiu o negócio da família ao lado do seu progenitor. Edward William Allen estabeleceu-se em Viana do Castelo em 1771, exercendo em Caminha e Viana, as funções de cônsul da nação britânica. Aí nasceram nove dos

na sua residência um Museu⁴⁰⁵. De fato, ele fica impressionado com a sua coleção de pintura, que contava com quinhentos e noventa e nove peças, afirmando que não existia *em Lisboa uma coleção particular comparável à coleção de John Allen*⁴⁰⁶. Aliás, este colecionador foi o proprietário do primeiro Museu particular do país aberto ao público, o que para a época foi um feito pioneiro. Anos mais tarde, em 1850, a sua coleção é adquirida pelo Museu Municipal do Porto, para depois figurar no fundo do atual Museu de Soares dos Reis⁴⁰⁷. (**Fig. 22**).

Também colecionador, o Barão de Forrester (1809-1861), possuía na sua casa, entre vários exemplares de pintura e escultura, uma aguarela de Domingos António Sequeira (1768-1837) representando o *Desembarque de Afonso de Albuquerque nas Índias*, já John Graham tinha na sua residência pinturas de vários pintores flamengos, paisagens pintadas a óleo e aguarelas inglesas; Robert Woodhouse possuía o seu retrato, pintado por Augusto Roquemont (1804-1852)⁴⁰⁸, e Charles Offley era um colecionador de arte de renome, conhecido em Londres pela sua presença regular em muitos leilões de arte⁴⁰⁹.

doze filhos do seu casamento com a italiana D. Joanna Mazza (1749-1783). Pouco se sabe da infância de John Allen, no entanto, a morte prematura da sua mãe, em 1783, obrigou a que Edward Allen, se mudasse para o Funchal, com os seus filhos mais velhos, deixando os restantes com familiares. Com a idade de dois anos, John Allen, ficou aos cuidados do seu padrinho, e dez anos depois, em 1793, partiu para os Estados Unidos da América, onde ingressou no colégio militar em Georgetown (Washington) aí ficando até 1799. Após a sua graduação, regressou ao Porto e tornou-se sócio de uma empresa de exportação de vinho, assim fazendo fortuna e uma carreira promissora no comércio. Durante a primeira invasão francesa (1808), dada a sua formação militar, alistou-se como voluntário no exército luso-britânico, demonstrando uma conduta exemplar no exercício das suas funções, e sendo agraciado com a condecoração da Ordem da Torre e Espada. O seu gosto pelas artes e colecionismo, provavelmente cultivados durante a sua estadia nos E.U.A. e a sua condição financeira, permitiram-lhe adquirir várias peças de arte para o seu Museu particular fundado na sua residência. Cf. Santos, P.M.M.L. (2005). *João Allen (1781-1848). Um colecionador do Porto romântico*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia, p. 29-33; (2010). *João Francisco Allen (1781-1848). Villar D'Allen: Merchants of Porto Wines since 1706*. Acedido a 29-08-2015 em: <http://villardallenwines.com/pt/family-history/joao-francisco-allen-1781/>

⁴⁰⁵ O Museu de John Allen situava-se nos terrenos adjacentes da sua residência, no ângulo da antiga Calçada dos Carrancas,, na atual Rua Ayres Gouveia, e a Rua da Restauração. Soares, E., Carneiro, P. D. & Santos, P. M. dos. *As belas-artes do Romantismo em Portugal*. (1999). Catálogo da exposição: Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 29 Outubro 1999-30 Janeiro 2000. Lisboa: Instituto Português de Museus. Ministério da Cultura, p.. 262.

⁴⁰⁶ Almeida, A. M. P. (2008). *Museu Municipal do Porto: Das Origens à sua Extinção (1836-1940)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 64.

⁴⁰⁷ Almeida, A. M. P. (2008). *Museu Municipal do Porto: Das origens à sua extinção (1836-1940)*, Porto: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p.85. Acedido a 11-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/14654>

⁴⁰⁸cf. Raczyński, Le comte A., (1846). *Les Arts en Portugal: lettres adressées a la société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents*. Paris: Jules Renouard. Acedido a 01-09-2015 em: <http://purl.pt/6390>; Almeida, A. M. P. (2008). *Museu Municipal do Porto: Das Origens à sua Extinção (1836-1940)* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 63-64.

⁴⁰⁹ Delaforce, J. (1992). *Joseph James Forrester: Baron of Portugal, 1809-1861*: s/l: Edição de autor em colaboração com Christie's Wine Publications, p. 16.

Descrição do Itinerário 2: *Colecionadores, Arte e Artistas*

O presente itinerário é feito a pé pelos locais assinalados. Dado o ponto E estar a uma distância muito grande para ser percorrido a pé, a solução é apanharmos o autocarro (400- Aliados – Azevedo-Campanhã), ou o Metro (Trindade – Campanhã) das linhas A, B, C, E, e F., na Avenida dos Aliados e sairmos na paragem ou estação em Campanhã. O resto do percurso é feito a pé. Do ponto A até depois do ponto D, no local da paragem dos transportes públicos, o percurso tem dois quilómetros. Na totalidade, do ponto A até ao ponto E, percorre-se aproximadamente seis quilómetros a pé. A visita tem aproximadamente a duração de duas horas.

Ponto A - Museu Romântico Quinta da Macieirinha

Coordenadas: 41°08'52.0"N 8°37'41.8"O

Morada: Rua de Entre Quintas, 220 - 4050-240 Porto

Telefone: 226 057 000 - E-mail: museuromantico@cm-porto.pt

Acolhimento Público: 2ª a Sábado: 10h00-17h30 (últimas admissões às 17h00).

Domingo: 10h00- 14h00 e 14h00-17h30 (últimas admissões às 12h00 e 17h00).

Encerra aos Feriados.

Começamos o nosso itinerário no Museu Romântico. Neste local, visualizamos um PowerPoint, onde abordamos Joseph James Forrester, o artista, que se destacou nas áreas de pintura e fotografia. Com Frederick William Flower, fazemos uma visita virtual pelos locais que fotografou, referindo a importância destas duas personalidades para a sociedade portuguesa de oitocentos.

Após o visionamento dos diapositivos, já no Gabinete do Colecionador, fazemos referência às personalidades que durante o século XIX, reuniam nas suas residências objetos de arte, dando especial destaque a John Allen. Nos armários existentes nesta sala, destacam-se alguns objetos, assim como espécimes de moluscos, porventura pertencentes à coleção de malacologia de John Allen.

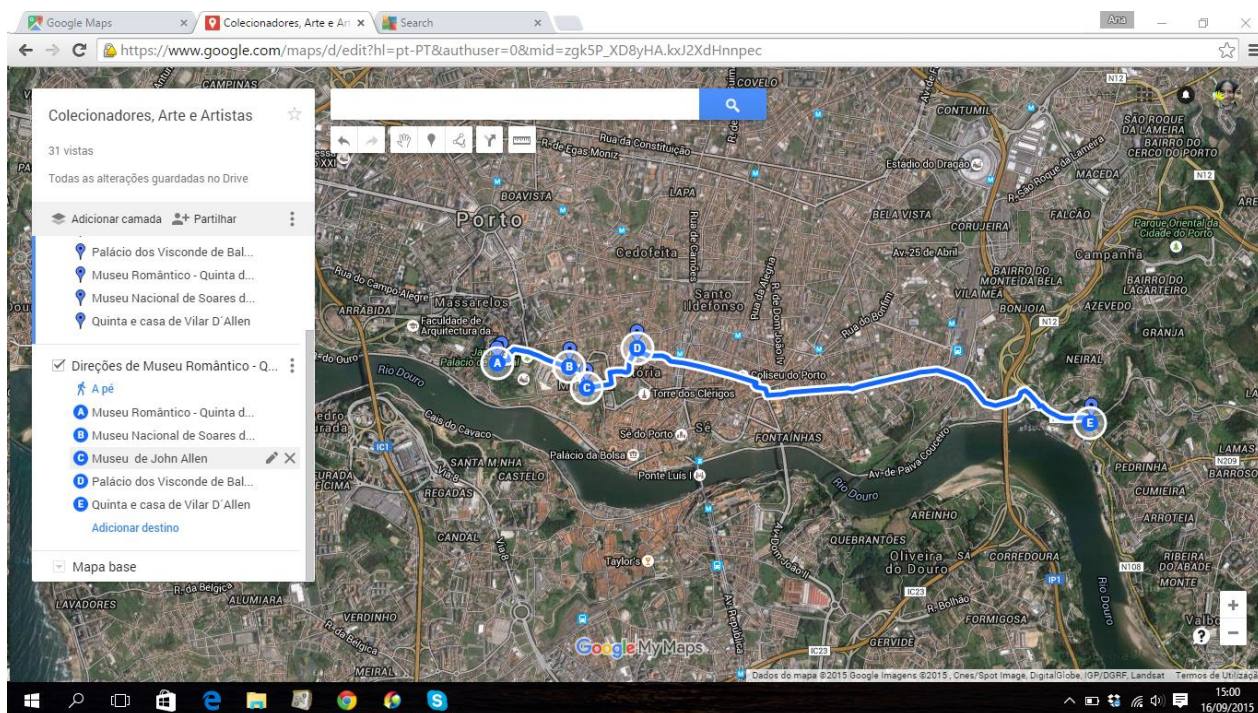


Fig. 23 - Mapa de Itinerário 2.

Link: https://www.google.com/maps/d/edit?hl=pt-PT&authuser=0&mid=zgk5P_XD8yHA.kxJ2XdHnnpec

Ponto B - Museu Nacional de Soares dos Reis

Coordenadas: 41°08'51.6"N 8°37'17.7"W

Morada: Rua D. Manuel II – 4050-342 Porto

Telefone: 223 393 770 - E-mail: divulgação@mnsr.pt

Acolhimento Público: 3ª Feira a Domingo: 10h00-18h30

Encerrado: 2ª feira; 1 de Janeiro, Domingo de Páscoa, 1 de Maio e 25 Dez.

No Museu Nacional de Soares dos Reis, encontramos em exposição algumas das peças de arte do colecionador John Allen. Da sua coleção de pintura destacamos o Retrato de Margarida de Valois (1561), o Retrato de Henrique II (1559), as paisagens de Pillement, e um pendente em miniatura dupla, com o retrato de Joanna Mazza Amsinck (mãe de John Allen), no verso, e alegoria à morte de Joanna Allen, no reverso. (**Fig. 24 e 25**).

Ponto C – Local da Residência e Museu John Allen (desaparecidos)

Coordenadas: 41°8'45.852"N 8°37'12.684"W

Morada: Rua Dr. Alberto Aires de Gouveia

Paramos neste ponto, para indicar o local onde se encontrava a Residência e o Museu de John Allen. (**Fig. 26**).

Ponto D – Palacete dos Visconde de Balsemão - CMP

Coordenadas: 41°08'57.0"N 8°36'55.9"O

Morada: Praça de Carlos Alberto, 71 – 4050-157 Porto

Telefone: 223 393 480 - E-mail: dmcultura@cm-porto.pt

Acolhimento Público: 2ª a 6ª Feira: 9h00-17h30

Sala de Exposições: 2ª a 6ª Feira: 9h00-20h00

Neste edifício, que acolhe o Gabinete de Numismática, e a Direção Municipal de Cultura, visitamos a coleção de numismática que pertencia ao acervo de John Allen. Aqui encontramos moedas romanas, suevas, visigodas, árabes, gregas, egípcias e moedas portuguesas da época da monarquia e da república em ouro, prata, cobre, bronze, e outros materiais, assim como medalhas comemorativas.

Ponto D – Casa e Quinta de Villar D'Allen

Coordenadas: 41°08'38.0"N 8°34'22.9"O

Morada: Rua do Freixo, 194 – 4300-208 Porto

Telefone: 225 302 741

Acolhimento Público:

Viveiros: 2ª a 6ª Feira: 8h30-18h00

Sábados: 9h00-17h00

Visita aos jardins: 10h00-17h00

Sítio eletrónico: www.villardallenwines.com

A **casa de Vilar D'Allen** é o último ponto do nosso itinerário. Situada na zona de Campanhã, foi construída como casa de campo para usufruto da família Allen, durante os meses de verão, tornando-se mais tarde na sua única residência. No seu interior, podemos observar os objetos pessoais de John Francis Allen, a farda do colégio militar, algumas armas provavelmente usadas durante as Guerras Peninsulares, condecorações, gravuras e retratos da família. No exterior, o jardim principal, com uma nascente de água, um lago e um repuxo posicionado ao

centro⁴¹⁰. Depois do jardim, descobrimos uma extensa área de vegetação, constituída por espécies vegetais raras, incluindo as camélias de Villar D'Allen, provavelmente trazidas e adquiridas por John Allen. Aliás, a quinta reflete também uma faceta do colecionador menos conhecida da sociedade, *a de cultivador de jardins*, talento seguido pelo seu filho Alfredo Amsinck Allen (1828-1907), o 1º visconde de Villar D'Allen, que foi um dos fundadores e Presidente da Sociedade do Palácio de Cristal Portuense e da Sociedade Hortícola-Agrícola Portuguesa, como também vereador da Câmara Municipal do Porto na área dos Jardins⁴¹¹.

⁴¹⁰ Direção - Geral do Património Cultural. (s/d). Casa e Quinta de Vilar D'Allen. [em linha] *Direção - Geral do Património Cultural - Secretária de Estado da Cultura*. Acedido a 30-08-2015 em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/155972/>.

⁴¹¹ Geni. Family Tree & Family History (2015). Alfredo Allen. [em linha] *Geni. Family Tree & Family History*. Acedido a 02-09-2015 em: <https://www.geni.com/people/Alfredo-Allen/6000000023078694897#/tab/overviewn>

Considerações finais

Para a realização deste trabalho e a concretização do seu objetivo principal - a criação de percursos histórico-culturais, relativos à comunidade britânica, em espaço urbano - fizemos inicialmente uma abordagem teórica dos conteúdos relacionados com o objetivo da nossa dissertação. O estudo das temáticas do **turismo e turismo cultural** tornou-se essencial para compreendermos a necessidade das regiões em recorrer ao turismo, para obter a sua sustentabilidade e desenvolvimento económico a longo prazo, permitiu-nos entender que o turismo cultural em espaço urbano tem as suas vantagens e desvantagens, e que as motivações dos visitantes dependem em grande parte, da qualidade das experiências culturais que as cidades oferecem.

O uso da **história da arte**, em programas de interpretação e apresentação do património, é essencial para dotar os conteúdos informativos com o rigor científico que muita das vezes não está presente nos programas interpretativos. A inclusão desta disciplina em projetos de conservação, valorização e divulgação do património urbano permite que esse bem cultural seja considerado como uma obra de arte total e não isolada, e desta maneira sejam aplicadas medidas para sua salvaguarda. Com a aplicação das **rotas e itinerários culturais** como método de interpretação e **apresentação** do património, é necessário que as informações transmitidas, sejam adaptadas a públicos de diferentes faixas etárias, de forma a que as mesmas sejam inteligíveis por todos.

Chegados à fase final do nosso trabalho, e com o objetivo final concretizado, temos a consciência de que muitos assuntos ficaram por abordar com relação à comunidade britânica, tal devendo-se em grande parte, às restrições de tempo a que fomos sujeitos, assim como a constrangimentos de índole pessoal que nos impediram de *ir mais além* na investigação, a seguir novos caminhos.

Por outro lado, e face a todas estas contrariedades, pensamos que contribuímos com algo novo para a comunidade científica, nomeadamente, através da sistematização de novas abordagens na interpretação do património, com recurso a novas metodologias na elaboração de fichas de interpretação, que se revelaram ser muito úteis para condensar e reunir as informações, referentes ao nosso objeto de estudo.

Esperamos que o nosso contributo, seja o ponto de partida para a realização de outros estudos nesta área e encoraje outros investigadores a fazerem o mesmo.

Referências bibliográficas

Afonso, J. F. & Botelho, M. L. (2005). Memória justificativa Projeto Porto Século XVI - *A Sé e a sua envolvente no Século XVI*. Porto: Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes (CITAR). Acedido a 17/02/2015 em: <http://www.artes.ucp.pt/citar/portoxvi/pdf/relatorio/PortoVirtualSecXVI-Mem%C3%B3ria-ParteII.pdf>

Agenda Regional de Turismo - *Plano de Ação para o Desenvolvimento Turístico a Norte de Portugal*. (2008). Pacto Regional para a Competitividade da Região do Norte de Portugal (coord. geral). Portugal: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N), Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional. p. 21, 25. Acedido a 17/04/2015 em: <http://www.ccdr-n.pt/node/247>

Aguiar, L., Ferreira, L. & Pinto, J. R. (2010). Circuito Turístico-Cultural-Porto Almadino: Contributos para a criação de um negócio em Turismo. In: *Percursos & Ideias - Revista Científica do ISCET*. Cadernos de Turismo, Nº 2 – 2ª série – Porto: Instituto Superior de Ciências Sociais e Turismo. Acedido a 04-03-2014 em: http://www.iscet.pt/sites/default/files/PercursosIdeias/N_2/Revista2010T.pdf

Aguiar, L., Ferreira, L. & Pinto, J. R. (2011-2012). Turismo Urbano, impactos dos itinerários nos destinos turísticos – Itinerário Turístico Cultural no Porto Almadino. In: *Percursos & Ideias - Revista Científica do ISCET*. Cadernos de Turismo, Nº 3 & 4 – 2ª série – Porto: Instituto Superior de Ciências. Acedido a 04-03-2014 em: http://www.iscet.pt/sites/default/files/PercursosIdeias/N3_4/Revista20112012Tur_0.pdf

Alçada, M., Lisitzin, K. & Manz, K. (2013). *Turismo e Património Mundial: Seleção de Abordagens e Experiências de Gestão em Sítios do Património Mundial de origem Portuguesa (TOUR-WHPO)*. Turismo de Portugal/UNESCO, p.68. Acedido a 04/03/2015 em: <http://www.tour-whpo.org>

Alexander, J. E. (1835). *Sketches in Portugal during the civil war of 1834*. London: James Cochrane and Cº, Acedido a 16-02-2015 em: <http://purl.pt/17088>

Almeida, A. M. P. (2008). *Museu Municipal do Porto: Das origens à sua extinção (1836-1940)*, (Mestrado), Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Acedido a 11-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/14654>

Almeida, A. M. P. (2006-2007). Contributos ao estudo da museologia portuense no século XIX. O Museu do Colecionador João Allen e o Museu Municipal do Porto. *Revista da Faculdade de Letras*, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, I Série, vol. V-VI, pp. 31-55. Acedido a em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6617.pdf>

Almeida, Paula Cardoso 2010- *História do Porto. O poder dos bispos: de D. Hugo a D. Vicente Mendes*. Matosinhos: Quidnovi, (História do Porto, 2).

Almendra, P. (2012). Os passos perdidos dos brasileiros de torna-viagem: um itinerário romântico no porto – *Atas do I Congresso o Porto Romântico* – Sousa, Gonçalo de Vasconcelos e (coord.), Porto: Universidade católica Portuguesa: CITAR-Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, (2 vols), vol.1.

Alves, J. J. F. (1988). *O Porto na época dos Almadás. Arquitetura. Obras Públicas*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Alves, J. J. B. F. (2005). Ensaio sobre a arquitetura barroca: e neoclássica a Norte da bacia do Douro. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património, I Série, vol. IV, p.135-153*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (147-151). Acedido a 10-09-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4940.pdf>

Alvim, M. H. V-B. e (2012). Cenas quotidianas do Porto Romântico (O Comércio do Porto – 1854/1879). In. *Atas I Congresso do Porto Romântico*. Sousa, G. V. e (coord.), Porto: Universidade Católica Portuguesa/ CITAR.

Amorim, A. S. da S. (2014). *Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 01-12-2014 em: <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf>

Anacleto, M. R. D. (1993). *História da Arte em Portugal*. Neoclassicismo e romantismo. Lisboa: Alfa.

D'Aurora, Conde (1962). *Itinerário Romântico do Porto*. Porto: Editorial Domingos Barreira.

Barbini, F. & Ramalheite, F. (2012). A praça: intervenções contemporâneas em espaços de património. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)*, v. 4, n. 2, pp.233-244, jul./dez. 2012, (p.241-242). Acedido a 09-06-2015 em: <http://www.scielo.br/pdf/urbe/v4n2/a07v4n2.pdf>

Barreira, H. D. da S. (2011). Um exercício prático: Estilos, Modas, Formas e Soluções. In *Atas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Património. (p. 206 - 220), 10-12 Mar. 2010. Acedido a 08-06-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9149.pdf>

Basto, A. M. (1932). *O Porto do Romantismo*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 95-104. Acedido a 16-07-2015 em: http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/K3UC4Q9R8GIAGF2V4VHXFRMU7NBSIG.pdf

Bessa, A. et. al (2011). O papel da História da Arte numa cidade Património Mundial. Estudo de Caso: o Porto. In *Atas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Património. (p.199-205), 10-12 Mar. 2010. Acedido a 28-02-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9148.pdf>

Beck, L & Cable, T. T. (2011). *The Gifts of Interpretation - Fifteen Guiding Principles for Interpreting Nature and Culture*, Acedido a 13-03-2015 em: <http://www.sagamorepub.com/files/lookinside/26/pages-gift-interpretation.pdf>

Borges, M. R., Marujo N. & Serra J. (2013). Turismo Cultural em cidade património mundial: a importância das fontes de informação para visitar a cidade de Évora. *Tourism and Hospitality International Journal*, 1, (p. 137-156). Acedido a 17-05-2015 em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/9552>

Botelho, M. L. & Ferreira, T. (2014). Tourism, Heritage and Authenticity - The case of Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013.

Botelho, M. L. (2006). *A Sé do Porto no século XX*. Lisboa: Livros Horizonte.

Botelho, M. L. (2004). *As transformações sofridas pela Sé do Porto no Século XX. A acção da DGEMN (1829-1982)*. (Mestrado). Faculdade de Letras de Lisboa, 3 vols. (texto policopiado).

Briedenhann, J. & Wickens, E. (2004). *Tourism routes as tool for the economic development of rural areas – vibrant hope or impossible dream?* Buckinghamshire Chilterns University College Tourism Management, 25, United Kingdom. Acedido a 01-02-2015 em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517703000633>

Cabral, L. (texto). (2000). *O Palacete dos Viscondes de Balsemão*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Divisão Municipal de Cultura e Turismo.

Câmara, M. A. T. G. da (2005). *A história da arte em Portugal: um balanço*. In Carvalho, D., Vila Maior, D., & Teixeira, R. de A. (Org.). *Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria*

Emília Ricardo Marques. Lisboa: Universidade Aberta. (p.123-132). Acedido a 02/06/2015 em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/342>

Cardoso, A. B. (2003). *Baco & Hermes: o Porto e o comércio interno e externo dos vinhos do Douro (1700-1756)*, Porto: GEHVID - Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto.

Cardoso, A. B. (2010). O vinho e a cidade setecentista. In *História do Porto 7: O ciclo do vinho, um negócio de exportação que transformou a cidade*. Porto: QN - Edições e Conteúdos, S.A.

Cardoso, A.S. (2011). *Marques da Silva*. Coleção Arquitetos Portugueses, Vila do Conde: Quidnovi.

Castanheira, M. Z. (2009). Joseph James Forrester, defensor do Douro: a obra do “estrangeiro-português”. In *Famílias Inglesas e a economia de Portugal*. Portalegre: Publicações da Fundação Robinson N°4, p.81. Acedido a 11-3-2014 em: http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/publicacoes/004_PFR.pdf

Castel-Branco, M. C. E. (2009). Os tempos e as gerações da família Kingston em Portugal. A figura de William Henry Giles Kingston. In *Famílias Inglesas e a economia de Portugal*. Portalegre: Publicações da Fundação Robinson N°4, p.43. Acedido a 11-3-2014 em: http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/publicacoes/004_PFR.pdf

Castilho, J. (1936). *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)*. Narrações pelos Cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhos presenciais do cerco. Lisboa: S. Industrias da Câmara Municipal de Lisboa, 2ª Ed.

Castro, A. de (1971) Vinho. In Serrão, J. (org.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa: Iniciativas Editoriais, Vol. VI.

Choay, F. (2014). *A Alegoria do Património*. Coleção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, Lda.

Cluny, I. (2009) Joseph James Forrester: uma história do Douro. In *Barão de Forrester. Razão e Sentimento. Uma História do Douro (1831-1861)*. (p.13-43). Régua: Museu do Douro. Acedido a 09-03-2015 em: http://www.academia.edu/4975032/Joseph_James_Forrester_uma_hist%C3%B3ria_do_Douro

Costa, A. R. da (1789). *Descrição topográfica, e histórica da Cidade do Porto. Que contém a sua origem, situação, e antiguidades: a magnificência dos seus templos, mosteiros,*

hospitais, ruas, praças, edifícios, e fontes..., Porto: na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro. Acedido a 16-02-2015 em: <http://purl.pt/22517>

Costa, R. C. G. (2012). *Interpretação no turismo - O caso do Portugal dos Pequenitos (PPE)*, Relatório de Projeto, Universidade de Aveiro, Portugal. Acedido a 27-05-2015 em: <http://ria.ua.pt/handle/10773/9338>

Cruz, A. (1984). As relações seculares da Cidade do Porto com a Inglaterra. In *O Tripeiro*, Série Nova, vol. III.

Cunha, L. (2009). *Introdução ao Turismo*. (4ª ed.) Lisboa: Editorial Verbo.

Cunha, L. (2010). *A definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário*. ReCil Grupo Lusófona. Acedido a 16-05-2015 em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/665/A+Defini?sequence=1>

Cunningham, M. (2004). *The interpreters Training Manual for Museums*. American Association of Museums,

Delaforce, John (1982). *Anglicans abroad: the history of the chaplaincy and church of St. James of Oporto*, S.P.C.K.: Londres.

Delaforce, John (1983). *The Factory House at Oporto*. London: Christie's Wine Publications, (2nd. ed.).

Delaforce, John (1992). *Joseph James Forrester: Baron of Portugal 1809-1861*: Christie's Wine Publications.

Dias, R. J. M. (2014). *Reconstituição Digital em Património: Os castelos de Vimioso e Monforte de Rio Livre*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 04-05-2015 em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=103876

Dinis, J. (1968). *Uma Família Inglesa (cenar da vida do Porto)*. Porto: Lello & Irmão Editores.

Dória, A. A. (1971). Relações de Portugal com a Inglaterra. In Serrão, J. (org.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa: Iniciativas Editoriais, vol. III.

Encyclopedia of the Nineteenth-Century Photography. (2008). USA: John Hannavy Editor. Acedido a 12-08-2015 em: <https://books.google.pt/books?id=Kd5cAgAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Encyclopedia+of+Nineteenth-Century+Photography&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CCIQ6AEwAWoVChMI6YvTldSkxwIVyo7bCh0zNw16#v=onepage&q=Encyclopedia%20of%20Nineteenth-Century%20Photography&f=false>

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa: Editorial Verbo.

Fernandes, E. L. P. (2010). *Os Painéis de Azulejo da Estação de S. Bento: História, Contexto e Iconografia*. Relatório de Estágio, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Ferreira, M. L. da S. (2011). *As Rotas Culturais - Âncoras de ludificação, atratividade e reconversão dos espaços rurais: A rota do Românico do Vale do Sousa*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Figueira, L. M. (2010). *Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar. Acedido a 01-03-2014 em: http://www.cespoga.ipt.pt/new/wp-content/uploads/2013/03/Manual_Roteiros_CESPOGA2013.pdf

França, J. A. (1990). *A Arte em Portugal no Séc. XIX*. (3ª ed.) Lisboa: Bertrand Editora Lda, vol. I.

Goeldner, C. & Ritchie, J. (2003). *Tourism, Principles, Practices, Philosophies*. (9th ed.). John Wiley & Sons, Inc. p.5. Acedido a 28-03-2015 em: <https://ia802706.us.archive.org/30/items/TourismPrinciplesPracticesAndPhilosophies/TourismConceptPrinciplesPractices.pdf>

Gomes, L. M. F. (2012). *O turismo criativo: experiências na cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 20-05-2015 em: http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=70051

Gonçalves, M. G. B. (2001). Considerações a partir de uma dissertação centrada na Comunidade Britânica do Porto. *Sociologia: revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. XI, (163-182). Acedido a 26-06-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1486.pdf>

Gonçalves, M. G. B. (2003). *A Comunidade Britânica no Porto: Inter-relações históricas, económicas, culturais e educativas*. Porto: Edições Afrontamento.

Gravato, M. A. P. R. (2004). *Trajeto do risco urbano: a arquitetura na cidade do Porto, nas décadas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados à Rua de Ceuta*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 09-06-2015 em: http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/VBF4REQACFMT7LNKL4PK8ASA7MREHP.pdf

Gray, M. et al. (1994). *Frederick William Flower : um pioneiro da fotografia portuguesa*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Electa-Lisboa 94.

Gualis, G. B. (2001). *Como y qué investigar en historia del arte: una crítica parcial de la historiografía del arte española*. Barcelona: Ediciones del Serbal.

Harrison, W. H. (1839). *The tourist in Portugal*, London: Robert Jennings. Acedido a 16-02-2015 em: <http://purl.pt/17100>

Impact of European Cultural Routes on Sme's innovation and competitiveness – Provisional Edition (s/d). Les itinéraires Culturels du Conseil de l'Europe. Acedido a 13-03-2015 em: http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/StudyCR_en.pdf

Kingston, W. H. G. (1845). *Lusitanian sketches of the pen and pencil*. London: John Parker, 2 vols., vol.I. Acedido a 11-03-2015 em: <http://purl.pt/17225>.

Lima, M. L. G. R. (1996). O Palácio de Cristal Portuense. Separata da *Revista de Património ESPAÇO E MEMÓRIA*, nº1/98. Porto: Universidade Portucalense.

Lopes, F. (1977) *Crónica de D. João I* (seleção). Lisboa: Amigos do Livro, Editores, Lda. Tomo II.

Lopes, F (1895-1896). *Crónica de El-Rei D. Fernando*. Lisboa: Escritório, 3 vols, vol. II.

Lopes, F. (2000). O Programa de incremento do Turismo Cultural. Dos novos conceitos e motivações sobre o património cultural à criação de produtos turísticos de qualidade, *Revista Antropológicas*, nº4, *Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa*, 2000. Acedido a 30/01/2015 em: <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/viewFile/934/736>

Lopes, F. & Correia, M. Brito. (2014). *Património Cultural. Critérios e Normas Internacionais de Proteção*. Portugal: Caleidoscópio

Macaulay, R. (1950). *Ingleses em Portugal*. Gonçalves, M. F. & Dória, A. A. (tradução), Porto: Livraria Civilização Editora.

Maia, S.V., Martins, U. M.O & Baptista, M.M.T. (2013). Turismo cultural no contexto urbano: rotas museológicas - Os casos de Aveiro e Ílhavo (Portugal). *RBTUR-Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 7(2). Acedido a 25-03-2015, em DOI: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v7i2.632>

Marques, A. H. de O. - *História de Portugal*, 7º ed. Lisboa: Palas Editores, 1977, vol.2.

Martins, A. M. T. & Virtudes, A. L. (2012). Porto Romântico Oitocentista: novas aberturas viárias vs. arquitetura. in *Actas I Congresso: O Porto Romântico*. Sousa, G. de V. e (coord.), Porto: UCP/CITAR, 2 vols, Porto, 29-30 abr. 2012 (249-363).

Marujo, N., Serra, J. & Borges, M. R. (2013). Turismo Cultural em cidades históricas: a cidade de Évora. *TURyDES: Revista de investigación en turismo y desarrollo local*, vol.6. nº14. (p.1-10). Acedido a 17-05-2015 em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9582/1/TURISMO%20CULTURAL%20EM%20CIDADES%20HIST%C3%93RICAS.pdf>

Mitchell, K. (1997) The soul of things: Spirituality and Interpretation in National Parks, *Epoché: The University of California Journal for the Study of Religion*. Acedido a 04-02-2015 em: <http://www.epoche.ucsb.edu/MitchellSpring05.pdf>

Owen, H. (1915). *O Cerco do Porto contado por uma testemunha*. Lisboa: Renascença Portuguesa.

Panofsky, E. (1986). Iconografia e Iconologia: Uma Introdução ao estudo da arte da Renascença. In: *Significado nas Artes Visuais*. Tradução: Maria Clara F. Knessse e J. Guinsburg. (47-65) São Paulo: Perspectiva, 2ª ed. Acedido a 03-06-2015 em: <https://leandromarshall.files.wordpress.com/2012/05/panofsky-e-iconografia-e-iconologia.pdf>

Percursos pela Arquitetura do Porto: dos Aliados à Trindade. Oportunity to discover. (2013). Câmara Municipal do Porto/Departamento de Turismo e CITA : Centro de Investigação em Território, Arquitetura e Design das Universidades Lusíada/ Arqº Rui Sousa (conteúdos). Porto: Câmara Municipal do Porto/Departamento Municipal de Turismo (edi.).

Pereira, A. C. da C. (2007). *Os Conventos do Porto. Descontinuidades, transformação e reutilização*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 18-06-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/64322>

Pereira, Firmino (1914). *O Porto d' outros tempos: notas históricas, memórias, recordações*. Porto: Livraria Chardron.

Pereiro Pérez, X. (s/d) *Turismo Cultural: Leituras da Antropologia*. Publicações UTAD: Vila Real. Acedido a 04-02-2015 em: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Turismo_Cultural_Naya.pdf

Pereiro Pérez, X. (2002). Itinerários Turísticos-culturais: Análise de uma experiência na cidade de Chaves, *Actas do III Congresso de Trás-os-Montes*. Bragança, Setembro de 2002. Acedido a 04-03-2015 em: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Intinerarios_Turismo_Cultural_Urbano.pdf

Pereiro Pérez, X. (2009). *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*. Espanha: Asociación Canaria de Antropología. Pasos, Revista de Turismo e Património Cultural. Acedido a 04-02-2015 em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

Peres, Damião (direção). (1962-1965). *História da Cidade do Porto*. 3 vols. Porto: Portucalense Editora.

Pimentel, A. (1902). *Sem passar a fronteira*. Lisboa: Gomes de Carvalho.

Pinheiro, A. E. (2006). Itinerários culturais: viajando pela história. *Comunicação apresentada no Colóquio Internacional: Turismo, Património e Desenvolvimento*. Universidade Católica. Viseu. Acedido a 23-04-2015 em: http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/mathesis/Mat16/Mathesis16_217.pdf

Plano Estratégico Nacional do Turismo - Para o desenvolvimento do turismo em Portugal. (2007) Turismo de Portugal, Ip: Lisboa. Acedido a 19/04/2015 em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documentos/PENT%202007.pdf>

Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) - Revisão do plano de desenvolvimento do turismo no horizonte de 2015. (2012) Lisboa: Turismo de Portugal, ip. Acedido a 16/04/2015 em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documentos/PENT%202012.pdf>

Pontes, C.M.V. (2013). *Casas brasonadas de Guimarães: um itinerário turístico-cultural*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. 2 vols. Acedido em 11-03-2015 em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24389>

Porto: Margens do Tempo. (1997). Texto de Mário Cláudio. Fotos: Fotografia Beleza. Porto: Livraria Figueirinhas.

Porto: Esquinas do Tempo. (1989). Exposição de Fotografias organizada pelo Grupo IF. Porto: Câmara Municipal do Porto.

Porto a Património Mundial: Processo de Candidatura da Cidade do Porto à Classificação pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade. (1993). Porto: Câmara Municipal do Porto – Livro I.

Porto Património Mundial: Processo de Candidatura do Centro Histórico do Porto à UNESCO. (1998). Porto: Câmara Municipal do Porto – Livro II.

Porto percursos - Medieval, Barroco, Neoclássico, Azulejo. (2011). Oportunity to discover. Gabinete de Turismo da Câmara Municipal do Porto. Porto: Câmara Municipal do Porto/Departamento Municipal de Turismo (ed.).

Prestage, E. (1928). *As Relações Diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda de 1640 a 1668*, Coimbra: Impr. da Universidade, Tradução de Amadeu Ferraz de Carvalho. Conforme citado por: Dória, A. A. (1971). *Relações de Portugal com a Inglaterra*. In Serrão, J. (org.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa: Iniciativas Editoriais, Lisboa, vol. III.

10 Produtos Estratégicos para o desenvolvimento do Turismo em Portugal - City Breaks. (2006) Turismo de Portugal, Ip. Acedido a 18/04/2015 em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documentos/City%20Break%202006.pdf>

10 Produtos Estratégicos para o desenvolvimento do Turismo em Portugal - Touring Cultural e Paisagístico. (2006) Turismo de Portugal, Ip. Acedido a 16/01/2015 em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/Touring%20Cultural%20e%20Paisag%C3%ADstico.pdf>

Quaresma, M. C. de C. (1995). *Porto. Inventário Artístico de Portugal*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

Queiroz, J. F. F. (2002). *Os cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal: consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Raczynski, Le comte A., (1846). *Les Arts en Portugal: lettres adressées a la société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents*. Paris: Jules Renouard. Acedido a 01-09-2015 em: <http://purl.pt/6390>

Ramires, A., Sousa, A. C. & Brandão, F. (2014). Turismo de cidades: O perfil do turista do Porto. In *Porto as a Tourism destination: City Tourism: 1st International Conference*, Porto, 26-28 Sep. 2013.

Ramos, C. I. M. de S. (2010). *Turismo urbano: a paisagem cultural no Porto*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. Acedido a 09-02-2015 em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/17575/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%201.pdf>

Ramos, L. A. de O. (dir.). (2001). *História do Porto*. (3ª ed.). Porto: Porto Editora.

Reis, R. C. P. dos (2011). A Instrumentação do património e da cultura como forma de revivificar uma comunidade: as recriações históricas. *DUNAS. Temas & Perspetivas. revista anual sobre cultura e património da região de ovar*, Ano XI - nº11, Novembro de 2011.

Resende, N. (2014). Transmitir a história: processo de reconhecimento e valorização do património religioso. Saldanha, S. C. (coord.) In. *Guia de Boas Práticas de Interpretação do Património*, Edição: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja /Turismo de Portugal, IP.

Resende, N. (2014). Ponte do Arco: Marco de Canavezes. In L. M. C. Rosas, coord. cient. & R. C. Machado, coord. geral (Eds.) *Rota do Românico* (Vol.1, pp. 243-256). [s.l.] Rota do Românico. pp. 245-246. Acedido 10-05-2015 a em: http://www.rotadoromânico.com/Galeria/Publica%C3%A7%C3%B5es/Monografia/RR_Monografia_VOLI_WEB.pdf

Richards, G. (2005). Cultural Tourism in Europe. Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS). Acedido a 04-02-2015 em: http://www.tram-research.com/cultural_tourism_in_europe.PDF

Ribeiro, J. M. M. (1987). *A comunidade britânica do Porto durante as invasões francesas (1807-1811) Subsídios para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Ribeiro, J. M. (1998). Comércio e comerciantes britânicos no Porto na primeira metade do século XIX. *Douro-Estudos & Documentos*, vol.III (5), (1º), (133-156). Acedido a 20-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/27670/2/jorgeribeirodouro5000098227.pdf>

Ribeiro, J. M. (2001). *Os Ingleses no Porto Oitocentista*. DOURO - Estudos & Documentos. vol.VI, 12, 2º, (211-220). Acedido a 20-03-2014 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/27374/2/jorgeribeirodouro12000098229.pdf>

Ribeiro, J. M. (2001). *O Anglicanismo em Portugal do séc. XVII ao XIX*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Faculdade de Letras, Estudos em homenagem a João Francisco Marques, vol. II. Acedido a 11-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/27374/2/jorgeribeirodouro12000098229.pdf>

Ribeiro, J. M. (2009). The impact of the Peninsular War on the Portuguese civil Population (1807-1809). XXXIV *Congresso della Commissione Internazionale di Storia Militare, Acta Tomo I*, (254-260). Roma: Commissione Italiana di Storia Militare. Acedido a 20-03-2014 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54920/2/jorgeribeiroimpact000123253.pdf>

Ribeiro, J. M. (2012). Os “Ingleses”, parte integrante do Porto Romântico. In *Atas do I Congresso o Porto Romântico*. Sousa, G. de V. e (coord.), Universidade Católica Portuguesa, CITAR: Centro de Investigação em Ciência e tecnologia das Artes, Porto, (505- 520), vol II.

Ribeiro, L. P. T. (2012). *A Arquitetura Neopalladiana Portuense: o Hospital de Santo António (1769-1832)*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 11-03-2015 em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67268/2/000198590.pdf>

Rodrigues, P. S. (2011). O Conde Athanasius Raczynski e a Historiografia da Arte em Portugal. *Revista de História da Arte* nº8. (274-275). Acedido a 30-05-2015 em: http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3093/1/RHA_8_VA1.pdf

Rosas, J. R. P. (1988) Vinho do Porto, seiva das relações luso-britânicas. *Atas do Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor*. (15 a 18 de Out. 1986), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Acedido a 15-02-2015 em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5430.pdf>

Rosmaninho, N. (s/d). *Dicionário de Historiadores Portugueses*. Acedido a 02-06-2015 em: http://dichp.bnportugal.pt/tematicas/tematicas_hist_arte.htm

Rotas, Percursos, Itinerários Culturais e Trilhos em Portugal. (2012). Pporto dos Museus. Acedido a 24/01/2015, em: <http://www.pportodosmuseus.pt>.

Roteiro da Coleção: Museu Nacional Soares dos Reis. (2007). Carneiro, P. D., et al. (Textos) Lisboa: Copyright IMC, 2ª Edição.

Roteiros Turísticos do Património Mundial- No Norte de Portugal (2012). Turismo de Portugal/Imprensa Nacional Casa da Moeda: Porto.

Salgueiro, V. (2002). Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, S. Paulo, vol. 22, nº 44. (p. 289-310). Acedido a 17-05-2015 em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>

Santos, J. C. dos (1989). *O Palácio de Cristal e a Arquitetura do Ferro no Porto em meados do séc. XIX*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.

Santos, P. M. M. L. (2005). *Um colecionador do Porto romântico: João Allen (1781-1848)*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Santos, P. M. M. L. (2004-2004). *A fase Portuguesa de Jean Pillement (Lyon 1728-1808) e a Magia da Paisagem*. Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela, Espanha.

Silva, A. P. A. S. da (2011). Rotas Turístico-Culturais em Ílhavo. Dissertação de Mestrado, Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro, Portugal. Acedido a 06-10-2015 em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/7904/1/Rotas%20turistico-culturais%20em%20C3%ADlhavo.pdf>

Silva, J. H. P. da & Calado, M. (2005). *Dicionário de Termos de Arte e Arquitetura*. Lisboa: Editorial Presença.

Sellers, C. (1899). *Oporto, old and new: being a historical record of the port wine trade, and a tribute to British commercial enterprize in the north of Portugal*, London: printed by Howard & Jones: edited and published Herbert E. Harper, Acedido a 07-08-2015 em: <https://archive.org/details/cu31924085185100>

Sena, António (1998). *História da Imagem fotográfica em Portugal 1839-1997*. Porto: Porto Editora.

Séren, M. C. & Pereira, G. M. (2000). O Porto oitocentista: A base económica, Tradição e mudança. In. Ramos, L. A. de O. (2000). *História do Porto*, Porto Editora.

Serén, M. do C. & Siza, M. T. (2001). *O Porto e os seus Fotógrafos*. Porto: Porto Editora.

Séren, M. C. & Pereira, G. M. (2000). O Porto oitocentista: Os anos da consciência de si: Exposições e Palácio de Cristal. In: Ramos, L. A. de O. *História do Porto*, (3ª ed.). Porto: Porto Editora.

Séren, M. C. & Pereira, G. M. (2000). O Porto oitocentista: O ordenamento urbanístico na cidade liberal. In: Ramos, L. A. de O. (2000). *História do Porto*, (3ª ed.) Porto: Porto Editora.

Serrão, Joel (org.) (1971). *Dicionário de História de Portugal*. vol.2 Lisboa: Iniciativas Editoriais.

Serrão, V. (2001). *A Cripto-História da Arte: Análise de Obras de Arte Inexistentes*. Lisboa: Livros Horizonte.

Serrão, V. (2009). *A História da Arte em Portugal e a consciência do estudo e salvaguarda do Património histórico-cultural*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Acedido a 02-06-2015 em: http://icomos.fa.utl.pt/documentos/2009/Vitor%20Serrao_DIMS.pdf

Soares, E., Carneiro, P. D. & Santos, P. M. dos. *As belas-artes do Romantismo em Portugal*. (1999). Catálogo da exposição: Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 29 Outubro 1999-30 Janeiro 2000. Lisboa: Instituto Português de Museus. Ministério da Cultura.

Solá-Morales, I. de (2001). *Património arquitectónico o parque temático*. Up commons: Universitat Politècnica de Catalunya-BarcelonaTech. Dcl. (p. 5-11) Acedido a 03-08-2015 em: <https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2099/1907/Patrimonio.pdf?sequence=1>

Sousa, F. de (coord.) (2003). *O Arquivo da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*. Porto: CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade.

Tavares, R., Figueiredo, R., & Vale, C. P. do (2013). *Avenida dos Aliados e Baixa do Porto: Memória, Realidade e Permanência*. Porto: Porto Vivo SRU-Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa. Acedido a 09-06-2015 em: http://www.portovivosru.pt/lavenida/fileManager/pdf/Livro2_1Avenida_PT_Final.pdf ou DOI: 10.13140/2.1.1364.2560.

Tavares, R. (2009). *Avenida dos Aliados. Plano e projeto urbano de Barry Parker*. Revista da Ordem dos Arquitetos-Secção Regional Norte. Acedido a 09-06-2015 em: http://www.oasrn.org/pdf_upload/091024-obra-aberta2.pdf

Tavares, R. (1985/86). Da Avenida da Cidade ao Plano para a Zona Central. A intervenção de Barry Parker no Porto. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 2a série. Volume 3/ 4. Porto: Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto.

Tavares, R. & Vale, C. (n/d). Porto 20th century urban centralities. Two study cases: Aliados administrative central plan (barry parker) and Boavista urban axis. Urban development between town planning and real-estate investment. *15th International Planning History Society Conference: Cities, nations and regions in the planning history*. Acedido a 09-06-2015 em: http://www.researchgate.net/publication/229058784_Porto_20th_century_urban_centralities_Two_study_cases_Aliados_administrative_central_plan_%28barry_parker%29_and_Boavista_urban_axis_Urban_development_between_town_planning_and_real-estate_investment

Tilden, F. (1977). *Interpreting our Heritage*. The University of North Carolina Press, Third Edition, p.xiii. Acedido a 10-03-2015 em: http://xa.yimg.com/kq/groups/14254433/369581555/name/Interpreting_Our_Heritage_Chapel_Hill_Books.pdf

Varela, S. & Ferreira, L. (2010) *ISCET: Percursos & Ideias*, nº2, 2ª Série. Acedido a 29-12-2014 em: http://www.iscet.pt/sites/default/files/PercursosIdeias/N_2/Revista2010T.pdf.

Varela Gonsález, J. A. (coord) (2005). *Promoção Turística conjunta de cidades atlânticas Património da Humanidade*. Lugo: Concelho de Santiago de Compostela

Ventura, I. M. R. (1996). *Os Britânicos no Porto no séc. XIX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense, Porto, Portugal.

Vieira, M. P. A. (2012). *Vida e Morte na Comunidade Beneditina do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa (1625-1826): um projeto de mediação patrimonial*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Acedido a 11-03-2015 em: http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=71105

Sítios e documentos em linha

Agenda InfoPorto (2015). [em linha] *Agenda InfoPorto*. Acedido a 10-05-2015 em: http://www.infoporto.pt/pt/agenda-eventos-porto/action~stream/page_offset~-1/time_limit~1435674599/tag_ids~79/request_format~html/

Association for Heritage Interpretation United Kingdom (s/d). [em linha] *Association for Heritage Interpretation United Kingdom*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://www.ahi.org.uk/>

Asociación para la Interpretación del Patrimonio - AIP (s/d). [em linha] Asociación para la Interpretación del Patrimonio - AIP. Acedido a 11-03-2015 em: <http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/>

Asociación para la Interpretación del Patrimonio - AIP (s/d). Definiciones. [em linha] Asociación para la Interpretación del Patrimonio - AIP. Acedido a 11-03-2015 em: <http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/definiciones>

Association for Heritage Interpretation (s/d). What is interpretation? [em linha] Association for Heritage Interpretation. Acedido a 08-04-2015 em: http://www.ahi.org.uk/www/about/what_is_interpretation/

Câmara de Lisboa (2015). Visitas Guiadas. [em linha] Câmara de Lisboa. Acedido a 11-05-2015 em: <http://www.cm-lisboa.pt/visitar/lazer-entretenimento/visitas-guiadas>

Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço (2014). [em linha] Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.cilt.pt/pt/cilt>

Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço (2014). Percurso Wellington. [em linha] Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.cilt.pt/pt/conhecer#percurso-wellington>

Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço (2014) Rota Histórica das Linhas de Torres: uma história feita por fortes. [em linha] Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.cilt.pt/pt/rota-historica-das-linhas-de-torres>

Centro de Investigação em Ciências e Tecnologia das Artes (CITAR) da Universidade Católica (2005). "Porto virtual no Séc. XVI" [em linha] Centro de Investigação em Ciências e Tecnologia das Artes (CITAR) da Universidade Católica. Acedido a 13-05-2015 em: <http://artes.ucp.pt/citar/portoXVI/index.php>

Comité Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do ICOMOS (s/d). [em linha] Comité Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do ICOMOS. Acedido a 27/04/2015 em: <http://www.icomos-ciic.org/>

Council of Europe (s/d). Enlarged Partial Agreement on Cultural Routes. [em linha] Council of Europe. Acedido a 02-01-2015 em: http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/default_en.asp (tradução nossa).

Direção - Geral do Património Cultural - Secretária de Estado da Cultura (s/d). Casa e Quinta de Vilar D'Allen. [em linha] *Direção - Geral do Património Cultural - Secretária de Estado da Cultura*. Acedido a 30-08-2015 em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/155972/>

Direção - Geral do Património Cultural - Secretária de Estado da Cultura (s/d). Participação da DGPC em Organizações Internacionais. [em linha] *Direção Geral do Património Cultural*. Acedido a 15-02-2015 em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/participacao-da-dgpc-em-organizacoes-internacionais/>

European Best Destinations (s/d). [em linha]. *European Best Destinations*. Acedido a 16-09-2015 em: <http://www.europeanbestdestinations.com/>

Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (2015) *Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva*. [em linha] Acedido a 13-09-2015 em <http://fims.up.pt>

Geni. Family Tree & Family History (2015). Alfredo Allen. [em linha] *Geni. Family Tree & Family History*. Acedido a 02-09-2015 em: <https://www.geni.com/people/Alfredo-Allen/6000000023078694897#/tab/overviewn>

Genealogy. com (2015). Fórum. [em linha] *Genealogy. com*. Acedido a 11-09-2015 em: <http://www.genealogy.com/forum/regional/countries/topics/portugal/3085/>

Germany.travel (s/d). Oito roteiros para conhecer o património mundial da UNESCO na Alemanha. [em linha] *Germany.travel*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://www.germany.travel/pt/cidades-e-cultura/patrimonio-mundial-da-unesco/roteiros-unesco/roteiros-unesco.htm> 1

Gbliss (s/d). [em linha] *Gbliss*. Acedido a 13-05-2015 em: http://www.gbliss.pt/home-pt#!_home-pt

Gbliss (s/d). Made in Portugal Shopping Tour. [em linha] *Gbliss*. Acedido a 23-06-2015 em: http://www.gbliss.pt/home-pt#!_home-pt/city-tours/vstc3=made-in-portugal-shopping-tour

Geni. Family Tree & Family History (2015). John Allen [em linha] *Geni. Family Tree & Family History*. Acedido a 02-09-2015 em: <https://www.geni.com/people/Jo%C3%A3o-Francisco-Allen/6000000023078303991?through=6000000023078694897>

GisaWeb: Arquivo Municipal do Porto. (s/d). Visita da Rainha Isabel II à Feitoria (1957) [em linha]. *GisaWeb: Arquivo Municipal do Porto*. Acedido a 13-08-2013 em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?q=feitoria+inglesa>;

GisaWeb: Arquivo Municipal do Porto (s/d). Exposição: Os Ingleses e o Porto: organizada pela C. M. P. por ocasião da visita de S.M. Britânica a Rainha Isabel II e S.A.R. o Duque de Edimburgo, no Palácio da Bolsa a 29 de Março de 1985.) [em linha]. *GisaWeb: Arquivo Municipal do Porto*. Acedido a 13-08-2015 em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?creator=&q=Exposi%C3%A7%C3%A3o+os+Ingleses+e+o+Porto>;

GisaWeb: Arquivo Municipal do Porto (s/d). New Street of the English: pintura de J. Holland e gravura de J. Carter, 1838 - O Porto visto pelos ingleses. *GisaWeb: Arquivo Municipal do Porto*. Acedido a 13-08-2015 em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/533536/?q=feitoria+inglesa>;

GisaWeb: Arquivo Municipal do Porto. (s/d). Maqueta da Feitoria Inglesa: *GisaWeb: Arquivo Municipal do Porto*. Acedido a 13-08-2015 em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/533539/?q=feitoria+inglesa>

Google Cultural Institute (2015). Exposição Virtual: *Porto Património Mundial* [em linha] *Google Cultural Institute*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Acedido a 16-07-2015 em: <https://www.google.com/culturalinstitute/exhibit/porto-patrim%C3%B3nio-mundial/RQLCEH-YYXCJg>

ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites (s/d). [em linha] *ICIP - ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation on Cultural Heritage Sites*. Acedido a 30/04/2015 em: <http://icip.icomos.org/ENG/home.html>

Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation (s/d). Are you caring for visitors? [em linha] *Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation*. Acedido a 10-4-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/feet/intro/are-you-caring-for-visitors.html>

Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation (s/d) Benefits from Interpretation.[em linha] *Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation*. Acedido a 10-4-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/top/heritage-interpretation/benefits-from-interpretation.html>

Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation (s/d) History. [em linha] *Interpret Europe - European Association for Heritage Interpretation*. Acedido a 10-04-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/top/heritage-interpretation/history.html>

Interpretation Australia Association (s/d) [em linha] *Interpretation Australia Association*. Acedido a 12-04-2015 em: <https://www.interpretationaustralia.asn.au/>

Interpretation Network New Zealand (s/d) [em linha] *Interpretation Network New Zealand*. Acedido a 12-04-2015 em: <http://www.innz.net.nz/>

INTERPRETARE - Associação de Interpretação do Património Natural e Cultural (s/d). Missão [em linha] *INTERPRETARE - Associação de Interpretação do Património Natural e Cultural*. Acedido a 14-04-2015 em: <https://sites.google.com/site/interpretareaipnc/missao>

Interpscan.ca - The national website of Interpretation Canada (s/d). [em linha] *Interpscan.ca - The national website of Interpretation Canada*. Acedido a 12-04-2015 em: <http://www.interpscan.ca/>

Institut Europeen des Itinéraires culturels (s/d). Qui sommes-nous? [em linha] *Institut Europeen des Itinéraires culturels*. Acedido a 02-01-2015 em: http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?lng=fr&dest=bd_pa_det&unv=qs

S. João da Madeira: Turismo Industrial (s/d). Turismo Industrial: circuitos. [em linha] *S. João da Madeira: Turismo Industrial*. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.turismoindustrial.cm-sjm.pt/circuits>

London Walks (2015). [em linha] *London Walks*. Acedido a 04-10-2013 em: <http://www.walks.com/>

MatrizNet (s/d). Retrato do Conde Athanasius Raczyński [em linha] *MatrizNet*. Acedido a 15-08-2015 em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=305301&EntSep=4#gotoPosition>

MatrizNet (s/d). Retrato de Henrique II (1559) [em linha] *MatrizNet*. Acedido a 15-08-2015 em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=306099&EntSep=5#gotoPosition>

MatrizNet (s/d) Retrato de Margarida de Valois (1561) [em linha] *MatrizNet*. Acedido a 15-08-2015 em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=306090>

Município de Guimarães (s/d). Rotas turísticas de Guimarães. [em linha] *Município de Guimarães*. Acedido a 09-05-2015 em: <http://www.cm-guimaraes.pt/pages/924>

Museu dos Descobrimentos (s/d) Quem somos? [em linha] *Museu dos Descobrimentos*. Acedido a 08-08-2015 em: <https://www.worldofdiscoveries.com>

NAI- National Association for Interpretation (s/d). Mission, vision and core values. [em linha] *NAI- National Association for Interpretation*. Acedido a 08-04-2015 em: http://www.interpnet.com/NAI/interp/About/What_We_Believe/nai/About/Mission_Vision_and_CoreValues.aspx?hkey=ef5896dc-53e4-4dbb-929e-96d45bdb1cc1

NAI- National Association for Interpretation. (s/d). What is heritage interpretation? [em linha] *NAI- National Association for Interpretation*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://www.interpret-europe.net/top/heritage-interpretation.html>

National Park Service - US Department of the Interior (s/d). About Interpretation. [em linha] *National Park Service - US Department of the Interior*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://idp.eppley.org/home/about-interpretation>

National Park Service – U.S. Department of the Interior (2002). Interpretative Process Model [em linha] *National Park Service - U.S. Department of the Interior*. Acedido a 12-4-2015 em: <http://www.nps.gov/idp/interp/101/processmodel.pdf>

National Park Service - US Department of the Interior (s/d). Discover History and Historic preservation in the National Park Service. [em linha] *National Park Service - US Department of the Interior*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://www.nps.gov/history/>

National Park Service - US Department of the Interior (s/d) [em linha] *National Park Service - US Department of the Interior*. Acedido a 08-04-2015 em: <http://www.nps.gov/index.htm>

Paris Walks (s/d). Walk Links from Paris Walks. [em linha] *Paris Walks*. Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.paris-walks.com/other-cities.html>

Paris Walks (s/d). [em linha] *Paris Walks*: Acedido a 12-05-2015 em: <http://www.paris-walks.com/>

Rosmaninho, N. (s/d). História da Arte do Séc. XIX. [em linha] *Dicionário de Historiadores Portugueses*. Acedido a 02-06-2015 em: http://dichp.bnportugal.pt/tematicas/tematicas_hist_arte.htm

TurEspana (2015). Rotas. [em linha] *TurEspana*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://www.spain.info/pt/que-quieres/rutas/>

TukTour Porto (s/d). [em linha] *TukTour Porto*. Acedido a 13-05-2015 em: <http://www.tuktourporto.com/>

UNESCO: United Nations Education, Scientific and Cultural Organization (s/d). [em linha]. *UNESCO: United Nations Education, Scientific and Cultural Organization*. Acedido a 16-09-2015 em: <http://en.unesco.org/>

UNESCO: World Heritage Convention (2015). Historic Centre of Oporto [em linha] *UNESCO: World Heritage Convention*. Acedido a 23-06-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/755>

UNESCO: World Heritage Convention (2015). Routes of Santiago de Compostela: Camino Francés and Routes of Northern Spain. [em linha] *UNESCO: World Heritage Center*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/669>

UNESCO: World Heritage Convention (2015). Routes in Santiago de Compostela in France. [em linha] *UNESCO: World Heritage Convention*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/868>

UNESCO: World Heritage Convention (2015). Qhapaq Ñan, Andean Road System. [em linha] *UNESCO: World Heritage Convention*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/1459>

UNESCO: World Heritage Convention (2015). Camino Real de Tierra Adentro. [em linha] *UNESCO: World Heritage Convention*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/1351>

UNESCO: World Heritage Convention (2015). Silk Roads: the Routes Network of Chang'an-Tianshan Corridor. [em linha] *UNESCO: World Heritage Convention*. Acedido a 10-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/list/1442>

Universidade do Porto (s/d). Biografia John Whitehead [em linha] *Universidade do Porto*. Acedido a 19-08-2015 em: https://sigarra.up.pt/up/en/web_base.gera_pagina?p_pagina=edif%C3%ADcio%20da%20reitoria%20-%20enquadramento%20-%20obras%20de%20refer%C3%A2ncia%20-%20john%20whitehead

Universidade do Porto (s/d). Biografia John Carr [em linha] *Universidade do Porto*. Acedido a 19-08-2015 em:

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=edif%C3%ADcio%20da%20reitoria%20-%20enquadramento%20-%20obras%20de%20refer%C3%Aancia%20-%20john%20carr

Universidade do Porto (2015). Antigos Estudantes Alunos da Universidade do Porto [em linha] *Universidade do Porto*. Acedido a 19-09-2015 em: [https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20joaquim%20guilherme%20gomes%20coelho%20\(j%C3%BAlio%20dinis\)](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20joaquim%20guilherme%20gomes%20coelho%20(j%C3%BAlio%20dinis))

Villar D'Allen: Merchants of Porto Wines since 1706. (2010). João Francisco Allen (1781-1848). [em linha] *Villar D'Allen: Merchants of Porto Wines since 1706*. Acedido a 29-08-2015 em: <http://villardallenwines.com/pt/family-history/joao-francisco-allen-1781/>

VisitPorto (s/d) Porto Medieval. [em linha] *VisitPorto*. Acedido a 25-04-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Porto%20Medieval>

VisitPorto (s/d) Porto Barroco. [em linha] *VisitPorto*. Acedido a 25-04-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Porto%20Barroco>

VisitPorto (s/d) Porto Neoclássico. [em linha] *VisitPorto*. Acedido a 25-04-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Porto%20Neocl%C3%A1ssico>

VisitPorto (s/d) Porto Azulejos. [em linha] *VisitPorto*. Acedido a 25-04-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Porto%20Azulejos>

VisitPorto (s/d) Rota urbana do vinho. [em linha] *VisitPorto*. Acedido a 25-04-2014 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Rota%20Urbana%20Vinho>

VisitPorto (s/d) Percurso Centro Histórico. [em linha] *VisitPorto*. Acedido a 25-04-2014 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx?percurso=Percurso%20pelo%20Centro%20Hist%C3%B3rico%20-%20S%C3%A9,%20Cl%C3%A9rigos,%20Ribeira>

VisitPorto (s/d) Descobrir. Lista de Percursos. [em linha] *VisitPorto*. Acedido em 11-05-2015 em: <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Dcobrir/ListaCircuitos.aspx?Page=3>

UNWTO: World Tourism Organization (s/d) [em linha] *UNWTO: World Tourism Organization* (Organização Mundial de Turismo) Acedido a 14-05-2015 em: <http://www2.unwto.org/>

YouTube (2009). Ghost Walk [em linha] *Youtube*. Acedido a 12-05-2015 em: <https://www.youtube.com/watch?v=n9SZlcwQeNo>

Youtube (2011). Harry Potter Film Location Tours [em linha] *Youtube*. Acedido a 12-05-2015 em: https://www.youtube.com/watch?v=HgL_bK4WHZA

YouTube (2014) Vídeo da visita de Isabel II a Lisboa. [em linha] *Youtube*. Acedido a 18-07-2015 em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cs5aTjIwv2Y;>

DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

CILT: Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço (2014). Mapa dos Percursos. Rota Histórica das Linhas de Torres. [em linha] *CILT: Centro de Interpretação das Linhas de Torres / Sobral de Monte Agraço*. Acedido em 12-05-2015 em: http://www.cilt.pt/ficheiros/docs/mapa_rhlt.pdf

Conseil de l'Europe (2013). Liste des priorités d'action: *Résolution CM/Res(2013)67: révisant les règles d'octroi de la mention «Itinéraire culturel du Conseil de l'Europe»*. [em linha] *Conseil de l'Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2013\)67&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2013)67&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383) (tradução nossa).

Conseil de l'Europe (2010). *Résolution CM/Res(2010)53 instituant un Accord partiel élargi sur les Itinéraires culturels instituant un Accord partiel élargi sur les Itinéraires culturels*. [em linha] *Conseil de l'Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2010\)53&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2010)53&Language=lanFrench&Ver=original&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383)

Council of Europe (s/d). Atlas de Rotas culturais - Lista de temas eleitos. [em linha] *Council of Europe*. Acedido a 19-04-2015 em: http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?lng=fr&dest=bd_no_det&id=00000025

Council of Europe (2007). Resolution CM/Res (2007)12 on the cultural routes of the Council of Europe. [em linha] *Council of Europe*. Acedido a 01-01-2015 em:

[https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2007\)12&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2007)12&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383) (tradução nossa).

Council of Europe (2010). Resolution CM/Res(2010)52 on the rules for the award of the “Cultural Route of the Council of Europe” certification. [em linha] *Council of Europe*. Acedido a 02-01-2015 em: [https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res\(2010\)52&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383](https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?Ref=CM/Res(2010)52&Language=lanEnglish&Site=CM&BackColorInternet=C3C3C3&BackColorIntranet=EDB021&BackColorLogged=F5D383) (tradução nossa).

Direção Geral do Turismo (s/d). O Código Mundial de Ética do Turismo. [em linha]. Direção Geral do Turismo. Acedido a 14-05-2015 em: <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>

ICOMOS: Meeting on the 20th Anniversary of the Nara Document on Authenticity. (2014). Nara + 20: on heritage practices, cultural values, and the concept of authenticity. [em linha] *ICOMOS*. Acedido a 19-06-2015 em: http://www.japan-icomos.org/pdf/nara20_final_eng.pdf

ICOMOS Australia. (2013). The Burra Charter: The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance - Article 12. Participation [em linha]. *ICOMOS Australia*. Acedido a 19-06-2015 em: <http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf>

ICOMOS U.S. (2005). Charleston Declaration on Heritage Interpretation. [em linha]. *ICOMOS U. S.* Acedido a 20/04/2015 em: http://www.enamecharter.org/downloads/charleston_declaration.doc

Município de Braga (s/d). Mapas e Roteiros de Braga: Roteiro Medieval. [em linha] *Município de Braga*. Acedido em 11-05-2015 em: <http://www.cm-braga.pt/docs/Turismo/medieval.pdf>

Município de Braga (s/d). Mapas e Roteiros de Braga: Roteiro Barroco. [em linha] *Município de Braga*. Acedido em 11-05-2015 em: http://www.cm-braga.pt/wps/wcm/connect/7339e5804f88925496bad72f363ef445/Mapa_Barr_Port.pdf?MOD=AJPERES

Município de Braga (s/d). Mapas e Roteiros de Braga: Roteiro Romano. [em linha] *Município de Braga*. Acedido em 11-05-2015 em: <http://www.cm-braga.pt/docs/Turismo/RomPortuguesEspanhol.pdf>

Organização Mundial de Turismo (s/d). O Código Mundial de Ética de Turismo. [em linha]. *Organização Mundial de Turismo*. Tradução e edição: DG Turismo. Acedido a 23-05-2015 em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/sustentabilidade/Documents/CMET.pdf>

(2010). Porto Património Mundial passo a passo: Da Praça dos Leões à Casa do Infante - 9/15 anos. [em linha]. Lopes, B.H., Face, G. Ia, & Sequeira, J. (texto). *Porto: Câmara Municipal do Porto e Porto Vivo, SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, S.A.* (ed.), p.3. Acedido a 15-05-2015 em: http://www.portovivosru.pt/pdfs/guias/GuiaInfantil_I_FINAL.pdf

(2010). *Porto Património Mundial passo a passo - Da Estação de S. Bento à Casa do Infante* - 9/15 anos. [em linha]. Lopes, B.H., Face, G. Ia, & Sequeira, J. (texto). *Porto: Câmara Municipal do Porto e Porto Vivo, SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, S.A.* (ed.). http://www.portovivosru.pt/pdfs/guias/GuiaInfantil_II_FINAL.pdf

World Heritage Convention (s/d. Additional Materials: World Heritage Education Programme Brochure. [em linha] World Heritage Education Programme. *UNESCO: World Heritage Convention*. p. 2. (tradução nossa). Acedido a 15-05-2015 em: <http://whc.unesco.org/en/wheducation/>

Anexos e Apêndices

Anexo 1

Índice de ilustrações

- Fig. 1 – Feitoria Inglesa: Fachada principal
- Fig. 2 – Sé do Porto: Fachada e casa do cabido
- Fig. 3 – Estação de S. Bento (atualmente)
- Fig. 4 – Paineis de Azulejos: casamento de D. Filipa de Lencastre e D. João I
- Fig. 5 – Convento de S. Bento de Avé-Maria
- Fig. 6 – Estação de S. Bento
- Fig. 7 – Barry Parker
- Fig. 8 – Eixos e geometria da composição do desenho da Avenida de Barry Parker
- Fig. 9 – Praça de D. Pedro IV, antes das intervenções na Avenida dos Aliados
- Fig. 10 – Praça da Liberdade e Avenida dos Aliados
- Fig. 11 – Hospital de Santo António
- Fig. 12 – Edifício da reitoria (antiga Academia da Marinha e do Comércio)
- Fig. 13 – Cemitério dos Ingleses
- Fig. 14 – Palácio de Cristal
- Fig. 15 – Palácio de Cristal e os seus jardins
- Fig. 16 – Casa Tait
- Fig. 17 – Mapa do Itinerário 1
- Fig. 18 – Aguarela de Joseph James Forrester (Rua Nova dos Ingleses)
- Fig. 19 – O Barão de Forrester
- Fig. 20 – Frederick William Flower
- Fig. 21 – Ponte Pênsil, Muralha Fernandina e antigo Convento - Frederick W. Flower
- Fig. 22 – John Francis Allen
- Fig. 23 – Mapa do Itinerário 2
- Fig. 24 – Pendente com miniatura dupla: Retrato de Joanna Mazza Amsinck (verso)
- Fig. 25 – Pendente com miniatura dupla: Alegoria à morte de Joanna Allen (reverso)
- Fig. 26 – Residência e museu de John Allen



Fig. 1 - Feitoria Inglesa: fachada
 Fonte: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/327050/?q=feitoria+inglesa>



Fig. 2 –Sé do Porto: fachada
 Fonte: Foto da autora.



Fig. 3 – Estação de S. Bento.

Fonte: Cardoso, A. S. (2011). *Marques da Silva*.
(Arquitetos Portugueses; 3). Vila do Conde: Quidnovi. p. 29.



Fig. 4 - Paineis de azulejos da autoria de Jorge Colaço, alusivos ao cortejo de D. João I e D. Filipa de Lencastre até ao local do enlace: Sé do Porto.
Estação de S. Bento: lado direito, nível superior.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/cfpinto73/6588348805/in/photostream/>



Fig. 5 - Convento de S. Bento de Avé-Maria
 Fonte: GisaWeb: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/298370/>



Fig. 6 - Estação de S. Bento
 Fonte: (1997) *Porto: margens do tempo*. Cláudio, M. (texto).

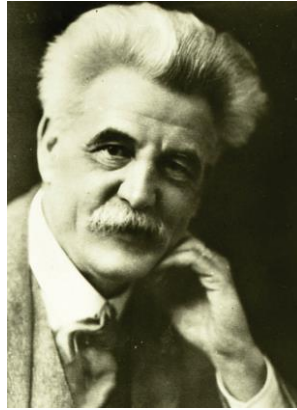


Fig. 7 - Barry Parker.

Fonte: http://gallery.nen.gov.uk/assets/0908/0000/0296/barry_parker_raymond_unwin.jpg

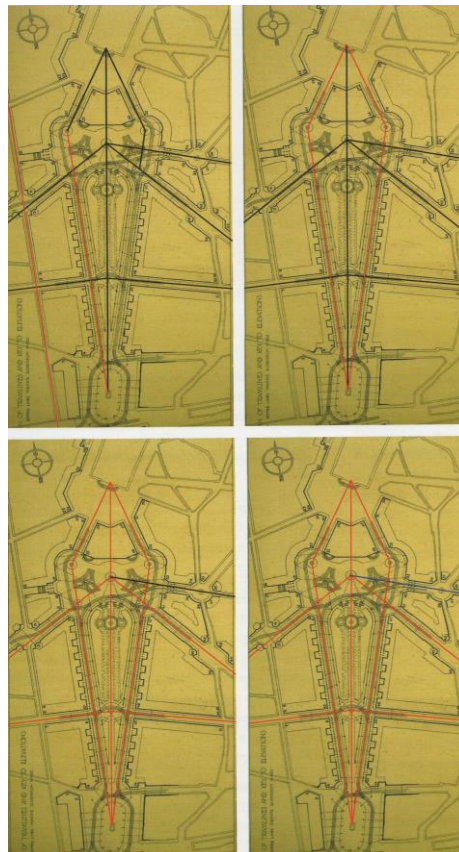


Fig. 8- Eixos e geometria da composição do desenho da Avenida de Barry Parker

Fonte: Figueiredo, R.; Vale, C. P. do, & Tavares, R. (2013). Avenida dos Aliados e Baixa do Porto: Memória, Realidade e Permanência. Porto: Porto Vivo SRU-Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa. pp. 108-?.



Fig. 9 - Praça de D. Pedro IV: monumento a D. Pedro IV, os Paços do Concelho e o extinto Café Suíço.

Fonte: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/303467/?q=Pr%C3%A7a+de+D.+Pedro+iv>



Fig. 10 - Praça da Liberdade e Avenida dos Aliados

Fonte: (1989) *Porto: esquinas do Tempo*/ exposição de fotografias organizada pelo grupo IF. Porto: Câmara Municipal do Porto.



Fig. 11 - Hospital de Santo António: Fachada principal
Fonte: Foto da Autor



Fig. 12 - Edifício da Reitoria (Antiga Academia da Marinha e do Comércio)
Fonte: Foto da Autora



Fig. 13 - Cemitério dos Ingleses: Desenho de J. J. Forrester e litografia de Walton - Séc.XIX.

Fonte: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/533535/?q=James+Forrester>



Fig. 14 - Palácio de Cristal

Fonte: (1997) *Porto: margens do tempo*. Cláudio, M. (texto).



Fig. 15 - Palácio de Cristal e os seus jardins.
 Fonte: (1997) *Porto: margens do tempo*. Cláudio, M. (texto).



Fig. 16 - Casa Tait / Quinta do Meio
 Fonte: Foto da Autora



Fig. 18 - Aguarela de Joseph James Forrester (Rua Nova dos Ingleses)

Fonte: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/533537/>



Fig. 19 - O Barão de Forrester, fotógrafo amador

Fonte: Delaforce, J. (1992). Joseph James Forrester: Baron of Portugal (1809-1861). Edição de autor em associação com Christie's Wine Publications, p. 63.



Fig. 20 - Frederick William Flower.
 Fonte: Sena, A. (1998). *História da Imagem Fotográfica em Portugal* (1839-1997). Porto: Porto Editora

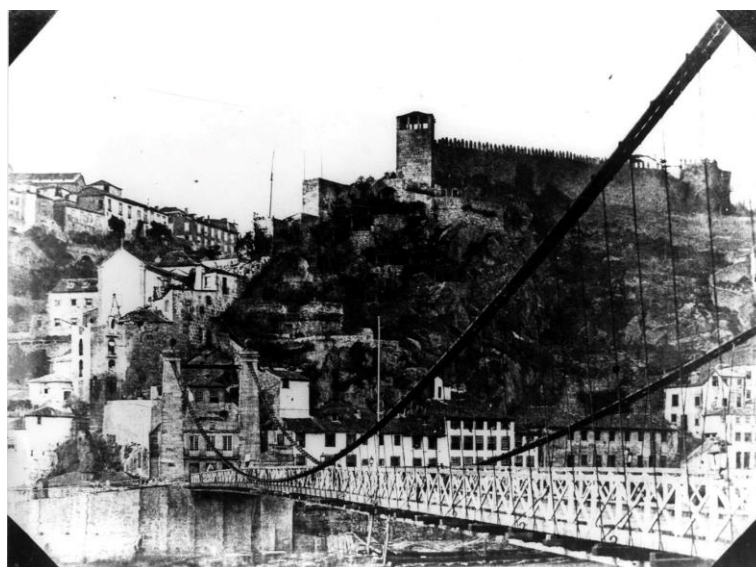


Fig. 21 - Porto: Ponte Pênsil, Muralha Fernandina e antigo Convento.
 Reprodução a partir de fotografia de Frederick William. Flower.
 Fonte: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/560263/?a=Frederick+Flower>



Fig. 22 - John Allen: litografia de Joaquim Rafael.
 Fonte: <http://villardallenwines.com/pt/family-history/joao-francisco-allen-1781/>



Fig. 24 e 25 - Pendente com miniatura dupla: Retrato de Joanna Mazza Amsinck (verso) e Alegoria à morte de Joanna Allen (reverso). Séc. XVIII. - Inv. 19.1.2 Min MNSR
 Fonte: Museu Nacional de Soares dos Reis .

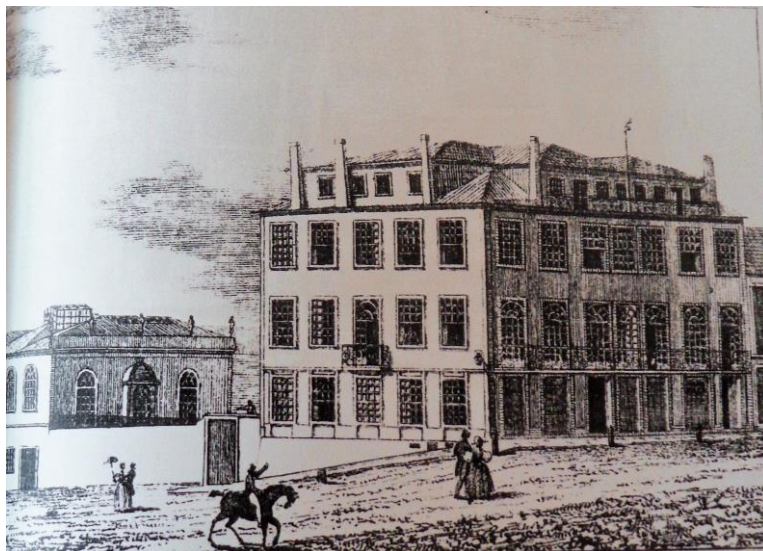


Fig. 26 - Residência e Museu de John Allen. Desenho litografado de Joaquim C. Villa Nova em 1838, publicado por D. José Urcullu no seu Tratado Elementar de Geografia (tomo III), 1839.

Fonte: Santos, P. M. M. L.(2003-2004)

A Fase Portuguesa de Jean Pillement (Lyon 1728-1808) e a Magia na Paisagem. Tese de Doutorado.

Apêndice 2

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	FEITORIA INGLESA
	2. PERSONALIDADE (S)	John Whitehead (1726 -1802); Joseph James Forrester (1809-1861), John Allen (1785-1848), Visita Rainha Isabel II e o duque de Edimburgo.
	3. EVENTO (S)	Visita da Rainha Isabel II à Feitoria Inglesa, no Porto, a Fevereiro de 1957. Visita da Rainha Isabel II e o Duque de Edimburgo, à Exposição: Os Ingleses e o Porto: organizada pela C. M. P. no Palácio da Bolsa a 29 de Março de 1985*.
	4. LOCAL	Rua Infante D. Henrique, 8 - antiga Rua Nova dos Ingleses. - Local de encontro dos comerciantes ingleses: - Barão de Forrester, Manuel Clamouse Browne, William Henry Giles Kingston, Frederick William Flower (começou a trabalhar na Firma Smith, Woodhouse e Company).
	5- COORDENADAS GPS	41° 8' 29.7" N 8° 36' 49.4" O
	6-CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	1785-1790
	7- IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	Em 1785, iniciou-se na antiga Rua dos Ingleses (hoje Rua Infante D. Henrique) a construção da Feitoria Inglesa (Casa da Feitoria) ou Factory House, ficando concluída em 1790. John Whitehead, cônsul britânico no Porto, foi provavelmente o autor deste projeto de estilo neopalladiano com influência inglesa, visível por exemplo, nos frontões curvos e triangulares das varandas da fachada. A Feitoria Inglesa funcionava como um clube privado, frequentado só por pessoas de nacionalidade britânica, sendo o local de encontro dos comerciantes de vinho do Porto que nas proximidades tinham as suas casas comerciais e aí se reuniam para discutirem negócios, assim como para socializar. A Feitoria Inglesa simboliza o poder e a influência que a comunidade britânica tinha no Porto de então.
	8- RELACIONAR COM:	Recursos Artísticos: <u>Gravura de James Forrester</u> (os comerciantes ingleses no Porto de 1834) assim como um dos seus mapas, no interior da Feitoria Inglesa**. Exposição: Os Ingleses e o Porto: organizada pela C. M. P. por ocasião da visita da Rainha Isabel II e o Duque de Edimburgo, no Palácio da Bolsa a 29 de Março de 1985; <u>Pintura de J. Holland e gravura de J. Carter, 1838: New Street of the English</u> (O Porto visto pelos ingleses), <u>Maqueta do edifício da Feitoria e retrato de John Whitehead, no interior da Feitoria Inglesa.</u> Recursos Literários: Descrição do edifício da Feitoria Inglesa (exterior e interior): Descrição topográfica, e histórica da Cidade do Porto, de Agostinho Rebelo da Costa, p. 129-132. Excerto do livro: Uma Família Inglesa: Capítulo VIII - Na Praça. p. 94-99.
	9- CITAÇÃO	Feitoria Inglesa: <i>A belíssima, e extensa Caza da Feitoria Inglesa he bem digna de hum lugar distinto entre os Edifícios públicos da Cidade. Principiou-se a edificar em o mez de Fevereiro de mil settecentos e oitenta e cinco, e trabalhando successivamente na sua construcção mais de cento e cincoenta homens (...). Pela parte da Rua Nova de S. João eleva-se a cinco andares além do subterrâneo; o primeiro he aberto em nove portas largas e altas; o segundo em outras tantas janellas de peitoril: o terceiro em outras tantas rasgadas, e por cima com seus Romanos de diferentes figuras ornando-se cada huma com sua espaçola fachada cingida com grades de ferro lavrado à moderna (...).</i> (Costa, A. R. da (1789). Descrição topográfica, e histórica da Cidade do Porto. p. 129-132.) Rua Nova dos Ingleses: <i>Havia uma grande atividade na larga rua, chamada dos Ingleses, à hora em que o filho de Mr. Whitestone chegou. A vida comercial estava então no seu auge; numerosos grupos ocupavam os passeios, o centro da rua e os portais das velhas casas, que de um e outro lado a limitam. (...) são diretores de bancos, ou de companhias comerciais de outra qualquer natureza. (...) bem ou mal reputados, as primeiras capacidades da Praça; os acionistas, sempre inquietos pelo futuro (...) Mr. Richard estava porém na Assembleia Inglesa ou Feitoria, da qual era assíduo frequentador. - Uma Família Inglesa: Capítulo VIII - Na Praça. pp.94-99).</i>
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10- PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Diligência, obediência e empenho dos comerciantes, guarda-livros e restante classe trabalhadora, em contraste com a ociosidade e desinteresse de Carlos pelos negócios da família*: cena do livro: Uma Família Inglesa, de Júlio Dinis. Símbolo do poder e prestígio da comunidade britânica no Porto: Feitoria Inglesa. – <u>Declaração tema</u>
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	
	12- BIBLIOGRAFIA /FONTES	- Alves, J. J. F. (1988). <i>O Porto na Época dos Almadás. Arquitectura. Obras Públicas</i> , Porto, p. 165-167. - **Almeida, A. M. P. (2008). <i>Museu Municipal Porto: das origens à sua extinção</i> . Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. p. 63 - Amorim, A. S. da S. (2014). <i>Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos</i> . (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 82-83. Acedido a 11-03-2015 em: http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf -***Dinis, Júlio (1968). <i>Uma Família Inglesa (cenas da vida do Porto)</i> . Porto: Lello & Irmão Editores. p. 94-99. - Costa, A. R. da (1789). <i>Descrição topográfica, e histórica da Cidade do Porto. Que contém a sua origem, situação, e antiguidades: a magnificência dos seus templos, mosteiros, hospitais, ruas, praças, edificios, e fontes...</i> , Porto: na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro. p. 129-132. Acedido a 16-02-2015 em: http://purl.pt/22517 - Quaresma, M. C. de C. (1995). <i>Porto. Inventário Artístico de Portugal</i> . Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes. p. 124. - <i>Roteiros Turísticos do Património Mundial- No Norte de Portugal</i> (2012). Turismo de Portugal/Imprensa Nacional Casa da Moeda: Porto, pp. 41-42 - Arquivo Municipal do Porto - GisaWeb: Visita da Rainha Isabel II à Feitoria (1957): http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?q=feitoria+inglesa ; Vídeo da visita a Lisboa em: https://www.youtube.com/watch?v=Cs5aTjIwv2Y ; Exposição: Os Ingleses e o Porto: organizada pela C. M. P. por ocasião da visita de S.M. Britânica a Rainha Isabel II e S.A.R. o Duque de Edimburgo, no Palácio da Bolsa a 29 de Março de 1985*, http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/?creator=&q=Exposi%C3%A7%C3%A3o+os+Ingleses+e+o+Porto ; <u>New Street of the English: pintura de J. Holland e gravura de J. Carter, 1838</u> , (O Porto visto pelos ingleses) http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/533536/?q=feitoria+inglesa ; <u>Maqueta da Feitoria Inglesa:</u> http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/533539/?q=feitoria+inglesa

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	SÉ DO PORTO (final do séc. XII)*
	2.PERSONALIDADE (S)	Cruzados europeus; Bispo D. Pedro Pitões (?-1152); D. Filipa de Lencastre (1360 - 1415); D. João I (1357-1433).
	3. EVENTO (S)	SERMÃO DO BISPO D. PEDRO PITÕES AOS CRUZADOS, A CAMINHO DE JERUSALÉM (1147) , posterior cooperação com D. Afonso Henriques, na conquista de Lisboa aos Mouros (1147); CASAMENTO DE D. FILIPA DE LENCASTRE COM D. JOÃO I (1387) .
	4. LOCAL	Terreiro da Sé
	5. COORDENADAS GPS	41°08'32"N 8°36'41"O
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	Construção Sé (finais séc. XII). Casamento D. João I com D. Filipa de Lencastre (1387); Sermão do Bispo D. Pedro Pitões aos cruzados (1147).
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	Do terreiro da Sé, foi proferido o Sermão do Bispo D. Pedro Pitões aos cruzados do norte da Europa que no Porto aportaram as suas naus, a caminho de Jerusalém. O objetivo deste sermão era convencer os cruzados a auxiliarem D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa aos mouros. Os cruzados acedem ao seu apelo e ajudam a libertar a cidade. Neste local, foi celebrado o casamento entre D. João I e D. Filipa de Lencastre. Através deste enlace, a aliança existente entre os reinos de Portugal e da Grã-Bretanha sai mais fortalecida. D. Filipa de Lencastre, de origem inglesa, era filha de John de Gaunt (1º Duque de Lancaster). A Sé do Porto, local onde foi realizado o casamento, símbolo do nascimento da cidade medieval e do poder eclesiástico, data da 1ª metade do séc. XII e é o resultado da progressão de vários estilos arquitetónicos: românico, gótico, maneirista e barroco.
	8. RELACIONAR COM:	ARTE: No interior da Estação de S. Bento, da traça do arquiteto José Marques da Silva (1869-1947), no lado superior direito, dispõe-se um painel de azulejos, da autoria de Jorge Colaço (1868-1942): <i>Entrada de D. João I no Porto</i> , pela Porta do Olival, que retrata o percurso efetuado pelo casal até ao local do enlace: a Sé do Porto. LITERATURA: Crónica de Fernão Lopes - descrição pormenorizada do percurso efetuado pelos noivos e da cerimónia. Outros: Mosteiro de Leça do Balio: exemplo de arquitetura religiosa fortificada da Ordem dos Hospitalários, local da celebração do casamento de D. Fernando com D. Leonor Teles, em 1371 (**Crónica de El-Rei D. Fernando - Capítulo LXII. p. 8-10), e <u>local de passagem dos peregrinos a caminho de Santiago de Compostela</u> . Iconografia Mosteiro: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/303187/?
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	9. CITAÇÃO	<i>E el-Rei saiu daqueles Paços (do Bispo), em cima de um cavalo, muito nobremente guarnecido. Levavam (os noivos) nas cabeças coroas de ouro, ricamente trabalhadas, com pedras de aljófar de grande preço, não indo arredados um ao outro, mas ambos a par. (...) E o arcebispo levava e Rainha pela rêdea. Na frente, iam pífaros e trombetas e outros instrumentos (...) A gente era tanta que se não podia conter nem ordenar, porque era pequeno o espaço dos Paços da Igreja. E assim chegaram à Porta da Sé, que era muito perto, onde Dom Rodrigo, Bispo da cidade, já estava festivamente revestido em pontifical, esperando a clerezia. O qual (Bispo) os tomou (a el-Rei e a Rainha) pelas mãos e (...) disse as palavras que a que a Santa Igreja manda e que se digam em tal sacramento. Então, disse missa e pregação, e, acabado o seu ofício, el-Rei e a Rainha, com festa semelhante, regressaram aos paços (...) onde haviam comer. – Crónica de D. João I.</i>
	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	- Símbolo do poder eclesiástico, nascimento da cidade do Porto: Sé do Porto. - Cooperação militar, conquista de território aos Mouros: Sermão do Bispo D. Pedro Pitões aos Cruzados norte-europeus, a caminho de Jerusalém. - Peregrinação a Santiago de Compostela: símbolo de Fé: Os cruzados norte-europeus que aportaram as suas naus no Porto, vieram de Santiago de Compostela, foram prestar homenagem ao apóstolo, segundo relato do Cruzado Osberno*; Mosteiro de Leça do Balio: local de passagem dos peregrinos a caminho de Santiago de Compostela. - Aliança Luso-Britânica: Casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre (1387); casamento de Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra, a 1661.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	Recriação do percurso até à Sé do Porto / História ao vivo: Vidas e modos do Porto Medieval. Público: Adultos, jovens e crianças.
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	- Amorim, A. S. da S. (2014). <i>Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos</i> . Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p. 76. Acedido a 11-03-2015 em: http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf - *Botelho, M. L. (2006). <i>A Sé do Porto no século XX</i> . Lisboa: Livros Horizonte. p. 17. - **Castilho, J. (1936). <i>Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)</i> . Narrações pelos cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhos presenciais do cerco. 2ª edição. Lisboa: S. Indústrias da câmara municipal de Lisboa, 1936, p. 29. - Fernandes, E. L. P. (2010). <i>Os Painéis de Azulejo da Estação de S. Bento: História, Contexto e Iconografia</i> . Relatório de Estágio, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. - Lopes, F. (1977) <i>Crónica de D. João I</i> (seleção). Lisboa: Amigos do Livro, Editores, Lda. Tomo II, pp.168-169. - ***Lopes, F (1895-1896). <i>Crónica de El-Rei D. Fernando</i> . Lisboa: Escritório, 3 vols, vol. II, p. 8-10. - Quaresma, M. C. de C. (1995). <i>Porto. Inventário Artístico de Portugal</i> . Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes. pp.150; 158-163. - <i>Revista Monumentos</i> – Direção dos serviços e Monumentos Nacionais, p. 94-97. - <i>Roteiros Turísticos do Património Mundial</i> - No Norte de Portugal (2012). Turismo de Portugal/Imprensa Nacional Casa da Moeda: Porto, pp. 41-42.

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	ESTAÇÃO DE S. BENTO
	2. PERSONALIDADE (S)	JOSÉ MARQUES DA SILVA (1869-1947), JORGE COLAÇO (1868-1942).
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Praça de Almeida Garrett.
	5.COORDENADAS GPS	41°08'44"N 8°36'38"O
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO	Estação de São Bento (1896-1916); Mosteiro de S. Bento de Avé-Maria (1518-1528).
	EVENTOS	
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	No interior da estação, no lado superior direito dispõe-se um painel de azulejos, da autoria de Jorge Colaço (1868-1942) sob o título: <i>Entrada de D. João I no Porto</i> , retratando um momento do percurso efetuado pelo casal até ao local do enlace: a Sé do Porto. Convém referir que Jorge Colaço revestiu toda a gare de S. Bento com painéis que retratam acontecimentos históricos, cenas rurais, usos e costumes portugueses, a evolução dos transportes, assim como, <i>representações alegóricas</i> das quatro estações do ano, do comércio, das belas-artes, da música, da agricultura, da indústria e motivos ferroviários.
	8. RELACIONAR COM:	O Mosteiro de S. Bento de Avé-Maria (1518-1528) foi habitado por uma comunidade feminina da Ordem de S. Bento. No ano de 1892, após a morte da última freira, o convento é demolido para dar lugar à Estação de S. Bento. O arquiteto José Marques da Silva foi o autor deste projeto, foi o arquiteto que mais obra edificou no norte do país, nomeadamente na cidade do Porto. É da sua autoria, além da Estação de S. Bento, o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular, os liceus Alexandre Herculano e Rodrigues de Freitas, o Teatro de S. João; a sua Casa-Atelier, o Santuário da Penha (Guimarães), entre muitos outros. Tendo estudado na École Nationale et Spéciale de Beaux-Arts, capta influências da arquitetura das Beaux-Arts, que primava pela <i>simetria e hierarquização espacial, com recurso a pormenores arquitetónicos clássicos*</i> . Durante a renovação da Avenida dos Aliados, o gosto Beaux-Arts que aprendera em Paris, vai-se refletir nos edifícios que Marques da Silva projeta, e que permanecem até aos nossos dias.
	9. CITAÇÃO	
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	- Caminhos-de-ferro portugueses: símbolo do progresso. - Acessibilidades.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	<u>Linha 22, a linha de Marques da Silva</u> : Viagens guiadas em elétrico histórico. A Fundação Marques da Silva e o Museu do Carro Elétrico oferecem um programa de viagens guiadas pela Linha 22, a bordo de um carro elétrico construído em 1929 e restaurado ao estado original. Durante o percurso serão apresentadas as várias obras de Marques da Silva localizadas ao longo do circuito. As viagens destinam-se a grupos, compostos por um mínimo de 20 e um máximo de 28 pessoas, e realizam-se mediante marcação prévia. <u>Marcações e reservas</u> : 22 551 8557 / 22 551 8578
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	- *Cardoso, A. S. (2011). <i>Marques da Silva</i> . Vila do Conde: Quidnovi. - Cardoso, A. (1986). <i>J. Marques da Silva arquiteto 1869-1947</i> , Porto: Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses. Catálogo Exposição - Cardoso, A. (1997). <i>O arquiteto José Marques da Silva e a arquitetura no Norte do País na primeira metade do séc. XX</i> , Porto: FAUP - Publicações. - Fernandes, E. L. P. (2010). <i>Os Painéis de Azulejo da Estação de S. Bento: História, Contexto e Iconografia</i> . Relatório de Estágio, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. - Mesquita, M. J. (2006). <i>Marques da Silva, o aluno, o professor, o arquiteto</i> . Porto: IMS- Faup. - https://books.google.pt/books?id=BH8BcViS_7gC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ViewAPI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false - (s/d). José Marques da Silva (1869-1947). <i>Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS)</i> . Acedido a 17-08-2015 em: http://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=2 - Linha 22, a linha de Marques da Silva. <i>Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva</i> . Acedido a 18-08-2015 em: http://fims.up.pt/ficheiros/LINHA%2022%20NEW_final%20PT(1).pdf

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	AVENIDA DOS ALIADOS (renovação)
	2. PERSONALIDADE (S)	BARRY PARKER (1867-1947); MARQUES DA SILVA (1869-1947)
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Avenida dos Aliados
	5. COORDENADAS GPS	41°08'49"N 8°36'40"O
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO	Séc. XX: 1915-1917.
	EVENTOS	
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	<i>Barry Parker, (1867-1947) arquiteto e urbanista inglês, é convidado em 1915, a integrar a Comissão Técnica do Plano de Melhoramentos da cidade. (...) O projeto deste arquiteto compreendia a abertura de uma larga Avenida no centro da cidade que ligasse a Praça da Liberdade até à Trindade, um espaço contínuo e central que representasse o coração cívico e comercial da cidade e que possibilitasse o acesso ao centro da cidade. Barry Parker vai desenvolver o projeto em duas fases: numa 1ª fase, centra o seu estudo à Avenida da Cidade, e numa 2ª fase, amplia a sua área de trabalho desde a Sé até à Trindade*. Este projeto não é concretizado na sua totalidade, já que o local dos Paços do Concelho muda para o topo norte da Avenida, e os edifícios que ladeiam a Avenida, inicialmente projetados ao estilo neoclássico são concretizados em estilo Beaux-Arts, de influência francesa, projetados por Marques da Silva, que integra também a Comissão.</i>
	8. RELACIONAR COM:	Arquitetura: Renovação Almadina (1757-1804): intervenção urbanística efetuada durante o séc. XVIII, com o objetivo de modernizar a cidade do Porto. Com a criação da Junta das Obras Públicas, com João de Almada e Melo (1703-1786), primo do ministro em exercício: o futuro Marquês do Pombal (1699-1782) é criado um plano de urbanização que possibilita a ligação do rio à parte alta da cidade (transporte de produtos), através da abertura de novas ruas e praças, a construção de novos edifícios (estilo neopalladiano, de influência inglesa), e assim promover as condições para a expansão e desenvolvimento da cidade fora da muralha. Atividade de Marques da Silva: Marques da Silva (1869-1947) foi o arquiteto que mais obra edificou no norte do país, nomeadamente na cidade do Porto, é da sua autoria a Estação de São Bento, o Monumento aos heróis da Guerra Peninsular, os liceus Alexandre Herculano e Rodrigues de Freitas, O Teatro de S. João; a sua Casa-Atelier, o Santuário da Penha (Guimarães), entre muitos outros. Tendo estudado na École Nationale et Spécial de Beaux-Arts, capta influências da arquitetura das Beaux-Arts, que primava pela <i>simetria e hierarquização espacial, com recurso a pormenores arquitetónicos clássicos</i> **. Durante a renovação da Avenida dos Aliados, o gosto Beaux-Arts que aprendera em Paris, vai-se refletir nos edifícios que Marques da Silva projeta, e que permanecem até aos nossos dias. Ambiente económico e social da época da Primeira Grande Guerra (1914-18): a instabilidade política que se fazia sentir, culminou na revolução de 1910, ditando o fim da monarquia, e a implantação de um novo regime político: a república. Com a participação de Portugal na I Grande Guerra, o ambiente económico e social agrava-se, e o povo manifesta o seu descontentamento nas ruas. Com o fim da I Grande Guerra, Portugal vive uma grave crise financeira que se repercute por vários anos ***.
	9. CITAÇÃO	<i>Abrir e ampliar uma parte da cidade que está muito congestionada (...) abrir uma Avenida larga, que deverá ser, antes de tudo, muito dignificante (...) rasgar o centro da cidade e criar um verdadeiro Centro Cívico e um centro de estabelecimentos (...)</i> ****
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Libertação; mudança; progresso; desenvolvimento económico.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	Visita pela Avenida dos Aliados de Barry Parker; e pelos edifícios projetados por Marques da Silva (edifícios da Avenida dos Aliados, Estação de S. Bento; Edifício dos Armazéns Nascimento, posteriormente Galerias Palladium e atualmente edifício da Fnac e C&A), Teatro Nacional de S. João, etc.
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	<p>- Barbini, F. & Ramalhe, F. (2012). A praça: intervenções contemporâneas em espaços de património. <i>urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)</i>, v. 4, n. 2, pp.233-244, jul./dez. 2012, (pp.241-242). Acedido a 09-06-2015 em: http://www.scielo.br/pdf/urbe/v4n2/a07v4n2.pdf</p> <p>- **Cardoso, A.S. (2011). <i>Marques da Silva</i>. Coleção Arquitetos Portugueses, Vila do Conde: Quidnovi. p. 14.</p> <p>- Figueiredo, R.; Vale, C. P. do, & Tavares, R. (2013). <i>Avenida dos Aliados e Baixa do Porto: Memória, Realidade e Permanência</i>. Porto: Porto Vivo SRU-Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa. pp. 108-?. Acedido a 09-06-215 em: http://www.portovivosru.pt/lavenida/fileManager/pdf/Livro2_1Avenida_PT_Final.pdf ou DOI: 10.13140/2.1.1364.2560.</p> <p>- *Gravato, M. A. P. R. (2004). <i>Trajetó do risco urbano: a arquitetura na cidade do Porto, nas décadas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados à Rua de Ceuta</i>. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal p. 29-32. Acedido a 09-06-2015 em: http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/VBF4REQACFMT7LNKL4PK8ASA7MREHP.pdf</p> <p>- ***Guichard, F. (2001). Século XX. In: <i>História do Porto</i>. Ramos. L. A.de O. (coord.), Porto: Porto Editora, p. 564.</p> <p>- ****Tavares, R. (1985/86). Da Avenida da Cidade ao Plano para a Zona Central. A intervenção de Barry Parker no Porto. <i>Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto</i>, 2a série. Volume 3/ 4, p. 261-324, (p. 281-282). Porto: Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto.</p> <p>- Tavares, R. (2009). <i>Avenida dos Aliados. Plano e projeto urbano de Barry Parker</i>. Revista da Ordem dos Arquitetos-Secção Regional Norte. Acedido a 09-06-2015 em: http://www.oasrn.org/pdf_upload/091024-obra-aberta2.pdf</p> <p>- Tavares, R. & Vale, C. (n/d). Porto 20th century urban centralities. Two study cases: Aliados administrative central plan (barry parker) and Boavista urban axis. Urban development between town planning and real-estate investment. <i>15th International Planning History Society Conference: Cities, nations and regions in the planning history</i>, p. 6-7. Acedido a 09-06-2015 em: http://www.researchgate.net/publication/229058784_Porto_20th_century_urban_centralities_Two_study_cases_Aliados_administrative_central_plan_%28barry_parker%29_and_Boavista_urban_axis_Urban_development_between_town_planning_and_real-estate_investment</p> <p>Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva: http://fims.up.pt</p>

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO
	2. PERSONALIDADE (S)	JOHN WHITEHEAD (1726 -1802) e JOHN CARR (1727-1807):
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Largo Professor Abel Salazar – Miragaia
	5- COORDENADAS GPS	41°08'47.7"N 8°37'10.6"O
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	Séc.XVIII-XIX : 1º Fase: 1769-1780; 2º Fase: 1791- 1807; Séc. XIX. *(A Arquitetura Neopalladiana Portuense: o Hospital de Santo António (1769-1832), p. 220, 243; e Ensaio sobre a arquitetura barroca: e neoclássica a Norte da bacia do Douro. p. 149). A partir de 19 de agosto de 1799, o hospital começa a funcionar parcialmente. (A Arquitetura Neopalladiana Portuense: o Hospital de Santo António (1769-1832). p. 261).
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	O Hospital de Santo António é o exemplo da introdução do estilo neo-palladiano no Porto, através da influência do cônsul britânico desta cidade, John Whitehead (1726 -1802) e do reverendo Henry Wood. A escolha do arquiteto foi atribuída ao britânico John Carr (1727-1807), amigo pessoal do Cônsul, cuja experiência no seu país de origem em projetos desta envergadura era notória. O hospital foi inteiramente traçado à distância (John Carr nunca se deslocou ao Porto) e a sua construção foi demorada devido às más condições do terreno: desnível acentuado e solo pantanoso, pelo que a preparação do mesmo para a construção, acarretou grandes despesas para a Santa Casa da Misericórdia, entidade que encomenda o projeto, demorando-se a sua construção por muitos anos*. O Hospital de Santo António ficou reduzido a cerca de metade do tamanho previsto, o que não invalida a monumentalidade e beleza da fachada principal tipicamente neopalladiana.
	8. RELACIONAR COM:	ARTE: Retrato de John Whitehead, na Feitoria Inglesa, e o retrato de John Carr. Arquitetura de influência neopalladiana: Academia Real da Marinha e Comércio; Palácio dos Carrancas, Palácio da Bolsa, Feitoria Inglesa.
	9. CITAÇÃO	<i>Belezas architectónicas não vem ao caso quando se trata de construir um hospital.</i> (Ribeiro, L. P. T. (2012). <i>A Arquitetura Neopalladiana Portuense: o Hospital de Santo António (1769-1832)</i> , p. 116.) A Misericórdia fez uma má escolha do local onde implantar o Hospital, as condições do terreno eram higienicamente insalubres, havia muita humidade, devido à proximidade do rio, o terreno era acidentado e este situava-se bem no centro da cidade, motivos mais do que suficientes para escolher um local mais saudável para construir um hospital desta envergadura.
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Solidariedade, assistência, caridade aos pobres e doentes: Santa Casa da Misericórdia. Evolução do conceito de hospital: a palavra hospital, que deriva do vocábulo latino <i>hospitalis</i> , tem origem na palavra <i>hospes</i> (hóspedes e hospitaleiro), local de hospedagem, com a função de albergar indivíduos longe da sua residência, são ou enfermos. Na época medieval, o hospital acumulava as funções de albergue, hospital, orfanato, asilo, e assistência aos pobres. Atualmente o conceito mudou, o hospital é o local onde são curados os indivíduos com certas enfermidades – Hospital de Santo António.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	A partir dos retratos de John Whitehead e John Carr, mostrados num PowerPoint, construiremos a biografia do cônsul mais conhecido do Porto, assim como do arquiteto John Carr. Visita pelos edifícios construídos na cidade, sob influência neopalladiana: Academia Real da Marinha e Comércio; Palácio dos Carrancas, Palácio da Bolsa, Feitoria Inglesa.
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	- Alves, J. J. B. F. (1988). <i>O Porto na Época dos Almadás. Architectura. Obras Públicas</i> , 2 vols., Porto. p. 135. - Alves, J. J. B. F. (2005). Ensaio sobre a arquitetura barroca: e neoclássica a Norte da bacia do Douro. <i>Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património, 1ª Série, vol. IV, pp.135-153</i> . Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (147-151). Acedido a 10-09-2015 em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4940.pdf - Amorim, A. S. da S. (2014). Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos. (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. p. 83-84. Acedido a 11-03-2015 em: http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf - *Ribeiro, L. P. T. (2012). A Arquitetura Neopalladiana Portuense: o Hospital de Santo António (1769-1832). Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p.116-118; 220; 243. Acedido a 11-03-2015 em: http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67268/2/000198590.pdf - Biografia John Whitehead: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1001879 ; Ribeiro, L. P. T. (2012). <i>A Arquitetura Neopalladiana Portuense</i> , p. 142. - Biografia John Carr: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1001877 ; Ribeiro, L. P. T. (2012). <i>A Arquitetura Neopalladiana Portuense</i> , p. 146-158.

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	CEMITERIO INGLÊS E IGREJA DE ST. JAMES
	2. PERSONALIDADE (S)	Cônsul John Whitehead (1726 -1802); James Forrester (1809-1861) Joaquim Costa Lima Sampaio (?-1837): arquiteto da Igreja.
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Largo da Maternidade Júlio Dinis - Massarelos
	5- COORDENADAS GPS	41°09'01.3"N 8°37'26.3"O
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	Séc.XVIII – Cemitério: 1788 - Séc. XIX – Igreja: 1815-1818, ampliada: 1867.
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	A religião professada pelos cidadãos britânicos a viver no Porto era o Anglicanismo, não existindo um local de adoração conveniente para a prática da sua fé. Aliado a isto, não tinham autorização de sepultar os seus mortos em cemitérios comuns, pelo que a alternativa era enterrá-los durante a maré vaza, nas margens do rio Douro, no lado de Gaia, sem uma cerimónia religiosa conveniente. Devido ao esforço do cônsul britânico John Whitehead, foi autorizada a compra de um terreno destinado à construção de um cemitério, com a condição deste <i>se situar longe da cidade e locais de comércio*</i> , e a partir de 1788 começaram a ser realizados os enterros dos cidadãos britânicos. O Cemitério dos ingleses é construído no terreno situado no antigo Largo do Campo Pequeno, agora Largo da Maternidade. O tratado firmado entre a nação portuguesa e britânica em 1810, concedeu liberdade religiosa aos anglicanos, e a autorização de construção de capelas e igrejas, para a prática da sua religião, pelo que em 1815 iniciou-se a construção da Igreja de St. James (sob a direção de José da Costa Lima Sampaio) nos terrenos do cemitério. Atualmente, o cemitério acolhe o monumento aos combatentes de origem britânica que perderam a vida durante as duas Guerras Mundiais; os túmulos de famílias Holandesas e Alemães protestantes, ligadas ao comércio do vinho, a uma do Cônsul e arquiteto inglês John Whitehead, as campas da família Forrester, e as lápides dos pilotos da Royal Air Force, caídos em território português durante a 2ª Guerra Mundial.
	8. RELACIONAR COM:	Cônsul e arquiteto inglês John Whitehead; Joaquim Costa Lima Sampaio; Joseph James Forrester.
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	9. CITAÇÃO	Declaração Universal dos Direitos Humanos (Nações Unidas): Liberdade de religião – Artigo 18º: <i>Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos. Acedido a 12-06-2015 em: http://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl_Univ_Direitos_Homem.pdf</i>
	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Liberdade religiosa; tolerância; respeito pelas minorias religiosas; fé.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	Visita ao Cemitério dos ingleses: túmulos da família de Forrester, obelisco em homenagem a John Whitehead.
	12- BIBLIOGRAFIA /FONTES	<ul style="list-style-type: none"> - *Amorim, A. S. da S. (2014). <i>Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos</i>. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 80-81. Acedido a 11-03-2015 em: http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf - Gonçalves, M. G. B. (2003). <i>A Comunidade Britânica no Porto: Inter-relações históricas, económicas, culturais e educativas</i>. Porto: Edições Afrontamento, p.188. - Macaulay, R. (1950). <i>Inglêses em Portugal</i>. Gonçalves, M. F. & Dória, A. A. (tradução), Porto: Livraria Civilização Editora, p. 206. - Queiroz, J. F. F. (2002). <i>Os cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal: consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória</i>. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 41. - Ribeiro, J. M. M. (2001). <i>O Anglicanismo em Portugal do séc. XVII ao XIX</i>. Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Faculdade de Letras, Estudos em homenagem a João Francisco Marques, vol.II, p.347-348. Acedido a 11-03-2015 em: http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/27374/2/jorgeribeirodouro12000098229.pdf

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	JARDINS DO PALÁCIO DE CRISTAL (DESAPARECIDO)
	2. PERSONALIDADE (S)	Thomas Dillen Jones, F. W. Shields.
	3. EVENTO (S)	Exposição Universal Portuguesa e da Península, Porto (1865).
	4. LOCAL	Rua de D. Manuel II – Massarelos
	5. COORDENADAS GPS	Pavilhão Rosa Mota (local Palácio Cristal): 41°08'48.3"N 8°37'33.4"O Jardim do Palácio de Cristal: 41°08'53.7"N 8°37'31.9"O
	6. CRONOLOGIA	Séc. XIX e XX (1861-1865).
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	O Palácio de Cristal (já desaparecido) foi inaugurado em 1865, para a Exposição Internacional Portuguesa, segundo a iniciativa de alguns capitalistas portuenses que fundam a Sociedade do Palácio de Cristal Portuense, constituída por Alfredo Allen (1828-1907), visconde de Vilar Allen entre outros, com o objetivo de construir um edifício destinado à realização de exposições e atividades culturais na cidade. Símbolo do progresso tecnológico notório em finais do século XIX, o edifício, entretanto desaparecido, aposta na inovação de materiais pouco utilizados em edifícios arquitetónicos desta envergadura: o ferro e o vidro, assim como o granito, material utilizado na fachada. O Palácio apresentava três naves (a central maior que as laterais) cobertas com abóbodas de ferro e vidro. A atribuição do autor do Palácio de Cristal é um pouco contraditória, alguns autores, atribuem o risco ao arquiteto inglês Thomas Dillen/Dillon Jones, outros a F. W. Shields/Sheilds*, no entanto, segundo Maria Luísa Lima**, põe-se a hipótese de Thomas Dillen Jones, ter sido o autor dos projetos iniciais, enquanto que o projeto concretizado, seguiu as alterações de F. W. Shields. A par do edifício, os seus jardins românticos, tornam-se no séc XIX, importantes locais de encontro da burguesia emergente. Em 1951, o edifício é demolido para dar lugar ao Pavilhão dos Desportos, hoje Pavilhão Rosa Mota.
	8. RELACIONAR COM:	Arquitetura do Ferro: Pontes de D. Luís I (1886), Ponte D. Maria Pia (1877), Mercado Ferreira Borges (1888), Estrutura em ferro da Estação de S. Bento () exemplos da arquitetura do ferro, existentes na cidade do Porto. - Cristal Palace londrino (1851-1936).
	9. CITAÇÃO	<i>É uma obra verdadeiramente inglesa, com traça do arquiteto Thomas Dillen Jones e construída pelo engenheiro Shields. Da Inglaterra vem a estrutura em ferro e o vidro da cúpula da nave central.</i> - Pereira, G. M. & Serén, M. do C. (2000). O Porto Oitocentista. In: Ramos, L. A. de O. (dir.), <i>História do Porto</i> (3ª ed.), Porto: Porto Editora. p. 495-496. <i>As criações da arte e da indústria não são privilégios de uma nação, elas pertencem ao mundo inteiro: a exposição deverá por isso ser internacional.</i> - Afirmação do Príncipe Alberto de Inglaterra, por ocasião da 1ª Exposição Universal em Londres (1851). (Santos, J. C. dos (1989). O Palácio de Cristal e a Arquitetura do Ferro no Porto em meados do séc. XIX. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida. p. 126).
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Demolição do Palácio de Cristal do Porto: crime ou um mal necessário? A problemática da proteção do património no contexto portuense. Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro: Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural. A Ideia da Exposição Universal - Industrialização - Globalização: Londres (1851) e Paris (1855) foram os primeiros países a realizarem exposições internacionais da indústria, promovendo a este nível, o seu país internacionalmente. Em 1860, realizou-se em Florença a Exposição Universal, seguindo-se em 1962, a quarta Exposição Universal da Indústria, em Londres. Provavelmente os exemplos de Londres e Paris, no qual os portugueses participaram devem ter motivado as classes mais abastadas em organizarem um evento semelhante a este, fato que consumaram em 1865, no recém inaugurado Palácio de Cristal, no entanto, pensamos que este projeto foi bastante ambicioso, já que o Porto não podia ser comparado com as cidades cosmopolitas de Londres e Paris, o que não invalida o sucesso que foi esta exposição.
	11.ATIVIDADES / PROJETOS	Partindo do exemplo da demolição do Palácio de Cristal, propomos a realização de conferências e tertúlias , que abordem a problemática da proteção e conservação do património da cidade, de modo a sensibilizar a população local e profissionais nas áreas de arquitetura, património, história da arte e conservação e restauro para esta problemática.
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	- Amorim, A. S. da S. (2014). <i>Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos</i> . Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 84. Acedido a 11-03-2015 em: http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf - **Lima, M. L. G. R. (1996). O Palácio de Cristal Portuense. Separata da <i>Revista de Património ESPAÇO E MEMÓRIA</i> , nº1/98. Porto: Universidade Portucalense, p.23-36. - Martins, A. M. T. & Virtudes, A. L. (2012). Porto Romântico Oitocentista: novas aberturas viárias vs. arquitetura. in <i>Actas I Congresso: O Porto Romântico</i> . Sousa, G. de V. e (coord.), Porto: UCP/CITAR, 2 vols, Porto, 29-30 abr. 2012 (249-363), p. 356. - Pereira, G. M. & Serén, M. do C. (2000). O Porto Oitocentista. In Ramos, L. A. de O. (dir.), <i>História do Porto</i> (3ª ed.), Porto: Porto Editora. p.494-496. -*Santos, J. C. dos (1989). <i>O Palácio de Cristal e a Arquitetura do Ferro no Porto em meados do séc. XIX</i> . Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida. p. 126; 214. Biografia de Alfredo Allen: http://www.geni.com/people/Alfredo-Allen/6000000023078694897

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	RESIDÊNCIAS DE INGLESES
	2. PERSONALIDADE (S)	Famílias Tait, Allen.
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Porto: freguesias de Massarelos, Foz do Douro, Campanhã, Lordelo e Bonfim; Vila Nova de Gaia: freguesia do Candal.
	5. COORDENADAS GPS	
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	Os britânicos foram os primeiros a procurarem residência nas zonas periféricas da cidade, optando por alugar casa, o que lhe permitia a constante mudança do seu local de residência, fato que ocorria diversas vezes. Esta comunidade fixou-se essencialmente nas freguesias de <i>Massarelos, S. João da Foz do Douro, Campanhã, Lordelo e Bonfim</i> , locais afastados do centro da cidade. Com o desenvolvimento dos meios de transporte, por volta dos anos 1880-1881, os britânicos afastam-se ainda mais, e fixam residência no Candal, em Vila Nova de Gaia. (Ventura, I. M. R. (1996). <i>Os Britânicos no Porto no séc. XIX</i> . Porto: Universidade Portucalense. p. 138). No período compreendido entre 1845-1866, as ruas de Cedofeita, Rosário, Bandeirinha e Restauração, são os locais com o maior número de residentes britânicos. (<i>Os Britânicos no Porto no séc. XIX</i> . Porto: Universidade Portucalense. p. 112). Esta rua construída entre 1815-1842, e projetada pela Junta das Obras Públicas, era uma rua residencial, de fácil acesso à zona ribeirinha. Aqui moravam várias famílias burguesas, os Moraes e Castro, no Palácio das Carrancas, os Porto Carreiro, no Palácio das Sereias, e na zona da Restauração residia John Francis Allen (1785-1848), que se muda mais tarde para a <i>Casa e Quinta de Vilar D'Allen</i> , na zona de Campanhã. (Santos, P.M.M.L. (2005). <i>João Allen (1781-1848). Um colecionador do Porto romântico</i> . Lisboa: FCT. p.47-48). Na zona de Entrequintas, a <i>Casa Tait</i> , vulgarmente chamada como Quinta do Meio, era habitada por William Tait, um abastado comerciante de vinho. Também a família Reid, fixa residência numa propriedade na <i>Rua Barão de Nova Sintra</i> , na zona de Campanhã.
	8. RELACIONAR COM:	Recurso Literário: Uma Família Inglesa – descrição do Bairro Ocidental. – p. 51-52 Palácio de Cristal: local frequentado pela burguesia. Praia dos Ingleses: local de férias das famílias britânicas.
	9. CITAÇÃO	<i>O bairro ocidental é o inglês, por ser especificamente aí o habitat destes nossos hóspedes. Predomina a casa pintada de verde-escuro, de roxo-terra, de cor de café, de cinzento, de preto...até de preto! – Arquitectura despreziosa, mas elegante; janelas rectangulares; o peitoril mais usado que a sacada - Já uma manifestação de um viver mais recolhido, mais íntimo, porque o peitoril tem muito menos de indiscreto do que a varanda. Algumas casas ao fundo de jardins assombrados de acácias, tílias e magnólias e cortados de avenidas tortuosas; as portas da rua sempre fechadas. Chaminés fumegando quase constantemente. Persianas e transparentes de fazerem desesperar curiosidades. Ninguém pelas janelas. Nas ruas encontra-se com frequência uma inglesa de cachos e um bando de crianças de cabelos louros e de baberoiros brancos. (p. 51-52).</i>
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Isolamento, reclusão, exclusividade, preservação da cultura britânica: língua, hábitos e costumes, sociabilidade.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	<ul style="list-style-type: none"> - Dinis, Júlio (1968). <i>Uma Família Inglesa</i>. Porto: Lello & Irmãos Editores. - Santos, P.M.M.L. (2005). <i>João Allen (1781-1848). Um colecionador do Porto romântico</i>. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia. p. - Ventura, I. M. R. (1996). <i>Os Britânicos no Porto no séc. XIX</i>. Porto: Universidade Portucalense. p. 112. - Amorim, A. S. da S. (2014). <i>Oporto British Guide. Aplicação móvel com conteúdos turísticos</i>. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p. 76-94. Acedido a 11-03-2015 em: http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77010/2/103654.pdf

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO(S)	CASA TAIT / ANTIGA QUINTA DO MEIO
	2. PERSONALIDADE (S)	William Chester Tait (1844-1928)
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Rua de Entre Quintas
	5- COORDENADAS GPS	
	6- CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	Séc. XIX.
	7- IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	Propriedade com casa, mata e jardins, parte da antiga quinta do castanheiro ou do Pacheco pereira, foi residência de várias famílias inglesas. Possivelmente construída por Joseph Taylor (Taylor, Fladgate e Yeatman), foi residência do reverendo Edward Whiteley e sua família, onde dirigiu, até 1871, uma pequena escola para rapazes britânicos. A partir de então é arrendada a William Chester Tait (1844-1928), negociante abastado ligado ao Vinho do Porto e ornitologista, tendo escrito «The Birds of Portugal» (1924), que em 1895 compra a casa e nela vive até à sua morte (1925), deixando-a como herança para a sua filha mais nova, Muriel Tait que, em 1978, vendeu a propriedade à Câmara Municipal do Porto, com o intuito de lhe garantir uma função cultural.
	8- RELACIONAR COM:	From "Oporto Older and Newer", by Gerald Cobb, Chapter 20, page 66 "The TAITs came from Dumfries where William Arthur Tait was born in 1817. He arrived in Oporto in 1834 to set up a general merchandise and shipping agency which by 1850 included the Royal Mail Steam Packet Co. Two of his four sons continued in the family business, <u>William Chester</u> and <u>George</u> . The former had one son, William Alfred (Will) and two daughters, Dorothy and Muriel, who still live in the family home, the lovely Entre Quintas with its fine view over the mouth of the river Douro. Will married Sybil Elles and their youngest of four sons, Alan, now runs the shipping and travel agency. <u>William Chester Tait</u> was a keen ornithologist and as such wrote The Birds of Portugal. George Tait married Ellen Murat. Their family consisted of Geoff married to Winifred Bartlett (sister to Vrede Physey), Ruth Jennings, Marjorie Reid and Joan Beloe. Charles, another son of the original W. Arthur Tait, married Emily Reid, sister to Robert Reid of Campanha. Finally Charles' brother, Alfred, created Baro de Soutelinho by Dom Carlos, was a Fellow of The Royal Society and the Linnean Society." http://www.genealogy.com/forum/regional/countries/topics/portugal/3085/
	9- CITAÇÃO	
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10- PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Isolamento, reclusão, exclusividade, preservação da cultura britânica: língua, hábitos e costumes, sociabilidade.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	
	12- BIBLIOGRAFIA /FONTES	- www.genealogy.com (2015). Forum Genealogy.com [em linha] Acedido a 12-09-2015 em: http://www.genealogy.com/forum/regional/countries/topics/portugal/3085/ - Gerald Cobb (1966). <i>Oporto Older and Newer</i> . Chichester Press, p. 66.

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	CASA E QUINTA DE VILAR D'ALLEN: objetos pessoais de John Francis Allen: a farda do colégio militar, algumas armas provavelmente usadas durante a Guerras Peninsular, condecorações, gravuras e retratos da família: jardins.
	2. PERSONALIDADE (S)	JOHN FRANCIS ALLEN (1785-1848), ALFREDO ALLEN (1828-1907).
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Campanhã
	5- COORDENADAS GPS	41°08'37.3"N 8°34'22.9"O
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	Séc. XIX – 1839.
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	John Francis Allen foi um capitalista de ascendência britânica, nascido em Portugal, que se tornou conhecido, por criar na sua residência um Museu. O seu gosto pela arte e colecionismo, a par de uma boa condição financeira, permitiu que adquirisse durante as suas viagens para o estrangeiro vários objetos de pintura, escultura, artes decorativas, numismática, arqueologia e história natural***. Anos mais tarde, a sua coleção foi adquirida pelo Museu Municipal do Porto, para depois figurar no fundo do atual Museu de Soares dos Reis. A casa de Vilar D'Allen, situada na zona de Campanhã, foi construída como casa de campo da família Allen, durante os meses de verão, tornando-se mais tarde na sua única residência. Data de 1839, a reconstrução deste edifício, a partir da casa pré-existente neste lugar e adquirida por Allen, nesse mesmo ano, a Quinta da Arcaria. Posteriormente, a dimensão da quinta vai ser ampliada devido à aquisição de terrenos de outras quintas próximas desta.
	8. RELACIONAR COM:	Museologia: <u>Palacete dos Viscondes de Balsemão</u> ; coleção de numismática; MNSR: coleção de pintura; Museu Romântico - Gab. Colecionador: algumas peças da coleção de malacologia (moluscos). Arte: retrato no MNSR, pintado por August Roquemont, do Conde Athanasius Raczyński (1788-1874), conhecido diplomata e crítico de arte, que deixou um importante legado no estudo da história da arte portuguesa: <i>Les Arts en Portugal: Létres adrèsses a la Societé Artistique et Scientifique de Berlin et accompagnés de documents</i> (1846), e <i>Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal</i> (1847)* p.265; Raczyński, declara que <i>não existe em Lisboa uma coleção particular comparável à coleção de John Allen</i> , p. 64; o mesmo refere outros comerciantes, que tal como John Allen, colecionavam obras de arte, particularmente de pintura: o Barão de Forrester ; John Graham e Robert Woodhouse .
	9. CITAÇÃO	
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	<u>Paciência, persistência</u> , gosto e proteção das artes, ecletismo = Colecionismo (Santos, P.M.M.L. (2005). João Allen (1781-1848). Um colecionador do Porto romântico. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia. p. 72.) John Allen: pioneiro da Museologia em Portugal.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	Visita guiada pelas coleções de John Allen, existentes em várias instituições museológicas do Porto: Casa e quinta de Vilar D'Allen : objetos pessoais de Allen: a farda do colégio militar, armas usadas durante a Guerra Peninsular, condecorações, gravuras e retratos da família (pinturas); jardins românticos. Palacete dos Viscondes de Balsemão : coleção de numismática; MNSR : coleção de pintura (retrato de Margarida de Valois (1561), retrato de Henrique II (1559), paisagens de Pillement, pendente c/ miniatura dupla do retrato de Joanna Mazza Amsinck (mãe de John Allen); Museu Romântico: Gabinete do Colecionador : coleção de malacologia (moluscos),
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	<ul style="list-style-type: none"> - **Almeida, A. M. P. (2008). <i>Museu Municipal do Porto: Das Origens à sua Extinção (1836-1940)</i>. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p.63-64; 72; 75; 77. -Basto, A. M. (1932). <i>O Porto do Romantismo</i>. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 95-104. Acedido a 16-07-2015 em: http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/K3UC4Q9R8GIAGF2V4VHXFRMU7NBSIG.pdf - *Rodrigues, P. S. (2011). O Conde Athanasius Raczyński e a Historiografia da Arte em Portugal. <i>Revista de História da Arte</i> nº8. (274-275). p. 265.. Acedido a: 30-05-2015 em: http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3093/1/RHA_8_VA1.pdf - <i>Roteiro da Coleção</i>: Museu Nacional Soares dos Reis. (2007). Carneiro, P. D., et al. (Textos) Lisboa: Copyright IMC, 2ª Edição. p 54-55. - ***Santos, P.M.M.L. (2005). <i>João Allen (1781-1848). Um colecionador do Porto romântico</i>. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia. p. 105-157. - Soares, E., Carneiro, P. D. & Santos, P. M. dos. <i>As belas-artes do Romantismo em Portugal</i>. (1999). Catálogo da exposição: Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 29 Outubro 1999-30 Janeiro 2000. Lisboa: Instituto Português de Museus. Ministério da Cultura, p. 262. - Ventura, I. M. R. (1996). <i>Os Britânicos no Porto no séc. XIX</i>. Dissertação de Mestrado. Universidade Portucalense, Porto, Portugal. p. 112. - Geni. Family Tree & Family History (2015). John Allen [em linha] <i>Geni. Family Tree & Family History</i>. Acedido a 02-09-2015 em: https://www.geni.com/people/Jo%C3%A3o-Francisco-Allen/6000000023078303991?through=6000000023078694897 - Geni. Family Tree & Family History (2015). Alfredo Allen. [em linha] <i>Geni. Family Tree & Family History</i>. Acedido a 02-09-2015 em: https://www.geni.com/people/Alfredo-Allen/6000000023078694897#tab/overview - Direção - Geral do Património Cultural. (s/d). Casa e Quinta de Vilar D'Allen. [em linha] <i>Direção - Geral do Património Cultural - Secretária de Estado da Cultura</i>. Acedido a 30-08-2015 em: http://www.patrimoniocultural.pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/155972/

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	<u>PALACETE DOS VISCONDES DE BALSEMÃO</u> : coleção de numismática pertencente à coleção Allen.
	2. PERSONALIDADE (S)	JOHN FRANCIS ALLEN (1785-1848), Rei CARLOS ALBERTO DA SARDENHA (1798-1849).
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Praça Carlos Alberto
	5- COORDENADAS GPS	41°08'56.1"N 8°36'55.8"O
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO	Séc. XVIII. O Rei Carlos Alberto de Sardenha hospeda-se neste edifício durante o seu exílio no Porto, em 1849.
	EVENTOS	
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	John Francis Allen foi um capitalista de ascendência britânica, nascido em Portugal, que se tornou conhecido, por criar na sua residência um Museu. O seu gosto pela arte e colecionismo, a par de uma boa condição financeira, permitiu que adquirisse durante as suas viagens para o estrangeiro vários objetos de pintura, escultura, artes decorativas, numismática , arqueologia e história natural. Durante as suas viagens por Itália (Milão e Nápoles), Allen adquiriu moedas e medalhas com o intuito de fazer uma coleção. A coleção de numismática patente neste edifício contém moedas romanas, suevas, visigodas, árabes, gregas, egípcias e moedas portuguesas da época da monarquia e da república, em ouro, prata, cobre, bronze, e outros materiais, assim como medalhas comemorativas.
	8. RELACIONAR COM:	Casa e quinta de Vilar D'Allen : objetos pessoais de John Francis Allen: a farda do colégio militar, algumas armas provavelmente usadas durante a Guerras Peninsular, condecorações, gravuras e retratos da família; MNSR : coleção de pintura (retrato de Margarida de Valois (1561), retrato de Henrique II (1559), paisagens de Pillement, pendente com miniatura dupla do retrato de Joanna Mazza Amsinck (mãe de John Allen), no verso e alegoria à morte de Joanna Allen, no reverso; Museu Romântico - Gab. Colecionador : coleção de malacologia (moluscos). O Rei Carlos Alberto de Sardenha hospeda-se neste edifício durante o seu exílio no Porto, de 19 a 27 de Abril de 1849, a aguardar a remodelação da casa da Quinta da Macieirinha, na Rua de Entre-Quintas, atualmente Museu Romântico.
	9. CITACÃO	
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Paciência, persistência, gosto e proteção das artes, ecletismo = Colecionismo John Allen: pioneiro da Museologia em Portugal.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	Visita guiada pelas coleções de John Allen, existentes em várias instituições museológicas do Porto: Casa e quinta de Vilar D'Allen : objetos pessoais de Allen: a farda do colégio militar, armas usadas durante a Guerra Peninsular, condecorações, gravuras e retratos da família (pinturas); jardins românticos. Palacete dos Viscondes de Balsemão : coleção de numismática; MNSR : coleção de pintura (retrato de Margarida de Valois (1561), retrato de Henrique II (1559), paisagens de Pillement, pendente c/ miniatura dupla do retrato de Joanna Mazza Amsinck (mãe de John Allen); Museu Romântico: Gabinete do Colecionador : coleção de malacologia (moluscos).
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	<p>- Almeida, A. M. P. (2008). <i>Museu Municipal do Porto: Das Origens à sua Extinção (1836-1940)</i>. Dissertação de Mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p.63-64; 72; 75; 77.</p> <p>-Basto, A. M. (1932). <i>O Porto do Romantismo</i>. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 95-104. Acedido a 16-07-2015 em: http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/K3UC4Q9R8GIAGF2V4VHXFRMU7NBSIG.pdf</p> <p>-Rodrigues, P. S. (2011). O Conde Athanasius Raczyński e a Historiografia da Arte em Portugal. <i>Revista de História da Arte</i> nº8. (274-275). p. 265.. Acedido a: 30-05-2015 em: http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3093/1/RHA_8_VA1.pdf</p> <p>- Roteiro da Coleção: <i>Museu Nacional Soares dos Reis</i>. (2007). Carneiro, P. D., et al. (Textos) Lisboa: Copyright IMC, 2ª Edição. pp 54-55.</p> <p>- Santos, P.M.M.L. (2005). <i>João Allen (1781-1848). Um colecionador do Porto romântico</i>. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia. pp. 105-157.</p> <p>- Soares, E., Carneiro, P. D. & Santos, P. M. dos. <i>As belas-artes do Romantismo em Portugal</i>. (1999). Catálogo da exposição: Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 29 Outubro 1999-30 Janeiro 2000. Lisboa: Instituto Português de Museus. Ministério da Cultura, p.. 262.</p> <p>- Ventura, I. M. R. (1996). <i>Os Britânicos no Porto no séc. XIX</i>. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense, Porto, Portugal. p. 112.</p> <p>- Sellers, C. (1899). <i>Oporto, old and new: being a historical record of the port wine trade, and a tribute to British commercial enterprize in the north of Portugal</i>. London: Printed by Howard & Jones: edited and published Herbert E. Harper, Acedido a em: https://archive.org/details/cu31924085185100</p> <p>- Cabral, L. (texto). (2000). <i>O Palacete dos Viscondes de Balsemão</i>. Porto: Câmara Municipal do Porto. Divisão Municipal de Cultura e Turismo.</p>

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	MNSR: pinturas da coleção de John Allen (Retrato de Margarida de Valois (1561), Retrato de Henrique II (1559), paisagens de Pillement, pendente com miniatura dupla do retrato de Joanna Mazza Amsinck (mãe de John Allen), no verso e alegoria à morte de Joanna Allen, no reverso
	2. PERSONALIDADE (S)	JOHN FRANCIS ALLEN (1785-1848), EDWARD AUGUST ALLEN (1824-1899).
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Rua D. Manuel II
	5- COORDENADAS GPS	41°08'51.6"N 8°37'17.7"O
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	1795 – Séc. XVIII
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	Neste local encontram-se em exposição algumas das peças de arte do colecionador John Allen. Museu Nacional Soares dos Reis: pintura: Retrato de Margarida de Valois (1561), Retrato de Henrique II (1559), paisagens de Pillement, pendente com miniatura dupla do retrato de Joanna Mazza Amsinck (mãe de John Allen), no verso e alegoria à morte de Joanna Allen, no reverso.
	8. RELACIONAR COM:	Casa e quinta de Vilar D'Allen: objetos pessoais de John Francis Allen ; Palacete dos Viscondes de Balsemão: coleção de numismática; Museu Romântico - Gab. Colecionador: coleção de malacologia (moluscos);
	9. CITAÇÃO	
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Paciência, persistência, gosto e proteção das artes, ecletismo = Colecionismo John Allen: pioneiro da Museologia em Portugal.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	Visita guiada pelas coleções de John Allen, existentes em várias instituições museológicas do Porto: Casa e quinta de Vilar D'Allen: objetos pessoais de Allen: a farda do colégio militar, armas usadas durante a Guerra Peninsular, condecorações, gravuras e retratos da família (pinturas); jardins românticos. Palacete dos Viscondes de Balsemão: coleção de numismática; MNSR: coleção de pintura (retrato de Margarida de Valois (1561), retrato de Henrique II (1559), paisagens de Pillement, pendente c/ miniatura dupla do retrato de Joanna Mazza Amsinck (mãe de John Allen)); Museu Romântico: Gabinete do Colecionador: coleção de malacologia (moluscos),
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	<p>- Almeida, A. M. P. (2008). <i>Museu Municipal do Porto: Das Origens à sua Extinção (1836-1940)</i>. Dissertação de Mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. p.63-64; 72; 75; 77.</p> <p>-Basto, A. M. (1932). <i>O Porto do Romantismo</i>. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 95-104. Acedido a 16-07-2015 em: http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/K3UC4Q9R8GIAGF2V4VHXFRMU7NBSIG.pdf</p> <p>-Rodrigues, P. S. (2011). O Conde Athanasius Raczyński e a Historiografia da Arte em Portugal. <i>Revista de História da Arte</i> nº8. (274-275). p. 265.. Acedido a: 30-05-2015 em: http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3093/1/RHA_8_VA1.pdf</p> <p>- <i>Roteiro da Coleção: Museu Nacional Soares dos Reis</i>. (2007). Carneiro, P. D., et al. (Textos) Lisboa: Copyright IMC, 2ª Edição. pp 54-55.</p> <p>- Santos, P.M.M.L. (2005). <i>João Allen (1781-1848). Um colecionador do Porto romântico</i>. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia. pp. 105-157.</p> <p>- Soares, E., Carneiro, P. D. & Santos, P. M. dos. <i>As belas-artes do Romantismo em Portugal</i>. (1999). Catálogo da exposição: Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 29 Outubro 1999-30 Janeiro 2000. Lisboa: Instituto Português de Museus. Ministério da Cultura, p.. 262.</p> <p>- Ventura, I. M. R. (1996). <i>Os Britânicos no Porto no séc. XIX</i>. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense, Porto, Portugal. p. 112.</p> <p>- Retrato do Conde Athanasius Raczyński: http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=305301&EntSep=4#gotoPosition – Augusto Roquemont</p> <p>- Retrato de Henrique II (1559): http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=306099&EntSep=5#gotoPosition - François Clouet.</p> <p>- Retrato de Margarida de Valois (1561): http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=306090 - François Clouet</p>

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	MUSEU ROMÂNTICO: coleção de malacologia (moluscos).
	2. PERSONALIDADE (S)	JOHN FRANCIS ALLEN (1785-1848).
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Rua de Entre-Quintas
	5- COORDENADAS GPS	41°08'52.0"N 8°37'41.8"O
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	Séc. XIX
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	John Francis Allen foi um capitalista de ascendência britânica, nascido em Portugal, que se tornou conhecido, por criar na sua residência um Museu. O seu gosto pela arte e colecionismo, a par de uma boa situação financeira, permitiu que adquirisse durante as suas viagens para o estrangeiro, peças de arte, mineralogia, geologia e numismática. Anos mais tarde, a sua coleção foi adquirida pelo Museu Municipal do Porto, para depois figurar no fundo do atual Museu de Soares dos Reis.
	8. RELACIONAR COM:	Casa e quinta de Vilar D'Allen: objetos pessoais de John Francis Allen ; Palacete dos Viscondes de Balsemão: coleção de numismática; MNSR: coleção de pintura (retrato de Margarida de Valois (1561), retrato de Henrique II (1559), paisagens de Pillement, pendente com miniatura dupla do retrato de Joanna Mazza Amsinck (mãe de John Allen), no verso e alegoria à morte de Joanna Allen, no reverso
	9. CITAÇÃO	
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	Paciência, persistência, gosto e proteção das artes, ecletismo = Colecionismo John Allen: pioneiro da Museologia em Portugal.
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	Visita guiada pelas coleções de John Allen, existentes em várias instituições museológicas do Porto: Casa e quinta de Vilar D'Allen: objetos pessoais de Allen: a farda do colégio militar, armas usadas durante a Guerra Peninsular, condecorações, gravuras e retratos da família (pinturas); jardins românticos. Palacete dos Viscondes de Balsemão: coleção de numismática; MNSR: coleção de pintura (retrato de Margarida de Valois (1561), retrato de Henrique II (1559), paisagens de Pillement, pendente c/ miniatura dupla do retrato de Joanna Mazza Amsinck (mãe de John Allen); Museu Romântico: Gabinete do Colecionador: coleção de malacologia (moluscos),
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	<p>- Almeida, A. M. P. (2008). <i>Museu Municipal do Porto: Das Origens à sua Extinção (1836-1940)</i>. Dissertação de Mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, p.63-64; 72; 75; 77.</p> <p>-Basto, A. M. (1932). <i>O Porto do Romantismo</i>. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 95-104. Acedido a 16-07-2015 em: http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/K3UC4O9R8GIAGF2V4VHXFRMU7NBSIG.pdf</p> <p>-Rodrigues, P. S. (2011). O Conde Athanasius Raczyński e a Historiografia da Arte em Portugal. <i>Revista de História da Arte</i> nº8. (274-275). p. 265.. Acedido a: 30-05-2015 em: http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3093/1/RHA_8_VA1.pdf</p> <p>- <i>Roteiro da Coleção: Museu Nacional Soares dos Reis</i>. (2007). Carneiro, P. D., et al. (Textos) Lisboa: Copyright IMC, 2ª Edição. pp 54-55.</p> <p>- Santos, P.M.M.L. (2005). <i>João Allen (1781-1848). Um colecionador do Porto romântico</i>. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia. pp. 105-157.</p> <p>- Soares, E., Carneiro, P. D. & Santos, P. M. dos. <i>As belas-artes do Romantismo em Portugal</i>. (1999). Catálogo da exposição: Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto. (29 Outubro 1999-30 Janeiro 2000). Lisboa: Instituto Português de Museus. Ministério da Cultura. p.. 262</p> <p>- Ventura, I. M. R. (1996). <i>Os Britânicos no Porto no séc. XIX</i>. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense, Porto, Portugal. p. 112.</p>

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	
	2. PERSONALIDADE (S)	ALFREDO ALLEN
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	
	5- COORDENADAS GPS	
	6. CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	Oficial da Legião de Honra, do Mérito Agrícola e da Instrução Pública de França, da Ordem de Leopoldo da Bélgica Diretor da Associação Comercial do Porto Secretário e Comissário no Estrangeiro da Exposição Internacional Portuguesa de 1865. Representante do governo na Convenção Anti-Filoxérica de Berne. Comissário Oficial no Congresso de Bordéus (1881). Comissário da Exposição de Viena (1874), de Berlim (1888) e de Paris (1889). Membro do Grande Júri Internacional nesta última. Presidente Honorário da Comissão Anti-Filoxérica do Reino e anteriormente Presidente da mesma Comissão no Norte de Portugal. Fundador e colaborador de "O Agricultor do Norte de Portugal". Membro da Comissão da Cultura de Tabaco no Douro. Fundador e Diretor da Fábrica de Sulfureto de Carbono da Serra do Pilar. Gerente técnico e um dos fundadores da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal. Foi também um dos fundadores e Presidente da Sociedade do Palácio de Cristal Portuense e da Sociedade Hortícola-Agrícola Portuguesa. Vereador da Câmara Municipal do Porto com o Pelouro dos Jardins. Educado em Fontenay-aux-Roses.
	8. RELACIONAR COM:	- John Allen (pai). - O Palácio de Cristal, a Associação do Palácio de Cristal.
	9. CITAÇÃO	
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	
	12- BIBLIOGRAFIA /FONTES	- Geni. Family Tree & Family History (2015). Alfredo Allen. [em linha] <i>Geni. Family Tree & Family History</i> . Acedido a 02-09-2015 em: https://www.geni.com/people/Alfredo-Allen/6000000023078694897#/tab/overviewn

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	
	2. PERSONALIDADE (S)	BUSTO DE ARTHUR WELLESLEY - LORD WELLINGTON
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	
	5. COORDENADAS GPS	
	6. CRONOLOGIA	
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	Sob o comando do General Arthur Wellesley e do comandante-em-chefe o Marechal William Carr Beresford atravessaram o rio Douro e venceram a chamada batalha do Douro, reconquistando a cidade do Porto (29 de maio) e expulsando o invasor francês.
	8. RELACIONAR COM:	
	9. CITAÇÃO	
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	
		- Oliveira, L. V. (coord. edit.) de (2009). <i>O Porto e as invasões francesas</i> . Porto: Público. 4 vols. .

RECURSOS MATERIAIS	1. OBJETO (S)	Fotografias (calótipos) de zonas do Porto e Vila Nova de Gaia.
	2. PERSONALIDADE (S)	FREDERICK WILLIAM FLOWER (1815-1889); BARÃO DE FORRESTER (1809-1861); Hugh Owen
	3. EVENTO (S)	
	4. LOCAL	Zona da ribeira do Porto, Foz, Bom Sucesso, monumentos do Porto e Gaia, armazéns do vinho, etc.
	5- COORDENADAS GPS	
	6- CRONOLOGIA: EDIFÍCIO EVENTOS	
	7. IMPORTÂNCIA PARA O ROTEIRO	Frederick William Flower, nascido na Escócia, vem para o Porto muito novo, trabalhar numa firma ligada à exportação do vinho do Porto, aqui aprendendo o seu ofício. A par da sua atividade profissional, interessa-se pela fotografia, particularmente pela técnica do Calotipo, inventada por William Fox Talbot. Considerado como o pioneiro da fotografia em Portugal, a atividade de Frederick William Flower decorre entre 1849-1859, resultando em inúmeros calótipos que representam vários locais das cidades do Porto e Vila Nova de Gaia, nomeadamente o rio Douro, a cidade do Porto com os seus monumentos, a zona da Foz, o Hospital de Santo António, a Capela do Bom Sucesso, o Mosteiro da Serra do Pilar, os armazéns de vinho em Vila Nova de Gaia, etc.
	8. RELACIONAR COM:	Faceta artística de James Forrester: também fotógrafo amador. Recursos Fotográficos: calótipos de Frederick William Flower.
	9. CITAÇÃO	
SIGNIFICADOS CULTURAIS E EDUCATIVOS	10. PROCESSOS, IDEIAS, RELAÇÕES, CONCEITOS E VALORES.	
	11. ATIVIDADES / PROJETOS	A partir das fotografias/calótipos de Flower, reinterpretaremos o Porto do séc. XIX.
	12. BIBLIOGRAFIA /FONTES	<ul style="list-style-type: none"> - Gray, M. et al. (1994). <i>Frederick William Flower : um pioneiro da fotografia portuguesa</i>. Catálogo de Exposição. Lisboa: Electa-Lisboa 94, p. 15. - Serén, M- do C. & Siza, M. T. (2001). <i>O Porto e os seus Fotógrafos</i>. Porto: Porto Editora. - Sena, António (1998). <i>História da Imagem fotográfica em Portugal 1839-1997</i>. Porto: Porto Editora. (2008) Encyclopedia of the Nineteenth-Century Photography. USA: John Hannavy Editor, pág. 1151. – Acedido a 12-08-2015 em: https://books.google.pt/books?id=Kd5cAgAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Encyclopedia+of+Nineteenth-Century+Photography&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CCIQ6AEwAw0VChMI6YvTldSkxwIVvo7bCh0zNw16#v=onepage&q=Encyclopedia%20of%20Nineteenth-Century%20Photography&f=false